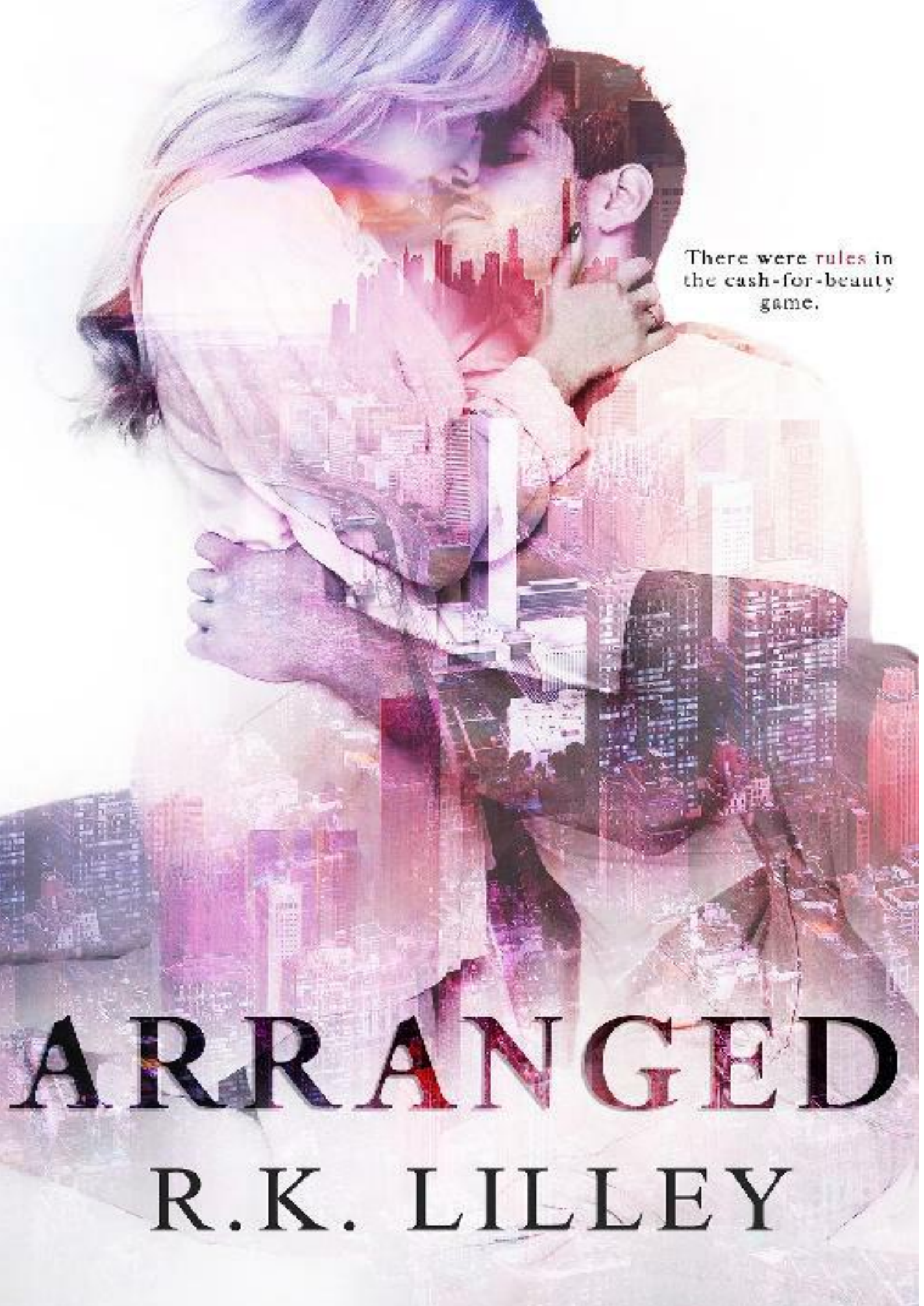
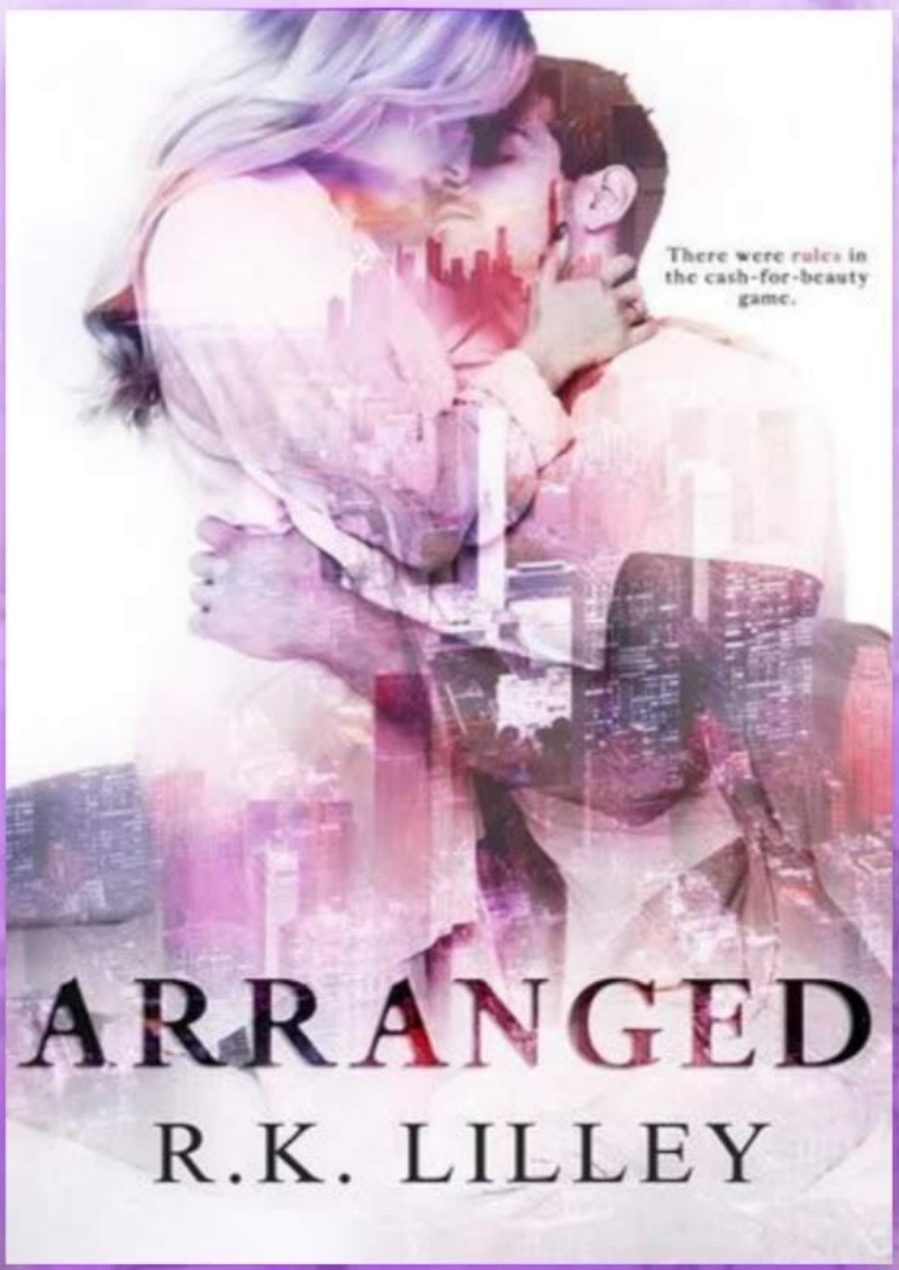

There were rules in the cash-for-beauty game.
ARRANGED
R.K. LILLEY


I Am
Wicked
Lady

I Am Wicked Lady

Lançamento



Único

Sinopse

Havia regras no jogo de dinheiro por beleza. O dinheiro detinha o poder. A beleza seguiu as regras e pulou através aros.

A NOIVA

Eu sabia o que todos pensariam se soubessem a verdade sobre o meu casamento.

Eles ficariam chocados e horrorizados. E com razão.

Eu era uma mulher jovem, moderna e independente, e fiz o impensável.

Eu vendi minha virgindade a um garoto rico e mimado. Para um estranho que não me amava.

E sim, eu tinha feito tudo por dinheiro.

O NOIVO

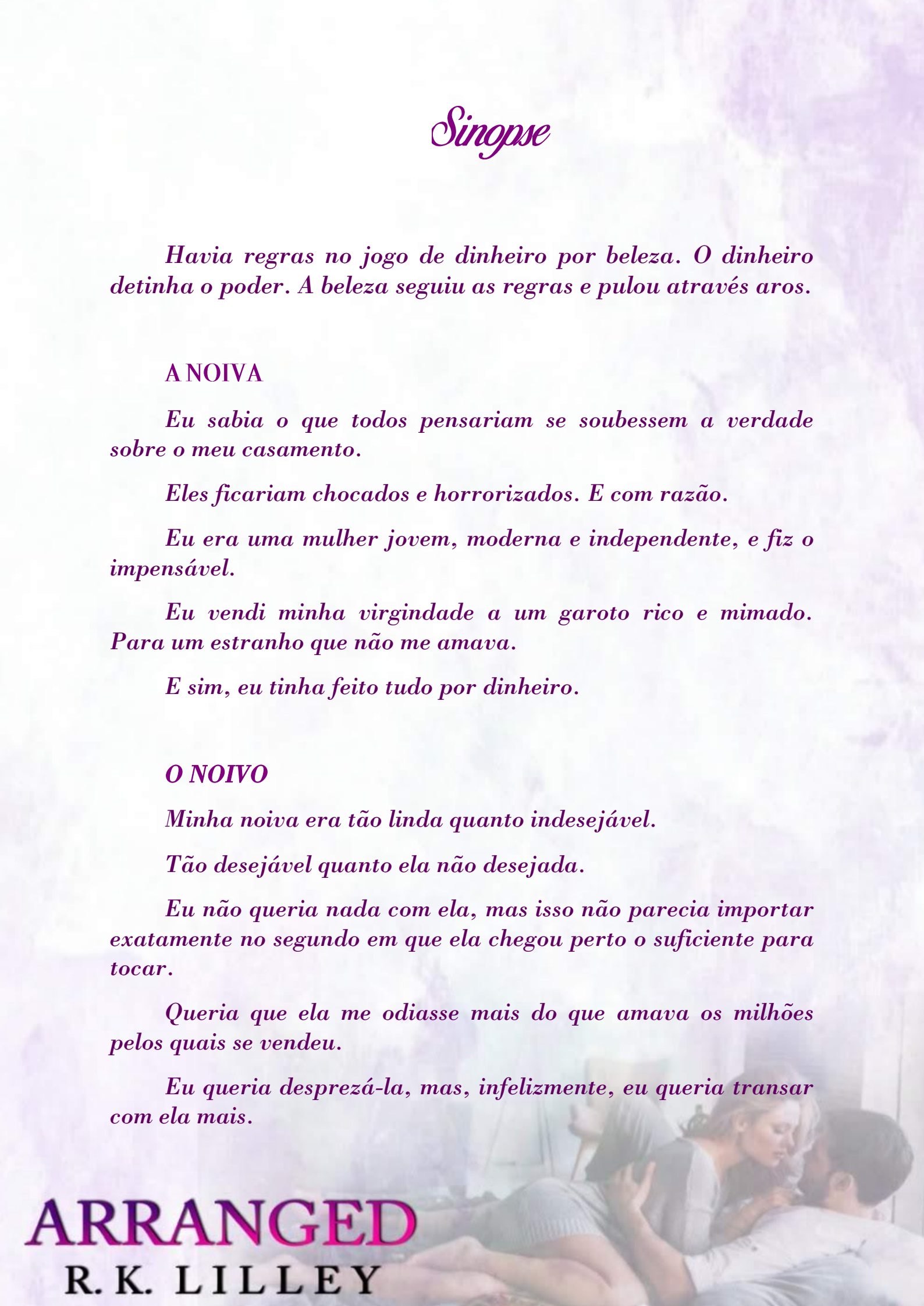
Minha noiva era tão linda quanto indesejável.

Tão desejável quanto ela não desejada.

Eu não queria nada com ela, mas isso não parecia importar exatamente no segundo em que ela chegou perto o suficiente para tocar.

Queria que ela me odiasse mais do que amava os milhões pelos quais se vendeu.

Eu queria desprezá-la, mas, infelizmente, eu queria transar com ela mais.



Um

Noura

Eu memorizei detalhes exaustivos sobre o homem parado ao meu lado no altar, e ainda assim não o conhecia.

Meu noivo era um estranho.

O nome dele era Calder Banks Castelo. Ele era um garoto rico e mimado, e eu acabei de lhe dar o poder absoluto de tornar minha vida um inferno.

Eu olhei para ele. Ele parecia uma figura imponente em seu smoking preto. Era alto, magro, com ombros largos, e se sustentava com uma postura rígida e orgulhosa. Ele era descuidadamente bonito e me pareceu o tipo de homem que era cruel e calculado o suficiente para usar exatamente isso contra mim.

Nossos olhares colidiram com um golpe direto. Seus olhos eram impressionantes, cinza tempestuoso e notavelmente desapaixonados.

Eu não tive muito tempo para julgá-lo cara a cara, mas até agora ele estava além de difícil de ler. Ele era totalmente estoico. Não emocional. Frio. E se eu tivesse que adivinhar a

leitura dele naquele momento, diria que ele estava desinteressado a ponto de ficar entediado.

Eu queria estar entediada. Eu desejei que meus lábios e as pontas dos meus dedos parassem de tremer.

Eu desviei o olhar primeiro.

Vale a pena, disse a mim mesma com firmeza. *É isso que eu quero. Riqueza além dos meus sonhos mais loucos.*

Fiz-me repetir as palavras na minha cabeça durante toda a cerimônia.

Eu sabia o que todos pensariam se soubessem a verdade sobre esse casamento.

Eles ficariam chocados e horrorizados. E com razão.

Eu era uma mulher jovem, moderna e independente, e fiz o impensável.

Eu vendi minha virgindade a um garoto rico e mimado.

E sim, eu tinha feito tudo por dinheiro.

Porque vamos ser reais. Dinheiro não é coisa pequena. São muitas coisas. Conforto. Estabilidade. Segurança.

E a quantidade de riqueza com a qual eu acabei de me amarrar era muito mais do que um dinheiro insignificante. Era - potencialmente, se eu durasse o suficiente - as chaves de um império.

Eu estava imersa em meus pensamentos, mas não perdi o ritmo quando ouvi minha sugestão. — Eu aceito. — As palavras deixaram meus lábios sem hesitar. Nem um suspiro na minha respiração. Nervos de aço. Ou pelo menos o tipo certo de nervosismo para fingir tudo e, nesse ponto, qual era a diferença?

Eu estava modelando em tempo integral desde os quatorze anos, o que me deu a qualificação certa para algo assim. Eu poderia posar. Eu poderia atuar. Eu poderia sorrir com um comando. Eu poderia fingir qualquer coisa maldita.

Minhas mãos nunca pararam de tremer, mas eu não hesitei, e minha voz era forte e firme quando selei meu destino.

Seu *eu aceito* era indolente a ponto de desafiar.

Olhei de relance para o seu rosto. Ele estava olhando para mim. Suas pálpebras estavam meio mastro sobre os olhos tempestuosos. Enquanto eu observava, o tédio em seu rosto se transformou em beligerância.

Eu desviei o olhar.

Mesmo agora, quando nossas vidas estavam sendo unidas – até que a morte nos separe – eu senti como se não pudesse olhar. Cada vislumbre que recebi hoje foi tão furtivo quanto os anteriores que havia roubado durante nossas duas reuniões de dez minutos, obrigatórias e estéreis.

Aproximadamente vinte minutos juntos antes de nos encontrarmos em um altar em frente a setecentos e cinquenta convidados do casamento, mas eu reuni muitas informações durante essas reuniões; nada disso é bom.

Dizer que meu noivo não estava feliz com este casamento foi um pouco de eufemismo. Ele tinha que esconder isso de nossos convidados do casamento e do mundo, mas eu duvidava que ele se desse ao trabalho de esconder isso de mim. De alguma forma ou de alguma maneira, seu pai o estava forçando a entrar na dele.

Eu não tinha certeza de qual alavancagem estava sendo usada contra ele, mas eu tinha algumas ideias, todas envolvendo a herança em potencial ou a falta dela.

Sabendo de tudo isso, não imaginei que ele fosse um marido decente para mim, e eu já tinha feito as pazes com isso.

Eu, por outro lado, havia concordado, via pré-nupcial, em ser uma esposa exemplar.

Você pode se dar bem com coisas mais estranhas em um acordo pré-nupcial do que em qualquer outro contrato legalmente vinculativo. Ah, o casamento. Que instituição estelar. Eles colocaram algumas coisas realmente divertidas no nosso. Incluindo seis meses de treinamento.

Sim. Treinamento. Eu tinha sido refeita por esse homem. Preparada, tutelada. Educada e instruída. Eu estava

bem ciente do que eu deveria esperar e como eu deveria me apresentar.

Meus deveres consistiam em:

1. Manter uma aparência impecável como a esposa troféu perfeita em todos os momentos – eu não tinha permissão para faltar a uma academia ou a um salão de beleza sem uma desculpa muito convincente e premente.

2. Manter uma equipe escolhida pelo meu sogro para fins de segurança, tutoria, treinamento e policiamento comportamental geral. Eles estavam lá para me manter sob controle e continuar me polindo até eu brilhar.

3. Conversar de maneira inteligente e apropriada com seus amigos e colegas de trabalho – eu me tornara bem versada em sutilezas sociais e conversas de negócios. Eu falava três idiomas e deveria usar essa habilidade sempre que necessário ou solicitado.

4. Participar de qualquer função: galas, bailes, festas, saraus, *qualquer coisa* que ele exigisse. De que adiantava uma esposa troféu se você não pudesse exibi-la?

5. Abrir as pernas e / ou chupar o pau do meu marido sempre que ele precisar se aliviar – fui avisada que isso poderia acontecer várias vezes ao dia quando ele estava em casa se / ou quando eu estava viajando com ele.

Fui informada (com firmeza) de não perguntar ou especular sobre onde ele colocou esse pau quando ele não estava sendo empurrado em algum lugar dentro de mim.

Havia regras no jogo de dinheiro por beleza. O dinheiro detinha o poder. A beleza seguiu as regras e pulou através de aros.

Eu tinha sido examinada de todas as maneiras imagináveis. Testes de QI e personalidade. Exames físicos. Avaliação psicológica após avaliação psicológica.

Nos últimos seis meses, fui forjada na combinação perfeita de intocável e experiente. Casta, mas polida.

Fui transformada em uma virgem cansada e habilidosa e, a partir de hoje, eu existo para o prazer de meu marido.

Fui sacudida de minhas reflexões fatalistas quando o oficial nos declarou marido e mulher.

Eu me virei para beijar meu noivo. Tive que inclinar minha cabeça para trás para olhar seu rosto. Ele era muito alto.

Ele se inclinou para mim, o canto da boca torcendo um pouquinho. Seus lábios pareciam macios e exuberantes, mas seus olhos eram *duros*.

Fechei meus olhos, inclinando a cabeça para selar o acordo com meu primeiro beijo.

Foi o momento mais breve, a pressão mínima dos lábios, mas sinalizou o início da minha nova vida.

Eu era dele agora. Eu pertencia a Calder Banks Castelo.

Ele era meu dono, mas não me amava.

Ele nunca faria isso.

Pisquei meus olhos abertos, procurando seu olhar indiferente, mas ele não olhou para mim novamente. Seus olhos estavam na multidão aplaudindo. Para eles, ele sorriu. Eles eram todos dele. Ninguém veio por mim. Todo mundo que eu conhecia eu tinha deixado de fora disso.

Ele estendeu o braço e eu o peguei obedientemente, dando meu próprio sorriso recatado à multidão de *seus* amigos, familiares e colegas de trabalho. Ele me levou para fora da igreja com um passo confiante. Eu tive que me apressar com meu elaborado véu e salto agulha para acompanhar.

Horas de sessões fotográficas seguiram. Foi uma das partes mais confortáveis do longo dia. Apenas o tipo de coisa que eu fazia há anos – modelagem. Hoje eu estava vendendo o dia perfeito do casamento de um garoto bonito e rico e sua inocente noiva de dezoito anos.

Não foi muito diferente de um dia de trabalho, exceto pelas minhas mãos trêmulas e o que aconteceria *depois*.

Ainda assim, eu vendi-o como se fosse um dia normal no trabalho, e eu estava sendo paga *em* dólar.

Era simples se eu olhasse assim. Sorrisos falsos, toques encenados, abraços coreografados e risadas falsas.

Foi um mês de março particularmente quente este ano em Portugal. Era um dia ensolarado e idílico para um lindo casamento. Se isso estivesse acontecendo com outra pessoa, alguém que não estava vivendo uma mentira, eu teria achado isso encantador.

Fiz um grande show fingindo que estava perto de seus pais, o que havia sido planejado com antecedência. Eles estavam no ato. De fato, seu pai havia escrito a peça. E ambos os meus novos sogros eram bons em jogar este jogo. Eles estavam acostumados a serem os olhos. Acostumados a brincar de felizes para as câmeras. Eles tinham décadas de experiência.

A mãe dele, Diana Castelo, estava em algum lugar na casa dos cinquenta, mas ninguém jamais imaginaria. A ciência e os bons genes a envelheceram como a supermodelo que ela era. Ela tinha cabelos escuros e olhos cinzentos como seu filho. Tinha também uma beleza sem idade e um sorriso tão quente que quase acreditei.

Ela foi uma modelo com uma breve carreira no cinema, que foi onde ela chamou a atenção do pai dele. O namoro deles tinha sido de alto nível e era amplamente considerado um conto de fadas romântico.

Seu pai, Pasco Castelo, era um filho solitário nascido em um império de bilhões de dólares. Na aparência, ele era muito parecido com seu filho. Grande, austero, formal, intimidante e bastante bonito. Ele tinha cabelos pretos, olhos pretos e uma pele morena. Não achei que ele gostasse de mim, mas não me casaria com seu filho se ele não aprovasse. Meus treinadores me disseram que ele era bastante conservador e tradicional, e o fato de eu ser virgem e frequentar a escola católica foi um longo caminho para obter essa aprovação.

Em seguida veio a vez de receber os convidados. Foi além de tedioso e aparentemente interminável. Parecia um teste – e eu passei. Pareci feliz e lembrei-me de todos os nomes pertinentes.

A recepção em si era menos entediante do que o casamento, principalmente por causa do meu primeiro gosto de champanhe.

— Beba, — meu noivo me disse calmamente. — Você vai precisar disso.

Meus treinadores me ordenaram que bebesse o mínimo de álcool possível e *nunca* abusasse demais, mas foi meu marido que me entregou as taças de champanhe, e seus desejos anulavam todas as minhas instruções, *sempre*, então acabei consumindo mais do que talvez fosse sábio.

— Como está o champanhe? — Meu marido me perguntou, seus olhos frios me observando enquanto eu tomava o primeiro gole.

Eu não tinha certeza do que pensar sobre isso, mas disse a ele que gostei, porque parecia a coisa certa a dizer.

— Você já bebeu isso antes? - perguntou, seus olhos se tornando mais atentos.

— Não.

— Você já bebeu *qualquer* álcool antes?

— Não.

Ele estava claramente irritado.

— Bem, isso não ajuda. Espera-se que você beba na maioria das reuniões sociais. Você precisa criar pelo menos um pouco de tolerância.

— Sou muito jovem para beber nos Estados Unidos — apontei. Estávamos nas propriedades de sua família em Portugal para o casamento, mas estaríamos morando em Nova York.

Seus olhos em mim eram desdenhosos.

— Não estamos lá agora, e os tipos de funções que você estará participando não exigirão que você mostre prova de idade, portanto não há necessidade de você apontar isso.

— Peço desculpas — eu disse, e terminei o copo.

Ele deixou de parecer irritado para rígido e quase com raiva.

— Lentamente. Não engasgue com isso.

Eu odiava ter quase me desculpado por me desculpar, mas por pouco detive as palavras.

Apesar dessa interação pouco encorajadora, ele pegou outra taça quase que imediatamente e me disse para beber.

Eu não tinha certeza de quem havia planejado nosso casamento ou recepção, mas era obviamente alguém com gostos luxuosos e caros. A cerimônia foi linda, assim como a reunião que a acompanhou. A temática parecia ser flores brancas de todos os tipos, entremeadas por grandes lustres de cristal, espalhadas por mesas, decorando as paredes até parecer que a grande sala estava cheia de sebes altas de flores puras. Deve ter custado uma fortuna. Alguém queria que nosso casamento fosse de impressionar.

Elogiei meu marido por suas escolhas.

— Você trabalhou com o planejador do casamento para escolher tudo — disse ele em voz baixa — Você planejou incansavelmente isso há seis meses. É tudo que você fez. Seu gosto é impecável - era impossível confundir o sarcasmo cortante em suas palavras.

— Claro. Obrigada — eu disse, acompanhando a charada. Afinal, era assim que minha vida seria. Uma grande, bonita e elaborada mentira.

O jantar foi uma refeição luxuosa de sete pratos, e fiz questão de comer algumas porções de cada prato. Eu tinha

certeza de que tudo estava pronto, é claro que sim, mas eu não provei nada, exceto o champanhe, que se tornou mais fresco e delicioso a cada gole.

Meu marido me entregou outro copo depois que eu esvaziei o segundo.

Minha cabeça já estava um pouco confusa, mas de uma maneira agradável, como se o dia de repente tivesse um filtro mais suave.

— Você gosta de dançar? — meu marido perguntou.

Olhei para ele. Ele não estava olhando para mim, seus olhos treinados para a frente.

Em vez de responder à pergunta, que era irrelevante, listei todo o treinamento de dança que eu havia passado. Foi extenso. Eu era uma noiva bem treinada e não me envergonharia na pista de dança.

Ele suspirou, virando outro copo do líquido âmbar escuro que consumia desde que nos sentamos. Foi imediatamente substituído por um novo por um servidor diligente. Eu não sabia o que ele estava bebendo e não perguntei. *Não faça perguntas ou espreite de forma alguma, por mais inócuo que seja o assunto.* Essa regra estava claramente impressa no meu cérebro.

— Eu vou aceitar isso como um não, — ele finalmente comentou, sua voz profunda com algo que eu não podia nomear — Então, se você não gosta de dançar, está pronta

para se retirar? — ele encontrou meus olhos diretamente com essa pergunta, e senti um choque de algo se movendo através de mim.

Eu não conseguia tirar os olhos dele.

Eu desviei o olhar.

— O que você preferir, — eu lhe disse.

Ele jogou seu copo para mim de repente.

Eu balancei minha cabeça, pegando o copo porque parecia ser o que ele queria.

— É bourbon. Vá em frente, prove.

Tomei um gole e quase engasguei com o líquido queimado.

Um canto da boca dele se curvou. Eu o diverti.

— Não é uma garota de Bourbon, — observou ele — Não é para todos. Mais champanhe?

— Sim, por favor — eu disse instantaneamente. Eu deveria estar preocupada com o excesso de esforço, mas naquele momento eu teria feito qualquer coisa para suavizar as bordas do dia.

Ele suspirou profundamente.

— Bem, se você não está morrendo de vontade de ir para a cama cedo, provavelmente devemos nos dedicar a algumas rodadas de dança.

Ele ficou de pé, estendendo a mão para mim. Eu deixei ele me puxar para a pista de dança e me pegar em seus braços.

Minha barriga estava quente com o champanhe e sua proximidade. Estar perto dele, com as mãos nas minhas costas, as minhas nos ombros largos e duros, tornou muito mais quente.

O tremor nas minhas mãos e o tremor nos meus lábios diminuíram. Yay álcool.

Sua boca estava perto do meu ouvido, sua voz, oh aquela voz, era um estrondo profundo que ressoou por todo o meu corpo quando ele falou.

— Você pode querer sorrir. É provável que essas fotos acabem no jornal local e, se eu conheço minha mãe, na *People*.

Obedeci, os olhos correndo sobre sua garganta bronzeada, sua mandíbula grossa e atraente, seus lábios. Eu tive que inclinar minha cabeça para trás para encontrar seus olhos. Ele era *muito* alto, notei agradavelmente.

Eu nem sequer tive que fingir me perder em seus olhos cinzentos e tempestuosos. Ele estava tão atento aos meus, e parecia diferente de repente. Com fome.

Meu corpo inteiro estava quente. Meus joelhos ficaram um pouco mais fracos, mas seus braços estavam me segurando com tanta segurança que nem nos atrasou.

Eu o deixei guiar a dança, seguindo sua liderança facilmente. Muito facilmente. A força e a demanda de sua vontade emitiram um comando quase tangível sobre meus movimentos. Ele era claramente o filho de seu pai, um homem que foi construído para comandar, e eu tinha certeza de que meu corpo era uma conquista insignificante para ele.

Talvez isso não fosse tão infeliz quanto eu pensava. Nós parecemos bem juntos. Naturais.

Era um casamento falso, mas pelo menos não teríamos que fingir a química.

— Como eu deveria te chamar? — perguntei a ele. Eu tinha ouvido a família e os amigos chamando-o de Banks ao longo do dia, e sabia que ele ouvia isso, seu nome do meio, com mais frequência.

Demorou muito tempo para responder, e percebi enquanto esperava que ele falasse que minha pergunta havia de alguma forma quebrado o momento, qualquer que fosse.

— Calder, — ele disse rigidamente, sua mandíbula endurecendo teimosamente.

Apesar de mencionar várias rodadas de dança, Calder me jogou para seus irmãos depois de apenas uma.

O grande problema da vida do meu marido era que ele tinha muitos irmãos do sexo masculino, ou seja, muitos outros herdeiros da vasta fortuna de sua família. Pelo que entendi, eles se mantiveram relativamente honestos, para crianças ricas e mimadas. O pobre menino rico Calder tinha muitos irmãos e teve que dançar de acordo com a música do pai bilionário, se quisesse uma fatia daquela torta grossa de dinheiro.

Eu era o ato de boa-fé de Calder.

Os cinco irmãos do meu marido estavam presentes. Eles tinham entre 15 e 29 anos de idade, e eu dancei com cada um.

Todos os cinco eram muito mais agradáveis do que meu marido. Quão sortuda eu era?



Dois

Se passou uma hora antes que eu tivesse que lidar com Calder novamente. Eu estava sentada no meu lugar, e ele tomou o seu lugar ao meu lado novamente sem uma palavra.

Aceitei outra taça de champanhe. Ele jogou pra dentro outra bebida e se virou, falando com o garçom, sua voz tão baixa que eu não conseguia entender as palavras.

O garçom retornou prontamente com dois pequenos copos cheios de líquido escuro.

Meu marido me entregou uma, apertando-as quando aceitei.

— É porto. Vire, — disse ele, engolindo o dele, os olhos em mim sem piscar.

Corei e desviei o olhar.

Com uma respiração trêmula, tomei um gole do porto. Eu quase sufoquei. Era forte e amargo comparado ao champanhe, e eu senti os efeitos momentos depois de terminar o copo minúsculo.

— Não combina bem com champanhe, — observou ele. — Você terá que tentar novamente algum dia quando aprender a beber adequadamente.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então apenas assenti. Se aprender a beber fazia parte desse arranjo, não era preciso dizer que eu faria isso e praticamente qualquer outra coisa que fosse exigida de mim. Pior do que isso, sem dúvida, estava por vir. Eu engoliria e lidaria com o que fosse necessário.

Eu trabalhava sem parar há anos, e com o custo de vida em Nova York, combinado com o meu quinhão de infortúnios, nunca consegui fazer muito mais do que me manter na superfície, sem afundar completamente.

Depois de hoje, tudo isso iria mudar. Eu troquei meu corpo por riqueza além dos meus sonhos mais loucos.

É um preço pequeno a pagar, eu disse a mim mesma, mais uma vez.

Os ricos do mundo fazem o que gostam. Seu dinheiro fez o mundo girar e resolveu todos os seus problemas, enquanto as pessoas pequenas pegavam o que a vida lhes dava, resistindo a qualquer golpe que o destino decidisse depositar neles sem anestesia para amenizar ou meios de se proteger. Eu sabia disso em primeira mão.

Tive a chance de mudar do último para o primeiro, e estava pegando com as mãos e os olhos bem abertos.

Sim, eu me vendi. Sim, foi minha escolha. O preço: minha liberdade. O benefício: eu acabara de ser transformada de camponesa humilde para elite da sociedade.

Agora eu estava pronta para a vida. Intocável.

Exceto pelo meu marido. Ele poderia me tocar como quisesse.

— Que piada, hein? — Calder disse de repente.

— Perdão? — Eu perguntei, procurando ao redor o que ele poderia estar falando.

— Tudo isso, — ele acenou com a bebida para o salão. Percebi que ele, como eu, estava sentindo o álcool — Meu pai pensa que, se eu passar um pouco de tempo com você, vou *gostar de* você e ele se sentirá justificado por toda essa bagunça. Ele acha que eu vou me *apegar,* — suas palavras eram nítidas com uma mordida, seus olhos fixos em mim e *desdenhosos*. — Por alguém como *você*. Ele está delirando. Como se eu pudesse me importar com uma garimpeira. Deixe-me ser claro com você. Eu nunca vou me conciliar com este casamento. Eu nunca vou me importar com você. Vou me apresentar quando for preciso, mas nunca esqueça que, enquanto você escolheu isso, eu não.

Senti meu temperamento queimar, mas não respondi. Era uma coisa difícil de fazer, mas se havia algo que eu precisava me acostumar com esse arranjo, era segurar minha língua.

Cale a boca e retire o cheque, eu disse a mim mesma.

Meu marido parecia cansado de seu discurso. Nós estávamos nos encarando, e só foi interrompido quando uma mão pesada pousou em nossos ombros.

— Vocês precisam de um pouco de ar, — a voz do meu sogro falou por trás e por cima. — Um passeio pelo jardim ajudará. Filho, leve sua esposa para passear.

Nós dois nos levantamos como fantoches em cordas.

— É claro, pai, — disse Calder, tenso.

Ele pegou meu braço e me levou para fora da sala.

— Enquanto isso, um fotógrafo vai atrás para fotografar nossa intimidade, — ele murmurou, mas somente depois que nos afastamos de seu pai.

Olhei para ele. As palavras de seu pai tinham sido uma ordem, é claro, não uma sugestão, e eu me perguntava o que estava passando por sua cabeça. Eu não tinha feito nada além de aprender seus hábitos e preferências nos últimos seis meses, mas me perguntei que influência seu pai tinha sobre ele e como isso o levaria a dizer sim a um casamento que claramente discordava. Naquele momento, me ocorreu que eu realmente era casada com um *absoluto* estranho.

Estava lindo lá fora, a noite iluminada com estrelas. Me forcei a olhar além do meu dia estressante e apreciar a vista.

Ele parou de repente, sua mão no meu cotovelo me segurando. Ele me puxou até estarmos de frente um para o outro, sua forma alta curvada sobre mim.

Ficar tão perto dele foi um ataque estranho aos meus sentidos. Foi desconcertante. Um choque para o meu sistema. Sua proximidade teve um efeito agudo e visceral no meu corpo. Não era necessariamente agradável, mas também não era desagradável. Foi estimulante. Seu corpo poderoso irradiava um calor e intensidade que eu sentia até os ossos. Eu nunca tinha experimentado algo assim. Suas mãos seguraram meus quadris firmemente e o contato queimou através de mim. Eu me perguntei quanto tempo sentiria suas mãos lá depois que ele soltasse.

— Vamos acabar com isso, — ele demorou, sua cabeça inclinando e abaixando.

Eu levantei meu rosto e ele selou sua boca sobre a minha.

Fiquei chocada com a suavidade de seus lábios.

Demorou um segundo para eu reagir, mas quando aconteceu, foi surpreendente. Gostei do gosto dele, da sensação de sua boca. Eu queria mais.

Eu nem percebi que estava me movendo quando minhas mãos se enterraram em seus cabelos sedosos e negros, segurando-o enquanto sua língua acariciava luxuriosamente a minha.

Uma das mãos dele ficou no meu quadril, me segurando mais perto, e a outra esfregou minhas costas, acariciando-me como um gato.

Ouvi um gemido suave e percebi em alguma parte distante do meu cérebro que era o meu.

Sua boca não parou, comendo a minha enquanto ele puxava meu corpo inexoravelmente para mais perto dele, até ficarmos juntos. Senti sua dureza me pressionando, e instintivamente isso me fez ficar tensa e encolher.

Um som baixo vibrou em seu peito uma batida antes que ele arrancasse sua boca da minha.

Eu não conseguia recuperar o fôlego.

Ele xingou baixinho, a cabeça caindo para trás, os olhos voltados para o céu.

Eu não sabia o que fazer ou dizer, então apenas fiquei lá, recuperando o fôlego.

Eventualmente, ele falou.

— Vamos voltar para dentro. Eu poderia tomar outra bebida.

Eu também.

— Você pode ir para seus aposentos, — disse ele do seu lugar ao meu lado na nossa mesa. Se passou algum tempo, mas minha mente ainda estava de volta naquele beijo. Foi

breve, mas eu ainda sentia. Meus lábios estavam formigando. — Eu vou me juntar a você em breve.

Meu coração tentou sair do meu peito, mas eu o escondi bem.

Olhei para a mulher perto de mim, minha expressão enganosamente sem graça. Eu havia treinado meu rosto a mentir muito bem.

Não tinha visto Asha desde que ela supervisionou meus preparativos antes do casamento. Foi bom passar algumas horas sem ter que olhar pro rosto dela. Sem estar diretamente sob o seu escrutínio. Eu tentei o meu melhor para esquecer que ela sequer existia. Ela era minha *treinadora* e apreciava o dever tanto quanto eu o desprezava.

— Claro, — eu disse agradavelmente, levantando-me.

Segui Asha com as pernas instáveis até meus aposentos.

Pedaços de lingerie estavam posicionados na grande cama. Era uma renda branca e transparente que parecia não cobrir nada essencial.

O conjunto perfeito da noite de núpcias para uma virgem comprada e paga.

— Coloque-o, — Asha ordenou bruscamente. — Você sabe o que fazer. N*ão deve* fazê-lo esperar.

Eu a encarei. Era uma mulher pequenina e larga, com cabelos pretos encaracolados que dobrava em um coque intenso. Suas feições eram duras, mas uniformes, sua pele pálida. Seus olhos eram grandes, escuros e maus.

— OK... Você pode ir, — eu disse a ela suavemente. — Eu não preciso mais de você.

Ela me olhou diretamente para esse pouco de impertinência de minha parte.

— Você acha que esses votos mudaram alguma coisa? Você acha que quando ele te foder, você terá mais poder? Você não o conhece. Ele ficará entediado com você em uma noite. Você é uma bugiganga bonita que ele esquecerá no momento em que estiver fora de vista. Você é uma posse para ele. Você sempre será empregada dessa família tanto quanto eu. Na verdade, você é mais descartável. Eu supero você. Nunca esqueça.

Eu sabia que ela não estava errada. Eu *sabia* disso. Isso não significava que eu não *odiava*. Jurei, não pela primeira vez, ganhar pelo menos o suficiente de auxílio do meu marido para que ela fosse demitida.

— Você quer me dar sermão ou quer que eu me prepare para o meu marido? Não vou me trocar até você sair. — tinha sido um longo dia e eu não estava com disposição para essa merda.

Ela me deu um último olhar assassino e foi embora.

Eu sabia que pagaria por esse atrevimento mais tarde. Asha somente era boa quando era de seu interesse.

Valeu a pena.



Três

Disseram-me repetidamente que meu novo marido era bom na cama. Durante meu treinamento, foi repetido com tanta frequência e com tanta autoridade inquestionável que eu me ressenti com o conhecimento, mas de maneira alguma duvidei.

Mesmo em meio a toda essa certeza, porém, eu estava nervosa demais para ser otimista o suficiente para pensar que isso significaria que minha noite de núpcias poderia ser boa para *mim.*

Não foi bom. Nem um pouco.

Ele entrou no quarto escuro e começou a se despir sem dizer uma palavra. Ele estava segurando uma bebida, o líquido escuro escorria enquanto colocava o copo nada gentilmente na mesa de cabeceira.

Eu vesti a linda lingerie que tinha sido estendida para mim e me deitei na cama, debaixo das cobertas, esperando que ele não acendesse nenhuma luz. Mais para esconder minha expressão vulnerável do que meu corpo.

Eu consegui parte do que desejava. Ele acendeu a luz no banheiro anexo, mas não no quarto. Ainda era demais. Eu

pude ver seu rosto na penumbra, o que significava que ele podia ver o meu.

Uma graça, no entanto. Ele mal olhou para o meu *rosto*.

Ele se despiu com movimentos rápidos e raivosos. Eu fixei meus olhos no dossel acima da cama.

Ele puxou as cobertas e parou por um longo tempo, sem dizer uma palavra. Eu podia sentir seus olhos no meu corpo.

Eu estava tremendo e sabia que ele veria. Meus dedos e lábios sempre tremiam mais. Mordi meus lábios e cerrei os punhos.

— Então, suponho que estamos fazendo isso, — disse ele friamente.

— Suponho que sim, — eu respondi, colocando toda a calma que pude introduzir nas palavras. — Eles provavelmente saberiam se não o fizéssemos.

Eu olhei de relance para o rosto dele. Seus olhos tempestuosos e fortemente chicoteados brilhavam para mim com todo tipo de hostilidade.

— Claro que eles vão, — ele demorou. — Eles não disseram a você? Estão planejando checar os lençóis pela manhã e, se isso não bastar, enviarão um médico para examiná-la, para garantir que eu tenha te fodido adequadamente.

Eu não sabia disso. Eles me examinaram de antemão - você não paga milhões por algo assim sozinho - mas eu não sabia sobre o exame depois.

— Eu nunca tive que foder por uma ordem antes, — acrescentou ele amargamente.

— Nem eu, — respondi.

— Eu espero que não. Ouvi dizer que meu pai pagou uma pequena fortuna por uma noiva virgem.

Engoli em seco, meu rosto ficando vermelho. Isso foi ainda mais humilhante do que eu imaginara. Sua antipatia, ou pelo menos esse nível de antipatia, era inesperada. Minha voz foi medida e composta quando eu respondi.

— Ele fez isso.

— Bem, vamos ver se você vale a pena, — disse ele, algo feio crescendo em sua voz.

Tentei manter a respiração equilibrada e medida, mas alguns sopros irregulares escaparam de mim.

— Abra suas pernas, — ele ordenou rispidamente.

Desajeitadamente, eu fiz. Ele amaldiçoou. Meus lábios tremeram. Cavei minhas unhas nas palmas das mãos com mais força. A lingerie que havia sido arrumada era de uma intrincada renda branca que, por acaso, estava faltando a parte que cobria a virilha. Ele nem precisaria me despir para

consumar nossa união. Quão terrivelmente conveniente foi isso?

— Meu Deus, eles não perderam tempo, não é? — sua pergunta era incrédula e retórica, e havia uma pontada inconfundível nela.

Eles, o time que me transformou na perfeita esposa falsa, e não, eles não haviam perdido um truque.

— De fato, não, — eu concordei.

Sem outra palavra, ele subiu em cima de mim, os cotovelos apoiados em cada lado, seus quadris deslizando entre as minhas coxas.

Meus olhos se fixaram em sua garganta quando ele alinhou sua dureza contra a minha suavidade.

— Você tem certeza absoluta de que é isso que você quer? — ele perguntou, a voz áspera. — Não é tarde demais para desistir. Você ainda pode ir embora sem um arranhão.

Eu assenti.

Não foi o suficiente.

— Eu quero ouvir você dizer isso, — ele murmurou, sua respiração quente no meu rosto. — Diga-me que você tem certeza absoluta de que é isso que deseja.

— Estou absolutamente certa de que é isso que eu quero, — respondi, enunciando cada sílaba claramente. Eu estava orgulhosa que minha voz mal tremia.

Eu estava tão seca e tensa que ele teve que cuspir na mão e esfregar em si mesmo para facilitar a entrada. Ele parecia tão zangado e calado enquanto fazia isso que fechei os olhos e os mantive assim. Mordi meu lábio até sangrar quando ele entrou. Doeu muito mais do que eu imaginava, uma espécie de dor aguda e pontual que parecia *errada*.

Ele alcançou a barreira dentro de mim, batendo contra ela. Ele não parou, de jeito nenhum. Ele não parou nem ao bater na barreira pela qual pagou tanto. Amaldiçoando, ele rasgou direto através dela. A dor foi aguda e repentina, um beliscão no fundo.

Sem hesitar, ele dirigiu até a raiz. Era demais para aguentar. Muito difícil, muito grande, muito profundo. Eu estava esticada até o limite, além disso. Eu apertei meus olhos com força, mordendo meu lábio enquanto trabalhava através do meu desconforto.

— Jesus, porra de Cristo, — ele rangeu entre os dentes — Eu não vou durar um minuto.

Então ele começou a foder, batendo em mim com precisão incansável e focada.

Pelo menos ele estava certo. Ele não durou um minuto. Ele amaldiçoou quando começou a gozar. Abri os olhos e nossos olhares assustados, crus e vulneráveis se chocaram.

Eu desejei que o conhecesse um *pouco* melhor antes do casamento. Não que qualquer quantidade de dor superficial me fizesse arrepender de todo o arranjo, mas eu só gostaria que pudéssemos ter nos aquecido um pouco mais antes. Ao menos para que eu pudesse ter me sentido confortável o suficiente para pedir a ele – não para parar, é claro – mas talvez desacelerar.

Era humilhante pensar assim, mas eu esperava que ele de alguma forma me seduzisse primeiro. Eu me odiava por vê-lo tão emocionalmente, por até *pensar em* algo tão patético, mas não conseguia afastar o pensamento.

Mesmo no auge do desconforto, não pensei em pedir algo assim. Essa humilhação adicional teria sido muito pior para mim do que a dor. A dor vem e passa na vida. A vergonha *dura*.

Uma bênção foi que aconteceu misericordiosamente rápido. Ele estava certo. Ele não durou um minuto. Cerca de trinta segundos (contei) depois que ele se encaixou dentro de mim e começou a se mover com *fortes e* pesados movimentos, ele começou a entrar, entrando e saindo bruscamente, sua respiração atingindo meu ouvido com pequenos sopros energéticos que rapidamente se transformaram em baixas e grosseiras maldições.

Eu não tinha certeza se as maldições eram dirigidas a mim ou a si próprio. Nenhum dos dois parecia ser um bom sinal.

Ele não se demorou, arrastando-se para fora de mim como se eu o tivesse queimado, ou tinha medo de que eu o prendesse se ele hesitasse. Respirei fundo com a crueldade brutal daquele puxão rápido, longo e liso.

Eu mantive meus olhos fechados, mas eu o senti me encarando depois, pairando sobre mim e assistindo.

Não sei se foi a bebida desacostumada, a hostilidade que senti dele ou o desastre estressante do dia que veio à tona, mas de repente e de maneira horripilante fiquei bastante doente.

Oh merda, pensei horrorizada quando meu corpo se virou completamente contra mim.

Eu quase vomitei ali mesmo na cama. Foi por pouco.

Usei minha última gota de energia para arrastar minha forma mole do colchão, tropeçar pelo quarto, cambalear no banheiro e mergulhar na privada.

Eu nem fechei a porta atrás de mim. Percebi vagamente que estava tendo o momento mais mortificante e sem graça da minha vida na frente do meu novo marido quando meu corpo começou a arfar, a bile subindo.

Não era isso que ele ou o pai havia pago, mas eu não tinha controle sobre meu corpo quando comecei a vomitar, esvaziando o conteúdo do estômago.

Meu casamento foi consumado, e minha noite de núpcias não poderia ter sido pior.

Tentei afastar meu cabelo do rosto, sem vômito, mas rapidamente desisti disso. Todas as minhas reservas de energia estavam sendo usadas para permanecer em pé, mirando a água, e me segurando diretamente sobre o vaso sanitário.

Vomitei até não sobrar mais nada e engasguei em seco por um bom tempo depois disso.

Quando me senti razoavelmente confiante de que meu estômago acabara de se rebelar, peguei minha escova de dentes, passei pasta de dente nela e comecei a escovar. Balancei os ombros e me contorci para fora da minha delicada lingerie com uma mão, rasgando-a em pedaços no processo. Quando finalmente me libertei, entrei diretamente no chuveiro.

Liguei a água escaldante e fiquei embaixo dela. Estava queimando minha pele, mas eu mal senti. Em algum momento ao longo da noite eu fiquei um pouco dormente.

Continuei escovando os dentes até tirar o gosto ruim da minha boca e depois comecei a lavar o cabelo. Eu o lavei três vezes antes de me sentir limpa.

Eu nunca tinha estado tão cansada na minha vida, mas fiquei debaixo do jato de água e lavei cada centímetro de mim mesma, repetidamente. Cada vez pensava *desta vez me sentirei limpa,* mas isso nunca aconteceu.

Eventualmente, eu apenas me sentei no azulejo até a água esfriar.

Muito tempo depois, fechei a torneira e me arrastei para fora do chuveiro.

Enrolei meu cabelo em uma toalha e meu corpo em outra. Eu queria desesperadamente evitar o quarto, mas *precisava* dormir, e o chão do banheiro simplesmente não servia.

Fiquei aliviada ao descobrir que em algum momento ele pelo menos fechou a porta do banheiro para mim.

Espero que isso tenha acontecido antes de eu começar a vomitar.

Abri a porta com pavor, não querendo encará-lo.

Fiquei indescritivelmente aliviada por encontrá-lo desaparecido. Andei com as pernas trêmulas até a cama enorme.

Estremeci quando vi o sangue e outros fluidos manchando o local onde estávamos deitados no colchão, mas rapidamente segui em frente. Eu me envolvi em todos os

cobertores que pude encontrar e me enrolei no lado limpo da cama.

Eu nem me lembro de tentar adormecer. Minha cabeça apenas tocou o travesseiro e eu estava apagada.

Eu não tinha ilusões românticas quando se tratava de meu marido. Sim, ele era bonito e rico, mas ele não era um príncipe encantado. Ele nunca me amaria. Ele nunca se importaria comigo.

Ele era meu dono. Eu era uma propriedade que esperavam que se comportasse de uma certa maneira, e se de alguma maneira eu mostrasse que não valia o que ele pagara, tinha certeza de que ele cortaria imediatamente suas perdas e se afastaria.

Mesmo assim, fiquei surpresa quando acordei completamente sozinha depois da noite de núpcias.

Não registrei a princípio o que isso significava. Supus que ele tivesse acabado de dormir em seu próprio quarto, o que havia sido um alívio após um dia tão estressante.

Mas ele não tinha acabado de sair do meu quarto. Ou até da propriedade.

Ele deixou o país. Eu não o vi novamente por um mês.

Quatro

Foi um mês agitado, o que foi melhor. Quando não *estava* ocupada, minha mente voltava a *ele* e ao nosso desastre de noite de núpcias. Eu revivi, refiz tudo, obcecada com cada momento.

Era uma linha de pensamento completamente inútil. Um desperdício de energia. Ele cumpriu seu dever – rapidamente – eu me humilhei e ele saiu sem dizer uma palavra.

Eu odiava ter pensado nele, porque sabia que ele com certeza não estava pensando em mim.

Ele me odiava por princípio e me fascinou apesar disso.

Então, tentei me manter ativa e minha mente ocupada com outras coisas. Isso não foi tão difícil.

Dois dias após o casamento, fui transferida para um apartamento de luxo no centro de Manhattan e comecei a modelar novamente.

Eu amei esse apartamento. Eu amei que parecia o *meu*.

Eu sou possessiva. Eu gosto de sentir que as coisas que cobiço pertencem a mim. Todo mundo faz, até certo ponto, eu acho. Todo mundo fala *eu tenho esse pequeno café que eu*

amo ou *você tem que experimentar o meu estúdio de ioga* ou *verificar o meu apartamento*. Essas frases são uma mentira em cidades como Nova York. Nada pertence a quem não é podre de rico. Nem um pouco. Tudo é compartilhado, mas agora eu sou uma das poucas da elite que conseguiu compartilhar *menos*. Foi ótimo.

Melhor ainda: meu hiato de seis meses em treinamento para casamento não parecia prejudicar minha carreira.

Exatamente o oposto, de fato.

Agora eu tinha mais retornos de chamada do que horas no dia. Meu casamento de alto nível com o belo filho de um famoso bilionário atraíra a atenção faminta do mundo da moda. Todos queriam trabalhar com a nova e linda noiva do garoto rico.

Uma coisa me surpreendeu, no entanto. Quão difícil foi engolir a pílula da fome para a gula praticamente da noite para o dia.

Eu queria esse tipo de sucesso por tanto tempo. Eu estava trabalhando nisso há *anos*. Conseguir isso – especialmente a razão pela qual eu o consegui – não foi tão satisfatório quanto eu sempre imaginara. Certamente, havia alguma gratificação pelo meu sucesso recente, mas mais do que tudo, achei satisfação pelo fato de estar me mantendo muito, muito ocupada.

A vida era toda sobre perspectiva, e eu estava tentando ao máximo apreciar minha nova posição, apesar das coisas que fiz para alcançá-la. Para apreciar os frutos do meu trabalho com todo o entusiasmo que meu jovem coração cínico poderia reunir. Graças ao meu novo status, a modelagem agora veio com uma sensação de segurança. Todas as minhas despesas de vida extravagantes foram cuidadas pelo meu marido ausente, então cada centavo que ganhei foi para a *minha* conta bancária, que já estava muito bem acolchoada devido aos detalhes de nosso acordo pré-nupcial.

Eu disse a mim mesma que isso era uma coisa boa. Apenas o que eu estava procurando. O alívio disso tirou muito o estresse do trabalho, isso e o fato de que fui instantaneamente tratada com mais deferência agora que era a Sra. Castelo.

Sempre gostei de moda, adorei me vestir e, pela primeira vez, gostei das sessões de fotos, me diverti com campanhas de anúncios de desembarque e caminhei por novas pistas como se não me importasse com o mundo. Viu? Intocável.

Bem, eu tive alguns cuidados. Uma delas era que parecia estranho ser uma mulher casada e não se sentir casada. Mesmo quando participei de eventos para os quais fui convidada como Sra. Calder Castelo, eu fui sem marido.

Obedientemente, fui à missa todos os domingos com a família Castelo, menos uma presença muito significativa.

Sentei-me todas as semanas nos bancos entre seus irmãos encantadores, mas ele nunca se preocupou em vir.

Eu também tinha concordado em participar de muitas festas de gala designadas em nosso contrato, e até gostei dessa parte do nosso acordo, mas sempre presumi que participaria no braço dele.

Eu estava acostumada a ficar sozinha. Era completamente independente desde os dezesseis anos e cuidava de mim desde tenra idade, mas ainda assim parecia estranho estar fazendo tudo como uma Sra. Recém-casada *sozinha.*

Bem, isso não era exatamente preciso. Na verdade, nunca fui a *lugar nenhum* sozinha. Dois homens me escoltavam. Os nomes deles eram Chester e Vincent.

Vincent era meu motorista. Ele era um homem careca baixo, de estrutura pequena, com uma barba grisalha. Eu nunca perguntei, mas imaginei que ele estivesse na casa dos cinquenta. Ele era quieto, mas educado. Tinha um sorriso raro, mas gentil.

Chester era meu guarda-costas. Ele era construído como um urso, maciço da cabeça aos pés, e muito alto. Eu estava longe de ser baixa, e quase sempre usava saltos, e ele ainda se erguia sobre mim. Ele tinha que ser pelo menos alguns centímetros mais alto do que meu marido embora eu nunca os tivesse visto lado a lado, devido ao fato de nunca mais ter visto meu marido.

Ele tinha uma juba generosa de cabelos cor laranja, com algumas mechas grisalhas. Ele usava geralmente em um coque masculino, embora se recusasse a chamar assim. Combinava com a barba perfeita e o bigode curvado pra cima. Usava óculos grossos e emoldurados que complementavam seus doces olhos castanhos. Se ele fosse um pouco mais novo, eu o consideraria um hipster.

Eu sabia que Chester tinha 46 anos porque ele mencionava isso com frequência, geralmente quando lamentava suas várias dores.

Foi Chester quem me acompanhou por toda parte. Ele era uma boa companhia, então eu nunca me importei. Ele era um inferno de uma melhora depois de Asha, a Severa.

Embora Asha não tivesse ido longe. Ela não me acompanhou tão diligentemente quanto Chester, mas eu ainda tinha que acordar com a presença dela em minha vida todos os dias.

Fazia quase um mês e minha rotina estava definida.

Acordei às seis da manhã em ponto. Meu alarme disparou, eu levantei e tomei banho dentro de um minuto.

Deus não permita que eu aperte o botão soneca e tenha Asha na minha cara me chamando de preguiçosa.

Do chuveiro, vesti um roupão e caminhei até a minha extravagante e rebaixada sala de estar. Contemplei a vista da

cidade movimentada e insone enquanto esperava minha reunião com a equipe.

Sim, eu tinha uma equipe. Meu marido estava ausente, é claro, mas nunca me faltava companhia.

Chester me trouxe café e eu o aceitei com um agradecimento.

— Obrigada.

Por conveniência e proteção, Chester e Vincent foram alojados no apartamento ao lado do meu.

Quando estávamos em casa, no entanto, eles podiam ser encontrados com mais frequência na minha sala de estar.

— De nada, duquesa. Bom Dia.

— Bom dia, Chester, — respondi com um sorriso. Seu apelido para mim apareceu cedo, e nunca deixou de me divertir. Eu não tinha casado com nenhum tipo de título além *da esposa do homem rico,* mas aparentemente estava perto o suficiente da nobreza para Chester. Não doía que ele sempre infundisse afeto caloroso na palavra, tornando-a um carinho.

Eu gostei de Chester. Muito. Ele tornou quase suportável lidar com Asha.

Pensando no diabo. Naquele momento, a forma severa de Asha entrou na sala. Eu me afastei da vista para encontrar seu olhar severo.

— Um roupão dificilmente é um traje decente para ser usado na frente de homens que não são seu marido, — ela opinou com severidade, seus olhos maus olhando para mim.

— É o raiar do dia, e eu estou de pé na minha própria sala de estar, — respondi friamente. — Vou usar o que diabos eu quiser. Apenas comece com a programação de hoje, por favor.

Eu estava bem ciente de que Asha me via como nada além de um pedaço insignificante de dezoito anos que se casara por dinheiro. Eu cometi o erro de odiá-la desde o início, pois me disseram que o trabalho dela era, em essência, me administrar e que eu deveria ouvi-la. Depois do casamento, mudei de estratégia com ela. Eu parei de suportar toda essa merda em silêncio. Eu não tinha o poder de demiti-la, mas também não precisava suportar seus insultos em silêncio.

Até agora, defender-me e dizer o que pensava não me causou consequências de seus superiores, o que foi uma sorte, porque eu não tinha planos de parar.

— Antes de chegarmos ao cronograma, — começou Asha imperiosamente, ignorando completamente nossa troca rude, o que era típico. — Deixe-me repassar suas chamadas e reservas. Você conseguiu o emprego de Stuart Weitzman[1]. Parabéns, — ela disse cada palavra com total desdém. — Isso será muito destacado. Eles me disseram que isso será uma

[1] Designer de sapatos

grande quantidade de trabalho para você, começando já na próxima semana. Você também recebeu uma oferta para fazer a campanha de fragrâncias YSL[2], mas ainda estou trabalhando com eles no cronograma para isso. Consiste em um longo vídeo que filma em Paris e eles querem você por uma semana inteira. Isso vai ser complicado, mas está sendo elaborado.

Não vi porque importava ficar fora por uma semana, já que nunca via meu marido, mas não disse nada. Este foi o acordo que eu concordei.

— Você reservou mais quatro desfiles, — continuou Asha. — E as ofertas já estão chegando para a semana de moda, e deixe-me dizer, isso vai ser um assunto confuso. Vou esclarecer tudo com o Sr. Castelo. O que mais? Ah sim. Sobre a campanha de lingerie que você recebeu. Seu marido e o pessoal do VS[3] finalmente chegaram a um acordo. Um limitado. Você pode aceitar o trabalho, mas ele vê cada peça antes de modelá-la. Eles concordaram em deixá-lo dar o polegar para cima ou para baixo, o que foi inesperado, mas é isso.

Vincent, meu motorista, entrou na sala naquele momento, acenou com a cabeça e se sentou sem dizer uma palavra.

— Hoje, — continuou Asha, procurando nas anotações, nem sequer olhando para ele. — Ao meio-dia você tem um

[2] Yves Saint Laurent – Marca de alta costura
[3] Victoria's Secret – Marca de lingerie e produtos de beleza

almoço com sua sogra e com o conselho da Fundação Castelo. Isso vai durar várias horas. O próximo da lista é uma sessão de fotos às quatro. Terá que ir para lá diretamente do almoço. Você precisará voltar para casa e trocar de roupa para hoje à noite. Seus sogros estarão presentes. Tente não os constranger.

— Isso é tudo? — eu perguntei. Eu já sabia que todo o tempo livre restante após esse horário seria gasto comendo ou trabalhando com meu personal trainer.

— Como você não tem nada até o meio dia, eu marquei duas horas com seu treinador a partir das seis e quarenta e cinco. Vejo que você já tomou banho, mas terá que tomar banho novamente quando terminar. Cabelo e maquiagem chegarão às nove e meia para prepará-la para o almoço.

Eu apenas assenti. Eu esperava isso assim que vi que havia janelas significativas de tempo livre.

Saí para me vestir, esperando que fosse o fim da minha interação matinal com Asha.

Não tenho tanta sorte. Ela me seguiu para o meu armário.

— Os paparazzi estarão em sua academia, por isso verifique se você está apresentável.

Eu assumi o mesmo. Meu treino foi um assunto muito público. Se você tinha uma esposa nova e brilhante que

trabalhava duro na academia diariamente, por que não tirar o melhor proveito e exibi-la?

Os paparazzi montaram acampamento na entrada da minha elegante academia, tirando fotos minhas indo e vindo.

Às vezes era somente isso, e outras vezes eles podiam tirar fotos do meu treino real pela janela, como se eu fosse um sujeito inconsciente e eles fossem meus voyeurs.

Tratei-o como qualquer trabalho de modelagem, usando meus melhores ângulos para garantir que as fotos fossem pelo menos lisonjeiras.

— Eu não sei se você viu as... fotos bastante desagradáveis que eles publicaram de você dois dias atrás. Os que apresentam o seu... derrière[4].

Revirei os olhos. Claro que eu os tinha visto. Eles me pegaram no meio de uma rodada cansativa de *dirty dogs*[5] e aproveitaram ao máximo. Eu assumi que a coisa toda foi encenada, como tudo na minha vida.

— Seu marido estava bastante... agitado por aquelas, então ele preferiria se você pudesse fazer esse exercício específico em frente às janelas do nível do solo.

— Você acha que foi *minha* ideia? Reggie me diz como e onde treinar, e eu faço. Leve isso com ele e com quem

[4] Traseiro em francês
[5] Exercício para quadris, glúteos e abdômen que consiste em ficar de quatro e elevar as pernas, uma de cada vez

continuar chamando os paparazzi toda vez que eu sair de casa.

— Acredito que seu marido já tenha feito isso, mas caso ele tenha perdido algum detalhe, você deve se exibir de uma maneira mais elegante em todos os momentos.

Asha transmitir as mensagens do meu marido para mim não era novidade. Nós nunca nos comunicamos diretamente.

Foi quase risível. Eu nem tinha o número de telefone dele. Nosso *povo se* comunicava por nós.

— Você quer que eu malhe de uma maneira feminina? — perguntei, uma vantagem no meu tom - Isso não existe, Asha.

Ela ficou vermelha com o temperamento.

— Eu não entendo, — ela cuspiu furiosamente. — Como ele poderia ter encontrado alguém sem um *pingo* de decoro ou *classe*. O que ele viu que o fez escolher uma *puta de* nascimento, baixa como você, eu *nunca* vou entender, — ela estava quase espumando pela boca ao final de seu discurso.

Ah. Lá estava. Ela tentou o seu melhor para ficar friamente composta, mas essa era a vadia odiosa que me treinou para ser a noiva perfeita, sem alma e por correspondência.

— Você deveria saber melhor do que ninguém que eu não sou uma vagabunda, — disse a ela calmamente. — Você estava na sala quando fui examinada por um hímen.

— Um hímen que você *vendeu* como uma *vadia* comum.

— Duvido que vadias comuns sejam pagas tanto quanto eu, — disse a ela, puramente com o objetivo de irritá-la ainda mais. Ela não estava indo a lugar algum, e eu também não, então achei que poderia tirar o melhor proveito e dar o meu melhor.

Fiz um movimento de enxotar com a mão.

— Agora siga em frente. Essa vadia *cara* gostaria de um pouco de privacidade enquanto se veste.

— Como se você se importasse, — ela retrucou enquanto se afastava. — Eu já vi você nesses seus trabalhos de modelagem *vulgares*, posando como uma *ralé* comum para qualquer um ver.

Revirei os olhos enquanto caminhava para a grande cômoda que foi designada para o meu equipamento de treino.

Havia uma pasta no topo e estava aberta em uma página destacando um conjunto de roupas cor-de-rosa que minha *estilista* havia designado para a sessão de exercícios de hoje. Eu carreguei o caderno pelo armário.

Armário era um eufemismo em todos os sentidos. O quarto que guardava o guarda-roupa de esposa rica tinha o dobro do tamanho do meu último apartamento.

Minha roupa foi organizada de maneira errada, o que fez com que me vestisse de forma simples, mas da maneira mais complicada.

Eu tive que seguir os números que ela digitou ao lado de cada peça de roupa na prateleira correspondente.

A parte de cima era um minúsculo sutiã esportivo cor-de-rosa pálido, numerado com 67. Fui para a seção de sutiãs da sala e peguei-o em um cabide.

Coloquei o caderno na superfície mais próxima, tirei meu roupão e puxei o pequeno top por cima da cabeça.

Quando o prendi, passei a me vestir com uma calcinha fio-dental nude, depois com uma legging cor de vinho.

Até meus sapatos e meias combinavam. Pensei em reclamar quando vi que os tênis de corrida marrons que haviam sido escolhidos para mim tinham um salto escondido neles (porque quem malhava de salto?), mas decidi que não valia a pena. Se eu ia dar um ataque sobre alguma coisa, não seriam sapatos.

Uma ida à academia exigia preparação mínima, mesmo para mim, mas eu ainda cuidava da minha aparência, tratando-a como outro tipo de sessão de fotos. Apenas mais uma parte do trabalho.

Arrumei meu cabelo loiro grosso e repicado em um topete bagunçado, e depois passei a maquiagem. Eu apliquei algo leve, bem natural com um brilho rosado.

Acabei de aplicar o gloss quando ouvi meu nome ser chamado.

— Sim? — eu chamei de volta.

— Pronta, duquesa? — Chester perguntou, a voz aguda para ser ouvida do outro lado do apartamento.

— Sempre, — eu respondi, pegando minha mochila e indo para a porta.



Cinco

Apenas alguns dias após o casamento, eu tinha visto as fotos do casamento.

Eu as encontrei em revistas. Algumas divulgações foram organizadas com antecedência às várias publicações.

Ninguém se deu ao trabalho de mostrá-las para mim. Eu tive que vasculhar a internet para vê-las como todo mundo.

Elas eram de tirar o fôlego. O fotógrafo era talentoso, o cenário era sublime e éramos muito convincentes – o lindo bilionário apaixonado por sua nova e quase legal noiva modelo.

Fotos do que deve ter sido um dia perfeito, tudo fora imortalizado para o mundo ver.

Nós nos beijando no altar. Aquele breve e obrigatório pressionamento dos lábios parecia muito mais. Nosso passeio romântico para fora da igreja e pelos jardins, o sol em nossos rostos sorridentes. Sua mãe beijando minha bochecha com carinho. Seu pai me abraçando, me dando boas-vindas à família.

Eu me aconchegando com quatro damas de honra que eu só conhecia no papel.

Ele rindo com os padrinhos como se fosse o dia mais feliz da sua vida.

Outro beijo entre flores brancas, outro contato breve e superficial congelado em um momento irremediavelmente romântico no tempo.

Tantas fotos impecáveis de uma mentira espetacularmente linda. E Deus, elas foram convincentes.

Passei horas olhando para todas. Dias, provavelmente.

O fotógrafo até capturou o momento em que Calder me fez experimentar o meu primeiro gosto de champanhe e bourbon, meu novo marido sorrindo para mim com carinho. Oh, como tudo parecia encantador.

As cenas da nossa primeira dança acabaram no jornal. Eu parecia corada e nervosa e como se eu não pudesse tirar meus olhos adoradores dele. Parecia que ele queria me devorar inteira.

O fotógrafo até pegou nosso beijo 'particular' no jardim sob as estrelas. Eu olhei para aquela foto por mais tempo.

Aquele beijo ficou comigo. Eu tinha pensado nisso muito mais do que queria. Só de pensar nisso, meus lábios formigam. Eu tinha esquecido que era mesmo uma foto.

Que tola.

Bem, deu certo. Olhando para aquele abraço apaixonado, até eu me senti começando a me perguntar se

sentíamos algo um pelo outro. Ou, no mínimo, perguntava o que eu sentia por ele.

Afastei o pensamento tolo. Isso foi apenas para mostrar o poder da química sexual e da fotografia fantástica.

— Estamos aqui, Duquesa. — Chester chamou do banco da frente do Benz. Ele alternava entre andar no banco da frente e me fazer companhia no banco de trás, dependendo se esperávamos ou não ser fotografados quando saímos do veículo. Quando estávamos sendo fotografados, ele foi na frente porque achou que pareceria mais profissional e intimidador para quem pudesse pensar em mexer comigo.

Ele me explicou tudo isso muito bem desde a primeira vez que nos conhecemos. Ele tendia a fazer isso, explicar todas as razões de seus métodos. Era uma de suas qualidades mais estelares, e ele possuía algumas.

O carro parou e Chester saiu. Ele abriu minha porta para mim e me puxou para fora do carro, pegou minha bolsa de ginástica e depois se colocou entre mim e a meia dúzia de fotógrafos que estavam esperando para atacar.

Eu não estava remotamente irritada com os paparazzi (é claro que não – eles haviam sido chamados por alguém da minha equipe), mas eu não respondi nenhuma das perguntas que eles me lançaram na minha curta caminhada do carro para as portas de vidro da minha academia.

Meu personal trainer, Reggie, estava lá esperando, me deixando entrar antes que Chester ou eu pudéssemos pegar a maçaneta. Nos cumprimentamos brevemente e começamos a trabalhar.

Ele me colocou em uma esteira de frente para as janelas da frente. Na tela. Toda a sala da frente tinha sido limpa apenas para mim. Eu estava me acostumando. Mais uma vez, eu tratei tudo como um show de modelagem. Isso fez minha vida parecer mais produtiva dessa maneira, em vez de sentir que eu estava constantemente sendo perseguida e superexposta.

Era tudo sobre atitude, eu disse a mim mesma.

Andei e corri por quarenta e cinco minutos. Foi uma das partes mais agradáveis do meu dia. Conversar com Chester e até Reggie, tinha muito a ver com isso. Endorfinas também ajudavam.

Eu poderia esquecer por um momento que fiz algumas escolhas drásticas na vida. Poderia esquecer que havia trocado minha liberdade por segurança financeira. Eu podia esquecer que não falava com meu estranho marido há quase um mês.

Meus tênis de salto eram surpreendentemente funcionais para um treino. Não é confortável, perece no pensamento, mas também não é torturante.

— Asha me disse que você estava retendo água, mas eu não vejo, — Reggie estava me dizendo. — Independentemente disso, enviei algumas receitas ao seu chef que deveriam ajudar. Eles não têm um ótimo sabor, mas sempre vale a pena parar o inchaço, certo?

Eu tentei não cerrar os dentes. Foi assim que Asha se vingou. É claro que eu não estava retendo água e minha dieta já estava reduzida a mil e cem calorias por dia. Agora também ficaria sem sal e sem graça por duas semanas, pelo menos.

Eu não o corrigi, no entanto. E eu não reagiria à comida de merda e sem sabor. Reações eram o que Asha queria, e eu me tornei muito hábil em privá-la das mais satisfatórias.

Reggie recebeu claramente a mensagem sobre eu fazendo exercícios na frente das janelas, alto e claro. Depois do meu treino aeróbico, ele fez questão de me levar para uma sala diferente quando eu fiz todo o treinamento de força no solo que poderia ser feito de uma maneira sugestiva.

Terminei meu treino com voltas na piscina grande da academia. Eu ainda não conseguia me acostumar com o fato de que eles esvaziavam a sala grande apenas para meu uso, mas gostei. Havia algo tão sereno em ter aquela sala grande e ecoante só para mim. Foi a parte mais pacífica do meu dia. Eu sempre aproveitei o máximo que pude.

Tomei banho novamente, depois voltei para o apartamento, onde me entreguei à minha equipe de beleza.

Estava bem vestida com um vestido branco leve de Helmut Lang que mostrava a maioria das minhas pernas. Alguns recortes criativos nos braços deram um toque moderno à tendência do ombro de fora. Um cinto marrom Burberry acrescentou estrutura à silhueta do vestido, e o salto agulha nude Stuart Weitzman mantinham a aparência geral discreta e clássica.

Abotoei o vestido suficiente para mostrar uma boa quantidade de decote e deixei minha gola sem joias. Na verdade, as únicas joias que eu usava eram um par de brincos finos de argola de ouro e meu anel de casamento.

Bernice, minha maquiadora, me deu um rosto revigorado e afinado.

Gretchen, minha cabeleireira, alisou meus cabelos dourados em ondas soltas e despenteadas.

Quando minha preparação para o almoço terminou, saí novamente pela porta, Chester a reboque, ou vice-versa.

O almoço foi agradável o suficiente, talvez um pouco chato. Minha sogra era realmente um prazer de lidar. Ela era um rosto amigável e um tanto familiar em uma multidão de estranhos. Sempre ficava aliviada quando descobria que ela estaria em um evento.

Ela era uma mulher adorável, uma ex-modelo e atriz que se manteve em forma até hoje. Seu cabelo grosso e escuro estava preso em um coque complicado que poderia ter

envelhecido outra mulher, mas apenas destacava sua estrutura óssea impecável e olhos cinza-claros. Deus, que família linda.

Ela usava um vestido creme justo que fazia parecer que coordenamos nossos guarda-roupas.

Pelo que eu sabia, nós tínhamos.

Nos abraçamos, beijamos as bochechas e sentamos para fingir comer por três horas. O que fizemos enquanto fingimos comer foi planejar um leilão repleto de estrelas que beneficiava a Fundação Castelo, uma instituição de caridade que minha sogra havia começado vinte e cinco anos antes. Era uma instituição de caridade multifuncional, mas focada principalmente no financiamento de pesquisas sobre o câncer.

— Eu adoraria ver um desfile associado a isso, — disse ela ao conselho. — Agora que temos duas supermodelos na família, por que não usar isso? O fato de termos percorrido uma pista juntas para a caridade familiar certamente deixaria o evento mais divulgado. Você está de acordo, Noura?

— Claro, — eu respondi instantaneamente.

Na verdade, eu valorizava essa parte da minha nova vida falsa. Embora eu duvidasse que minha presença fizesse alguma coisa para adicionar à caridade já estabelecida, pelo

menos *parecia* que eu estava contribuindo com algo. Parecia proposital, e eu precisava de propósito.

Do almoço, fui diretamente a uma sessão de fotos. Modelei calças de camurça e um suéter de cashmere creme por várias horas, fui para casa, me preparei para uma festa de gala e saí novamente.

Enxágue, repita.

Ocupada, ocupada, ocupada. Exatamente como eu gostava.

Encontrei os pais do meu marido no baile de gala. Fomos fotografados juntos, e me perguntei quando as manchetes começariam a focar no fato de que a nova esposa de Calder Castelo nunca esteve com seu marido.

— Você está adorável, como sempre, — meu sogro me disse depois que nossa sessão fotográfica terminou.

Ele sempre parecia tão severo que, mesmo quando estava elogiando, saía friamente. Ainda assim, pensei ter sentido uma mudança nele. Eu não tinha certeza se era uma ilusão, mas pensei que ele estava me aquecendo um pouco mais a cada reunião.

— Você me lisonjeia, — eu disse timidamente.

— De jeito nenhum, — ele comentou de volta, sua pele profunda ficando um pouco mais escura enquanto corava. —

Sou eu que estou lisonjeado por estar acompanhando as duas mulheres mais bonitas do baile.

Se eu não soubesse melhor, acho que meu sogro estava começando a gostar de mim. Não era necessariamente de família.



Seis

Eu estava nos bastidores de um desfile. Era a tarde seguinte. Estava no meio da preparação, percorrendo as fotos de casamento falsas mais uma vez - eu as salvei no telefone - quando minha tela do celular exibiu uma mensagem para mim.

Asha: Seu marido vai levá-la para jantar logo após o seu show. Se troque rapidamente. Não o deixe esperando.

Eu apenas olhei para as palavras por um instante, tentando superar meu choque.

Eu nem sabia que ele estava em Nova York. A última vez que vi (dos tabloides) ele estava trabalhando duro e provavelmente jogando mais duro ainda em Londres.

E.

Ele não poderia ter me enviado uma mensagem? Ele ainda *tinha* o número do meu celular?

Eu enviei uma mensagem para Asha de volta.

Eu: Entendi. Ele está participando do show?

Asha: Como vou saber? Apenas esteja pronta.

Modelei dois looks – ambos brancos, o que parecia ser um tema em meus trabalhos desde o casamento. Eu suspeitava que meu marido ou sua família estivessem por trás disso. Um lembrete para o mundo de que eu era sua nova noiva brilhante.

Andei pela passarela, mas não tive coragem de procurar na multidão por ele. Eu sabia que isso me jogaria fora, e o que isso importava? Se ele estava lá, era apenas para aparências.

Depois do show, deixei meu cabelo e maquiagem como está (por que desperdiçar?) E coloquei um vestido de seda fino, creme, com uma bainha curta e um decote que acentuava meus seios e deixava pouco para a imaginação.

Eu assumi pela minha roupa que minha estilista sabia sobre meus planos de jantar antes *que eu* fosse informada.

Era um vestido perturbador para uma noite perturbadora. Gostaria de saber se faria o seu trabalho.

Eu estava entrando em um par de saltos Jimmy Choo emplumados em rosa quando senti uma mudança no ar na sala.

Eu sabia o que tinha feito isso, já senti essa energia antes, mas em vez de procurar Calder, dei uma olhada nas outras modelos, todas em vários estágios de mudança.

Era cômico como todas elas congelavam, como se tivessem cheirado sangue fresco na água.

Eu me perguntava quantas delas meu marido tinha fodido. Ele tinha a reputação de ficar uma noite com modelos de pernas longas.

Finalmente eu olhei. Não demorei muito para encontrá-lo. Sua presença grande e masculina dominava a sala.

Nossos olhares se chocaram. Meu coração disparou no meu peito, e ele sorriu como se estivesse feliz em me ver.

Era uma visão desarmante, para dizer o mínimo.

Ouvi o obturador rápido de várias câmeras profissionais disparando.

Ah, lá estava. Não havia razão para montar um palco sem uma audiência.

Eu sorri de volta.

Ele se aproximou de mim e me perguntei se deveria encontrá-lo no meio do caminho. Eu estava muito desarmada e ele se moveu muito rapidamente, então a decisão foi tomada das minhas mãos.

Era tudo o que eu podia fazer para devorar o máximo de detalhes dele antes que ele estivesse comigo.

Eu não tinha visto nada além de fotos dele desde o casamento. Eu quase tinha esquecido que ele era ainda mais bonito pessoalmente. Mais lindo do que minhas memórias tendenciosas me permitiram segurar. Mais refinado e polido do que qualquer modelo na sala.

Mais memorável e avassalador. Ele estava vestido com um terno escuro de três peças e era maior do que eu lembrava. Mesmo em uma sala cheia de divas altas, sua estatura exigia todos os olhos.

Seu cabelo escuro estava puxado para trás do rosto. Isso trouxe à tona sua estrutura óssea perfeita e rígida. Lindo como a mãe dele. Obras de arte, essa família. E os olhos dele. Deus, os olhos dele. Cinzento pálido contra sua profunda pele cor de oliva, com intensidade suficiente para fazer meus joelhos ficarem fracos.

Ele tinha algo na mão, mas eu mal tive tempo de notar antes que ele passasse o braço livre em volta do meu ombro para me puxar para um abraço.

— Olá, Sra. Castelo, — ele disse rispidamente.

Eu olhei para ele.

— Olá, Sr. Castelo.

Eu mal consegui falar as palavras antes que ele se curvasse, colocando seus lábios nos meus. Ele deu um beijo em mim.

Eu sabia que era superficial, um beijo para as câmeras. Um beijo de cinema.

Eu me apaixonei por isso de qualquer maneira.

Um de seus braços estava levemente enrolado nas minhas costas, sua mão segurando minha cintura. Sua outra mão estendida para tocar levemente a parte de trás da minha cabeça. Ele me molhou um pouco. Seus lábios eram tão suaves quanto eu lembrava. Durou apenas um minuto, mas eu estava segurando suas lapelas e esquecendo onde estávamos muito antes disso.

Ele se afastou mais rápido do que eu queria, endireitando, seus olhos calmos estudando meu rosto.

Ele não parecia ter feito nada.

Eu tive que educar meu rosto de volta à compostura, fechar minha boca frouxa e piscar meus olhos para fora de meu torpor. Levou algum esforço.

— Vejo que você está indo muito bem, — disse ele com total compostura. — Trouxe uma coisa para você, — ele colocou uma grande caixa de veludo em minhas mãos.

Não respondi por um longo momento, apenas olhando para o presente que obviamente era joia.

— O que é isso? — eu perguntei.

— Um presente para minha linda noiva. Abra.

— Abrir *aqui*? — eu perguntei, e instantaneamente quis pegar as palavras de volta. Claro, aqui. Ele estava claramente organizando um momento para os tabloides.

— Sim. — seu sorriso não alcançou seus olhos, mas eu tinha certeza que fotografaria da mesma maneira. Ele sabia o que estava fazendo. Ele foi criado em uma família bonita, rica e famosa. Fotogênico não começa a descrevê-lo. Mais como live-action-video-gênico.

Voltei minha atenção para o meu presente. Eu tive que me preparar mentalmente para dar a reação certa para as câmeras.

Este é apenas mais um trabalho de modelagem, disse a mim mesma enquanto abria a caixa. *Apenas jorra como se estivesse fazendo um anúncio para a Tiffany's.* Inferno, talvez eu aterrisse algo com eles a seguir. Esta poderia ser a minha audição.

No interior, havia um diamante deslumbrante e uma gargantilha, brincos e pulseira de pedras amarelas.

Eu conhecia essas joias. Era a coleção de topázios de sua mãe. Valia uma pequena fortuna no valor de um ponto dois milhões de dólares.

Não foi um presente, mas um empréstimo. Eu sabia disso porque nosso acordo pré-nupcial era bastante detalhado sobre essas coisas. Se ou quando nos divorciarmos, eu não ficaria com nenhuma jóia da família, independentemente de quão publicamente ele a desse para mim.

Eu peguei tudo isso em apenas alguns segundos e depois soltei a resposta apropriada, ofegando alto, minha mão livre voando para minha garganta. Meus olhos excitados voaram até os dele e sorri com a alegria falsa que pude reunir.

— Oh meu Deus, Calder! Eles são lindos. Você não deveria.

— É claro que eu deveria, — ele disse com um sorriso encantador. Seus olhos estavam em mim, mas eu sabia que nosso público tinha toda a atenção dele. Eu era um acessório menos importante para ele do que essas joias, embora pelo menos eu pudesse me tranquilizar dizendo que, depois da noite de núpcias, valia muito mais.

— É o nosso aniversário de um mês. Você não percebeu?

Eu não percebi. Foi por isso que ele estava me levando para sair? Deve ter sido, mas eu não podia imaginá-lo voando para a cidade apenas por isso. Não depois de um mês sem contato.

Eu me recuperei da minha surpresa rapidamente.

— Claro! — eu disse com alto entusiasmo. — Como eu poderia esquecer um marco tão monumental?

Ele sorriu, e estava um pouco torto, apenas um canto da boca se erguendo. Era menos perfeito do que o seu habitual sorriso reto, polido e fraudulento.

Eu realmente o diverti com esse absurdo, percebi.

Por que isso aqueceu meu peito de prazer?

— Em cada aniversário de um mês, vou te envolver em novas joias, esposa.

— Você me mima, marido.

— Felizmente.

Quando se tratava de palhaçadas de modelo nos bastidores, eu sempre fui uma das mais calmas. Não causei muito drama, nem fiz muitas ondas. Eu tendia a me guardar. Eu vi isso como um trabalho que eu queria manter, então tentei ser profissional, sempre. Eu era amigável com as garotas que não eram terríveis, embora eu nunca tivesse feito nenhum amigo íntimo no negócio. Eu tive muito tempo para me abrir e ser vulnerável para deixar alguém se aproximar, então eu tendia a encontrar um toque distante ou até frio. Era um mecanismo de defesa, mas nunca havia me conquistado nenhum concurso de popularidade.

Tornar-me Sra. Castelo mudou tudo isso de uma maneira sutil. Eu recebi mais atenção agora em geral, boas e más. O oportunismo lutou com ciúmes pelo que encontrei com mais frequência. Houve um vencedor diferente de um dia para o outro.

O ciúme definitivamente venceria neste dia, vi meus olhos varrerem a multidão no caminho para fora da grande sala lotada.

Calder me puxou para perto dele, seu braço em volta da minha cintura possessivamente.

Sorri da maneira mais amigável que pude reunir em cada par de olhos que encontraram os meus.

Quem poderia imaginar quanto tempo duraria essa farsa de casamento? Não conhecia bem nenhuma das outras mulheres, mas não queria ser uma pária social quando tudo estivesse dito e feito.

Fui levada rapidamente dos bastidores para um carro. Era meu Benz habitual, Vincent dirigindo, Chester trabalhando como segurança.

O silêncio reinou a caminho do jantar. Não foi um silêncio confortável. Foi estranho saber que eu não sabia a primeira coisa sobre tentar interagir mesmo casualmente com meu marido.

E ele não me tocou quando estávamos fechados dentro do veículo. Na verdade, ele estava sentado tão longe de mim quanto o banco traseiro permitiria.

Por que eu senti uma pontada de decepção por isso? O sentimento foi seguido rapidamente por irritação comigo mesmo. Menina tola.

— Quando você chegou em Nova York? — eu perguntei a ele, meu tom educado e impessoal.

Ele não me deu um olhar, seu olhar treinado para fora da janela.

— Não é importante, — disse ele, com um tom de finalização.

Chester olhou brevemente para trás do banco do passageiro para me fazer uma careta de simpatia.

Essa foi a minha primeira e última tentativa de conversa no carro.

Chegamos a Beautique em Midtown. Eu nunca estive lá, mas ouvi falar. Era um ponto de referência famoso para encontros de celebridades. Eu não fiquei surpresa. Nossa noite inteira juntos foi obviamente para publicidade.

Calder dispensou meu motorista e guarda-costas casualmente quando saímos do veículo.

— Não precisamos mais dos seus serviços para a noite, senhores.

— Mas e quanto à segurança? — Chester disse, pego de surpresa. Manter-me em segurança tinha sido seu único objetivo no mês passado. — Devemos pelo menos esperar para levá-los para casa?

Calder olhou para ele. Não foi amigável.

— Acho que não vamos nos confundir. Você está dispensado.

Chester voltou ao carro, sua relutância inconfundível em todas as linhas de seu corpo.

— Ele gosta de você, — meu marido comentou desapaixonadamente quando fizemos o nosso caminho para dentro. Ele estava liderando com uma mão no meu braço. Andamos lado a lado, comigo lançando olhares para o rosto dele.

Dei de ombros, consciente de seus olhos me estudando de perto.

— Passamos cada segundo juntos, e ele é bom em seu trabalho, então é claro que somos amigáveis.

Sua boca se torceu em um sorriso feio. Desviei o olhar e não olhei para trás, mesmo quando ele falou, sua voz rouca.

— Suponho que é uma segunda natureza para você, enrolar coitados no dedo mindinho. Espero que você saiba que sou imune a isso. Para você.

Isso doeu o suficiente para que eu não pudesse esconder um suspiro chocado ofegante. Deus, ele era mau.

— Eu estou ciente, — eu consegui vomitar de volta para ele em um tom suave.

— Bom.

Fomos enviados a uma cabine no instante em que entramos na porta. Era cedo, então o restaurante estava silencioso o suficiente para que pudéssemos conversar em voz baixa e ainda assim nos ouvirmos.

Sentamos lado a lado, quadril a quadril.

Um copo de vinho branco foi imediatamente colocado na minha frente.

Agradeci ao garçom, engolindo profundamente o líquido frio e refrescante.

Eu tinha ficado um pouco melhor em beber desde a nossa noite de núpcias. Não é ótimo, mas muito melhor.

— Costuma beber vinho agora? — meu marido me perguntou.

Eu não olhei para ele, mas ele parecia divertido.

— Sim. Pelo menos acho que sim. Tento tomar exatamente dois copos em galas, nem mais nem menos. Isso parece funcionar bem.

— Parece sensato.

Eu assisti sua mão grande enquanto ele levava seu próprio copo de bourbon com pedras de gelo até os lábios.

— Como foi Londres? Você terminou o seu negócio lá? — eu perguntei a ele, tentando manter a conversa. Tentando criar uma conversa em primeiro lugar. Além disso, eu estava curiosa.

— Esqueça de mim, — disse ele friamente. — Fale sobre você. Como você está se ajustando? Você gosta do apartamento?

— Claro, — eu disse automaticamente. — É muito bom, obrigado por perguntar.

O que mais eu poderia dizer?

É perfeito, mas também muito extravagante. Muito para uma pessoa. Tem a maior e mais solitária cama em que eu já dormi.

Não. Eu não diria nada disso.

— E você tem tudo que precisa? — ele perguntou.

— Sim, obrigada, — respondi.

— Se isso mudar, não hesite em informar Asha. Ela vai garantir que seja resolvido.

Eu quase ri. Quase revirei os olhos.

Claro que ele não me disse para informá-lo diretamente. Deus não permita que eu possa me comunicar com meu próprio marido.

Se contenha, eu disse a mim mesma. *Foi para isso que você se inscreveu. É isso que significa um casamento de conveniência.*

Não poderia ter funcionado melhor, eu me lembrei. *Você não quer gastar tempo com ele. Apenas sorria, pegue e conte o dinheiro.*

Honestamente, quando decidi me colocar no famoso Catálogo das Noivas, um marido que me ignorasse tinha sido o melhor cenário. Eu precisava lembrar disso.

Era um plano tão simples, então por que se tornou muito mais difícil executar de maneira limpa assim que meu marido chegou perto de mim?

Minha mãe costumava dizer que era bom ter conflitos dentro de você. Eu nunca tinha entendido completamente o que ela queria dizer, mas aparentemente eu tinha levado essas palavras para o fundo do meu coração. Mesmo quando consegui exatamente o que desejava, ainda não estava contente.

— Você ficará em Nova York por muito tempo? — eu perguntei a ele.

— Não tenho certeza. Depende do trabalho. Como está indo a modelagem?

— Está indo bem. O trabalho é estável. Isso me mantém ocupada. É divertido. Estou recebendo tantas ofertas que acabo recusando empregos. Essa é uma mudança refrescante.

Eu estava divagando? Não sabia o que dizer para ele. Nada parecia certo. Eu não queria ofendê-lo, e certamente não queria aborrecê-lo, mas ele estava tão firmemente contra mim que senti que estava destinada a fazer um ou outro.

— Bem, isso é bom, — disse ele, parecendo desinteressado o suficiente para adormecer. Ele bebeu o resto do bourbon e o garçom reapareceu, pegando seu copo velho e colocando um novo.

Ele bebeu aquele em menos de trinta segundos. Nosso garçom já tinha outro pronto antes que Calder pudesse pousar o copo.

— Eu não tenho uma regra de dois drinques, — comentou ironicamente quando recebeu um quarto drinque pouco tempo depois.

Eu tinha me recolhido. Enviei-lhe um sorriso de lado, mas ele não estava olhando para mim. Ele estava olhando para o copo como se estivesse pensando se deveria terminar outra rodada.

Não poderia estar mais claro que ele preferiria estar em outro lugar. Sem surpresa, nosso primeiro 'encontro' não estava indo bem.

Eu esperava que fosse tarde demais para ele me enviar de volta com um reembolso total.



Sete

— Você recebeu um convite de Millie Bancroft? — ele perguntou.

Nosso primeiro prato chegou, e eu estava mexendo minha salada de cenoura assada, fingindo comê-la. Ele já havia limpado o prato.

Eu não estava esperando a pergunta, então tive que pensar por um momento antes de poder responder.

— Hum, sim. Ela me convidou para uma noite de garotas daqui a algumas semanas. Ela e alguns amigos vão dançar em um clube. — eu olhei para ele enquanto falava, assumindo que ele me dissesse para não ir. A cena da boate dificilmente era boa para sua esposa.

Ele deu de ombros, ainda encarando sua bebida.

— Você deveria aceitar. Ela é a esposa de um dos meus melhores amigos. Ela era sua dama de honra. Seria bom se vocês duas pudessem ao menos fingir que são legais uma com a outra.

Eu não esperava isso. Quanto mais tempo passava com seu círculo de amigos, mais aparente ficava para eles que nosso casamento era uma farsa. Eu assumi que ele iria querer evitar isso.

— Como eu entraria no clube? — eu perguntei a ele. — Eu procurei quando recebi o convite. Precisa ter vinte e um anos.

— Deus, eu continuo esquecendo disso. — ele disse como se fosse um pouco horrível. — Quantos anos você tem, afinal?

— Você não sabe quantos anos eu tenho? — eu não fiquei ofendida. Eu estava surpresa. Dezoito em ponto custam mais no catálogo da noiva.

— Eu sei é claro, que você é legal, mas não me lembro dos detalhes. Para ser franco, não sei nada sobre você e não quero.

Eu olhei.

— Você não sabe *nada* sobre mim? — eu repeti de volta, tentando desembrulhar suas palavras.

— Foi o que eu disse, — ele enunciou lentamente. — Eu escolhi você desse catálogo porque seu rosto deixou meu pau duro. Além disso, eu realmente não me importo o suficiente para aprender mais.

Eu não sabia que ele tinha me escolhido. Eu mais do que suspeitava que seu pai tivesse feito isso.

Por que, de todas as coisas terríveis que ele acabara de me dizer, minha mente se concentrou apenas nesses pequenos detalhes?

Além do mais, por que senti uma emoção pouco indesejada com o conhecimento?

Percebi depois de um tempo que ele não voltaria a falar.

— Então todo o resto... — comecei hesitante. Confusão genuína guerreava dentro de mim. — O teste de QI. A avaliação psicológica. O fundo de verificação. Os testes de compatibilidade. Os exames médicos. Seu pessoal me pesquisou sobre quem eu sentava ao lado na terceira série.

Ele deu de ombros, seus olhos correndo sobre mim de uma maneira superficial e depois se afastando.

— Eu não ligo para nada disso. Esse foi o meu pai. A *coisa toda quem* estava fazendo era o meu pai. Eu não queria me casar. Eu ainda não quero. Tive sorte de ter uma opinião sobre como você era. Foi quase um rompimento de acordo.

Isso fazia sentido, eu supunha. Não significava que não era um pouco chocante ouvi-lo sair diretamente de sua boca. E com *tanto* desprezo.

— Voltando à sua pergunta, — eu disse lentamente depois que ficou claro que ele terminou de falar - Eu tenho dezoito anos.

Ele se encolheu, desviou o olhar e depois voltou. Seus olhos pegaram na minha bebida. Ele pegou e colocou-o decisivamente longe de mim.

— Você é jovem demais para isso, — ele murmurou.

— Então, sobre Millie e o clube com mais de vinte e um anos, — eu disse. — Vou dizer que não.

Ele não revirou os olhos para mim, mas eu poderia dizer que estava perto.

— Se você acha que vai receber um cartão, não está prestando atenção, — ele disse, obviamente irritado. — Deixe sua segurança lidar com esses tipos de detalhes e diga a Millie que sim.

Eu quase respondi com um sarcástico: Sim, senhor, mas me contive.

— Tudo bem, — eu consegui falar em seu lugar.

Nosso prato principal chegou e o silêncio reinou novamente por um tempo.

Dei algumas mordidas no meu branzino enquanto ele devorava seu bife.

— Você não gosta? — ele me perguntou quando o garçom levou nossos pratos.

— Foi ótimo, mas eu enchi de salada.

— Não, você não fez, — ele contradisse. — Você deu duas mordidas naquela salada e a empurrou por dez minutos.

— Eu não quero passar por cima da minha contagem de calorias, — eu nivelei com ele. Era a verdade. Eu fiz uma sessão de fotos pela manhã que envolvia roupas apertadas.

Ele estava levantando o quinto bourbon para a boca, mas ele parou no meio do movimento, colocando o copo de volta.

— Você não comeu quase nada.

Virei minha cabeça para encontrar seus olhos e tentei manter minha expressão perfeitamente em branco.

— Estou em uma dieta rigorosa. Para o trabalho. — ele também pode se acostumar com meus hábitos alimentares.

— O que você pediu não era comida suficiente para alimentar um coelho, e você mal o tocou, — ele parecia zangado e um pouco bêbado. — Defina *restrita*.

— Estou restrita a mil e cem calorias por dia, — admiti.

— *Mil e cem calorias?* — ele perguntou incrédulo. Ele não entendeu o que as modelos tinham que fazer para manter o tamanho de cabides. Ele sabia como transar com elas, mas claramente não tinha ideia de como alimentá-las. Mil e cem na verdade não eram nem ruins. Foi generoso. Esse era o número de manutenção. Quando eu estava tentando perder peso, podia variar de novecentos a quinhentos.

Eventualmente eu assenti, estudando seu rosto.

Ele parecia mais irritado do que o normal por algum motivo. Os lábios dele se curvaram em desgosto e ele jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Bem, esse absurdo está chegando ao fim. Vou falar com o seu chef.

Eu endureci. Se você mexeu com a dieta de uma modelo, mexeu com a carreira dela. Se ele odiasse nosso acordo o suficiente para que ele quisesse me sabotar, seria uma boa maneira de fazê-lo. Eu quase o confrontei, mas me forcei a recuar. O que quer que ele tenha tentado fazer com a minha dieta, não importaria. Eu agiria bem, fingiria comer o que fosse colocado na minha frente, moveria a comida ao redor do meu prato, etc., mas se passasse da minha contagem de calorias, eu simplesmente não a consumiria. Eu estava acostumada a me negar. O autocontrole rígido era uma velha amiga minha.

Ele chamou o garçom.

— Minha *esposa,* — ele enfatizou a palavra de uma certa maneira, como se a considerasse tão desagradável e opressiva que ele queria que até estranhos a conhecessem. — Gostaria de sobremesa. Um rocambole de mousse de praliné, eu acho. E eu vou ter outra rodada. Obrigado.

Eu esperei até o homem sair antes de dizer baixinho:

— Eu não posso comer isso.

Ele me enviou um olhar menos do que amigável.

— Conceda-me isso. Meu pai me forçou a voar de Londres para cá, só para levá-la a um *encontro romântico*, então acho que você pode repassar suas calorias por uma noite.

A sobremesa chegou e, com um suspiro, eu concedi isso a ele, o tempo todo calculando quanto mais tempo eu precisaria na esteira para compensar as calorias extras.

Nós não falamos por um tempo, e o silêncio entre nós parecia menos estranho / hostil e mais carregado. Carregado com algo interessante.

Sim, ele me odiava. Mas ele também meio que admitiu que estava atraído por mim. Apesar de tudo, eu também fiquei atraída por ele. Era difícil não ser. Ele era tão bonito quanto mau.

O que ele está pensando? Eu me perguntei, estudando-o enquanto dava uma pequena mordida na minha sobremesa decadente, mexendo o resto no prato para fazê-la parecer menor.

Deus, ele é lindo, minha mente confusa e zumbida me disse.

Eu queria tocá-lo, me inclinar para ele. *Principalmente* eu queria ler sua mente.

Esse último estava fora de questão, mas o que ele faria se eu tentasse o primeiro? Se eu apenas esticasse a mão e

escovasse aquela mecha de cabelo escuro e sedoso para trás de sua têmpora?

Esse era o problema com ele. Ele parecia *palpável,* por mais intocável que fosse. Bem, esse era *um* dos problemas, outro era o fato de eu ser casada com ele e ele não me aguentar.

Ele virou a cabeça, seus olhos encontrando os meus com uma intensidade que eu não consegui identificar. Ele pegou a colher, pegando um pequeno pedaço de mousse.

— Você quer provar? — ele perguntou, as palavras sucintas.

Minha mente não estava na sobremesa quando exalei um suspiro.

— Sim.

Ele colocou a colher nos meus lábios. Nossos olhos ficaram trancados quando eu peguei.

Quando terminei, ele afastou a colher. Colocou ao lado do prato, me observando de perto. Eu não conseguia desviar o olhar. Seus olhos tinham um jeito de me manter em cativeiro. Eu me ressenti, mas isso fez eu me sentir *viva.*

— Olhe para isso. Nós mal nos conhecemos e aqui estou alimentando você.

Eu puxei uma respiração instável, depois outra.

Ele colocou o cotovelo na mesa entre nós, mantendo uma barreira clara. Enquanto eu observava, ele moveu o braço, colocando-o ao longo do assento almofadado atrás de mim.

— Chegue mais perto, — ele me disse suavemente.

Inclinei-me para ele, aproximando meu rosto do dele.

— Mais perto, — disse ele, a voz ainda mais suave. Seus olhos estavam na minha boca.

O braço ao longo do meu encosto envolveu meus ombros, me puxando para mais perto ainda, até nossos lábios ficarem a uma respiração de se tocar.

— Eu preciso soletrar para você? — ele soprou as palavras direto nos meus pulmões e, de alguma forma, as palavras foram notavelmente desapaixonadas. — Você deveria me beijar agora.

Não podia recusar, mas além disso, não queria. Fechando os olhos, pressionei minha boca na dele. Eu pensei que seria breve e arrumado. Rápido e limpo.

Não era. Era pura sujeira.

Sua boca na minha não era adequada para o público. No início, foi apenas uma breve pressão suave, nossos lábios esfregando juntos, para frente e para trás, para frente e para trás. O mais breve contato provocador. Isso não importava.

Foi o suficiente. Foi demais. Eu respirei fundo estremecendo por um instante.

Eu nem tinha certeza de como um beijo poderia ser tão indecente quando ele mal estava me tocando.

Seus deliciosos lábios travaram nos meus e foi um ataque classificado como R nos meus sentidos. R fez progresso lento em X quando seus lábios macios deslizaram sobre os meus, sua língua lambendo profundamente na minha boca, puxando minha língua para brincar com a dele.

Eu era inexperiente em beijar, para dizer o mínimo, e certamente nunca esperei um beijo assim. Não tive defesa contra isso. Fiquei um pouco mole contra ele, inspirando-o, deixando sua presença me dominar.

Ele tinha gosto de álcool, mas mais doce, o sabor *dele* misturado com bebidas destiladas. Ele acariciou sua língua contra a minha em um ritmo que trouxe à mente outro ato menos agradável.

Ele colocou uma das minhas pernas no joelho embaixo da mesa. Estava escondido sob a longa toalha branca, mas eu ainda estava ciente do fato de que isso trouxe minha saia já curta no alto das minhas coxas, expondo minha calcinha.

Ele se afastou um pouco.

Eu observei seu rosto, tentando ler sua intenção.

A palma da mão estava na minha coxa, esfregando e subindo a um ritmo alarmante.



Oito

— Estou curioso, — disse ele, sua mão nunca parando seu movimento de distração. — Conte algo. Foi-me dito que você foi *treinada,* — ele enfatizou a palavra. — para o leito conjugal. Afinal, o que isso quer dizer?

— Quanto você gostaria de saber?

Ele refletiu sobre, seus olhos enigmáticos, sua grande mão esfregando e amassando na minha parte interna da coxa.

— Conte-me tudo.

— Eu sei como me preparar para você. Ou como... compensar caso eu queira algo... como isso ... e você não ter vontade de cuidar de mim. — as palavras eram uma bagunça confusa e eu mal podia olhar para ele depois de dizer.

Ele olhou.

— Você está dizendo que eles te ensinaram a se masturbar?

Eu não conseguia olhar para ele, e meu corpo inteiro estava corado de vergonha e algo mais. Algo quente e vergonhoso.

— Entre outras coisas, sim. Com minhas próprias mãos e brinquedos, embora eu não pudesse colocar nada além de meus próprios dedos dentro de mim. É claro que tive que manter a prova intacta até a noite do casamento.

— É claro, — ele concordou com total sarcasmo. — Então o que você aprendeu? Sobre o seu próprio prazer. Onde você gosta de ser tocada?

— Os lugares de sempre.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Seja mais específica, por favor.

Eu queria afundar no chão, mas não hesitei. Este foi um teste, e eu tinha estudado muito para isso.

— Meus seios, mamilos e clitóris, é claro. Minha parte interna da coxa ...

— Como onde estou esfregando agora? — ele interrompeu, apertando minha perna.

Eu respirei fundo.

— Sim.

— Continue. Onde mais?

Eu tive que limpar minha garganta antes de encontrar minha voz novamente.

— Aquele ponto que você está atingindo, até minha virilha. E minhas costas são particularmente sensíveis. Minha nuca, ombros e o local onde meus ombros encontram meu pescoço.

— Você tocou suas próprias costas? — houve uma mordida na pergunta.

— Um massagista foi trazido para encontrar todos os lugares que eu não conseguia alcançar facilmente.

— Quem era? — ele perguntou.

— Perdão?

— O massagista. Eu gostaria de um nome.

Algo em sua voz fez com que o mais estranho pavor subisse pela minha espinha, mas eu respondi prontamente.

— Thomas. Não sei o sobrenome dele.

— Entendo, — ele disse calorosamente.

— O que você entende? — eu perguntei.

— Eles mandaram outro homem colocar as mãos em você para prepará-la para mim. Eu não vejo como isso iria ajudá-la aprender a dar prazer a si mesma, e *eu* certamente nunca concordei com ele. — temperamento, temperamento — Mas continue. O que mais você acha que é esperado de você?

— Quando você vier para a nossa cama, vou deitar de costas, colocar os calcanhares no colchão e abrir as pernas

para você. Vou me oferecer para chupar você. Também fui instruída que, se doer ou for bom, devo me esforçar para manter uma expressão agradável no rosto. Se solicitado, eu conversarei enquanto você estiver fazendo isso. Foi-me dito que você gosta de falar sujo quando está dentro de uma mulher.

— Meu Deus. Sei que já disse isso antes, mas vou repetir, eles não perderam nenhum truque, não é? — sua pergunta era incrédula e nítida, com um tom amargo.

Tive a nítida impressão de que ele achou tão desagradável quanto eu.

— Eles foram muito detalhistas, — eu o tranquilizei. Não duvidava que, se achassem que eu de alguma forma menosprezasse seus esforços, me fariam pagar por isso.

— Eu queria que eles garantissem que você entendesse o que esperar de mim, mas eu não sabia que seriam assim... zelosos por isso. Bem, pelo menos você não terá ilusões sobre esse acordo.

— Eu não vou, — eu disse sucintamente.

Ele ficou em silêncio por um tempo, então disse:

— Você disse que se ofereceria para me chupar. Eles ensinaram você a fazer isso também?

— Claro.

— É claro, — ele repetiu lenta e ironicamente. — Diga-me o que eles ensinaram à minha pequena *esposa* obediente.

O álcool estava ajudando. Eu não tinha certeza de que eu poderia ter conseguido proferir qualquer uma das palavras sem ele, mas um rubor amaldiçoado ainda apareceu em minhas bochechas enquanto falava:

— Eu não me destaco na garganta profunda. Eu tenho um reflexo de vômito... então aprendi a chupar muito e a usar muito minhas mãos... com um aperto muito firme...para compensar a falha. Disseram-me que isso pode ser tão satisfatório para você, se eu fizer direito.

— E o que exatamente você aprendeu? — ele perguntou, e havia um corte em cada palavra. — Eles não trouxeram um pau de verdade para ensinar você, eu espero... — ele demorou e eu pude ouvir algo feio sob sua voz baixa.

Por que isso está deixando ele com raiva? Pensei.

— Não, claro que não, — respondi finalmente, depois listei os vários objetos que pratiquei sugando para seu benefício.

Eu estava muito constrangida para roubar um rápido olhar para ele.

Ele tocou a borda da minha calcinha.

— Não se preocupe, esposa. Hoje é o nosso primeiro encontro e, por mais que seja opcional, sinto vontade de *cuidar* de você.

Eu me contorci, olhando em volta. Ele não faria. Não em público. Ele faria?

— Ninguém pode ver minha mão, — ele me assegurou, a voz baixa - Eu vou satisfazer você. Bem. Aqui.

Um calafrio profundo penetrou em mim. Também não tremia de repulsa. Foi uma *delícia*. O que estava errado comigo? Meus olhos dispararam para os dele. Minhas bochechas estavam coradas. Eu estava bem e verdadeiramente escandalizada.

— Mas estamos em *público*.

— Estamos, — ele concordou. — Este é um lugar muito movimentado, e está ficando cada vez mais lotado. Você vai ter que se comportar. Contenha suas reações. Fique quieta. Você acha que pode fazer tudo isso?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não faço ideia.

— Você está me dizendo que eles não treinaram você para isso? — eu pensei que ele poderia estar realmente me provocando, mas eu estava muito alarmada para tentar descobrir.

— Eles não me treinaram para isso.

— Bem, tente o seu melhor, ok?

— OK.

— Dê-me sua boca novamente, — ele disse em sua voz profunda e fria.

Eu dei e não pude abafar meu suspiro quando seu dedo passou pela minha calcinha e alcançou os lábios do meu sexo. Foi desorientador. E excitante. Ele me esfregou lá, seu toque leve, seus lábios firmes, quentes e *deliciosos* contra os meus.

Uma das minhas mãos agarrou a mesa, a outra segurando a lapela do paletó enquanto eu chupava sua boca, consciente de cada movimento minúsculo de sua mão embaixo da mesa.

Ele afastou a boca apenas o suficiente para falar.

— Você está molhada, — ressaltou, seu tom cheio de algo quente e viciante, e começou a me beijar novamente.

Abruptamente, ele enfiou um dedo em mim onde estava molhado. Eu ofeguei em sua boca.

Ele segurou profundamente dentro de mim, acariciando no ponto mais viciante. Com um toque suave, seu polegar começou a brincar com meu clitóris.

— Você não é tão fria e desapaixonada quanto parece - comentou com irônico desapego.

Eu não respondi com palavras. Não pude. Suas ações estavam monopolizando todo o meu oxigênio. Eu ofeguei contra ele como uma cadela no cio.

Ele falou na minha boca, sua voz estridente e baixa, finalmente mostrando a fraqueza de seu desejo.

— Você não está fria. Você está queimando, e firme o suficiente para abraçar meu dedo. Você tem alguma ideia do que isso faz com o meu pau?

Eu ainda era incapaz de responder. Calor líquido me inundou. Ele começou a bombear dentro e fora de mim com golpes concisos e medidos. Ele manteve o polegar contra o meu clitóris, a pressão contra ele diminuindo e fluindo a cada movimento medido de sua mão.

Ele acariciou sua língua na minha boca. Instintivamente eu chupei. Ele trabalhou dentro e fora até que estava fodendo em mim, assim como seu dedo.

Com um pequeno gemido sexy, ele mergulhou um segundo dedo em mim e começou a acariciar naquele local profundamente dentro de mim novamente.

Até então, eu não me importava que estivéssemos em público. Eu não me importava se alguém notasse o que estava acontecendo debaixo da mesa. Coloquei os dois braços em volta do pescoço e puxei desesperadamente sua boca.

Ele me fodeu com seus dedos implacáveis, trabalhando em um ritmo constante até que eu senti meus olhos

revirarem na minha cabeça, o mundo inteiro ficando confuso quando meu clímax me levou a ondas pesadas e derretidas.

Ele manteve os dedos bem dentro de mim, afastando-se do nosso beijo para ver meu rosto.

Meus olhos se abriram, e foi uma luta, mas me obriguei a encontrar seu olhar quando desci do meu alto sensual. Meu sexo ainda estava ondulando em torno de seus dedos.

Foi bastante gratificante ver seu rosto duro ficar um pouco frouxo de desejo.

— Boa menina, — ele murmurou com uma voz rouca. — Em breve, muito em breve, vou provar você. Vou enterrar meu rosto na sua boceta e memorizar cada último mergulho seu com a minha língua.

Ele se conteve, os traços endurecendo novamente quase instantaneamente em sua máscara estoica fria e normal.

Isso não importava. Eu já tinha visto. Ele não era tão imune a mim como fingiu estar a noite toda. A realização me deixou ousada.

Ele começou a puxar os dedos para fora de mim. O delicioso arrasto deles me fez contorcer quando eu disse:

— Isso é tudo? — parecia que eu estava corando da cabeça aos pés, mas estava orgulhosa de mim mesma por ter divulgado as palavras.

Ele estudou meu rosto, suas narinas dilatando.

— Você sabe o que? Acho que não. Não vamos levar isso tão longe hoje à noite. A última vez que transamos, não saiu muito bem, se você se lembra. Era obrigatório, graças ao meu pai controlador. Acho que vou treiná-la melhor antes de tentarmos novamente.

Corei mais, mas por diferentes razões. Era por isso que eu não o via há um mês? Eu estava me lisonjeando ao assumir que ele precisava *ter* um motivo para não me ver?

Eu me fiz encontrar seus olhos e falar claramente.

— Foi minha primeira vez. E eu nunca tinha bebido tanto assim. Eu não estava doente por causa *disso.*

Ele quase teve seus dedos fora de mim, mas com isso ele os colocou de volta.

— Bem, isso é um alívio.

Eu ofeguei, pronta para ir de novo.

— Por favor, — eu choraminguei.

Ele pegou minha boca brevemente, seus dedos se arrastando para longe de mim. Ele falou contra os meus lábios, mas suas palavras não combinaram com a suavidade de seu toque.

— O show acabou. É hora de ir. Recomponha-se. Endireite seu vestido. Quando suas pernas estiverem firmes, vá ao banheiro e arrume seu cabelo e maquiagem. E, pelo

amor de Deus, — ele continuou severamente, — tente tirar essa expressão de 'me foda' do seu rosto.

Eu me afastei dele com lentidão deliberada. Foi um esforço para não recuar rápido.

Havia um nó de tensão doentia no meu estômago, como eu fiz como ele havia instruído, colocando meu vestido de lado, pegando minha bolsa e andando com tanta dignidade quanto pude reunir no banheiro.

Minha mente estava girando com a maneira como ele ficava quente e frio comigo a cada passo que eu dava, suas últimas palavras ecoando em minha mente. Fale sobre mudanças de humor.

Levei meu tempo na sala, alisando meu cabelo, retocando minha maquiagem.

Eu me perguntei o que passou por sua cabeça. Eu me perguntei se realmente queria saber. Ele provavelmente só me achou tola e irritante. Era uma tarefa para ele até *fingir* um encontro comigo. E a única vez que fizemos sexo...bem, isso não tinha me encantado muito.

Saí do banheiro com uma mente otimista para mudar tudo. Não havia muito que eu pudesse fazer sobre os afetos dele ou a falta deles, mas a atração entre nós era tão real e visceral que tinha seu próprio pulso. Poderíamos pelo menos fazer com que uma coisa entre nós vivesse o potencial que era

óbvio até mesmo pra uma pessoa tão sem experiência e praticamente virgem como eu.

Ou, no mínimo, poderíamos trabalhar para fazer uma atualização da noite de núpcias.

Eu estava determinada que desta vez quando ele me deixasse, seria com melhores lembranças do que me ver correndo para o banheiro e vomitando logo depois que ele terminasse.

Quando voltei para a mesa, ele estava carrancudo ao telefone.

— Algo errado? — eu perguntei, deslizando de volta para a cabine ao lado dele.

Ele imediatamente guardou o telefone, com suavidade e neutralidade.

— Não. Você está pronta para ir?

Eu assenti, levantando-me novamente.

Ele não me tocou enquanto passávamos pela sala de jantar lotada nos fundos para o salão mais lotado. Mesmo quando fizemos a curta viagem da porta da frente até o banco de trás de uma limusine, não havia nenhum contato.

Eu pensei que isso era estranho. Se tudo isso era para mostrar, por que ele estava tão visivelmente distante em um lugar tão público?

Eu o estudei quando o carro começou a se mover e percebi que, seguindo seu comportamento e expressão, ele estava profundamente chateado com alguma coisa. Eu queria perguntar novamente se algo estava errado, mas me segurei. Ele deixou bem claro que não se importava com esse tipo de pergunta.

Olhei para a frente da cabine longa. A partição estava ativa. Eu nem sabia quem estava dirigindo. Era o motorista regular dele? Ele tinha um motorista regular? Presumi que sim, já que me haviam atribuído um, mas era apenas um palpite. Eu não sabia quase nada sobre o seu dia-a-dia.

— Vamos descobrir o que você aprendeu, — ele quebrou o silêncio. As palavras foram tão inesperadas que eu não respondi a princípio. Eu apenas olhei para ele. Ele se aproximou até quase nos tocarmos.

Abruptamente, abriu as calças, empurrando-as para baixo para expor o comprimento grosso e com veias pesadas do seu eixo. Sem outra palavra, ele segurou a parte de trás da minha cabeça e empurrou-a para baixo.

Fiquei chocada, mas percebi rápido. Eu o peguei na minha boca. Esfreguei meus lábios em torno de sua ponta grossa. Parecia veludo. Eu o levei lentamente mais fundo. Ele era maior e mais duro do que eu esperava. Não é à toa que doeu tanto em nossa primeira vez.

Eu o segurei com as duas mãos, acariciando-o da raiz às pontas. Gostei da sensação dele, quente, ansioso e avassalador.

Ele gemeu. O som me fez querer ronronar.

Eu o levei mais fundo, avançando meus lábios em seu comprimento sedoso, lavando-o com minha língua enquanto eu o trabalhava mais fundo. Era inebriante, o gosto dele, a sensação dele erguendo contra o céu da minha boca. Eu gostei. Eu já estava preparada com o que ele havia feito comigo no restaurante, mas sabia por dentro que realizar esse ato me excitaria por conta própria.

Bem, isso não era uma cobertura irônica no meu bolo precariamente arranjado?

Eu não sabia que tinha parado no meio do seu comprimento até senti-lo se mover debaixo de mim. Seus quadris agitaram-se. Ele segurou minha cabeça imóvel, sua ereção empurrando para mim com impaciência.

Com um gemido de fome, eu o levei tão fundo na minha garganta quanto ele iria. Comecei a me mover sobre ele, minha cabeça balançando lentamente para cima e para baixo, minhas mãos segurando, deslizando, acariciando, se misturando na minha saliva até que deslizasse suavemente. Minhas mãos trabalharam sua base enquanto minha boca chupou e acariciou-o do meio do eixo até a ponta. Eu trabalhei em um ritmo bem equilibrado, sugando-o o mais fundo que pude e levantando-o firmemente com a mão. Eu

estava tão envolvida que algumas vezes meus lábios encontraram minhas próprias mãos e fui pega de surpresa com o contato.

Fiz uma pausa quando ele agarrou meu cabelo de repente, revirando os olhos para olhar em seu rosto.

Puta merda. Na verdade, eu gostei do olhar meio enlouquecido em seus olhos, a forma como a pele ao redor de suas maçãs do rosto estava duras de tensão, seu aperto revelador.

— Foda-se, — ele murmurou. E isso não foi tudo. Ele estava fazendo esses barulhos deliciosos, crus, pequenos grunidos escapando do fundo de sua garganta. Os ruídos eram severos e masculinos e eu os amava.

— Droga. Chupe com mais força.

Eu tentei o meu melhor com interesse e entusiasmo genuínos. Até agora, seus dedos e minha boca eram muito mais agradáveis do que o próprio ato sexual. Quem saberia?

Seu clímax foi muito mais interessante, rápido e confuso do que eu estava preparada. Eu conhecia a mecânica, mas elas não levavam em conta como minhas próprias reflexões e reações me distrairiam do trabalho em questão. Foi um bocado fácil o suficiente para engolir, mas de alguma forma metade dele acabou *em* mim, escorrendo pelo meu queixo, meu pescoço, minha clavícula e profundamente no meu decote.

Eu levantei minha cabeça quando sua mão no meu cabelo ficou frouxa.

Seus olhos estavam correndo sobre mim, sobre os pontos onde eu tinha derramado seu esperma em mim. — Alguma coisa conseguiu entrar na sua boca? — ele perguntou, respirando com dificuldade. Eu teria respondido, mas enquanto ele falava, ele estava tocando os ombros da minha blusa, empurrando-os para o lado e para baixo nos meus braços. Era um vestido revelador. Simples assim, eu estava de topless. Ele me olhou um pouco mais, sua respiração diminuindo eventualmente, mas não muito. Ele me acariciou.

Eu olhei para a mão dele em mim. A visão me fez contorcer no meu lugar. Meus mamilos estavam duros, seu esperma estava por toda a minha pele, e sua mão parecia me fazer tão bem que eu não conseguia parar de encará-lo.

— Foda-se, — ele disse asperamente. — *Porra.*

Abruptamente, ele afastou a mão, puxando minhas tiras de volta aos meus ombros, me colocando de volta no meu vestido.

— Tudo bem? — demorou alguns minutos e muita coragem para eu fazer essa pergunta.

Ele se afastou e não olhou para mim nem uma vez. Ele não falou por um período de tempo insuportável. Ele parecia

estar se preparando para alguma coisa, e eu duvidava que isso fosse um bom presságio para mim.

— Você quer que eu seja honesto? — ele perguntou com uma voz morta, seus olhos apontados para a janela nos edifícios que passavam rapidamente. Ele não esperou que eu respondesse, — Sinto que fui enganado sobre o seu nível de habilidade. Todo esse treinamento, pensei que você ficaria melhor com a boca.

Parecia que eu tinha levado um tapa. Meus olhos ardiam e eu tive que piscar rapidamente e desviar o olhar para escondê-lo. Foi o inesperado ataque que machucou tanto, eu disse a mim mesma. Eu estava completamente despreparada para essa franqueza brutal.

— Aparentemente, — ele continuou implacavelmente. — A prática não significa nada se você não tiver as ferramentas certas. Teremos que trabalhar nisso.

Senti meu queixo endurecer teimosamente.

— Se você insiste. Gostaria de fazer isso agora ou precisa de mais tempo para se recuperar?

Ele estava olhando para mim agora. Não foi um bom olhar. Não havia nem um pingo de amizade na curva da boca ou no brilho dos olhos.

— Por que você fez isso?

Eu olhei de volta.

— Por que você se vendeu para alguém que nem *gosta de* você? — ele adicionou.

— Nem todos nós nascemos ricos, — eu disse a ele. Simples e amargo como uma de suas bebidas.

— Você *vendeu* sua virgindade. Seu hímen tinha um *preço*. Esta é certamente a primeira vez para mim.

— Perdão?

— Você é a única virgem que já entrei e tive que treinar, *e* a única mulher que já tive que pagar para me foder.

Choque me roubou toda a resposta. Tudo o que eu podia fazer era encará-lo.

— Então eu acho que você poderia dizer que é minha primeira prostituta e eu sou seu primeiro John[6].

— John não compra a vaca[7], — eu estava com raiva o suficiente para apontar.

Sua boca bonita torceu e era feia. Ele abriu os lábios para dizer algo horrível em resposta, mas seu telefone tocou, distraindo-o, graças a Deus.

— Olá, pai, — disse ele ao telefone com total desprezo. —Sim estou aqui. Sim, eu a levei pra sair. Oh, estamos nos dando bem. A fiz gozar com dois dedos no restaurante e ela

[6] John Mulaney – comediante que faz piada sobre casamento
[7] Original: — John's don't buy the cow, — fazendo referência ao show de comédia onde ele diz — porque comprar a vaca, quando você pode obter o leite de graça, — fazendo uma comparação com uma prostituta

desajeitadamente me serviu na limusine. Não tenho certeza de que alguém lhe disse que ela deveria engolir o esperma quando ele atingir sua garganta. Detalhes suficientes para você? — ele fez uma pausa. — Se você não gosta de ouvir isso, pare de interferir na minha vida.

Ele desligou o telefone com movimentos zangados no momento em que estávamos chegando ao nosso prédio.

Meu marido voltou a não olhar para mim.

— Eu te levaria pra cima, — ele me disse friamente, — mas foi um longo dia, e eu posso ver Chester esperando p-ra fazer as honras, então eu o deixarei.

— Você está indo? — eu perguntei a ele. Foi inesperado.

— Tenho algum trabalho a fazer e não sei se alguém lhe contou, mas prefiro ficar na minha casa quando estou na cidade.

Ele tinha um apartamento separado para mim. Como eu não sabia disso?

Como *poderia* eu saber disso? Asha adorava me manter no escuro, e *quem diabos* mantinha vários apartamentos na mesma cidade?

Dinheiro antigo faz isso. E eles também tinham noções estranhas sobre o casamento, aparentemente. Ele me tratou mais como sua amante do que sua esposa.

— Bem, obrigada pelo jantar, — eu disse a ele rigidamente.

— Boa noite, Noura, — ele não me deu uma olhada.

Não olhei para ninguém enquanto caminhava com as pernas trêmulas até o meu apartamento. Fiquei agradecida quando Chester não disse uma palavra.

Tomei banho e fui direto para a cama. Foi um primeiro encontro esclarecedor. Meu marido não podia me suportar, e eu precisava de algumas lições melhores sobre chupar seu pau.

As coisas poderiam ter sido melhores.

Por que então eu ainda estava ligada? Era difícil adormecer com o implacável latejar na boca da barriga que não iria diminuir, mas eventualmente cochilei.

Nove

Decidi no dia seguinte que morar sozinha no meu apartamento era um grande alívio, embora a parte sozinha tivesse vida curta e meu marido não tivesse nada a ver com isso.

Uma garota chamada Jovie fez.

Eu estava nos bastidores vestindo minhas roupas de rua depois de um desfile. Minha parte acabou e eu estava pronta para sair quando fui interrompida por uma briga alta entre duas outras modelos. Eu estava do outro lado da sala e não ouvi tudo o que foi dito, mas o resultado final foi uma delas irromper, um sorriso triunfante no rosto e a outra explodindo em lágrimas.

Isso não era tão incomum, e eu poderia ter me importado com os meus próprios assuntos, exceto por uma pequena coisa: a garota que chorava era jovem. Dolorosamente jovem.

Ela não parecia ter mais de quatorze anos.

Não era inédito ver uma garota tão jovem nesse tipo de show. Era costura de alta moda, e eles adoravam caras novas para as coisas realmente de vanguarda.

Inferno, eu tinha a idade dela quando me mudei para Nova York para ser modelo em período integral.

Eu não estava de bom humor. Senti na noite anterior uma dor aguda sob os olhos e um aperto constante no estômago. Eu não queria nada mais do que ir para casa e ficar sozinha, mas seus soluços quebrados me balançaram.

Com um suspiro, atravessei a sala.

— Você está bem? - eu perguntei a ela.

Ela me avaliou com um olhar bonito, como se ela achasse que eu poderia beliscá-la.

— Estou bem. Por quê?

— Você parecia... chateada. Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

Ela zombou.

— A menos que você tenha um quarto livre para alugar a partir *desta noite*, então *não*.

— Você precisa de um lugar para ficar?

— Os homens são escória, sabia?

Eu pensei sobre isso.

— Sim, eu sei disso. Você está bem?

— Você realmente se importa?

Eu pensei sobre isso também, estudando-a. Deus, ela era jovem e parecia inocente como um cordeirinho perdido.

— Eu me importo.

— Eu já estive melhor, para ser honesta, — ela respondeu — Acabei de ser dispensada pelo meu namorado e agora preciso encontrar um apartamento em Manhattan, o que é impossível, sabe?

— Quantos anos você tem?

— Quinze. — ela viu minha expressão — Praticamente quinze. Em menos de dois meses. — acrescentou defensivamente.

— E você estava *morando* com seu namorado?

— Sim, e daí? Meus pais estavam pegando todo o meu dinheiro de modelo, então paguei uma pequena fortuna aos meus advogados e me emancipei. Eu não gosto de ficar sozinha o tempo todo, então fui morar com meu namorado. Estava dando certo... até hoje.

— Qual o seu nome? — eu provavelmente deveria saber, eu a tinha visto por perto, mas eu estava preocupada com meus próprios problemas por um tempo agora.

Ela não parecia ofendida.

— Eu sou Jovie.

— Esse é um nome legal.

— Obrigada. Eu mesma inventei.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

— É Jovie agora. Eu mudei legalmente. Eu mudei para apenas um nome. Como Halsey. Ou Beyonce. Ou Madonna. Não parece o nome de alguém que será famoso?

Eu assenti encorajadoramente.

— Com certeza faz. — ela parecia alguém que também seria famosa. Ela era linda de morrer, obviamente birracial com cores deslumbrantes: pele marrom clara, cabelos loiros dourados e olhos azuis. — Prazer em conhecê-la, Jovie. Eu sou Noura.

— Oh, eu sei quem você é. Você é a esnobe, famosa e *rica* que não fala com *ninguém*.

A parte rica era com a qual eu ainda estava me acostumando, embora fosse precisa e não me incomodasse nem um pouco. Eu tinha feito muito por esse dinheiro, e ainda estava fresco o suficiente para que a ideia não tivesse um sabor amargo. Ainda. A parte esnobe agora, que doeu um pouco. Eu mantive para mim mesma, mas eu *não era* uma esnobe. Eu não achava que era melhor do que ninguém, estava apenas fazendo o melhor que pude, embora não tenha sido a primeira ou a décima vez que ouvi falar disso.

— Estou falando com você, não estou? — eu apontei.

— Mas olha que idiota eu tive que fazer de mim mesma primeiro, — disse ela com um sorriso desarmante.

Isso me tirou uma risada. As lágrimas nem estavam secas em seu rosto e ela já estava brincando. Que garota estranha e interessante.

— O que ela disse para você? — perguntei. Jovie parecia bem até a outra garota falar com ela.

— Ambrosia Hurst? Ela é por quem ele me deixou. Você sabe como é com esses caçadores de modelos. Eles querem um pedaço de todas nós. E ela me chamou de prostituta bebê.

Isso me deixou tão brava que senti meu rosto ficar vermelho.

— Que puta fria de pedra.

— Eu sei, certo? Eu absolutamente *odeio* ser chamada de bebê.

Havia uma pitada de sorriso em sua boca quando ela disse essa última parte, e eu não pude deixar de me encantar.

— Eu tenho um quarto extra, — eu disse impulsivamente — Você pode ficar lá se quiser.

Ela me olhou com cautela.

— Não quero caridade. Eu posso pagar pelo quarto. Quero dizer, até encontrar algo mais permanente. Okay?

Dei de ombros.

— Tanto faz. Nós vamos descobrir isso mais tarde. Está com fome?

O rosto dela caiu.

— Estou muito empolgada, mas superei minha contagem de calorias às nove da manhã

— Você tem apenas catorze anos. Você provavelmente está tendo um surto de crescimento. Precisa de calorias extras para crescer. Você deveria comer.

Ela me estudou como se estivesse tentando descobrir se eu a estava vestindo.

— Você acha isso? Eu tenho apenas cinquenta e oito. Eu adoraria se pudesse crescer mais três polegadas. Odeio quando outras modelos se erguem sobre mim.

Eu assenti.

— Aposto que é um surto de crescimento. Continuei crescendo até os dezessete anos, e esses centímetros extras são uma vantagem. Vamos jantar.

Fomos a um pequeno local de massas em Little Italy que Chester recomendou. Ele estava tentando me convencer a ir para lá por semanas, mas como macarrão era minha comida

favorita *e* a desgraça da minha existência, eu estava usando todo o meu autocontrole para evitá-lo.

Naquela noite, eu me entreguei e valeu a pena todo o trabalho extra que eu teria que colocar mais tarde.

Jovie e eu compartilhamos um prato de manicotti que literalmente fazia meus olhos rolarem na minha cabeça a cada mordida.

— Oh meu Deus!

— Podemos passar pela casa do meu namorado depois disso e pegar algumas das minhas coisas? Receio que, se eu deixar por muito tempo, ele jogará fora.

— Claro, — eu disse, olhando para Chester, que ficou em silêncio enquanto ele comia comida suficiente para alimentar uma pequena vila de modelos.

Ele compartilhou um olhar com Vincent, que também estava embalando comida como se estivesse passando fome comigo.

— Eu vou com ela e a ajudo a carregar tudo, — Chester me disse — Mas você precisará ficar no carro.

Eu o encarei. — Por quê?

— Isso é uma coisa de separação, certo? Esse tipo de coisa pode dar errado. O chefe não gostaria se você fosse pega no meio de uma disputa doméstica.

Quando ele disse chefe, eu nunca soube quem ele quis dizer. Meu marido ou sogro? Nunca perguntei, porque era humilhante que eu ainda não saiba.

— Raoul provavelmente nem estará lá, — garantiu Jovie - Ele é um garoto do clube. Ele gosta de sair tarde como todas as noites até as cinco da manhã.

— Quantos anos esse Raoul tem? — Vincent perguntou a ela.

Eu olhei para ele cautelosamente. Vincent não fala muito, então, quando fala, todos prestam atenção.

Jovie deu de ombros, mas foi um movimento tenso. A pergunta a deixou desconfortável.

— Vinte e cinco ou vinte e seis? Não importa. Nunca mais vou falar com ele.

— E quantos anos você tem? — Chester perguntou a ela, suas palavras saindo muito lentamente.

Oh-oh. Os truques dos caras estavam em alta. A minha também, mas a última coisa que eu queria fazer era assustar Jovie.

— Quase quinze, — disse ela, olhando de um lado para o outro entre os dois homens.

Vincent cuspiu por cima do ombro.

Chester começou a quebrar os nós dos dedos.

Não é bom.

— Gente, diminuam o tom, — eu disse a eles com firmeza. A última coisa que precisávamos fazer era empurrá-la de volta ao esquisito.

Jovie estava olhando para frente e para trás entre os dois.

— Você sabe, não importa.

— Eles não farão nada, — eu disse a ela. — Eles ajudarão você a pegar suas coisas e é isso.

— Eu odeio violência, — disse ela lentamente.

— Não haverá violência, — eu disse a ela.

— Você promete? — ela perguntou, ainda olhando para os caras.

Os dois murmuraram que sim, prometendo.

— Não vamos tocá-lo hoje à noite, — acrescentou Chester com um sorriso sem graça.

Bem, isso não foi um bom presságio para Raoul, o Estranho, pensei.

Levou menos de vinte minutos para pegar as coisas dela no apartamento do monstro, e ele nunca apareceu, graças a Deus. Chester jogou duas malas estofadas no porta-malas quando Jovie deslizou de volta em seu assento ao meu lado.

— Essas são *todas as* suas coisas? — eu perguntei a ela surpresa.

— Eu sou minimalista. Serve pra mim. Você nunca sabe quando precisará fugir.

Eu costumava ser assim. Antes do casamento, minha vida também podia caber em duas malas, então não sei por que isso me assustou. Talvez porque eu não pudesse viajar da noite para o dia sem mais lixo do que isso hoje em dia. Com que rapidez eu estava me acostumando à minha estranha e nova existência extravagante.

No instante em que Jovie entrou no meu apartamento, algo mudou. Algo sobre o espaço e algo sobre a minha vida. Ambos ficaram mais cheios de algo intangível que eu não sabia que estava *desejando*. Chester e Vincent eram uma ótima companhia, considerando tudo, mas Jovie era outra coisa. Sua energia vivaz era comida que eu não sabia que estava perdendo.

Ficamos acordadas além da minha hora de dormir conversando por horas e fazendo toda a merda feminina divertida que conseguimos imaginar.

Eu a viciei no DramaFever[8] e ela me viciou no BTS[9]. Foi muito fácil. Ambos eram altamente viciantes.

[8] Serviço de streaming de produções asiáticas, como se fosse um Netflix das séries asiáticas
[9] Banda coreana de Kpop

— Onde está o seu marido? — ela perguntou em algum momento. Estávamos bebendo smoothies de couve e chá verde sem açúcar e ela estava trançando meu cabelo.

Dei de ombros.

— Trabalhando provavelmente. — foi apenas uma pequena mentira.

— Você disse a ele que eu estava aqui? — ela perguntou, parando seus movimentos rápidos contra o meu couro cabeludo.

Eu dei de ombros novamente.

— Não importa. Ele raramente fica aqui. Este lugar é meu. — senti prazer ao dizer isso, mesmo que não fosse estritamente a verdade. Era verdade o suficiente.

Ela ficou quieta por um tempo.

— Isso é legal, — ela chamou as palavras. — Mas se ele não fica aqui, onde fica?

Eu fiquei tensa. Eu literalmente assinei um contrato para não revelar detalhes sinceros sobre meu casamento, mas eu queria cuspir tudo pra essa garota que acabei de conhecer. Foi estúpido, e me obriguei a ter cautela.

— Ei, ouça, — ela finalmente disse quando era óbvio que eu não ia responder à pergunta. — Esquece que eu perguntei. Eu sou egoísta demais para fazer parte dos seus negócios.

Eu sorri porque isso era besteira.

Ela me provou certo um minuto depois, quando ela simplesmente não podia deixar de bisbilhotar mais.

— O casamento é como você sempre ouve? — ela perguntou.

— Como você sempre ouve isso? — também não pude evitar. Eu queria ouvir a opinião de uma garota de quatorze anos sobre isso.

— Você sabe. Amantes, boquetes ressentidos e brigas por merdas sérias que realmente não significam nada. Como coisas de adultos.

Nós rimos por um longo tempo com isso, e eu nunca tive que responder à pergunta.

Fui dormir depois da meia-noite com um sorriso no rosto. Eu não conseguia me lembrar da última vez que me diverti tanto.

Por volta das duas da manhã, houve uma batida leve na porta do meu quarto.

Foi a Jovie. Ela não queria dormir sozinha, então eu deixei dormir comigo. Eu não me importei. A cama grande sempre parecia vazia demais, apenas comigo nela.

Logo depois que ela se estabeleceu, começou a chorar bem baixinho, depois mais alto, até que começou a soluçar.

Toquei-a no ombro e ela rolou, enterrando o rosto molhado no meu pescoço.

Eu a segurei enquanto ela chorava. Ela não parou por horas, dizendo várias vezes: — Ele deveria ser minha família.

— Eu também não tenho família, — sussurrei para a noite. — Nós ficaremos bem embora. Podemos nos apoiar uma na outra.

— E o seu marido? — ela sussurrou de volta. — Isso é uma família.

— Não é para mim.

— Bem, então você pode deixar esse idiota. Nós vamos descobrir isso. Nós duas temos muito trabalho. Nós não precisamos dele. Você poderia ter qualquer homem que quiser.

— Não se preocupe comigo, — respondi. — Eu tenho tudo o que quero.

— Ok, ok, — ela fungou. — Quanto tempo posso ficar aqui? Eu nunca quero ir embora. Estou tão sozinha, Noura.

— O tempo que você quiser.

— Obrigada, obrigada, obrigada. — ela soluçou.

Quando ela chorou até dormir nos meus braços, meu coração era uma poça de mingau em seus adoráveis pés de modelo bebê.

Dez

Não recebi notícias diretamente do meu marido por semanas.

Isso me incomodou mais do que eu estava confortável.

Eu entrei em nosso casamento por razões que não tinham nada a ver com amor ou carinho. Eu entrei com os olhos bem abertos. Meus motivos eram dinheiro e segurança e, a certa altura, antes de eu pôr os olhos nele, não havia nada que eu tivesse amado mais do que um marido rico que me ignorasse o máximo e o mais rápido possível.

Incomodou o quanto isso mudou com apenas algumas breves trocas. Eu não queria ser ignorada. Não por ele. Eu queria o oposto. Por mais mau e desagradável que ele fosse, eu queria sua atenção.

Eu queria os dedos dele em mim novamente. Eu queria o seu pau em minhas mãos, na minha garganta.

Seus insultos depois, *ainda* estavam tocando nos meus ouvidos, e eu *ainda* queria repetir.

Quão bagunçado era isso? Eu sabia o quanto, e isso não importava. Eu queria um contato mais destrutivo com ele. O suficiente para pensar muito sobre isso. O suficiente para me fixar nele. O suficiente para *fazer* algo sobre isso.

Duas semanas e dois dias após nosso aniversário de um mês e nosso primeiro 'encontro', encontrei acidentalmente uma maneira de obtê-lo.

Até aquele momento, eu segui todas as regras da esposa do troféu.

Não eram regras fáceis. E havia muitas delas. Elas eram um conjunto consumidor de comandos arbitrários projetados para me manter no meu lugar e me misturar perfeitamente com a minha nova família falsa.

Eu era obrigada a quebrar um ou dois, dos pequenos comandos em algum momento. E quando eu fiz isso, me deu uma arma poderosa contra Calder, porque eu aprendi algo valioso.

Se eu quisesse a atenção dele, tudo que eu tinha que fazer era me comportar mal.

Era simples, e honestamente, veio mais naturalmente para mim do que o que tinha *sido* feito.

Até agora em nosso casamento, eu tinha sido, para todos os efeitos, muito bem comportada. Fui para onde me disseram para ir, vesti o que me disseram para vestir e tentei o meu melhor para ficar quieta e sem problemas.

Por tudo isso, eu só vi meu marido desapegado uma - obrigatória - vez.

Descobri, por acidente, que um pouco de dificuldade era a maneira mais rápida de obter uma resposta dele.

Tudo começou com uma postagem impulsiva e atrevida no Instagram. Isso não era característico da minha parte, e eu não posso nem explicar o que me deu essa vontade. Desde o casamento, eu não administrei minhas próprias mídias sociais. Eu estava conectada no meu telefone em todas as plataformas, mas nunca havia postado pessoalmente. Minhas linhas do tempo eram geralmente preenchidas com fotos profissionais compartilhadas diretamente de trabalhos de modelagem. Não havia legendas, apenas fotos marcando as roupas que eu estava sendo paga para vender. Eu nunca dera muita atenção a isso.

Se eu tivesse um momento livre, gastava brincando com Chester e Vincent, ou assistindo DramaFever no meu telefone, sem perseguir meus próprios perfis de mídia social.

Tudo começou com um obstáculo no vestido de alta costura que eu deveria modelar para um editorial da Vogue.

Eu estava pronta para ir, cabelo preso no alto da cabeça e amarrado com uma coroa extravagante de rosas cor-de-rosa escuras. Minha maquiagem era de glamour pesado, com um olho de gato dramático e lábios de vinho tinto escuro.

O vestido que eu estava modelando era um conjunto ousado para começar. Era tão apertado que eu nem podia usar sutiã. Era por isso que eu estava vestindo nada além da menor calcinha fio dental do mundo, pastéis pequenininhos e

sandálias de salto alto transparentes de 10 cm enquanto esperava a alteração.

Normalmente eu teria um roupão para andar, mas eles tiraram o vestido de mim no meio da mudança, e o que deveria ser uma solução rápida, acabou demorando mais tempo. Dois minutos se transformaram em inesperados trinta, enquanto eles costuravam cuidadosamente a lágrima e a escondiam o suficiente para a sessão.

Eu estava entediada. Eu já estava sentada na cadeira de cabelo e maquiagem por duas horas, estava esperando de novo, apenas parada ali, toda maquiada e nua ao mesmo tempo. Felizmente, toda a iluminação estridente aqueceu a sala o suficiente para que não estivesse frio.

Percebi a boa iluminação exatamente na mesma hora em que vi um espelho no chão.

Eu contorci meu corpo em seus melhores ângulos, subi minha perna e passei um braço pelos meus seios para cobri-los. Tirei algumas fotos assim e imediatamente fui ao rolo da câmera para vê-las.

Elas eram boas. Elas eram lisonjeiras sem serem vulgares, e eu amei minha maquiagem glam e coroa de flores.

Eu coloquei minha foto favorita no Instagram. A legenda era boba. Postei porque estava entediada e achei engraçado.

Amando meu último visual de Balmain, mas acho que eles esqueceram algo. #extraaf

Eu estava quase nua, e a imagem fez parecer que estava totalmente nua, mas não era como se algo estivesse aparecendo. Todos os meus itens essenciais foram encobertos.

Eu não imaginava que algo assim pudesse incomodar meu marido. Eu modelo para viver. Inferno, acabei de fazer uma campanha de lingerie. Minha modéstia foi jogada pela janela *anos* atrás.

Postei e voltei a mandar mensagens com Jovie e assistir minha obsessão atual pelo K-drama no meu telefone enquanto eles terminavam de arrumar o vestido.

Quando eu finalmente estava vestida, voltamos ao trabalho. As filmagens levaram mais três horas e, até então, eu tinha esquecido completamente a foto.

— O que você quer para o jantar, Duquesa? — Chester me perguntou enquanto me acompanhava até o carro que esperava.

Suspirei.

— Você se importa se formos ao local de salada que você encontrou para mim há algumas semanas?

Ele fez uma careta, me colocando no carro.

Eu balancei a cabeça para Vincent, que assentiu de volta.

Chester deu a volta para o outro lado e sentou-se na parte de trás comigo.

— Eu pensei que você estava fora daquela dieta terrível que Asha fez.

— Eu estou. Agora estou com uma dieta horrível em que me coloquei. Tenho uma sessão onde estou praticamente nua na segunda-feira.

Ele me lançou um olhar. Era o olhar de desaprovação de pai.

— O que? — eu perguntei a ele, sufocando uma risada. Eu não me importei quando ele me repreendeu. Por alguma razão, achei fofo. Provavelmente porque eu sabia que ele fazia isso porque se importava.

Fazia muito tempo desde que alguém se importara comigo.

— Falando em ficar nua, — ele disse em sua melhor voz de pai, — Vi a foto que você postou. Sobre o que era tudo isso?

Fiquei surpresa que ele tivesse visto. E um pouco envergonhada. Dei de ombros.

— Pensei que era divertido. Não foi engraçado?

Ele passou a mão pelos cabelos ruivos, ainda me olhando. Tornou-se mais difícil para mim não rir. Seu rosto era uma combinação perfeita de diversão e exasperação.

— Estava *nua*, Duquesa.

— Parecia mais um nude para mim, — eu disse com perfeita compostura.

Isso finalmente o fez abrir um sorriso. Eu olhei à frente. Até Vincent com cara de pedra estava sorrindo.

— Você sabe que nu e nude são a mesma coisa, — apontou Chester.

— Na verdade, não, — tentei, sorrindo de um lado para o outro. — Nu é mais elegante. Nude é *arte*.

Eu o fiz rir, e adorei. Eu ri com ele.

— Você sabe, — eu disse honestamente. — Ter vocês dois o tempo todo é provavelmente a melhor vantagem do meu casamento.

Era a verdade.

Quando me disseram que eu teria um detalhe da segurança, eu não havia entendido a necessidade – ainda não, mas realmente não tinha pensado muito nisso. Eu não tinha pensado se gostaria ou odiaria a companhia constante.

Eu não tinha percebido, até que passei tanto tempo com pessoas de cuja companhia eu gostava, como eu estava sozinha. Quão sozinha eu sempre estive por *anos*.

Eu estava descobrindo, pela primeira vez na vida, que gostava mais de ter companhia do que de estar sozinha.

Foi agradável.

Chester me deu um olhar que gostava de verdade.

— E você é a pessoa favorita que eu já protegi.

Eu acenei para ele.

— Você está apenas dizendo isso.

— Não, eu quero dizer isso. Você é sempre educada. Você nos trata bem. — ele olhou para Vincent. — Me apoie aqui, cara.

— Eu concordo, — disse Vincent simplesmente, os olhos na estrada.

— E você também não é terrível de se olhar, — acrescentou Chester, provocadoramente. — Trabalho para os Castelos há quase quinze anos e nunca gostei de trabalhar para eles mais do que no mês passado.

Corei da cabeça aos pés de prazer.

— Obrigada, — eu disse a ele, me sentindo tímida. — Você não é normalmente... amigo ... das pessoas que você protege?

Ele riu.

— Não. Ninguém costuma se incomodar em falar conosco. E *nunca* alguém me perguntou se nos importávamos onde comíamos.

— Todos os Castelos são idiotas? — eu não pude deixar de perguntar.

Ele acenou com isso.

— De modo nenhum. Eles são melhores que a maioria. Eles são apenas... Bem, eles são o que são. São dinheiro antigo, e nós somos a ajuda contratada.

Eu olhei para fora da janela.

— Bem, eu não vejo dessa maneira. Vocês são meus amigos e eu gosto de ter vocês por perto.

— É mútuo, Duquesa.

Nós pegamos um jantar rápido em um lugar de salada que eu gostei chamado *Greens*. Os caras imitaram meu pedido de salada de couve sem molho e todos os smoothies verdes para viagem.

— Vocês não vão gostar, — eu os avisei quando pegamos nossa comida.

— Oh, eu sei, — Chester concordou. — Fizemos isso para ver com o que você tem que viver. Talvez nos encha mais do que imaginamos.

— Você é o dobro do meu peso corporal, — apontei. — Isso não vai fazer a menor diferença no seu apetite.

— Esse não é o ponto, — Vincent colocou uma palavra rara. — Se você pode morrer de fome, nós também podemos.

Eu me diverti mais do que tudo.

— É meu trabalho manter meu peso. Vocês precisam parar de se preocupar com a minha dieta. Posso contar minhas calorias ou tomar coca-cola. O que vocês acham que é melhor para mim, pais?

Chester riu.

— Não é engraçado, — Vincent murmurou, voltando à sua salada.

— Seja honesto, — eu disse quando estávamos no carro novamente, voltando para casa desta vez. — Vocês dois vão pedir comida agora, não é?

— Com certeza, — Chester concordou instantaneamente. Nesse momento o celular tocou e ele verificou. Sua sobrancelha franziu, seus olhos dispararam para encontrar os meus quando ele colocou no ouvido.

Ele respondeu com — Chester aqui.

Fiquei surpresa quando percebi que era meu marido ligando para ele.

Ele não tinha me ligado diretamente, mas eu podia ouvir sua voz através do telefone de Chester. Porque ele estava gritando do outro lado. Eu não conseguia entender as palavras a princípio, mas ainda podia dizer que era ele.

— Era exatamente isso que ela usava, enquanto esperava alguns reparos no vestido que estava modelando,

Sr. Castelo, — explicou ele em tom formal. — Ela não estava modelando nua.

— ...me dizendo que ela fica no set assim? — a voz de Calder ficou mais alta, o suficiente para que eu pudesse entender algumas de suas palavras. — Ela estava apenas andando *nua*? Quantas pessoas estavam naquela sala?

Chester olhou para mim.

Eu levantei seis dedos.

— Seis, — disse Chester em seu telefone. — E ela não estava realmente nua. — ele estava me olhando severamente — Ela usava tanga e pasties[10].

— *Você* estava naquele quarto com ela vestida assim? — meu marido gritou.

— Não, — respondeu Chester. — Eu estava esperando lá fora por ela. Fico longe dos bastidores quando sei que a área é segura. Há muitas mulheres seminuas correndo por aí, e eu prefiro dar a elas um pouco de privacidade.

Calder disse algo que eu não consegui entender, e Chester me entregou o telefone com a mandíbula cerrada.

— Olá, — eu disse, e saiu mais hesitante do que eu pretendia.

[10] Um adesivo que cobre o mamilo

Ele não gritou comigo como tinha com Chester, mas seu tom era suficientemente cruel para não parecer muito melhor.

— Por que você fez isso? — ele mordeu cada palavra da pergunta com hostilidade aguda.

— A-a foto mais cedo? — eu perguntei. Eu sabia que era disso que ele estava perguntando, mas estava esperando uma resposta. Não sabia mais o que dizer.

— Sim, — ele retrucou. — A foto que você postou online algumas horas atrás. Por que você fez isso?

Eu não conseguia descobrir por que ele estava reagindo assim. Realmente tinha sido uma imagem tão chocante?

— Eu achei engraçado. Tudo estava encoberto.

— Engraçado? — ele resmungou. — Tudo estava encoberto? — sua voz profunda avançava em direção a um grito — Estou olhando muita pele nua agora. A porra da pele nua *da* minha *esposa*. Ninguém além de mim precisa ver isso de você, Senhora Castelo.

— Ok, — eu disse secamente. Seu tom mesquinho estava tendo um efeito inesperado em mim. Fiquei chocada comigo mesma, raramente chorei, mas foi um esforço para não cair em lágrimas — Eu vou deletar.

— Eu já deletei, — ele retrucou, a voz mais calma agora, embora longe de ser amigável — Mas está lá fora para sempre

agora. Tenho certeza de que não sou o único com uma captura de tela.

— Eu não sabia que isso iria desagradar você, — eu disse a ele rigidamente. — O que posso fazer para compensar isso? — eu tive que sufocar as palavras.

A voz do meu marido era cortante e estridente.

— Aqui está: não há mais fotos nuas online.

— Eu *não* estava nua, — não pude deixar de apontar.

Ele ignorou isso.

— Não há mais mudanças na frente de todos. Chega de sair de calcinha com seis outras pessoas na sala. Quem eram as seis pessoas, a propósito?

Eu tive que pensar sobre isso.

— Cabeleireiro, maquiador, cara da iluminação, fotógrafo, um designer e um alfaiate. Sim, eram seis.

— Quantos eram homens? — ele rosnou.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Três.

Eu o ouvi respirando pelo telefone por um minuto inteiro. Ele estava realmente passando por algo do outro lado. Uma raiva ou uma birra, eu não conseguia decidir o que e não tinha certeza de qual era a diferença.

— Apenas um deles era hétero, — eu finalmente adicionei.

— Isso não importa *porra*, — ele retrucou. — Quero que você comece a mostrar algum decoro no trabalho. Alguma *modéstia.* Troque por trás de uma cortina, vista uma túnica quando precisar. Estamos entendidos?

— Como cristal.

Desliguei e devolvi o telefone de Chester para ele.

— Então agora eu tenho um código de *vestiário para o vestiário*? — perguntei sarcasticamente. Eu queria chorar, mas pensei que estava escondendo bem.

Chester suspirou.

— Você sabe, Duquesa. — ele não precisava dizer isso, mas nós dois pensamos nisso. Esta foi a vida que eu assinei.

Demorou horas para me dar conta do que tudo aquilo realmente significava. O que eu tinha feito e a reação do meu marido. Foi hostil, volátil e rápido.

Ele não podia me suportar, mas não estava *imune*. Eu fiquei mais sob sua pele do que imaginara, e ele tinha acabado de me mostrar como conseguir que ele me notasse, uma forma que o tornou incapaz de me ignorar.

Foi uma vantagem.

Onze

Quando o dia chegou, eu não estava com disposição para sair com Millie Bancroft e um monte de garotas ricas que eu não conhecia e que não tinha nada em comum.

Eu estava com medo, mas sabia que tinha que ir. Foi uma ordem direta.

Eu estava tentando me reunir para me preparar para a noite pela frente, pela última meia hora.

Estava sentada na minha sala assistindo E![11] com Jovie e os caras quando a campainha tocou.

Vincent atendeu e fiquei surpresa quando três rostos conhecidos entraram.

Meu marido havia enviado minha cabelereira, maquiadora e meu *personal shopper* com uma roupa escolhida especificamente para esse passeio.

Ele não queria que eu o envergonhasse parecendo uma bagunça na frente de seus amigos. Eu supunha que não podia culpá-lo, pois estava planejando fazer o mínimo possível para me preparar.

[11] Canal de televisão com programas de entretenimento

Minha equipe glamurosa fez o oposto disso. Eles me arrumaram como se eu estivesse prestes a andar no tapete vermelho.

Meu cabelo estava torcido em um topete artisticamente bagunçado. Minha base era leve, minha maquiagem nos olhos pesada, e meus lábios estavam pintados de um nude macio e fosco.

Minha roupa era uma minissaia minúscula, de cintura alta e creme, emparelhada com uma blusa de lantejoulas dourada com decote em barco que mostrava minha barriga. Brincos de argola de ouro e saltos agulha castanhos terminaram o visual.

O efeito geral foi uma gatinha sexy com mais de vinte e um anos.

— Eu vou com você, — disse Jovie.

Nossos olhos se encontraram no meu espelho de maquiagem enorme. Ela esteve lá o tempo todo, me distraindo muito bem enquanto minha equipe me preparava.

Eu adorava tê-la por perto em geral, mas havia notado uma vantagem adicional recentemente. Asha parecia desaparecer mais quando Jovie estava por perto. Foi maravilhoso.

— Você não pode, — eu disse a ela razoavelmente — Você não tem idade suficiente.

— Nem você.

— Sim, mas Chester vai me levar, e ele já *lhe* disse especificamente *que* não.

— Você não deveria ter que enfrentar essas barracudas sozinha.

— Não tenho certeza absoluta de que sejam barracudas. — eu tinha certeza.

— Bem. Você não deveria ter que enfrentar sozinha essas princesas da sociedade.

Elas eram isso.

— Elas podem ser legais. Não é culpa delas que todas nasceram ricas.

Ela relutantemente concordou, mas suas palavras de despedida foram: - Meu telefone está colado na minha mão. No momento em que você me mandar uma mensagem de texto, eu vou, mesmo que eu tenha que lutar com um segurança para entrar.

Isso me fez sair pela porta rindo, mas a risada morreu quando pegamos o elevador até a garagem. Eu ainda estava inexplicavelmente nervosa em entrar pela porta devido à minha idade. Isso me salvaria de ter que entrar, então não seria tão ruim. Apenas embaraçoso como o inferno se eu fosse rejeitada.

— E se houver paparazzi, e eles me pegarem entrando em um clube com mais de vinte e um anos? — eu perguntei a Chester quando ele me ajudou a entrar no carro, — Isso não vai parecer ruim?

Ele entrou ao meu lado antes de responder.

— O amigo do seu marido é dono do clube, — ele me explicou. — E há uma entrada nos fundos. Você não precisa se preocupar com coisas assim, Duquesa. Esse é o meu trabalho.

— Eu nunca fui a um clube antes, — confessei. — A coisa mais próxima que fiz foram algumas festas de modelo, mas elas *realmente* não eram para mim. Elas eram apenas sobre fazer conexões e são *intensas*. Comecei a evitar essas coisas desde o início.

— Apenas tente relaxar e se divertir, — encorajou Chester. — Você não tem mais trabalho hoje.

Eu não conseguia pensar em como responder a isso. Esse passeio não era sobre eu me divertir. Eu tinha basicamente recebido ordens para sair com estranhos. E ele já não sabia que eu estava *sempre* trabalhando?

Chegamos ao local e Chester me acompanhou facilmente pela segurança da porta dos fundos, direto para a cabine VIP de Millie. Era uma cabine grande, com espaço suficiente para pelo menos vinte pessoas.

E não havia ninguém lá.

Uma garçonete de cabelos escuros estava esperando lá. Ela me cumprimentou com um grande sorriso, se apresentando. Ela usava bermuda preta, uma blusa branca que batia no meio do peito e botas de plataforma que tinham pelo menos 15 cm de altura. Ela era bonita, mas sua maquiagem estava endurecida e seu bronzeado falso estava alguns tons além do excessivo. Ela me perguntou o que eu queria beber.

Eu não conseguia pensar em nada.

— Champanhe, — eu disse automaticamente. Essa se tornou minha bebida social preferida. Na dúvida, champanhe.

Eu não me sentei, em vez disso, pairava do lado de fora da cabine. Olhei com meus olhos suplicantes pra Chester.

— Como ninguém apareceu, eu posso ir embora, certo?

Ele suspirou.

— Eu acho que elas vão aparecer. Você apenas chegou primeiro, mas pode fazer o que quiser, Duquesa. Apenas me diga, e eu a levarei.

A garçonete me trouxe uma bebida e agradeci. Suspirei, depois tomei um longo gole.

— Vou ultrapassar meu limite de dois drinques hoje à noite, — eu disse severamente.

— Eu não culpo você, — comentou Chester de algum lugar atrás de mim, e acrescentou — Eu acredito que algumas de suas amigas chegaram.

Eu me virei para olhar. Foi um esforço para não apontar que elas não eram *minhas* amigas, mas eu consegui segurar as palavras.

Millie estava caminhando em nossa direção com três mulheres que eu conheci no meu casamento e mais duas que eu nunca tinha visto antes. Todas pareciam cópias de carbono uma da outra com apenas pequenas variações.

Como se todas tivessem vindo da mesma fábrica intimidadora de garotas ricas: a mesma altura, os mesmos estilos de sapatos, rostos bonitos, mini vestidos pretos semelhantes. Até os penteados eram cortados em cachos semelhantes, embora duas tivessem cabelos loiros, duas cabelos castanhos claros e duas eram morenas, e todas tinham tons de pele variados.

Gostaria de saber se todas elas se pareciam de propósito, ou se elas eram exatamente isso, influenciadas uma pela outra.

Millie me viu, me deu um enorme sorriso e acenou.

Eu sorri e acenei de volta timidamente. Eu não tinha ideia se Millie realmente queria sair comigo, ou se ela tinha acabado de me convidar por causa do meu marido, mas eu suspeitava fortemente do último.

Ela me deu um grande abraço quando se aproximou, depois se afastou e me apresentou as demais.

Estudei cada uma brevemente enquanto ela apontava cada uma.

— Eu sei que você conheceu algumas delas no seu casamento, mas você conheceu tantas pessoas naquele dia, então eu darei a você uma atualização. — Ela apontou para as duas morenas, que estavam lado a lado como se fossem coreografadas pela cor do cabelo. — Essas são Veronica e Camilla . — Depois para as duas meninas de cabelos castanhos claros. — Beatrix, Hadley. — E então para a outra metade de seu próprio par loiro. — E essa é Addison. Todas nós estudamos juntas e somos amigas desde que éramos crianças. Eu, Hadley e Veronica somos casadas e todos os nossos maridos são amigos do seu. Somos uma equipe muito unida. Você vai se encaixar.

Sorri o mais educadamente que pude, mas sabia que não me encaixaria nelas. Eu ficaria feliz se pudesse lembrar a maioria dos seus nomes.

E, é claro, eu estava instantaneamente fora do lugar – eu tinha a altura errada, pedigree errado, usava branco enquanto todas usavam preto – eu era chamativa em vez de ter bom gosto. Elas eram tudo o que eu não era, e vice-versa, e eu senti isso profundamente, mas eu estava acostumada a esconder esse tipo de coisa. Todo ideal é um juiz, e a insegurança era um monstro que minha ocupação me fazia

lutar diariamente. Eu tinha me acostumado a ser pisoteada por ele antes de ter suas garras enfiadas profundamente em mim.

Todas se sentaram, amontoadas em um pequeno canto do grande estande.

Sentei-me a alguns metros de distância. Queria muito olhar para Chester, não sei exatamente porque, talvez para me sentir menos sozinha e distante, mas me contive.

Em vez disso, tomei o resto do meu champanhe.

Não passou despercebido para mim o fato de eu ser a única delas que tinha segurança pessoal no clube, e me perguntei novamente por que meu marido e sua família insistiam em medidas tão estritas.

Eu me perguntava, mas não estava chateada com isso. Eu gostava de ter Chester por perto. Muitas vezes, ele era uma das melhores partes do meu dia.

A garçonete apareceu com duas garrafas de Grey Goose acesas com estrelinhas. Ela as balançou para elas teatralmente, enquanto as meninas se animavam.

Eu não pude evitar. Olhei para Chester. Nós compartilhamos um olhar divertido.

Millie pediu à garçonete que nos servisse.

Eu peguei a minha sem protestar. Parecia uma boa noite para fazer uma tentativa, e eu com certeza não

admitiria a essas princesas ricas e imundas que era a minha primeira.

No pior cenário: Chester era grande e forte o suficiente para me levar a cabo.

Eu mal engasguei, embora não fosse tão ruim quanto eu esperava - era algo surpreendentemente doce - mas ainda era mais do que eu estava acostumada.

Olhei em volta. Havia várias outras cabines VIP na sala grande, mas na maior parte, o lugar estava deserto. — Eu pensei que seria mais ocupado, — comentei.

— Na verdade ainda não está aberto, — Millie admitiu com uma risada. Todas as suas amigas se juntaram a ela como se fossem obrigadas a rir também. — Abre em meia hora e é uma sala privada. O clube principal é por lá. — Ela apontou para o outro lado da sala.

Uma das garotas, Addison, pensei ter me lembrado corretamente, pediu à garçonete mais uma rodada de bebidas.

— Oh, — fiquei surpresa. — Então não vamos ao clube principal? Nós apenas ficamos aqui?

Millie deu de ombros, rindo novamente. — Fazemos o que queremos!

Eu digeri isso quando virei outro drink com o grupo. Este caiu mais fácil. Apontei para o copo vazio. — Eu gosto disso, — eu disse mais alto do que precisava.

Merda. Eu já estava bêbada?

O grupo explodiu em novas gargalhadas às minhas custas. Meu rosto ficou rígido, as bochechas ficando vermelhas.

Fiquei envergonhada e tentei me recuperar rapidamente com uma pergunta séria (e pensei neutra): — Então, o que vocês fazem? Gostam de trabalhar?

Mais risadas, desta vez mais alto.

Eu não estava brincando. Eu sabia que elas eram ricas, entendi, recebi essa mensagem em voz alta e clara, mas todo adulto não precisava de algo produtivo para fazer? Considerando o fato de todas terem estudado com meu marido, elas tinham cerca de 26 anos e nenhuma tinha filhos ainda.

O que uma pessoa de 26 anos fez sem emprego ou filhos?

Foi particularmente estranho para mim desde que eu estava trabalhando e me sustentando em tempo integral desde a idade avançada de quatorze anos.

Oh sim. Foi quando minha mente confusa se lembrou. Eles são uma raça diferente da minha. Não *classe trabalhadora*.

— Somos socialites em tempo integral, — explicou Millie com um sorriso gentil. — Tenho certeza de que você está entrando no clima de algo semelhante, quando não está ocupada modelando. Nós representamos nossas famílias *socialmente*.

— Pode parecer superficial para alguém de fora, — acrescentou uma das morenas (eu pensei que fosse Camilla), — mas todas nós temos formação na Ivy League. E todas fazemos muito mais pela sociedade do que uma típica mulher *trabalhadora*.

Meus olhos tentaram subir direto para o meu cabelo depois dessa. — Jura? — Eu tentei muito, muito difícil manter meu tom uniforme e neutro.

Millie lançou um olhar para a amiga. — O que Camilla quer dizer é que *tentamos o* nosso melhor para contribuir. Estamos todas envolvidas no trabalho de caridade, e Hadley, — ela apontou para uma das de cabelos castanhos claros, — até conseguiu um diploma em direito apenas para ajudar a representar a fundação de pesquisa de câncer do marido.

Meus truques ainda estavam no comentário de Camilla, mas eu consegui deixar passar. Eu não estava aqui para julgar ninguém (por que eu faria isso?) E o trabalho de caridade era certamente algo que eu admirava.

Para cada uma delas, eu cantei na minha cabeça. Nascer rica e privilegiada não era crime.

Tentei o meu melhor para não ter raiva desse tipo de coisa, mas às vezes era mais difícil esconder do que outras.

Se eu fosse honesta comigo mesma, esse tipo de mulher era uma das razões pelas quais eu concordara com tal acordo. Eu odiava a ideia de que havia uma classe alta e que elas eram *melhores* por isso.

Eu não queria que alguém pensasse algo assim de mim. Se houvesse uma escada social, eu queria subir ao topo e ficar lá. Cavar raízes e torná-lo meu por gerações.

Eu queria mudar minha árvore genealógica.

Afastei o pensamento. Agora não era a hora.

Alguém mandou a garçonete nos trazer outra rodada de bebidas, e eu peguei a minha com gratidão.

O grupo ficou lá por um tempo.

Eu me perguntei se haveria qualquer dança, ou se elas realmente eram patéticas o suficiente para irem a um clube e não fazer nada além de sentar e *conversar*.

Parecia que sim.

Elas compartilharam *muitas* fofocas sobre pessoas que eu não conhecia. Ninguém olhou para mim por uma hora inteira.

Continuei bebendo e tentei ajustar minhas feições em uma expressão que parecia polidamente interessada, mas era difícil impedir minha mente de vagar.

Por que isso era muito mais difícil de participar do que meus bailes de gala noturnos? Eu deveria ter me acostumado a conversar com estranhos sobre coisas que não me importavam até agora.

Isso parecia ainda mais inútil, decidi. Esse pequeno grupo de mulheres elitistas nunca iria gostar de mim ou me aceitar. Por que meu marido queria que eu tentasse ser incluída?

Eventualmente, o álcool fez o seu trabalho e eu simplesmente não me importei. Continuei fazendo caretas para Chester, porque isso o fez sorrir.

— Vocês dançam? — Eu finalmente perguntei a elas. Por que ir a um clube e não apenas a um restaurante ou bar, se elas apenas estavam sentadas lá?

Eu interrompi um discurso que uma delas estava falando sobre uma mulher que teve a coragem de usar um vestido que elas pensavam estar fora de moda em uma de suas festas. Blá blá blá.

Millie assentiu, seu rosto moldado em seu sorriso agradável de sempre. — Estamos apenas nos aquecendo.

— Eu preciso passar pó no meu nariz, — disse Addison, de pé de repente. — Vem comigo, Noura?

Não foi minha ideia favorita, mas eu a acompanhei apenas por ser agradável. Também precisava fazer xixi. Eu não tinha uma boa bexiga para bebidas.

Addison passou o braço no meu como se fôssemos melhores amigas. Eu a deixei, mas olhei de volta para Chester, que estava nos seguindo.

Addison finalmente pareceu notá-lo. — Ele vai ao banheiro com você? — Ela riu muito de sua própria pergunta.

Eu sorri fracamente. — Não. Ele vai esperar lá fora. Está apenas fazendo o trabalho dele.

Ela lançou-lhe um segundo olhar. — Ele é meio gostoso. Você transou com ele?

Eu quase parei no meu caminho. Ela conseguiu realmente me ofender. E me envergonhar. Eu não conseguia nem olhar para Chester. — Claro que não. Você sabe que eu sou casada, certo?

Às vezes não me sentia casada, mas com certeza estava agindo assim.

Ela revirou os olhos para mim. — Como se isso já impediu alguém. — Ela enviou a Chester um sorriso untuoso. — Eu tenho uma pergunta para você, Ruivo, — ela disse a ele. — O tapete combina com as cortinas e o que uma garota precisa fazer para descobrir em primeira mão?

Eu me perguntava o quão bêbada ela estava.

— Hoje não, senhorita Du Mont, — ele respondeu, parecendo divertido. Pelo menos Chester tinha um bom senso de humor.

— Pena, — ela ronronou de volta.



Doze

Fiquei aliviada quando chegamos ao banheiro e corri para dentro.

Addison retocou a maquiagem enquanto eu usava o banheiro e lavava as mãos.

Ela casualmente me ofereceu coca na pia, bem na frente da atendente do banheiro.

Eu educadamente a rejeitei.

Ela zombou de mim no espelho. — Oh, por favor. Você é modelo, certo? Não aja inocentemente comigo.

Eu levantei um olhar irritado para ela, uma das minhas sobrancelhas arqueadas. — Eu conto minhas calorias e trabalho duro. Nem todos os modelos são *cokeheads*[12]. Certamente não são os que continuam trabalhando. Envelhece você. Eu não faria isso *porque* sou modelo e não quero envelhecer com vinte e cinco anos.

Sim, foi um exagero. Ela era claramente uma usuária e passara dos vinte e cinco. Ela olhou para mim. — Se acostume, — disse. Ela se inclinou para o balcão, cheirando generosamente.

[12] Cabeça de coca, pessoas usuárias de cocaína.

Então seria esse tipo de noite. Não é muito diferente das festas do setor que tentei evitar.

Eu me encolhi com todos os germes desagradáveis que ela estava inalando com sua cocaína. Havia muita coisa errada nessa cena.

Não me escapou a atenção que a atendente do banheiro não piscou um olho.

Que profissional.

Eu dei a ela cinquenta dólares quando saímos.

— Aposto que você não deu uma gorjeta assim antes de se casar com um *rico*, — comentou Addison, seu tom divertido.

Essa vadia. Minha cabeça virou para olhá-la.

Ela estava sorrindo com algo presunçoso em seus olhos que eu realmente não ligava.

Percebi que ela estava *tentando* me irritar.

Hoje não, Satanás.

— Eu sempre fui generosa com gorjetas, — foi tudo o que falei.

Se fosse algum tipo de teste de autocontrole, eu passaria, decidi.

Nenhuma dessas princesas estavam autorizadas a me incomodar.

Voltamos ao estande e eu me sentei o mais longe possível de Addison. Ela era uma das seis. Quão difícil poderia ser evitá-la?

A garçonete me entregou uma taça de champanhe e eu agradeci.

— Então, Noura, — Addison começou quase instantaneamente. — Por que os amigos de Banks foram os únicos na sua festa de casamento? Onde estavam *seus* amigos?

Eu apenas olhei para ela por um momento longo e estranho. Eu não esperava a pergunta e não tinha uma boa resposta para ela.

Eu sou uma solitária, foi uma resposta patética, mas precisa.

Eu nem pensei em convidar alguém que eu conhecia para o meu casamento falso, era ainda pior.

— Não ligue para ela, — disse Millie. Eu estava começando a entender que ela era a pacificadora do grupo. — Ela ainda é invejosa por não ter sido convidada para ser uma de suas damas de honra.

Eu não conseguia pensar em uma maneira boa e não humilhante de dizer a ela que eu não tinha voz sobre quem

eram minhas damas de honra. Qualquer coisa que eu dissesse apenas alimentaria o fogo.

— E ela está com ciúmes que ele escolheu você em vez de uma de nós, — Beatrix acrescentou quase baixinho.

Mas eu definitivamente ouvi, e isso mais do que despertou meu interesse. — Como?

— Todos nós pensamos que ele se casaria impulsivamente após o casamento de Fátima... — Beatrix falou.

Millie a calou.

Eu acenei. — Eu sei sobre Fátima. Continue.

— Bem, todas nós pensamos que ele encontraria uma noiva para ofendê-la pela traição, mas também assumimos que seria uma de nós.

— Beatrix, chega! — Hadley estalou. — Você parece ridícula.

— E não uma plebeia, — acrescentou Beatrix.

— Uma plebeia? — Eu repeti, tentando parecer mais divertida do que ofendida. Quem diabos essas pessoas pensavam que eram?

— Ah, vamos lá. — Addison se juntou. — Você deve perceber que, uma de nós, uma das garotas do seu círculo

social, alguém que *cresceu com ele*, teria feito muito mais sentido como esposa do que uma modelo aleatória do nada.

— Então, se eu sou uma plebeia, todas vocês se consideram a *realeza* americana? — Eu perguntei, com tom sarcástico para a pergunta.

Eu era a mais nova lá por vários anos, mas estava percebendo rapidamente que *elas* foram as protegidas.

Millie acenou com isso. — Não, claro que não. Eu acho que elas tiveram drinks demais. — Fez um movimento de beber com a mão, sorrindo para tentar cortar a tensão do momento.

Eu respeitava o esforço dela, mas não funcionou.

— Claro, — respondeu Addison com esnobismo honesto. Ela realmente acreditava no absurdo que estava dizendo. — Somos a coisa mais próxima da nobreza na América, algo que você realmente só poderia compreender se fosse uma de nós.

— Me diga, — eu disse com um sorriso quebradiço, meus olhos frios nos dela.

Ela continuou. — Aprendemos maneiras impecáveis praticamente desde o ventre. Todas nós frequentamos a mesma escola juntas, e é a melhor que existe. Nascemos para casar com homens poderosos como nossos pais. Homens como seu marido.

— Acho que ele tinha outras ideias, — apontei.

— Somos fluentes em etiqueta social, — ela continuou como se eu não tivesse falado. — Você nem sabe o que isso significa, não é? Tenho certeza de que você recebeu um curso intensivo, mas todos aqui sabem a diferença. Exceto para você. Você sabia que não está nem segurando o copo corretamente? Não vou nem contar quantas faltas embaraçosas você cometeu desde que chegamos aqui.

— Você está mostrando maneiras impecáveis quando aponta as faltas de alguém? — Eu perguntei a ela, um tom mortalmente calmo. Quanto mais cruel ela se tornava, menos isso me afetava. Se debutantes foram criados para mostrar maneiras impecáveis, modelos foram feitos para suportar críticas duras. Essa idiota não tinha nada que nenhum agente de elenco selvagem que eu já tinha encontrado não tinha. — Apenas curiosa, — acrescentei agradavelmente.

Três das outras garotas começaram a falar de uma vez e, a princípio, tive certeza de que estavam apoiando a amiga.

Eu estava errada.

— Acalme-se, — Camilla repreendeu Addison.

— Que porra é essa, Addie? — Veronica exclamou.

— Isso foi rude, — disse Millie a Addison em um tom agudo. — Peça desculpas.

Addison revirou os olhos, olhou para mim e se levantou. — Você sabe o que? Se você vai me descarregar só porque eu sou a única aqui que não está sendo falsa como o inferno, eu

vou dançar. Paz. — Ela levantou as duas mãos em sinais de paz enquanto se afastava.

Eu a observei até que ela desapareceu pela porta que levava à boate de verdade com inveja. Tinha que ser mais divertido lá do que aqui.

Três das cinco mulheres saíram pedindo desculpas pelos comentários rudes de suas amigas, e eu dei de ombros.

Eu fiquei ofendida? Um pouco. Fiquei surpresa? De modo nenhum. Esnobação era o mínimo do que eu esperava do clube de garotas ricas que eu estava sendo forçada a sair hoje à noite.

Eu pensei em seguir a rota de Addison - apenas largar todas elas para poder dançar com alguns estranhos - mas decidi não ir. Eu ainda estava no ponto em que estava tentando ser legal com elas apenas para provar a mim mesma que podia. Se eu fosse honesta, no entanto, estava a um passo fácil de abandonar toda a equipe.

As coisas ficaram quietas e desajeitadas após a partida dramática de Addison. Todas começaram a tocar em seus telefones.

Fiz o mesmo, imaginando se elas notariam se eu pegasse meus fones de ouvido e começasse a assistir um Kdrama. Com certeza passaria o tempo.

Eu ainda estava entretida a ideia quando Millie começou a pular para cima e para baixo em sua cadeira, fazendo barulhos empolgados.

Eu olhei para ela educadamente, já que ela parecia querer a atenção de todos.

— Temos companhia chegando! — ela gritou.

— Você contratou algumas strippers? — Eu perguntei inexpressiva.

Ninguém riu. Olhei para Chester, que estava tentando esconder um sorriso. Eu sorri de volta. Isso foi recompensa suficiente para mim.

— Como você sabe, nossos maridos, — Millie disse lenta e dramaticamente, — estão bebendo juntos esta noite.

Eu balancei a cabeça, fingindo que sabia disso, mas é claro que não.

— Meu Preston, — continuou ela, — acabou de me dizer que *tudo o* que eles podem fazer é falar sobre suas esposas. — Ela sorriu para mim. — Eles sentem nossa falta! Quão doce é isso?

Não escapou ao meu conhecimento que as duas garotas solteiras que estavam à mesa estavam revirando os olhos uma para a outra. Quem poderia culpá-las?

— É *tão* doce, — eu respondi secamente. Millie parecia esperar isso.

— Parece o meu Bradley, — a que eu pensei que era Hadley disse presunçosamente.

Hadley e Bradley? Mesmo? Seus pais tinham planejado essa merda?

— Claro que sim, — disse Veronica, com confiança inabalável. — Meu Royce *odeia* sair sem mim.

Millie assentiu enfaticamente. — Meu Preston é o mesmo.

— E você, Noura? — Beatrix entrou na conversa. — Seu marido *odeia* sair sem você?

Havia algo em sua voz. Algo mesquinho e quase sabendo. Eu me perguntava o que ela tinha ouvido, e uma parte de mim queria ser brutalmente honesta. Uma parte de mim queria apenas derramar o chá para toda a fofoca delas, apenas para ver como elas seriam escandalizadas. *Não, meu marido não odeia sair sem mim, na verdade ele só saiu comigo uma vez.*

Mas eu sabia que não poderia fazer isso. Eu desisti de todos os meus direitos de ser uma pessoa verdadeira quando assinei aquele acordo pré-nupcial. Olá dinheiro. Adeus, honestidade.

Eu apenas sorri brandamente e disse que sim.

— Vocês basicamente ainda estão em lua de mel, — acrescentou Millie sem um pingo de ironia. — *Deus*, eu lembro daqueles dias. Sinto falta de ser recém-casada.

Isso levou as mulheres a contar várias histórias românticas de casamento precoce.

Eu escutei atentamente. Ouvir falar de pessoas felizes e casadas com certeza acabava com as fofocas sobre mulheres aleatórias que eu não conhecia.

Isso continuou por um tempo e, quando elas finalmente tentaram me levar a contar uma história sobre meu casamento, eu rapidamente redirecionei a conversa. — Você disse que eles estavam vindo para *cá*? — Eu perguntei.

— Sim! Os maridos estão a caminho. Não é legal que sejam bons amigos?

Eu concordei que era bom.

— Precisamos encontrar maridos para Beatrix, Addison e Camilla que se encaixem nos nossos homens, — acrescentou Hadley. — É uma pequena piscina para se procurar, no entanto. Não restam muitos homens solteiros elegíveis em nosso círculo.

— Elas só podem se casar com homens do seu círculo? — Eu perguntei. Já estava ofendida e curiosa. Como essas pessoas pensavam era um completo mistério para mim.

— Quero dizer, elas podem se casar com quem quiserem. Seria bom se fosse um de dentro em vez de um de fora. Sem ofensa.

Dei de ombros, mas é claro que ela dizer que não havia ofensa apenas a tornava mais ofensiva.

Houve uma comoção na entrada dos fundos, e vi que vários homens altos haviam acabado de entrar na sala.

Nosso estande ficou em silêncio. A atenção de todos foi atraída.

Eu mal notei os outros homens. Meu marido foi o destaque do grupo.

Ele me viu e sorriu.

Meu coração deu um pequeno pulo no peito.

Minhas reações a ele foram inesperadas e indesejadas.

Eu não conseguia explicar como ele me fez sentir. Eu nunca tinha experimentado algo assim. Animada. Agitada. Eletrificada. Confusa. Estimulada. Angustiada.

Eu não estava me divertindo muito, mas tinha bebido o suficiente para estar excitada e me sentir relaxada, apesar da companhia embaraçosa.

De repente eu era uma bola apertada de tensão confusa.

Eu não esperava vê-lo. Eu não tinha certeza de como reagir.

Eu tinha tantas perguntas toda vez que o via. Perguntas que eu sabia que não podia fazer.

Ele estava planejando isso o tempo todo? Por que ele parecia feliz em me ver? Como ele fez isso tão convincente? Ele estava talvez um pouco *feliz em me ver?*

Os homens se aproximaram do estande, e eu me levantei para algumas reintroduções desajeitadas.

Eu sabia que tinha conhecido seus amigos antes, mas eles não tinham impressionado. Eu estava muito nervosa no dia do meu casamento para perceber muito além das minhas próprias dúvidas agudas.

Havia uma camaradagem inconfundível entre os homens e na reunião como um todo.

Havia muitas piadas internas sendo passadas sobre minha cabeça.

Havia um sentimento de carinho quando o grupo estava todo junto.

Vê-lo com seus amigos doeu um pouco.

Ele não estava sendo frio com eles. Ele não estava distante. Ele não era mau. Ele não era intocável.

Foi uma coisa perigosa para eu testemunhar.

Treze

Todos nos sentamos, esposas ao lado de seus maridos, as garotas solteiras no final.

Havia muito espaço, então me sentei cautelosamente a uns quinze centímetros de distância de Calder.

— Mais perto, — ele solicitou uma voz que conseguiu ser suave e dura.

Levou apenas uma palavra dele, um olhar, para o meu corpo mudar. Ir do sólido ao líquido. Refrigerado a aquecido.

Eu encontrei seus olhos enquanto obedecia.

Ele colocou o braço em volta de mim, me puxando para perto.

— Quanto você bebeu? — ele perguntou baixinho.

Mordi meu lábio e seus olhos seguiram o movimento. — Eu não sei, — falei honestamente, — perdi a conta. Mais do que o meu limite de duas bebidas.

— Como você está se sentindo? Não vai ficar doente, espero?

— Não, eu estou bem.

— Bom. — Ele sorriu. Era um belo sorriso quente, e eu não sabia dizer para quem era, mas fez meu sangue pulsar através do meu corpo um pouco mais rápido. Ele se inclinou para mais perto. — Eu estava no meio de uma reunião quando vi a foto que você postou, — ele murmurou em meu ouvido. — Fiquei duro como uma pedra. Você sabe como isso foi estranho para mim?

Eu balancei minha cabeça.

— E depois, — ele continuou suavemente, — quando eu estava sozinho, me masturbei com essa imagem. É isso que você queria?

Ele se inclinou para trás para encontrar o meu olhar.

Eu balancei minha cabeça. Eu não conseguia tirar os olhos dele.

Por que isso me deixou selvagem? A ideia dele se agradar de uma foto minha me pegou de todas as maneiras.

Ele pensou em mim quando não estava comigo. Antes dessa foto, eu tinha tanta certeza de que era completamente esquecível para ele. Menos que uma reflexão tardia. Mais fácil de apagar da mente do que o círculo úmido deixado pelo café da manhã.

— Você sabe quantos outros homens devem ter visto aquela foto antes de ser removida, e *fizeram exatamente a mesma coisa?* — Seu tom foi diferente de repente. Mudou de sedutor para duro. Santa oscilação de humor.

Ocorreu-me então que este era outro sentimento. Ele tinha acabado de chegar lá.

— Eu não achei que mostrasse muito, — falei o mais silenciosamente que pude. Eu não queria que ninguém percebesse que meu marido estava me criticando. Meu orgulho já havia sido batido o suficiente com essa pessoas. — Eu cobri tudo.

— Não faça isso de novo, — ele avisou.

— Tudo bem, — eu disse. Uma nota lamentosa entrou na minha voz quando eu acrescentei: — Nós já falamos sobre isso, você sabe.

Ele se inclinou para a frente, subitamente animado. — Minha *esposa* postou uma selfie nua online para o mundo ver. Para cada idiota do mundo se masturbar. Desculpe-me, se eu precisar revisar *duas vezes*.

— Foi apagado, — apontei.

Ele me deu um olhar aguçado. — Eu o salvei no *segundo em* que o vi, assim como inúmeras outras pessoas.

Nós nos encaramos por um longo e estranho momento. Por que o fato de ele ter salvo uma foto minha me acertou direto no estômago? Isso não significava nada. Ele provavelmente estava apenas dizendo isso para provar um ponto. — Você realmente salvou? — Eu perguntei, minha voz pouco mais que um sussurro.

Ele limpou a garganta. — Esqueça. Apenas use um pouco de bom senso da próxima vez.

— Entendi, — respondi.

Ele se inclinou para perto.

Meus olhos estavam em seus lábios. Eles eram tão gordos. Eu alcancei a ponta do dedo para tocá-los. E tão suaves.

Ele se aproximou. — Vamos dançar. — Não foi um pedido.

Eu balancei a cabeça e ele se levantou, estendendo a mão. Eu peguei.

Ele disse ao grupo que estava me levando para dançar. Recebemos vários brindes no ar em resposta.

Ele me levou para fora da cabine, atravessou a sala privada e passou por uma porta que dava para um clube muito mais lotado.

Uma anfitriã atraente nos encontrou na porta e nos levou a outra cabine VIP menor, em um canto do clube principal.

Calder segurou minha mão, me puxando para perto dele.

Olhei para trás uma vez e encontrei Chester nos seguindo. Não sei porque, mas isso me fez corar. Eu tinha esquecido que ele estava lá.

Sentamos e a anfitriã nos preparou bebidas. Tentei pedir mais champanhe (que ele trocou para suco de laranja) e pediu bourbon.

Estávamos sentados perto, nossos quadris se tocando. Virei minha cabeça para encontrar seu olhar. Meus olhos devoraram seu rosto bonito. Por que ele tinha que ser tão bonito?

— Eu pensei que estávamos indo dançar, — comentei.

Estava muito mais alto aqui, e ele teve que inclinar a orelha perto da minha boca para ouvir minhas palavras.

Ele se inclinou para trás apenas o suficiente para olhar para mim, depois colocou os lábios no meu ouvido para responder: — Nós estaremos. Em um minuto.

— Vamos dançar aqui ou ali?

Ele se afastou o suficiente para ver meu rosto.

Eu apontei para a massa giratória de pessoas no centro do clube. Estávamos vários andares acima, as pessoas abaixo sendo a nossa vista.

Ele me deu um olhar que me disse que achava que eu devia estar brincando. — *Aqui,* — ele enfatizou a palavra, sua respiração quente contra o meu pescoço. — Eu não vou

deixar você perto dessa bagunça. Você será apalpada de todas as formas diferentes. — Ele pareceu pensar sobre isso, depois se inclinou novamente. — E não apenas por mim. Por estranhos.

— Então, sem apalpar, — eu disse, incapaz de segurar um sorriso.

— Ninguém disse isso, — sua voz era um ruído baixo e delicioso no meu ouvido.

Estremeci, um tiro de luxúria me atravessando. Meus mamilos ficaram duros, meu sexo apertando. Eu não tinha ideia do que ele estava planejando, nunca tive, mas ainda estava de alguma forma ansiosa por isso. Almejando.

Recebemos nossas bebidas, mas mal tomamos um gole antes de ele estar de pé. Ele olhou para Chester, acenando para o homem mais velho para que ele pudesse ser ouvido sobre o barulho esmagador.

Não entendi o que ele disse, mas sabia que era uma dispensa quando Chester me lançou um olhar preocupado e partiu.

Calder tirou o paletó, jogando-o descuidadamente em um assento. Ele arregaçou as mangas, com os olhos em mim.

Ele disse algo, e foi direcionado a mim, mas eu não conseguia ouvir. Levantei-me, aproximando-me, apontando para o ouvido para indicar que precisava que ele se repetisse.

Ele não usava gravata, e o botão superior da camisa abriu o suficiente para mostrar sua atraente garganta bronzeada. Meu rosto estava pressionado lá quando ele falou no meu ouvido.

Deus, ele era alto. E grande. E ele cheirava divino. Como bergamota, grama e céu, todos embrulhados em um homem grande e comestível. Eu queria lamber ele.

— Ele realmente gosta de você, — sua voz vibrou contra mim, sua boca estava tão perto da minha pele.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando. Ele me distraiu completamente estando tão perto.

— Quem? — Eu perguntei a ele.

— Chester. Ele é muito apegado a você. Eu poderia dizer que ele não queria ir embora.

Dei de ombros, sem encontrar seus olhos. — Ele é legal comigo, o que é uma coisa boa, já que estamos sempre juntos. E ele é muito bom em seu trabalho.

Eu estava olhando para sua deliciosa garganta, mas senti ele olhando para o meu rosto. Ele ficou parado assim por um longo e embaraçoso momento antes de deixar passar. Eu sabia que o assunto havia desaparecido quando suas mãos foram para minha cintura, me puxando para mais perto.

Meus olhos estavam em seu corpo, em seu peito muito perto, muito tentador, nos grandes bíceps marcados rolando sob sua camisa.

Suas mãos deslizaram pelos meus quadris e pelas curvas da minha bunda. Ele empurrou meu corpo contra o dele.

Um fluxo lento e quente de excitação se reuniu em meu núcleo.

— Eu mal te toquei e já estou duro, — ele murmurou em meu ouvido. — Eu estive pensando em te foder de novo. Sobre lhe ensinar o que é adequado .

Minha respiração estava ofegante. Cada palavra que ele dizia, por mais grosseira, era como uma droga para mim. Eu não conseguia o suficiente. Eu queria que ele me quisesse. Precisava disso.

Eu queria dizer alguma coisa, queria perguntar a ele por que, se ele me queria tanto, ele basicamente me ignorou desde que dissemos *que sim*, mas eu não conseguia dizer as palavras.

Eu era uma covarde, então fiquei com raiva e apenas assenti.

Ele inclinou meu queixo até ele com um dedo, e o olhar aquecido que me deu então era deslumbrante.

Eu estava com tantos problemas.

Ele começou a se mover ao ritmo da música que estava bombando pelo clube, e sem nenhuma permissão consciente do meu cérebro, meu corpo começou a se mover com ele.

Foi bom. Nós dois sabíamos como nos mover. Dançamos como se tivéssemos feito amor mil vezes, em vez de foder lamentavelmente uma vez. Independentemente da nossa história, ou da falta dela, nossa química era inegável.

Nosso torso nivelou, ele empurrou sua coxa alta entre as minhas e enterrou o rosto no meu pescoço, esfregando o nariz para frente e para trás ao longo da minha pele macia, enquanto suas mãos sempre em movimento causavam estragos nos meus hormônios com cada toque inebriante.

Seus quadris se moveram contra mim em um ritmo liso e ganancioso. Enquanto nos movíamos, seu peito roçou no meu rosto. Eu lambi. Seu sabor era como um licor doce e inebriante.

Deus, eu queria mais. Eu queria tocá-lo, correr meus lábios por todo ele, subir em seu corpo naquele momento.

Eu queria que ele me fodesse novamente quando meu corpo e mente estivessem assim, relaxados e lânguidos, nebulosos e prontos. Eu queria uma consumação real, seu corpo invadindo o meu por outras razões além de lençóis ensanguentados e sondas médicas. Eu queria fazer absolutamente tudo com ele. Não para negócios, mas por prazer. Eu queria que ele me ensinasse o que aquilo significava.

Deus, eu estava um pouco bêbada. Se estava nele ou nas várias fotos que eu tinha feito, não tinha certeza. Mas isso não importava. Minha mente estava instável e lúcida ao mesmo tempo, tornando-a madura para colher verdades indesejadas do meu próprio cérebro.

Eu estava ficando obcecada com meu próprio marido hostil.

Minha única desculpa era que ele era um homem fácil de se tornar obcecada. Sem esforço. A linha perfeita de sua mandíbula raspada, a faísca em seus olhos lindos, a curva exuberante de sua boca, a queda brincalhona de seus cabelos escuros, cada centímetro de seu corpo duro – todas essas coisas assombraram meus sonhos, quer eu os quisesse ou não.

Eu me assegurei repetidamente que minha obsessão era superficial e que não era afeto. Mas naquela noite essas garantias foram quebradas diretamente no pó.

Era tão fácil gostar de quem ele era com seus amigos, quente e fácil. Rindo e brincando. Charmoso e divertido.

A maneira como ele me tocou foi a primeira rachadura. Essa noite foi a segunda. A barreira dentro de mim estava sendo bombardeada. E ele nem precisou tentar.

Eu precisava sair disso. Eu precisava me reunir. Precisava parar com os sentimentos que estava tendo antes de tudo ficar fora de controle.

A agonia de sentir algo pelo meu marido precisava ser evitada a todo custo.

E esqueça a palavra com A. Isso estava totalmente fora de questão. Eu culpei o licor que chegou ao meu cérebro. O amor sempre foi um fardo pesado, mas amar um homem como ele me arrastaria pela terra, disso eu tinha certeza, e minha cabeça não queria fazer parte disso.

Infelizmente, meu corpo não concordou, e meu coração continuou tentando sair do meu peito, tentando trazer emoções reais para esse casamento falso.



Quatorze

Nosso pequeno estande estava em um canto, e ele se moveu atrás de mim de repente, puxando as cortinas que eu não tinha percebido que estavam lá.

Uma luz acendeu. Eu olhei em volta. — Isso é algum tipo de clube de sexo? — Eu não tinha feito a pergunta em voz alta, mas estava perto do ouvido dele.

Ele me ouviu, olhou para trás e sorriu. Ele se inclinou para o meu ouvido para responder. — Não. Conheço alguns na cidade, se você quiser conferir um, mas este é apenas um clube regular com algumas vantagens para o proprietário e seus amigos.

Ele puxou as cortinas até cercarem o estande inteiro, deixando-nos na escuridão.

Uma respiração pesada estremeceu do meu corpo enervado e trêmulo.

Um instante depois, senti suas mãos em mim, sua respiração ofegante contra meus lábios.

Ele empurrou minha blusa até a clavícula e abriu a frente do meu sutiã.

Segurou meus seios e os acariciou. Achatando as palmas das mãos, ele esfregou meus mamilos em círculos.

Um gemido me escapou.

Ele puxou meus mamilos, esfregando-os com mais força.

Eu gemia mais alto, mas o som fora abafado pelo barulho do clube.

Ele se inclinou para o meu peito, puxando a ponta em sua boca. Ele chupou enquanto seus dedos esfregavam meu outro mamilo. Ele fez isso completamente, passando de um lado para o outro.

As sensações me dominaram. Apertei seu cabelo, segurando-o contra mim, e não me incomodei em segurar meus gemidos enquanto ele chupava meus mamilos até meus olhos revirarem em êxtase.

Eu me contorci, meus quadris se movendo, procurando algo, qualquer coisa, apenas *mais*.

Ele poderia me fazer gozar apenas com a boca nos meus seios? Eu não achava isso, mas tive um momento genuíno em que pensei que ele poderia.

A pergunta saiu do meu cérebro quando ele se moveu pelo meu corpo, caindo de joelhos no chão duro e sujo do clube.

Eu estava tremendo como uma folha. Em antecipação. Já tinha aprendido que, quando esse homem amargo resolvia me dar prazer, era muito doce.

Ele empurrou minha saia até a cintura e puxou minha calcinha até os tornozelos. Saí dela, e ele casualmente a colocou no bolso.

Puxou uma das minhas pernas por cima do ombro, enterrando o rosto no meu sexo. Ele me inalou.

Eu quase vim naquele momento, mas ele estava apenas se aquecendo.

Seus dedos suavemente separaram minhas dobras, e ele enterrou seu rosto mais profundo contra mim. Sua língua flutuou como um sussurro suave sobre mim enquanto ele provocativamente lambia minha fenda.

Agarrei seu cabelo e o segurei. Era tudo o que eu podia fazer para me manter em pé.

Ele apalpou minha fenda trêmula com a ponta da língua, aproveitando o tempo, movendo-se devagar como se fosse mel pingando.

Meu coração estava batendo descontroladamente, minha língua molhada continuava lambendo meus lábios como se isso tornasse minha garganta menos seca quando eu gritei com suspiros rápidos e ofegantes.

Ele beijou minha boceta por um longo tempo, fazendo isso como se fosse romântico, como se estivesse apaixonado por ela, como se estivesse beijando minha boca em vez de meu sexo. Sua cabeça se movia para frente e para trás com seus movimentos, beijando, lambendo, chupando, mordiscando.

Eu pensei que ele era bom com as mãos. Ele era um artista com a boca.

Finalmente, depois de todos os gostos e provocações das drogas, sua língua subiu em mim, empurrando o mais fundo que pôde.

Eu gritei de prazer. O barulho do clube abafou no segundo em que atingiu o ar.

Eu sabia que ele ouviu porque foi nesse momento em que ele ficou louco. Ele começou a me foder com a língua, a foder com o propósito concentrado que eu só o vi usar quando ele estava tentando pegar o fundo de um copo de bourbon.

Ele estava fazendo esses barulhinhos requintados enquanto me comia, barulhos que eu senti mais do que ouvi, barulhos famintos como se ele estivesse lambendo a tigela para o último vestígio de creme.

Adorei, amei o jeito que ele me fez sentir, o jeito que ele me fez reviver sob suas mãos, sua boca.

Segurei seu cabelo sedoso com as duas mãos e balancei meus quadris, girando minha boceta dolorida em seu rosto.

Gritei um protesto quando a língua dele se retirou, mas ela se transformou em incentivo enquanto acariciava o caminho para o meu clitóris. Ele lambeu suavemente por uma lambida, duas, três.

Era tão excessivo e ainda faltava, era demais e, de alguma forma, eu precisava de mais, tudo, agora.

— Por favor, — implorei, sem me importar se ele ouvia, sem me importar com quem ouvia. Eu precisava de mais. Precisava acender novamente.

Ele enfiou os dedos em mim e começou a socá-los com força. Senti meus próprios sucos escorrendo pela minha perna. Quase doeu, mas até isso foi bom.

Ele pousou seus lábios tão suavemente ao redor do meu clitóris e o puxou até sentir minha carne provocando entre seus dentes retos e planos. Foi calmo no início, mas de repente e sem aviso, ele chupou com *força*.

As terminações nervosas em meus lombos se desfizeram. Eu gritei naquele caos.

Sim. Lá estava. Aquela ignição dentro de mim. Ele já havia feito isso antes, mas desta vez foi mais, mais profundo, mais quente, mais faminto. Eu vim com todo o meu ser, com calafrios que percorriam todo o meu corpo em uma onda de êxtase inebriante que se espalhava até os dedos dos pés.

Levei muito tempo para me recuperar. Eu era praticamente inútil enquanto ele ajeitava minhas roupas.

Eu não conseguia olhar para ele.

Ele recolocou meu sutiã, acariciando meus seios sensíveis enquanto o fazia, amassando minha carne e beliscando meus mamilos eretos e sensíveis como se ele não pudesse se conter. Ele chupou eles enquanto puxava minha saia e a endireitava, alisando o material pelas minhas coxas. Se afastou e me posicionou, então eu estava sentada no banco. Eu queria me deitar. Eu queria abrir minhas pernas e implorar para ele fazer tudo de novo.

Ele endireitou meu sutiã e colocou minha blusa de volta no lugar.

— Minha calcinha, — lembrei-o, minha voz abafada por todo o barulho.

Ele ouviu. — Apenas mantenha suas pernas juntas e tente ser modesta, se você souber o que isso significa.

Eu corei. Como sua boca podia ser a coisa mais legal e mais cruel que eu já encontrei?

Ele abriu as cortinas e eu fechei meus olhos contra as luzes estroboscópicas. A escuridão era melhor, especialmente depois *disso*.

Eu ainda não conseguia olhar para ele. Estava dividida em algum lugar entre mortificada, enojada e completamente ferida.

Realmente não havia esperança para mim.

Ele sentou-se ao meu lado e passou um braço em volta dos meus ombros, me puxando para ele. Meu rosto estava quente. Senti sua respiração contra a minha pele uma batida antes que seus lábios macios beijassem minha têmpora. Foi quase doce.

O que é que foi isso? O que estávamos fazendo aqui?

— Bem, você é melhor em tomar oral do que em dar, — ele murmurou. — Pelo menos você é boa para alguma coisa.

Ah, lá estava. O veneno não tinha desaparecido, nem por um segundo.

Eu nem percebi que estávamos juntos com alguns de seus amigos até que ele se afastou de mim e começou a conversar casualmente com um deles.

Eu olhei atordoada para absolutamente nada. Eu estava bêbada com mais coisas que champanhe.

Depois de um tempo, voltamos para a sala menor e privada. O estande de nosso grupo estava vazio. Todo mundo estava dançando agora. Calder não parecia se importar.

Ficamos em silêncio por um tempo. Bebi com moderação o suco de laranja virgem que ele autocraticamente ordenou para mim enquanto tentava se afogar em bourbon.

Algo estava me incomodando, e eu sabia que era uma má ideia, mesmo quando senti a pergunta saindo da minha boca. — Então, por que você não se casou com uma das debutantes?

Ele parou no meio da bebida, depois continuou, terminando o copo e me dando uma olhada completa, menos do que amigável dessa vez.

Perguntas pessoais não foram bem-vindas em nosso casamento, e eu tive a ousadia de fazer uma de qualquer maneira.

Eu tinha mostrado péssimas maneiras de esposa falsa.

Eu me importava cada vez menos com isso.

Por fim, surpreendentemente, ele respondeu: — Antes de tudo, eu não queria. Segundo, eu não tinha vontade de me casar com alguém que eu e pelo menos metade dos meus amigos íntimos fodemos.

Estremeci com sua vulgaridade, sua misoginia e seu esnobismo. — Isso não é um padrão duplo? Você é um santo?

— Não, não sou e sim, é, mas isso não muda nada. Eu não sei o que te dizer. Eu nunca iria me casar com uma

delas. Isso nunca esteve em cima da mesa. Se alguma delas sugeriu o contrário, não recebeu a ideia de mim.

— Porque você queria uma virgem.

— Eu te disse. Essa não era minha estipulação. Mas agora que tudo já foi dito e feito, não sinto muito por isso. Tudo funcionou para o melhor.

Bem, eu vou ser amaldiçoada. Quase um elogio.

— Não é o casamento, — ele corrigiu apressadamente. — Eu ainda odeio estar casado com você. Mas não odeio inteiramente que seu corpo seja meu território *exclusivo.*

E aí estava.

Sua mão deslizou descaradamente entre minhas coxas fechadas. Elas se separaram para ele, apesar da minha vergonha, e ele me tocou. — Ninguém mais esteve aqui, — ele sussurrou e imediatamente se retirou.

Ele começou a me ignorar em favor do seu telefone.

Eu resisti por trinta minutos sólidos antes de quebrar. Minha mente se prendeu a algo, fixando-se a tal ponto que me vi estufando até que finalmente acabei de falar em voz alta. — Então, eu estou entendendo errado, ou você sugeriu que dormiu com a maioria ou todas da minha festa de casamento? — Eu perguntei a ele.

O rosto dele ficou rígido. Ele virou a cabeça e me olhou com desapego espetacular. — Minha nossa, você não está cheia de perguntas que não tem o direito de fazer?

Eu pensei que essa era a resposta dele, e nós voltamos ao silêncio por um tempo.

— Eu nunca dormi com Millie ou Veronica, — disse ele de repente. — Quanto ao resto, éramos todos adolescentes burros e com tesão juntos. O que posso dizer? — Ele viu o olhar no meu rosto. — Não faça perguntas para as quais você não quer respostas. E preciso lembrá-la? Este não é um jogo de amor. Onde eu coloquei meu pau não é da sua conta. Então, acho justo dizer que toda essa discussão é menos do que produtiva.

Era apenas a verdade brutal. Eu entrei nisso sabendo que não teria nenhuma propriedade dele.

A questão era que eu não tinha ficado fascinada com ele naquela época. Não havia obsessão na minha corrente sanguínea quando eu coloquei tinta nesse papel. Eu não tinha certeza de como ou porquê, mas muita coisa mudou desde então.

Tentei não mostrar o quanto fiquei horrorizada com o que ele acabara de revelar. Uma parte de mim estava esperando e esperando que ele negasse, mas isso não iria do meu jeito. — Suponho que não. Fazer-me sair com elas também é menos do que produtivo.

Ele teve a graça de pelo menos parecer um pouco desconfortável. — Eu não sabia que Millie estava trazendo toda a equipe, — disse ele, rigidamente. — Mas é o que é. Este é o seu círculo social agora. É para isso que você se inscreveu.

— Entendido, — eu disse sem problemas.

Nós voltamos ao silêncio, e eu pude senti-lo olhando para mim. Eu mantive meu olhar treinado em minhas mãos.

— Você é muito composta, — comentou depois de um tempo. Eu não sabia dizer se era um elogio, insulto ou simples observação. — Você sempre é tão quieta?

Mordi o lábio, dando uma olhada nele. Eu não conseguia dizer uma palavra. Eu podia sentir o rubor manchando minhas bochechas. Minha mente estava presa com firmeza no que ele havia feito comigo antes. Eu não tinha ficado quieta mais cedo quando ele chupou minha boceta e me fez gritar.

Ele sorriu. Não foi amigável. Era uma mistura mesquinha entre auto aversão, ironia e absoluto desdém. — Bem, acho que nem sempre, hein?

Quinze

Calder

Eu ainda podia senti-la, ainda a sentia na minha língua. Eu odiava suas tripas, mas ela tinha gosto de paraíso.

Foi um erro vir aqui, chegar perto dela. Eu sabia que era uma má ideia desde o início. Não queria fazer isso, mas ainda era totalmente culpado. Eu tinha deixado meus amigos me convencerem disso, mal lutando.

No segundo em que a vi, me arrependi de ter vindo. Duas horas depois, eu estava me arrependendo ainda mais. Eu não queria ter nada a ver com ela, de fato havia jurado negligenciá-la tanto quanto era possível para um marido negligenciar uma esposa indesejada, mas isso não parecia importar exatamente no *segundo em que* ela se aproximou o suficiente para eu tocá-la.

Comê-la e me viciar no gosto dela no processo não estava nos planos. Treinar ela para derreter ao meu toque, para inflamar quando meus lábios fizeram contato com ela era contraproducente para minhas intenções. Todas as minhas ações estavam em desacordo com meus objetivos para a noite e em geral: afastá-la através de humilhação,

estranhamento ou crueldade. Em outras palavras, por qualquer meio necessário. Eu desprezava esse casamento falso, e queria que ela soubesse, sentisse, se ressentisse tanto quanto eu.

Queria que ela me odiasse mais do que amava os milhões pelos quais se vendeu. Odiar-me o suficiente para cancelar a coisa toda. Eu não poderia fazer isso, mas se *ela o* fizesse, sabia que isso seria um ponto muito importante para meu pai: esse esquema dele estava condenado desde o início.

Eu a deixei sentada sozinha há algum tempo. Eu não poderia estar tão perto dela. Do outro lado da sala estava muito perto.

Montei acampamento no pequeno bar da sala privada do clube, tomando um gole após o outro para apagar o doce sabor dela. Até agora não estava funcionando.

Ela estava olhando para o telefone, e eu não conseguia parar de observá-la por mais de curtos períodos de tempo. Enquanto eu olhava, alguns dos meus amigos se juntaram a ela. Ela olhou para cima e respondeu a uma pergunta, seus lábios exuberantes moldando as palavras de forma atraente, seu rosto impecável sombrio e sério. Eu podia ver a pequena covinha no lábio inferior exuberante do outro lado da sala. Essa covinha do caralho.

Minhas bolas doem. Meu pau ainda estava duro como uma pedra. Eu tive que amarrar minha jaqueta na frente da minha ereção furiosa após o incidente atrás das cortinas no

clube principal. Se ela tocasse em mim novamente hoje à noite, eu iria gozar nas minhas calças. Outra razão sólida para me ressentir dela. Ela me fez perder o controle que eu tomava por garantido nesta fase da minha vida.

Eu não estava acostumado a me negar assim, mas tomei uma decisão resoluta de não a deixar me tirar hoje à noite. Eu não precisava de mais lembranças de sua boca entusiasmada e sem arte travada em torno do meu pau, seus dedos elegantes em volta dele. Ela me chupou como se ela *adorasse*. Depois de vê-la desmoronar hoje à noite, eu estava começando a suspeitar que ela poderia.

Inferno, talvez eu tivesse comprado uma virgem sacana.

Ou talvez ela fosse apenas uma ótima mentirosa. Eu gostava de pensar assim. Ela não merecia o benefício da dúvida. De jeito nenhum.

Ela se vendeu para o casamento. Isso foi fodidamente calculado. Mas *quão* calculada ela era?

Calculada o suficiente para fingir um orgasmo que a fez perder a cabeça? Sim, claro. Mas ela era talentosa o suficiente para fazer isso *tão bem*? Quem diabos sabia? Eu não.

Ela riu de algo que meu amigo Bradley disse. Jogou a cabeça para trás quando fez isso, seus lindos cabelos loiro-escuro escorrendo como se ela fosse uma maldita princesa da Disney. Sua risada tilintou como um sino. Isso ralou nos

meus ouvidos. Seus dentes eram brancos e perfeitamente retos, seus grandes olhos azul-marinho se erguiam como os de um gato. E seus lábios rosados e macios eram todos os sonhos molhados que eu já tive na adolescência. Inferno. Como adulto.

O que diabos eu estava pensando quando a escolhi? Que míope faz isso, casar com alguém que eu queria tanto foder. Eu me odiava por isso, mas eu a odiava mais.

Eu olhei para Bradley, mas ele não estava olhando para mim, ele estava olhando para minha, linda demais para si própria, esposa.

Minha mandíbula apertou quando vi o rosto dela relaxar em linhas felizes. Não é um sorriso falso para as câmeras. Não é uma sessão de fotos. Um genuíno, sincero momento sorridente. Não era algo que eu tinha conhecimento. Eu não gostei. Ela era ainda mais bonita quando sorria assim, e já era o suficiente.

Flashes da nossa noite de núpcias vieram até mim, como costumava acontecer em momentos estranhos, mesmo quando eu não estava tão perto dela. Seu corpo magro e gostoso deitado na cama, pernas longas espalhadas, sangue e esperma nas coxas. O prazer perverso de sentir sua boceta virgem apertou em torno do meu pau nu. Pele contra pele, *Jesus*. Eu nunca tinha fodido sem camisinha antes daquela noite, e certamente nunca tive uma *virgem*. A ideia *ainda* era assustadora, mas o sentimento era superficial. Eu não tinha

durado trinta segundos uma vez que estava dentro dela. A sensação dela me agarrando como se eu fosse sua última tábua de salvação era demais. Isso me deixou completamente irritado. Eu não gozei tão rápido desde a minha primeira vez dentro de uma mulher. Isso foi há doze anos. Eu me encolhi quando minha mente fez essa conexão, enquanto eu tinha catorze anos na época, a mulher era mais velha do que minha esposa agora.

Naquela noite, pelo menos, eu tive uma desculpa para tocá-la. A consumação era uma parte inegociável do acordo.

O que eu não tinha desculpa era o resto. Eu nunca deveria ter sentido o quão molhada sua boceta elegante poderia ficar com apenas o roçar dos meus dedos. Eu nunca deveria ter deixado ela envolver seus lábios exuberantes em volta do meu pau. Nunca deveria ter *provado* ela. Nunca descobrir o quão molhada e faminta estava sua pequena boceta lisa.

Ela estava colocando uma armadilha pior para mim do que meu pai, e eu nem sabia se ela estava fazendo isso de propósito.

Quanto mais eu a observava, mais uma densa névoa de desejo me envolvia. Minhas bolas estavam tão fodidamente pesadas que eu não pensei que duraria mais dez minutos e muito menos o resto da noite.

Resolutamente, me virei para o bar. Eu nem sequer olharia para ela novamente, decidi. Fora da vista, fora da mente, fora de me foder até a morte.

— Espero que as mulheres não tenham sido muito duras com ela antes de chegarmos, — meu amigo Preston falou enquanto se aproximava ao meu lado no bar. Ele era o doce e carinhoso do grupo. Ele e Millie eram perfeitos juntos. — Millie diz que foi um pouco tenso. Eu não sei o que isso significa, mas espero que elas não a assustem. Desculpe, cara.

Eu atirei-lhe um olhar. Ele estava virado para o lado oposto de mim, de frente para a sala.

Dei de ombros. Foi um movimento inquieto, mais para mim do que para ele. — Ela é adulta. Pode cuidar de si mesma.

— Espero que ela não precise, é tudo o que estou dizendo, — comentou.

Eu não respondi a isso. Eu não sabia o que esperava. Nada do que eu sentia ultimamente fazia qualquer sentido.

— O que você vê quando a olha? — Eu perguntei a ele. Eu estava de costas para ela, mas sabia que ele estava olhando para a criatura incomparavelmente linda com quem eu era casado.

Meu melhor amigo parecia claramente desconfortável. — Sua esposa.

Eu ri, e foi realmente divertido em vez de amargo. — Olhe mais fundo. E livre-se disso. A pergunta não era uma armadilha.

— Uma mulher bonita.

— Olhe mais fundo.

— Inacreditavelmente bonita. Uma bomba. Um dia moderno de Brigitte Bardot.

— Mais profundo.

— Quando olho para essa mulher, vejo o melhor sexo da sua vida, seu sortudo. Como é isso?

Foi a minha vez de parecer desconfortável. Sempre fomos honestos um com o outro. Essa foi uma das razões pelas quais ficamos amigos desde a infância. — Sim, claro que ela é linda. Uma concha irresistivelmente atraente da parte dela era uma condição da nossa união. Mas você sabe o que eu vejo quando a olho?

— O que?

— Minha ruína. Minha própria autodestruição andando com pernas assassinas. Caos. A ruína da minha paz de espírito. A maneira como reajo à sua aparência é a morte dos meus princípios. A maneira como respondo quando sinto sua vagina é a reivindicação de um tirano.

— O tirano é seu pai, eu presumo?

— Claro.

— Quem diabos se importa? — ele disse severamente.

— Com licença?

— Quem diabos se importa com o que seu pai pensa? Você sempre esteve em guerra com esse homem, e não tem nada a ver com aquela pobre garota. Sim, seu pai pode ser um tirano, mas *ela* não *é*.

Não, ela era uma prostituta, pensei, mas não disse isso em voz alta. Era uma coisa eu pensar nisso, mas ninguém mais teve o privilégio.

O pensamento me fez congelar. De jeito nenhum. Eu não consideraria *nada* sagrado sobre ela. Sobre nós. — Ela não é uma tirana, — eu concordei. Surpreendeu-me quanto esforço me levou para expressar as próximas palavras. — Os tiranos têm cérebros, vozes e escolhas. Ela vendeu todos os três. Você sabe o que ela é?

Ele estava olhando para mim com os olhos arregalados, me dando um olhar que dizia: o *que você está pensando, cara?*

Eu respondi minha própria pergunta. — Ela é uma obra de arte que meu pai comprou para eu foder regularmente. Uma boneca para explodir a cara. Um lindo lixo barato, porra. Ela é minha prostituta particular.

— Banks, pare, — meu melhor amigo disse com uma voz muito cuidadosa.

Eu mudei. Ela estava parada ali. Eu me perguntei exatamente o que ela tinha ouvido. Senti a cor subir pelas minhas bochechas com um rubor de culpa, mas disse a mim mesmo que não me importava. Ela mereceu tudo o que eu disse. Não era nada além da verdade brutal.

— Posso ir? — ela perguntou com calma compostura. Isso me fez querer sacudi-la.

— Não, — eu disse, me sentindo cruel. — Vá ganhar seu sustento e se misture com meus amigos.

Sem uma palavra, ela se virou.

— E Noura, — eu gritei, com voz dura, pau mais duro.

Ela se virou para olhar para mim. Os olhos dela eram insolentes.

Isso me deixou selvagem.

— Sim, marido? — Houve uma mordida em suas palavras.

Ela tinha um pouco de espírito. Achei isso quase insuportavelmente provocador.

Isso me fez atacar ainda mais. — Eu sei que isso é pedir muito, mas tente o seu melhor para não me envergonhar.

Algo fascinante aconteceu em seu rosto. Mal se moveu, mas seus olhos se voltaram para mim e seus lábios tremeram.

Eu não sabia dizer se havia quebrado seu espírito ou acendido um fogo nela. Por que eu queria perversamente fazer as duas coisas?

— Isso é tudo? — ela atirou de volta.

Passei os olhos por ela, de cima para baixo. Seus mamilos estavam eretos e eram visíveis através de sua parte superior.

Bem, isso não saiu pela culatra?

— Não, — eu demorei. — Você pode ser uma prostituta, mas você é *minha* prostituta. Pare de flertar com Bradley.

Sem outra palavra, ela se virou e foi embora.

— Jesus, Banks, — Preston parecia chocado. — O que *diabos* há de errado com você?

— Ela. Ela é o que está errado.

— Você vai ter que superar isso.

— Não foi você quem teve que se casar com uma modelo idiota.

— Como você sabe que ela é idiota? Uma coisa que sei de fato sobre seu pai, é que ele não permitiria que você procriasse com alguém com um QI baixo.

Eu sabia que ele estava certo sobre esse pequeno ponto. Eu até sabia que tinha acesso a todas as informações dela, desde o tamanho do sapato até as pontuações no SAT, mas teimosamente eu me recusei a olhar.

— Você viu a foto que ela postou há algumas semanas atrás? — Eu mudei de assunto.

Preston quase engasgou com a bebida. Eu olhei para ele. Isso foi resposta suficiente. — Pare de segui-la nas mídias sociais, seu pervertido, — eu resmunguei.

Seus olhos quase saltaram da cabeça. — Eu apenas a sigo porque achei que era a coisa mais educada a se fazer. Eu era o padrinho do seu casamento!

— Que doce. Bem, pare. E é melhor você não ter essa porra de foto salva no seu telefone.

— Você perdeu a cabeça.

Ele provavelmente tinha razão.

Dezesseis

Noura

Por alguma razão, eu não conseguia entender porque meu marido voltou comigo para o meu apartamento. Eu até superei minha raiva impotente o suficiente para falar com ele uma vez. — Você vai ficar no meu apartamento hoje à noite? — Por que diabos ele estava no meu carro?

Ele não se incomodou em olhar para mim. — Não. Eu estou indo para casa. Preciso dormir. Não durmo uma noite sólida há dias e sei que vou dormir melhor na minha própria cama.

Justo. Boa viagem. Eu queria me libertar da companhia dele o mais rápido possível. Não foi nada além de um alívio.

Também foi um alívio vê-lo soltar aquele discurso odioso às minhas custas, eu disse a mim mesma. Eu estava um pouco mole para ele. *Não posso fazer isso.* Eu sabia no fundo do meu estômago que não podia mostrar a ele um pingo de fraqueza. Mostrar sua barriga para o inimigo sempre foi uma jogada estúpida.

Dou-lhe um boa noite superficial. Ele não se deu ao trabalho de responder ou olhar para mim. Idiota.

Chester me acompanhou até o meu apartamento em silêncio. Eu sabia que ele tinha opiniões sobre meu marido e meu casamento, mas ele sempre teve a graça de mantê-las para si. Eu sabia que tinha que haver algum conflito de interesses lá.

Jovie ainda estava acordada. Deixei que ela me tirasse do meu mau humor. Não demorou muito. Ela trançou meu cabelo enquanto assistíamos a um episódio do nosso mais recente Kdrama e me contou uma história sobre um desfile que ela fez, onde eles fizeram todas as modelos se vestirem como palhaços assustadores.

Eventualmente, a tensão em meus ombros e o aperto dos punhos diminuíram o suficiente para que eu me esquentasse o suficiente para compartilhar. Dei a ela uma versão editada da noite. Eu deixei de fora as palavras idiotas de um marido e todas as coisas que não eram adequadas para ouvidos de quatorze anos de idade. Ela concordou que as amigas privilegiadas e ricas do meu marido eram todas putas e esquisitas. A presença dela era exatamente a que o médico ordenou. Eu refleti, não pela primeira vez, como foi uma sorte termos nos encontrado.

Nós terminamos depois de uma hora. Eu me senti melhor, graças ao meu recém-adotado bebê modelo. Jovie tinha se acostumado a dormir sozinha, principalmente, e me

deu um grande abraço antes de pular para o meu quarto de hóspedes, que agora era firmemente *o* quarto *dela*. Eu me perguntava quanto tempo ela ficaria comigo e secretamente esperava que fosse indefinidamente. Às vezes você não percebe o quanto está sozinho até encontrar a companhia certa.

Fui dormir sozinha e com um sorriso no rosto.

Acordei na calada da noite, quente e incomodada.

E eu não estava sozinha.

A forma grande de Calder estava esticada em cima de mim, seus braços apoiados firmemente através dos meus, me abraçando. A camiseta fina em que eu tinha ido para a cama tinha sumido. Minha calcinha também tinha sumido. Eu estava completamente nua.

Uma de suas coxas musculosas foi empurrada entre minhas pernas. Eu estava me esfregando intencionalmente contra ele.

— Eu pensei que você estava ficando em seu próprio lugar. — As palavras saíram de mim em sussurros macios e indesejados.

— Eu tentei, — ele murmurou no meu ouvido.

— Eu pensei que você precisava dormir, — eu disse.

— Esqueça o que eu preciso. — Sua boca deslizou ao longo da minha mandíbula e na minha garganta. — Dê-me o

que eu *quero*. — Enquanto ele falava, pressionou a palma da mão na minha barriga, tocando meu clitóris tão suavemente com o polegar. Eu me empurrei contra isso.

Ele tocou meu sexo com o sussurro mais suave de um toque e *ronronou* sua aprovação em meu ouvido. — Boa menina. Já está molhada para mim. Eu poderia deslizar meu pau dentro de você agora, mas não vou. Ainda não. — Suas palavras eram baixas, sopros suaves contra a minha carne. — Primeiro, eu vou fazer você gozar. Eu preciso provar você de novo. Vou te comer antes de te foder. E não como a primeira vez. Desta vez eu vou te foder direito. Você estará pronta desta vez. Mais que pronta. Você vai me implorar por isso. Eu vou te mostrar que você ama ter meu pau enterrado até as bolas profundamente dentro de você.

— Oh, Deus, — eu respirei, envergonhada e excitada.

Abri minha boca para dizer não sei o quê, mas não foram as palavras que me escaparam quando ele começou a empurrar um de seus grandes dedos em mim. Entrou em mim devagar, com cuidado.

Meus olhos se fecham com as sensações doloridas pulsando através de mim. Era preocupante o quão vulnerável eu me sentia quando ele me invadiu com apenas aquele dedo grosso e curioso.

Ele demorou a sentir-me, testando minha boceta.

— Você está me apertando como um torno. Este é apenas o meu *dedo*, Noura. — Sua respiração estava irregular no meu ouvido. — Imagine o quão apertado você vai abraçar meu pau.

Eu não choraminguei, mas era uma coisa próxima. Não sabia se era sua conversa suja, seu toque ou meu nome em seus lábios, mas ele estava me dando bem. Como eu poderia deixar alguém que tanto me desprezava me afetar? Eu odiava e amava tudo de uma vez. Tudo o que eu senti apenas aumentou minha excitação.

Ele puxou o dedo de mim abruptamente, movendo-se para ficar de pé.

— Deite-se na beira da cama. Nas suas costas. — Ele andava inquieto enquanto falava.

Eu me deitei onde ele havia instruído. Uma pequena parte de mim queria fechar os olhos de vergonha, mortificada com o que eu estava me submetendo, envergonhada de como ele me afetou.

Uma parte maior de mim, a parte que venceu, não conseguia tirar os olhos dele.

Ele parou de me observar. Ele estava olhando para o meu corpo. Ele pegou o lábio entre os dentes enquanto seu olhar corria sobre mim, ávida e completamente.

Ele voltou para a cama. Enganchou minha perna sobre o braço, engatando-a, abrindo minhas pernas.

Eu estava tremendo, meus mamilos apertados, tudo à sua disposição. As sensações me dominaram, tudo dentro de mim lutando comigo mesma. Vergonha, desgosto, desejo, fome, choque, confusão.

O desejo venceu. Eu me contorci. Não com desconforto. Em antecipação ao retorno de seu toque.

Ele alcançou entre minhas pernas com as duas mãos e me separou tão suavemente com os dedos. — Você é adorável em todo lugar, — ele me disse calmamente. — Tão suave e rosa. Só para mim. Diz! Diga que isso é só para mim.

— Isso é só para você, — eu disse, a voz ainda com necessidade.

Com muito cuidado e com o máximo cuidado, ele deslizou dois dedos grossos em mim.

Eu o observei, olhos dissecando seu rosto com interesse ávido enquanto ele me violava. Eu amei o quão absolutamente ele estava focado em mim, seu lábio inferior sendo mordido como se estivesse em profunda concentração.

— Eu vou fazer você gozar tanto, Noura, — ele cantarolou quando puxou os dedos e os empurrou suavemente de volta.

Apertei-me ansiosamente ao redor dele, minha respiração ofegante, dentro e fora.

Ele puxou para fora, arrastando a ponta dos dedos ao longo de cada nervo sensível dentro de mim, e bombeou de volta. — Você é mesmo um ajuste confortável para os meus dedos. Não consigo parar de lembrar o quão boa essa boceta gostosa se sentiu quando estava abraçando meu pau. — Ele se afastou e empurrou de volta, desta vez ficando mais profundo, mais difícil até que eu tive que me mexer, tentando aliviar a pressão.

— Eu vou montar você *nua,* — ele se abaixou, aconchegando-se entre os meus seios enquanto falava na minha pele. — Eu vou encher você com meu esperma.

Sua boca rodeou o bico do meu peito e, oh, tão suavemente *mordeu* quando puxou seus dedos. Ele começou a bombeá-los para dentro e para fora, rápido, suave e raso.

Eu não sabia o que fazer comigo mesma. Fui ligada e ligada. Comecei a sacudir meus quadris, tentando desajeitadamente combinar seus movimentos. Meus braços estavam jogados, minhas pontas dos dedos cavando inquietamente nos lençóis.

Soltei um protesto quando ele puxou os dedos.

— Shh, — ele respirou na minha pele, sua boca trabalhando suave como um sussurro ao longo da minha carne. Ele se moveu mais baixo, seus lábios correndo ao longo das minhas costelas, abaixo da minha barriga, não parando até que seu lindo rosto estivesse entre as minhas pernas.

Ele me esticou com as mãos grandes e tocou a ponta da língua no meu clitóris.

Meus quadris estremeceram e eu gritei.

Ele se aninhou contra mim, depois começou a lamber, lambendo luxuosamente da minha abertura ao clitóris.

— Por favor. — Ele torceu a palavra de algum lugar dentro de mim.

Ele levantou a cabeça, olhando para o meu torso escorregadio de suor, através de seus grossos cílios pretos para mim. — Por favor, o que? O que você está me pedindo?

Eu nem sabia. Só ele sabia, e ele estava bem ciente desse fato. Eu disse de novo.

Ele sorriu e baixou a boca de volta ao meu sexo.

Ele trancou a boca na minha boceta, empurrando sua língua em mim, uma e outra vez.

Minhas mãos estavam em seus cabelos antes que eu pudesse me conter, apertando-o contra mim, meus quadris balançando, empurrando-me em sua boca.

Ele disse algo na minha carne, mas eu não consegui entender com o rugido nos meus ouvidos.

Ele trancou seus lábios exuberantes sobre o meu clitóris e começou a chupar.

Eu mal segurei um grito.

Uma das mãos dele estava no meu peito, amassando, puxando, esfregando. A outra mão ficou entre as minhas pernas, dois de seus dedos enfiados em mim. Ele bateu dentro e fora.

Ele fez todas essas coisas comigo, de uma só vez, e eu perdi todo o senso de tempo e razão.

Eu não vim, apenas. Eu fui movida. Eu senti. Eu ansiava. Procurado. Cobiçando.

Naquele momento, ficou claro para mim que havia algum tipo de conexão visceral e primal entre nós. Era poderoso e inegável.

O jeito que ele me tocou.

Me beijou.

Me segurou. Me saboreou.

Me respirou.

Como se eu fosse necessária para o próximo suspiro.

Era *como* uma mentira, mas eu precisava.

Eu estava preparada para me submeter ao prazer *dele*, para fazer o que fosse necessário, mas não estava preparada para o meu.

Eu assumi que, desde que fui instruída, não era ignorante.

Oh, como eu estava errada.

Encontrar minha própria libertação pequena e mesquinha em particular não era o mesmo que tê-la *arrancada* de mim por suas mãos, seus lábios, sua língua.

Fiquei mortificada ao descobrir que os sentimentos que ele puxou de mim eram de alguma forma mais do que físicos. Eles mexeram com o meu peito. Minha cabeça também.

E eles eram poderosos. Eu não conseguia raciocinar com eles.

De alguma forma, foi muito mais uma violação do que o ato de seu corpo invadir o meu, essa virada do meu corpo e emoções contra mim. Eu nunca tinha imaginado essa parte do acordo, muito menos concordado com isso.

E assim que desci da experiência alta e extracorpórea de me esforçar tanto que esqueci meu próprio nome, prometi a mim mesma que estaria ressentida com ele por isso.

Dezessete

Eu era uma poça desossada e jogada na cama. A única coisa que funcionava eram os meus olhos, e eles seguiram seus movimentos quando ele se afastou.

Eu nem tinha notado que ele estava completamente vestido entre minhas coxas nuas até que ele começou a se despir.

Ele estava se movendo com impaciência rápida, mas ainda era um bom show.

Ele olhou para baixo enquanto trabalhava impaciente nos botões da camisa. Seus cabelos caíram para a frente, seus cílios caíram em sombras espessas contra suas bochechas tensas.

Ele era tão bonito quanto um anjo caído, com cabelos sedosos e pretos e pele oliva profunda.

Ele sacudiu os ombros para fora da camisa. Era uma visão, os músculos poderosos de seus ombros trabalhando sob seu material branco e nítido enquanto ele se despia. Bebi ao ver seu torso rasgado e bronzeado quando ele começou a trabalhar em suas calças.

Eu sabia que ele era grande e musculoso, mas seus ombros eram mais fortes e mais largos do que eu imaginava,

músculos duros se movendo sob sua pele, pulando e flexionando a cada movimento. Seu peito era grande e construído, seus peitorais inchados, seus pequenos mamilos marrons endurecidos em pontos apertados. Os sulcos duros de seu abdômen foram definidos de maneira nítida, seu corpo descendo até os quadris que contrastavam estreitamente com os ombros largos. Deus, ele era lindo.

Ele não era apenas um playboy ou um empresário. Ele ganhou um corpo assim. Ele trabalhou para isso.

Na realidade, eu não possuía nenhuma parte dele, mas naquele momento senti uma excitação perversa por essa criatura magnífica ser meu marido e por mais ninguém ter essa honra.

Minha respiração saiu de mim quando ele empurrou suas calças sobre seus quadris, boxers e tudo.

Seu pênis era grosso e longo, curvando-se até o umbigo. Ele estava completamente excitado, e era tão intimidador quanto fascinante.

Senti uma emoção primordial se mover através de mim. Por mais estranho que fosse, nossos corpos foram feitos um para o outro. Um dono do outro. Seu pênis era um instrumento de poder, e ele estava a momentos de me reivindicar para ele. E eu queria ele. Precisava disso.

Quando ele estava completamente nu, parou por um momento, e nos observamos.

Eu estava deitada, pernas abertas, ainda mole do meu orgasmo, mas viva, tão viva, e tão molhada e pronta para mais.

Sua forma alta estava tensa, parecendo um segundo longe de atacar, com olhos famintos. Suas longas pernas atléticas flexionando com o esforço de permanecer no lugar.

Nos assistimos por um batimento cardíaco acelerado, dois, três, quatro. Ele estava brincando com nós dois.

Sua mão começou a acariciar seu comprimento rígido, e meus olhos foram atraídos para a visão. Meu corpo passou de desossado para rígido com antecipação. Eu queria mais. Eu o queria completamente. Queria uma verdadeira consumação. Desejava tê-lo dentro de mim.

Finalmente ele se moveu, caminhando até a cama. Ele se abaixou sobre mim, pressionando beijos na minha barriga, trabalhando lentamente até os meus seios. Chupou cada um dos meus mamilos antes de chegar ao meu pescoço.

Ele alinhou seu pau para me foder. Eu fiquei tensa. A primeira vez foi dolorosa, mas havia sido outro mundo, outra dimensão, uma cópia diferente de mim. Ele não se incomodou em sintonizar meu corpo com a música de seu toque então. Eu não estava pronta. Eu estava além de pronta agora.

Ele afastou a boca da minha pele, olhando para baixo entre os nossos corpos lisos e nus. Meus olhos seguiram os dele.

Ele se levantou com um braço. O outro se abaixou. Ele agarrou seu comprimento grosso e me provocou com a ponta, percorrendo meu sexo. Sua respiração estava ofegante.

Meu coração estava batendo tão forte nos meus ouvidos que me perguntei se ele poderia ouvi-lo. Se ele pudesse vê-lo se movendo no meu peito.

— Toque-me, — ele sussurrou entre os dentes cerrados.

Eu o alcancei, e sua excitação caiu pesadamente em minhas mãos. Eu o apertei. Os dedos de uma mão, mal se encaixavam em torno da circunferência espessa dele. Ele estava tão duro, mas sua pele era como veludo. O contraste de algo tão duro envolto em seda era delicioso. Emocionante. Intoxicante. Eu o acariciei, sentindo tudo com as palmas das mãos. Com entusiasmo faminto, eu o peguei com as duas mãos, da raiz às pontas.

Eu estava apenas começando quando ele puxou minhas mãos para longe com uma maldição. — Demais, — ele me avisou. — Estou muito preparado agora e quero entrar dentro de você.

— Sim, — eu disse, a voz agonizada, já com necessidade. Meus braços caíram de volta no colchão. Eu poderia contar os segundos desde que ele me elevou, mas não

foi suficiente. Eu estava vazia de novo. *Doendo,* e o queria dentro de mim, me enchendo completamente. Eu queria tudo, e apenas *essa* parte dele era suficiente.

Ele se manteve apoiado em um cotovelo, a tensão em seus músculos fazendo-os sobressair fortemente em seus ombros.

Seu outro braço estava ocupado guiando a crista larga de seu comprimento grosso contra a minha entrada.

Ambos os olhos estavam treinados em seu membro rígido quando ele me violou. Ele soltou um gemido torturado enquanto enfiava seu pau em mim com o máximo cuidado.

Eu tentei reprimir meu próprio gemido quando ele deslizou, oh, tão lentamente. Seu longo, quente e aveludado eixo me estendeu com todo o progresso. Meus músculos sensíveis apertaram nele, minha respiração ficando curta e rápida.

Ele ainda estava olhando para baixo entre nossos corpos, seus traços frouxos de desejo. Eu sabia instintivamente que ele estava longe demais para desacelerar, quanto mais parar. Boa. Parar não era uma opção. Eu *precisava de* mais

Levei seu comprimento grosso até a raiz. Desta vez não houve dor, apenas um trecho delicioso, esmagador e torturante.

Era quase demais e *exatamente o* suficiente.

— Deus, — disse ele, sua voz profunda rouca com deliciosa agonia. — Eu me convenci de que *imaginei que* você se sentia assim.

Suas palavras inebriantes, do jeito que ele as pronunciava, eram inegavelmente lisonjeiras. E um choque. Foi novidade para mim que ele tinha gostado de qualquer aspecto da nossa noite de núpcias. Afastei o conhecimento para análise posterior.

Ele começou a se mover, não se afastando, mas se movendo, me *sentindo*, massageando um ponto doce e delicado dentro de mim que eu nem sabia que estava lá. Mas *ele* sabia. Ele navegou dentro de mim como se fosse uma segunda natureza, como se estivesse lá mil vezes em vez de uma vez.

Minhas unhas arrastaram para os lençóis, minhas pernas enrolando naturalmente em torno de seus quadris.

— Está pronta? — ele ofegou na minha pele.

— Sim, continue, — eu bufei de volta.

— Continue? Eu nem comecei.

E com isso, ele começou a me foder. Foi apenas a minha segunda vez, mas ele não foi suave ou fácil comigo.

Exatamente e precisamente o oposto.

Seu pau rígido me pregou direto no colchão.

Foi devastador.

Foi o paraíso. Foi o inferno. Eu fui superada.

Acontece que eu adorava foder. Tomei como uma prostituta natural. Oh, a maravilhosa e amarga ironia.

Depois que começou, ele não desistiu.

Ele me teve em um ritmo incansável. Em uma perfeita e estridente agressão de corpo e vontade. Uma doação e uma tomada de carne batendo em carne.

Havia um foco brutal e concentrado na maneira como ele fodia, que me atingia. Era arte. Foi poesia. Foi criação. Caos perverso feito em ordem explícita. Era a maravilha da natureza e a degradação da humanidade.

Oh meu corpo. Eu disse adeus a isso então. Era dele. Ele realmente me possuía agora. De direito e de fato.

Sempre foi assim, ou era tudo ele e eu? Algo que possuíamos sozinhos. Um pedaço do paraíso particular apenas para nós.

Ele agarrou meus quadris, inclinando-me em um ângulo que tinha a cabeça macia de seu eixo me esfregando exatamente a cada viagem para casa.

Seus quadris agitaram quando ele entrou e saiu, dentro e fora, seu comprimento grosso puxando até que sua ponta contornou a minha borda antes de bater de volta, bolas profundas todas as vezes. E *rápido*. Urgente. Frenético.

Cada investida era satisfatória e completa.

Ele me chamou de prostituta, mas era ele quem fodia como se fosse seu trabalho. Seu próprio objetivo na vida.

Eu mantive meus olhos fechados o tempo todo.

Eu nunca imaginei seu rosto quando ele estava dentro de mim. Nunca disse o nome dele. Eu fiz essas pequenas coisas certas.

Ainda assim, de alguma forma, vivi e respirei por seu toque. A sua posse.

Ele tamborilou e arrancou de mim com um ritmo desesperado e magistral, seus quadris oscilando para dentro e para fora, recuando e dirigindo, repetidamente com o ritmo crescente.

A maré pressurizada dentro de mim aumentou e cresceu, finalmente se soltando quando ele me atingiu com um grunhido suave e desesperado.

Eu vim em uma torrente. Em um dilúvio. Minha ansiedade, meu medo, minha raiva, minha *alma,* saíram de mim. Tentei manter meus olhos bem fechados, para manter um pouco disso.

Meu sexo agarrou sua espessura ao bater, ordenhando os impulsos, sugando-o profundamente e segurando-o lá.

Meus olhos se abriram em algum lugar no meio, apesar dos meus esforços. Nosso olhar colidiu. Foi um momento cru

e dolorido, vulnerável e nu. Eu não estava sozinha aqui. Ele estava passando por uma quebra própria.

Eu estava muito abalada com o momento para sentir um pingo de satisfação com a revelação.

Ele xingou severamente, arrancando de mim com uma chave repentina e selvagem.

Olhei para baixo entre nossos corpos e, por um momento fugaz, vi que ele havia se retirado do clímax. Esperma ainda estava saindo de sua ponta.

Em um flash, ele me rolou sobre minhas mãos e joelhos e começou a bombear em mim novamente, quadris batendo contra a minha bunda com cada mergulho vigoroso enquanto ele esfregava cada última contração de seu orgasmo, enraizando seu esperma profundamente dentro do meu corpo sensível.

— Que *porra é essa*? — ele ofegou com uma voz áspera e agitada.

Ele me segurou com uma mão forte espalhada contra a minha barriga, e me manteve suspensa assim, enterrado profundamente enquanto ele se esvaziava com espasmos prolongados.

Isso durou um bom tempo. Ele saboreava seu clímax até a última gota. — Vale cada centavo, — ele murmurou no meu ouvido no final, como se ele odiasse, mas não tanto quanto amava.

Meu corpo estava confuso sobre o que estava acontecendo com ele. Eu estava descendo do alto do meu clímax, um pouco mortificada com a minha resposta arbitrária a ele, uma parte de mim definitivamente ficou um pouco entorpecida e, apesar de tudo, ainda estava excitada.

Quando ele finalmente terminou, se arrastou para fora de mim.

Respirei fundo com a sensação daquele puxão lento e liso.

Ele finalmente se libertou. Houve um pequeno estalo quando minha boceta relutantemente soltou sua ponta larga.

Um segundo depois, a palma da mão deixou minha barriga, e senti sua forma pesada se afastar e sair da cama.

Eu segurei meu próprio peso por talvez três segundos antes de desabar. Eu estava sem ossos. Esgotada. Gasta. Eu não acho que ainda tinha um grama de energia no meu corpo.

Não sei o que ele fez depois disso. Adormeci imediatamente.

Dezoito

Calder

Acordei com uma ressaca enfurecida e um tesão implacável. Que *diabos*?

Eu nem sabia onde estava.

Oh espere. Sim, eu sabia.

Na cama da minha *esposa*. Eu cedi e fui até ela na noite anterior.

Tantas desculpas me levaram até aqui. Eu tinha durado exatamente duas horas desde o momento em que a deixei quando quebrei. A recusa se transformou em negação, o que levou rapidamente a justificativas vazias.

O fato era que eu a queria mais do que me importava com os meus motivos para odiá-la. Eu precisava transar com ela. *Precisava* disso.

Então mudei de ideia. Torceu todas as minhas racionalizações. Isso pode ser uma farsa de um casamento, mas não havia razão para que eu não pudesse tirar o melhor proveito disso. Eu usaria o corpo dela como quisesse e

continuaria odiando-a, eu disse a mim mesmo. Talvez eu tivesse sorte e ela se apaixonasse por mim para que eu pudesse quebrar seu coração amoroso por dinheiro.

Até eu sabia que era uma desculpa vazia. Eu usei mesmo assim. Qualquer coisa para me enterrar dentro dela por algumas horas. E se isso não fosse ruim o suficiente, eu realmente me permiti *ficar a noite.* Meu pai ficaria insuportavelmente orgulhoso quando soubesse.

Era insustentável, mas eu deveria ter me acostumado com esse sentimento. Ultimamente toda a minha vida era insustentável.

Dois anos atrás eu estava no topo do mundo. Eu era independentemente rico. Eu estava feliz. Eu era romântico. Eu pensei que o amor vencesse tudo. Pensei que o amor existisse.

E então tudo mudou. Alguns acontecimentos infelizes causaram isso, mas tudo o que importava eram os resultados - eu perdi tudo de valor na minha vida.

Meu negócio faliu. Meu pai me deserdou. O amor da minha vida se casou com outro homem. Naquela ordem.

O resultado? Eu me tornei sincero. Um cínico. E não havia *nada que* eu odiasse mais do que uma mulher caçadora de fortunas.

Exceto, talvez, meu pai por me ajudar a casar com uma.

E agora eu estava dormindo com ela sem qualquer coerção. E essa não seria a última vez. Eu sabia disso no meu interior. Eu não tinha tido o suficiente dela. Nem mesmo perto.

Ainda assim, tentei me reunir. Jurei para mim mesmo que iria embora imediatamente.

Imediatamente após algumas aspirinas, café e mais *um* orgasmo *rápido*.

Relutantemente, virei a cabeça, olhando pela primeira vez minha esposa à luz da manhã.

Não era uma coisa inteligente a se fazer. Eu deveria ter ido embora sem olhar para trás.

Era muito cedo, mas ela deixara as cortinas abertas completamente e o sol da manhã estava apenas aparecendo com raias do nascer do sol.

Ela estava deitada de bruços, nua desde quando eu a despi na noite anterior. Seu cabelo era um emaranhado sedoso de ondas loiro-escuras que cobriam a maioria dos ombros e metade do rosto. Aquele rosto estava virado para mim, inocente no sono e sem falhas à luz do amanhecer. Eu nunca a tinha visto sem maquiagem antes. Sua pele era lisa, perfeita e sem poros como a de bebê. Ela parecia a filha de uma modelo da Victoria's Secret e uma princesa da Disney. Era uma combinação intrigante, inquietante e emocionante, para dizer o mínimo.

Tão limpa e tão suja. Tão inocente e tremendamente, imensuravelmente fodível.

Além disso, eu nunca tinha visto o rosto dela relaxado, sem artifício ou dolo. Foi chocante. Foi fascinante. Eu queria afastar todo o cabelo e estudá-la à minha vontade. Cada centímetro dela, por dentro e por fora. Eu queria descobrir todos os seus segredos. Queria saber o que a fez se vender.

Não fazia sentido. Eu já sabia tudo o que precisava. Ela era uma escavadora de ouro. A criatura mais previsível do mundo. Não deveria ter me interessado nem um pouco.

Mas eu ficaria condenado se não estivesse absolutamente fascinado. Fascinado e enojado. Desgostoso o suficiente que, mesmo quando ela parecia tão inocente, eu queria atacá-la.

Eu queria machucá-la. Queria transar com ela. Eu sabia que faria as duas coisas, mas pela minha vida não consegui fazê-lo nessa ordem.

Eu lentamente deslizei o lençol, passando a mão pelas costas dela enquanto fazia isso. Ela se mexeu, mas não acordou. Sua pele sedosa se curvou na minha palma enquanto a roçava, como um gato buscando contato mais firme. Minha pequena noiva de estimação.

Quando ela foi descoberta, passei a mão pelas costas dela novamente. Ela suspirou contente enquanto dormia.

Eu pulsava. Quando minha palma segurou sua bunda, ela se animou no ar. Eu toquei sua boceta. Suas pernas mudaram, deixando-me entrar. Ela estava macia e pronta. Quente e úmida.

Eu podia contar com os dedos as vezes que a fiz gozar, mas já era demais. Excessivo. Eu fui longe demais.

Eu a havia treinado *muito bem*. Ela pega fogo quando eu a toco agora. Ela era minha criatura. Eu fiz isso.

Adorei e me ressenti muito dela por isso.

Usei dois dedos para faze-la vir. Eu assisti o rosto dela enquanto fazia isso. Observei passar do sono para o despertar, para a maravilha do orgasmo.

Era uma coisa viciante de se testemunhar. Distrair. O tipo de coisa que o desvia dos planos para o seu dia.

Os planos da sua vida.

Nossos olhos estavam presos juntos. Eu estava chupando meus dedos, me perguntando se eu poderia me segurar por tempo suficiente para faze-la gozar novamente antes de me enfiar profundamente em sua boceta. Foi um momento inesquecível.

E nossa porta se abriu.

Sem batida. Nenhum aviso.

Uma mulher pequena e de meia-idade com uma expressão firme e dura no rosto entrou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu olhei. Ela era vagamente familiar. Fiquei tão chocado com a intrusão que não reagi a princípio. Eu apenas olhei.

A mulher desconcertante olhou para minha esposa.

Olhou. Para minha esposa.

— Não há tempo para você ser preguiçosa esta manhã, Noura, — disse ela com desdém estridente. — Você está atrasada uma hora. Fora da cama, garota preguiçosa. É dia de pesagem.

Meu olhar atordoado se voltou para minha esposa. Como ela reagiria a essa mulher estranha e horrível?

Para meu desgosto, ela não o fez. Ou melhor, ela fez. Ela se levantou sem dizer uma palavra e obedeceu à mulher mais velha.

Eu estava distraído vendo sua bunda nua se mover da cama para o banheiro. A mulher terrível a seguiu.

Quando elas estavam fora da minha vista, eu balancei minha cabeça. Difícil. Duas vezes. *Que porra é essa?*

Levantei-me, enrolei o lençol na cintura e as segui.

Minha esposa estava nua em uma balança. A mulher estava olhando para ela.

— Até um quilo e meio? — ela estava dizendo friamente. — Deve ter sido uma noite e tanto. Espero que tenha valido a pena para você. Parece que você vai pular o café da manhã. Também não há leite no seu café.

Meu olhar voou para minha esposa. O rosto dela estava totalmente estoico. E por alguma razão insondável, ela não falou uma palavra de protesto.

Por que ela não estava colocando essa megera em seu lugar? Bem, se ela não fizesse...

— Que porra você está fazendo? — Eu explodi com a estranha. — Quem você pensa que é, conversando com ela assim?

— Com licença, Sr. Castelo, — ela falou comigo em um tom completamente diferente. Seu comportamento mudou. — Eu sou Asha. A cuidadora. Apenas fazendo o meu trabalho.

— Bem, é melhor você repensar como está fazendo isso.

— Como assim, senhor?

Eu nem sabia por onde começar.

Espere. Sim eu sei.

— Fique. Fora. Do. Nosso. Quarto. E não entre novamente. Sem. Bater!

Por sua parte, ela reagiu com rapidez suficiente para se adequar a mim naquele momento.

Vesti minhas roupas da noite anterior e chorei um pouco, atravessando o apartamento, reunindo toda a equipe da minha esposa.

Estranhamente, uma garota adolescente estava na mistura. Ela estava me estudando friamente, como se *eu* não pertencesse ao apartamento da minha esposa.

Eu a ignorei, concentrando-me no time de Noura: Asha, a principal cuidadora. Chester, o amigo demais, olha muito quente para a segurança da minha esposa. Vincent, o motorista quieto.

Entrei em uma tangente, estabelecendo algumas regras básicas que pensei que deveriam ser bem óbvias.

— Não entrem no nosso quarto sem bater. Nunca. De fato, fiquem fora do nosso quarto, caralho.

Isso foi para todos eles.

— Não levante sua voz para minha esposa. Na verdade, nem sequer pense em falar com ela com uma *pinta* de desrespeito em seu tom. Não olhe para ela fodidamente engraçado. Noura é a responsável aqui. Ninguém mais. — Eu olhei para Asha por toda essa parte do meu discurso. Era para ela. — E se eu souber que você está dizendo a ela o que comer – que você está dizendo a ela para *não* comer. — Eu tive que recuperar meu temperamento antes de continuar. — *Então Deus me ajude, haverá um inferno a pagar!*

Mouthy[13] Asha não tinha nada a dizer sobre isso.

— Tudo isso está claro *pra* caralho, certo? — Eu perguntei, fazendo contato visual sólido com cada um deles.

Por que a adolescente estava sorrindo agora? Eu a ignorei novamente.

Os olhos de Asha dispararam para mim, mas ela não hesitou. — Sim, senhor, — ela respondeu com firmeza.

— Cristalino, — Chester demorou. Ele estava claramente segurando um sorriso.

— Certamente, — Vincent concordou alegremente.

Deixei-os sem outra palavra, retornando aos aposentos de minha esposa.

[13] Bombástica, eloquente.

Dezenove

Noura estava saindo do chuveiro, se enxugando. Tão limpa. Não por muito tempo. Eu a observei por um tempo, me perguntando por que ela não tinha nada a dizer.

Finalmente, comecei: — Por que você deixou que ela te tratasse assim?

Ela encolheu os ombros. Isso atraiu meus olhos para seus seios comestíveis e mal cobertos. — É assim que ela é. Eu estava cansada demais para lutar com ela hoje. Além disso, devo ouvi-la. Faz parte do acordo.

— Foda-se o acordo, — eu disse sucintamente. — Ninguém chega para lhe dizer o que fazer. Certamente não ela.

Ela levantou as sobrancelhas perfeitas com isso. Pedacinho insolente e suculento.

— Eu quero dizer isso, — enfatizei. — Você é uma Castelo. Não ature nada dela. Não ature esse tipo de merda de *ninguém*.

— Exceto de você.

Eu olhei. Ela pode ter tido algum tipo de argumento, mas, para mim, era irrelevante para a conversa. — Você não

precisa receber ordens dela. Considere o que foi afetado pelo acordo, ok?

Ela não sorriu para mim. Deus não permita. Mas o rosto dela se suavizou em algo tão quente que eu mal conseguia suportar olhar para ela. — Não precisamos ser inimigos, você sabe, — disse ela com solenidade silenciosa. — Não há razão para não sermos civilizados um com o outro. Agradável, até. Eu vou fazer isso se você fizer. Trégua?

Uma oferta de paz. Teria sido bom se eu não desprezasse a própria ideia dela. E pior e ainda mais desprezível, a necessidade que senti aumentando meu sangue por ela.

Não. Não. Não. Não. Eu não estava me separando desse rancor. Eu o seguraria pelo resto de nossas vidas se não conseguisse encontrar uma maneira de me livrar dela antes.

Em vez de responder, me aproximei. Agarrei seu queixo e estudei seu rosto. — Eu não estou acostumado a vê-la sem maquiagem, — disse a ela. — Eu não gosto disso. — (Uma mentira.) Como ela estava ainda mais bonita assim? Ela me deslumbrou. — Você parece jovem demais, — acrescentei. (A verdade.)

Ela levantou o rosto para mim, tentando-me a beijar sua boca. Eu resisti. — Vou aceitar isso como não. — Ela parecia quase triste.

— Sem trégua, — eu concordei, tirando a toalha. Eu a levantei no balcão mais próximo, separando suas coxas.

A enfureci e gostei dessa maneira. Eu a queria quente e furiosa.

Eu não me despi. Apenas peguei meu pau e comecei a transar com ela como se minha vida dependesse disso. Porque era isso. Se eu não pudesse esvaziar minha necessidade dentro dela. Certo.... Oh. Este. *Deus*. Segundo. *Sim* - eu estava convencido de que morreria no local.

Ela levantou os lábios nos meus para um beijo, mas eu consegui resistir, virando meu rosto.

Em vez disso, me abaixei para chupar um mamilo sexy e alegre.

— Você está tão frio, — ela me disse em uma respiração irregular.

Eu corri minha boca pelo colarinho, ao longo de sua garganta. — Você está brincando comigo? — Eu toquei em seu ouvido. As palavras não eram voluntárias. Elas foram arrancadas de mim. — Estou em chamas.

Afastei-me para ver o rosto dela quando ela começou a gozar, mas não aguentava. Eu não queria isso entre nós, essa intimidade tácita. Eu me instalei a sair e dar a volta nela, mas nem consegui. O melhor que consegui foi enterrar meu rosto em seu pescoço, para não ter que ver seus lindos olhos

enquanto atirava minha carga profundamente dentro de sua boceta caçadora de fortunas.

Fiquei lá até ter certeza de que ela havia ordenhado cada última gota. Traindo todos os princípios teimosos que eu tinha, mas nunca me senti tão bem.

Quando finalmente saí, não olhei para o rosto dela.

Ela não se juntou a mim no chuveiro e fiquei aliviado. Ela entrou depois que eu saí, e eu ainda mantinha meu autocontrole o suficiente para não olhar para ela.

— Eu tenho uma muda de roupa em algum lugar deste lugar? — Perguntei a ela sem graça.

— Há uma prateleira de roupas masculinas no armário. Suponho que possamos assumir que são para você. — Seu tom era ainda mais suave que o meu, a pirralha. Eu quase me juntei a ela no chuveiro apenas para dar um tapa na bunda dela por um pouco de atrevimento, mas resisti. Se eu a tocasse novamente, não sairíamos por um tempo.

Eu a peguei apenas se secando de novo quando saí do armário. Consegui não olhar novamente, apontando para mim. — Quem é a adolescente? — Perguntei a ela.

— Outra modelo. Ela precisava de um quarto... temporariamente. Eu tenho espaço extra, então ofereci.

Eu olhei para ela. Ela ainda estava se secando. Por que estava demorando tanto para secar? Talvez ela precisasse da minha ajuda? Afastei o pensamento.

— Esta não é uma agência de modelo infantil, — eu disse com firmeza. Estava determinado a recuperar o controle que perdia toda vez que molhava meu pau dentro dela.

— Estou ciente disso, — disse ela com calma insondável. Aqueceu meu sangue. Eu tinha um desejo quase incontrolável de sacudir essa calma. Olhei para os lábios dela, lembrando como eles se sentiam em volta do meu eixo.

— Envie-a de volta para os pais, — eu pedi.

— Nem todo mundo tem pais, Calder.

Eu pisquei, tentando me concentrar no assunto em questão. — Ela é órfã?

— Ela é emancipada. É complicado. Eu tenho um quarto extra. Ela não causa nenhum problema. Ela é uma criança, precisa de mim e eu gosto de tê-la por perto.

Eu a encarei. — Você adotou uma adolescente?

Ela acabou de revirar os olhos para mim? E *até onde eles rolariam para trás com meu pau pressionado em sua garganta?*

— Por favor, — ela proferiu.

Gostei da palavra em seus lábios. — Diga isso de novo, — eu murmurei.

Ela olhou para mim. Eu também gostei disso. — Por favor, — ela resmungou.

Eu sorri — Você não é um pouco jovem para ser a mãe de alguém?

Isso acendeu um olhar desafiador, quase presunçoso em seus olhos. Eu sabia que isso significava que ela estava prestes a me irritar de alguma forma. — Nós somos amigas. Ela é apenas alguns anos mais nova que eu. Na verdade, ela é muito mais próxima da minha idade do que *você*.

Pirralha linda. Funcionou. Ponto para ela.

Abruptamente, larguei o assunto e saí da sala.

Não havia comida sendo preparada na cozinha. Assumi o trabalho sozinho. Sem café da manhã, minha bunda.

Eu me certificaria de que ela comesse algo decente (*apenas* porque sabia que ela não comeria se eu não comesse) e depois jurei para mim mesmo que estava fora daqui.

O resto da equipe da minha esposa voltou aos seus buracos.

Tudo o que restava era uma modelo adolescente tomando café e me assistindo como se eu fosse seu programa de TV favorito.

Estudei o conteúdo da geladeira. Pelo menos, estava adequadamente abastecido.

— Ela gosta de omeletes? — Eu perguntei a garota.

— Eu não tenho ideia, — respondeu ela. — Nós realmente não tomamos café da manhã por aqui.

— Então, eu ouvi. Estamos tendo hoje.

— Eu sou Jovie, — ela me disse alegremente.

— Banks, — respondi automaticamente. *Todo mundo* sempre me chamava pelo meu nome do meio. Todos, exceto minha esposa. Por que essa percepção me fez estremecer de repente?

— Então você gosta de morar aqui ou algo assim agora? — ela perguntou sem rodeios.

Enviei a nossa pequena e ousada hóspede um olhar fixo. — Você *gosta*? — Eu voltei.

— Sim, — ela respondeu sem hesitar. — Eu sou colega de quarto da sua esposa, — acrescentou ela com insolência incorrigível. — E a melhor amiga dela. Nós somos inseparáveis desde que nos conhecemos.

Senti uma pontada de algo desagradável se mover através de mim. Ciúme, grosso e amargo, mudou, entrando em mim. Ele se estabeleceu profundamente, acomodando-se em meu intestino. Eu conhecia a emoção, mas não tinha certeza do porquê disso aqui. Eu não poderia estar ressentido

por minha esposa ter uma *amiga*. Até eu não era tão bastardo, certo?

Eu estava servindo a primeira omelete quando minha esposa caminhou até o bar que dava para a cozinha. Coloquei-o na frente dela, tentando não a ver em mais do que as menores mordidas.

Ela estava vestindo roupas de ginástica, se você pudesse chamá-las de roupas. Um sutiã esportivo branco e shorts minúsculos. Eu desviei meu olhar com determinação de seu corpo.

Ela abriu a boca, para recusar comida, eu tinha certeza, mas eu parei com isso. — Você está comendo. Sei que você bebeu mais do que está acostumada ontem à noite e precisa de comida. Não quero ouvir uma palavra de protesto.

Ela encontrou meus olhos diretamente. — Obrigada, — disse simplesmente.

Ela levou a comida para sua grande mesa de jantar redonda.

Porra, ela era difícil de ler.

Fiz mais duas omeletes. Uma para Jovie e outro para mim. Logo antes de levar meu prato à mesa, Chester e Vincent voltaram ao apartamento e se sentiram em casa.

Senti um carrapato subir na minha têmpora enquanto observava Chester casualmente se sentar ao lado de minha esposa.

O *único* assento vazio ao lado dela, como Jovie estava do outro lado.

O bastardo tinha algum nervo.

Ele pareceu me notar pela primeira vez. Ele sorriu. Ele se recostou, chutando a cadeira à sua frente, debaixo da mesa. — Aqui está, chefe.

O carrapato se intensificou. Eu tentei o meu melhor para não reagir. Sentei-me calmamente e comecei a comer.

— Quais são nossos planos para hoje, Duquesa? — Chester perguntou à minha esposa. Ele estava sorrindo afetuosamente para ela, olhando diretamente nos seus olhos.

E *ela*. Ela estava sorrindo de volta para ele com um calor descarado! Vagamente, ouvi meu garfo bater no meu prato. Eu olhei para baixo. Minhas mãos estavam em punhos.

Eu olhei em volta da mesa. Chester e Vincent estavam olhando para ela com um carinho inconfundível.

Como se eles fossem uma grande família feliz.

O que diabos estava acontecendo aqui? Esses homens foram pagos para vigiar e dirigir minha esposa faminta por dinheiro. No entanto, aqui eles estavam agindo como se ela

fosse uma princesa da Disney e eles eram dois ratos prestes a explodir em música.

Minha esposa estava falando, respondendo à pergunta dele, mas eu não a ouvia sobre o rugido em meus ouvidos. Chester disse alguma coisa e ela riu. Foi uma risada real, bonita e genuína, e eu odiava que ela estivesse rindo assim para *ele*.

Eventualmente, eu tenho a palavra que havia se alojado na minha garganta. Ela saiu em um rosnado alto que irrompeu pela sala e interrompeu a pequena e feliz troca. — Duquesa? — Eu perguntei.

O rosto dela congelou. O sorriso dela caiu. Ela corou. — É um apelido, — explicou ela. — Eu nem tenho certeza de como tudo começou. Chester sempre me chamou assim.

Eu olhei para ele. Ele encontrou meus olhos, sem recuar. — Não combina com ela? — ele perguntou casualmente. Insolentemente. — Ela sempre me pareceu uma senhora de verdade.

— É perfeito, — Jovie falou. Meu olhar se voltou para ela. Ela estava sorrindo com algum tipo de alegria malvada. — Ela é uma total, extra pra caralho, Duquesa. Você acertou em cheio, Chester.

De repente, levantei-me. — Estou atrasado para uma reunião, — eu disse. Uma desculpa superficial, embora pudesse ter sido verdade. Não conseguia me lembrar de

nenhum dos meus planos. Foi uma manhã estranha, completamente fora de controle. Retomei esse controle deixando sem outra palavra.

— Tenha um ótimo dia, Banks! — Jovie gritou alegremente ao me retirar rapidamente.



Vinte

Noura

Depois que meu marido saiu como se meu apartamento tivesse pegando fogo, eu não esperava ouvi-lo novamente tão cedo.

Tentei não pensar nele novamente naquele dia, mas quando eu fiz, meus lábios e dedos tremerem. Se eu não voltasse a pensar em outra direção, o tremor passaria para minhas mãos, meus braços, meus ombros. Normalmente, eu tinha autocontrole suficiente para parar por aí, mas em momentos fracos, quando deixava minha mente ficar com pensamentos confusos sobre ele, continuava, aquele tremor. Ele palpitava através de mim, sempre desagradável no começo, mas se eu o deixava seguir em frente, movia-se para o peito, as pontas dos seios, a barriga revirada, os lombos doloridos, foi quando isso se tornou verdadeiramente perturbador e não muito desagradável.

E pior, minha mente continuava voltando ao jeito que ele me defendeu de Asha. Por que ele fez isso?

E por que isso me enfraqueceu tanto? Não mudou nada. Um ato gentil não mudou os fatos concretos: meu marido

segura toda a minha vida em suas mãos descuidadas e não sente uma coisa macia em relação a mim.

Felizmente, tive um dia agitado. Eu não tinha dois segundos livres para remoer isso. Ajudou.

Eu fui uma das modelos sortudas selecionadas para o desfile da VS. Foi o evento da passarela do ano. O mais televisionado, visto e obcecado pela caminhada no mundo. E, graças ao meu casamento falso e à nova fama, fui selecionada para modelar dois looks.

O desfile estava chegando em poucos dias, e a preparação estava bem encaminhada. Os acessórios duraram mais de dez horas, e eu estava completamente exausta no final.

Presumivelmente, pode ter sido um dia mais curto, se não fosse por uma discussão prolongada entre o pessoal do VS e o meu. Ouvi (indiretamente - através de Asha, é claro) que meu marido (ou meus treinadores, nunca ficou claro qual) queria que eu modelasse apenas os looks em branco / creme que cobriam X quantidade da minha pele, e insistia na aprovação total de direitos.

Os designers do VS me queriam com uma roupa preta e uma branca, e não estavam recuando quanto da minha pele queriam mostrar.

Eventualmente, no final da tarde, Asha finalmente fez uma pausa no banheiro.

— Apenas concorde com o que eles estão dizendo e depois me coloque no que você quiser, — eu disse calmamente para Marian, a designer.

Havia outras três mulheres na sala comigo - Marian, que estava trabalhando furiosamente em modificações em seu laptop, um alfaiate colocando asas gigantes de penas brancas nas minhas costas e outra aos meus pés medindo minhas pernas pela trigésima vez.

Todos congelaram.

— Você está bem com isso? — Marian perguntou timidamente.

Revirei os olhos, dei de ombros e sorri. — Meu marido está sendo irracional, coisas de recém-casados, tenho certeza, mas ele vai superar isso, eu prometo. Faça o que você planejou e sempre que Asha fizer um pedido ridículo, aja como se estivesse indo bem e continue exatamente como quiser. É o que eu faço.

— Você é uma boneca absoluta, — ela me disse com um sorriso conspiratório.

Depois disso, terminamos em meia hora. Eu só queria ter pensado nisso antes.

Cheguei em casa às oito da noite. Eu tinha pulado o almoço e o jantar. Ser medida em sua calcinha por dez horas foi um inibidor de apetite incrivelmente eficaz. Eu estava morrendo de fome na hora, mas estava planejando ignorar

minha fome em favor de uma boa noite de sono. Foi o dia perfeito para isso. Na maioria das vezes, Jovie me convencia a ficar acordada até tarde para assistir algo com ela, mas ela teve uma sessão de fotos na cidade, onde ela me mandou uma mensagem de texto que ia continuar até tarde da noite. Eu estava planejando aproveitar responsavelmente sua ausência e passar uma madrugada sem dela.

Esqueci todos esses planos no segundo em que entrei na porta. Meu apartamento não estava vazio.

Meu marido voltou. Ele estava em pé a cerca de três metros da porta da frente.

Eu usava um moletom e um boné. Ele usava jeans preto e um pulôver cinza de carvão afligido que abraçava seus ombros e roçava sua clavícula. Seu cabelo preto ondulado foi empurrado descuidadamente para trás do rosto. Havia um arranhão extra em sua mandíbula.

Ele parecia um lindo anjo caído. Eu queria lambê-lo, da cabeça aos pés.

Suas mãos estavam nos bolsos, olhos predatórios. Parecia que o sentimento era mútuo.

— Olá Calder, — eu disse. Eu queria me dar um tapinha nas costas pelo quão firme as palavras saíram. Nada mais sobre mim parecia firme. Meu pulso estava tumultuado alto o suficiente para encher a sala.

— Chame-me de Banks, — ele corrigiu.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Eu sabia porque ele ordenou que eu o chamasse de Calder no nosso casamento. Eu até concordei com isso. Seus amigos e familiares o chamavam de Banks e, para ele, eu não era nenhuma dessas coisas.

O que eu não entendi foi porque ele estava mudando agora. Parecia uma armadilha. Eu não estava apaixonada por isso.

Abri minha boca para responder, mas seus olhos passaram por mim. — Nos deixe. Ela não vai precisar de você novamente esta noite, — ele disse secamente.

Não precisei me virar para vê-lo; Eu *senti a* relutância de Chester quando ele nos deixou. Todo mundo já havia se retirado para a noite.

Nós estávamos sozinhos.

— Você jantou? — Calder me perguntou depois que a porta se fechou atrás de mim com um clique decisivo.

Eu quase menti. Eu tentei, mas estava com muita fome e intrigada para não ver para onde aquilo estava indo. — Não.

Ele sorriu para mim. Por que ele estava fazendo isso? Éramos apenas nós na sala. — Eu trouxe comida para viagem de Omar.

Meu estômago roncou. — Omar's?

— Já comeu?

Eu assenti. Eu tinha comido antes. Seus shawarma de frango, falafel e hummus eram de morrer. Eu adorava a comida deles, mas raramente podia pagar o consumo de calorias.

— Eu tenho um pouco de tudo. Quer se juntar a mim?

O que eu poderia fazer? Concordei em compartilhar um jantar íntimo em casa com meu marido.

Ele preparou minha comida e me serviu, como havia feito no café da manhã.

Nós comemos juntos. Ele sentou tão perto que nossos joelhos se tocaram durante a refeição. De vez em quando sua mão descansava familiarmente na minha coxa. De vez em quando ele me dava uma mordida de seu próprio prato.

Foi delicioso e perigoso.

Toda vez que ele mostrava um pingo de humanidade, eu queria cair de costas e abrir as pernas.

E pior, senti-me amolecer um pouco em relação a ele.

O que diabos havia de errado comigo?

Quando terminei, já tinha comido demais e estava me contorcendo no meu lugar. Toda vez que sua mão voltava para minha coxa, ela se movia um pouco mais alto. Ele estava me provocando ou me testando?

Eu experimentei colocando minha própria mão em sua coxa.

— Não me toque, — ele disse suavemente. — Eu não posso durar um *segundo* com as suas mãos em mim.

Inclinei-me para ele, inclinando meu rosto para ele.

Ele olhou duro para os meus lábios, mas não me beijou.

Eu quase tinha esquecido. Ele nunca me beijou nos lábios, a menos que tivéssemos uma audiência. Sempre foi para mostrar. Em particular, ele evitou claramente.

Fiquei feliz por ter pensado nisso. Isso fez meu coração macio endurecer um pouco. O suficiente para me manter sã. O suficiente para me aterrar de volta à realidade.

— Então, ouvi dizer que o pessoal do VS estava lhe dando muita dificuldade sobre minhas condições, — afirmou ele de maneira branda.

Então elas *eram* as condições dele. — Não para mim, — respondi. — Mas eles certamente entraram nisso com Asha.

— Entendo que eles concordaram com tudo o que pedi. Você estará coberta adequadamente para o show?

Eu mantive minha expressão perfeitamente em branco. — Parece que sim. Asha estava feliz.

— Bom, — ele assentiu. — Boa. Você mostra pele suficiente como é. O mundo não precisa te ver de lingerie.

Era literalmente um desfile de lingerie. Que diabos ele achou que eu usaria? Mas eu não disse nada disso em voz alta. Eu queria o emprego e a exposição que o acompanhava. Eu lidaria com a reação dele depois do fato. Se e quando viesse.

— Fiquei surpresa ao encontrar você aqui, — admiti para ele. Mudar de assunto não era uma má ideia.

Sua boca se curvou em algo entre um sorriso e uma careta. O que quer que fosse, não era feliz. — Você me faz sentir privado. Você conhece isso?

Senti um pequeno tremor passar por mim.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei com cuidado.

Ele tocou meus lábios trêmulos, esfregou-os suavemente com as pontas dos dedos.

Um grande terremoto agora.

— Você é *minha* , — ele sussurrou.

Uma pulsação aguda de líquido começou em meus quadris.

— Legalmente e literalmente. Estou com você *agora,* mas sinto que estou sem. Eu tenho você, mas *parece* que você está me iludindo. Como você faz isso?

Claro que não respondi. Eu não *tinha* uma resposta. Mas era um fato que eu também sentia. *Exatamente* como ele estava descrevendo.

Ele não parecia precisar de uma resposta. Abruptamente, ele afastou a cadeira da mesa. Em um movimento impressionante, me agarrou pelos quadris e me empoleirou na pesada mesa à sua frente. Eu não tive que perguntar o que ele pretendia quando ele começou a puxar minha calça e calcinha, deslizando-as lentamente dos meus quadris e retirando-as pelas minhas pernas. Elas eram soltas e macias, por isso era um trabalho fácil. Quando ele tinha minha bunda nua, afastou minhas pernas com as mãos e apenas me encarou por um tempo.

Ele empurrou sua cadeira para mais perto até que ele se sentou confortavelmente entre as minhas pernas. Eu podia sentir sua respiração contra o meu sexo quando ele olhou para mim através de seus cílios. Era uma coisa intoxicante de se ver.

Sua boca se torceu em uma versão depreciativa de um sorriso. — Eu não vim aqui para jantar, Noura, — sua voz retumbou profundamente do peito para o meu núcleo. — Eu vim para a sobremesa.

Suas palavras mal foram registradas como som. Mas elas foram sentidas. Oh. Deus. Elas foram sentidas.

— Abra sua camisa, — ele ordenou, aninhando em mim.

Com as mãos trêmulas, abri o zíper do meu casaco. Tudo o que eu usava embaixo era um sutiã.

— Tire seus seios, — ele me disse.

Eu obedeci.

— Tire-os, — ele raspou na minha pele. — Belisque seus mamilos. Esfregue-os. Quero que você se acaricie enquanto eu, — ele lambeu, — cuido de você. Entendeu?

Esfreguei meus seios doloridos e sensíveis, rolando meus mamilos contra as palmas das mãos.

Seus olhos seguiram os movimentos por uma batida longa, duas, três. Ele parecia extasiado. Foi muito mútuo.

— Bom, — ele murmurou e começou a festa.

Ele me comeu como se estivesse realmente privado. Eu respondi da mesma forma.

Ele me lambeu como se fosse o trabalho dele, em vez de vice-versa.

Depois ele se levantou, me colocando de pé diretamente na frente dele.

Eu tive que segurar a parte de trás do pescoço dele para não cair. Ou deitar.

Ele inclinou meu rosto para ele com um leve toque. O contato quase inexistente de alguma forma enviou uma onda de choque através de mim. — Olhe para mim, Noura.

O som do meu nome em seus lábios fez meus joelhos quase ficarem líquidos.

Eu olhei para ele.

— Tire a roupa e espere por mim na nossa cama, — ele ordenou bruscamente. — Não se toque.

Eu não conseguia nem esconder o arrepio que visivelmente moveu meu corpo com essas palavras.

Eu obedeci.

Eu tinha esquecido que estava nua dos quadris para baixo até começar a me despir. Eu esqueci tudo quando ele colocou as mãos em mim. A boca dele. Oh Deus, essa boca.

Deitei nua na cama, puxando o lençol até o queixo. Eu tremia da cabeça aos pés, mas não de frio.

Ele me fez esperar meia hora inteira antes de se juntar a mim, um bourbon na mão. Ele colocou na mesa de cabeceira.

Puxou as cobertas para as minhas costelas, alisando-a ao longo da minha pele.

Seus olhos estavam desapaixonados em suas mãos enquanto ele brincava com meus seios. Ele estava me despertando como se fosse sua arma.

Era como se um homem diferente tivesse entrado naquele com quem eu acabei de compartilhar o jantar. E sobremesa.

De repente, ele se levantou, se retirando impacientemente do pulôver e da camisa por baixo. Ele arrastou seus jeans e cuecas como se eles o tivessem ofendido pessoalmente.

Estava completamente excitado, seu pau duro balançando a cada movimento enquanto ele arrastava meu lençol.

— Levante-se, — disse ele, as palavras cortando-o com raiva.

Eu fiquei de pé.

Ele se esparramou na minha cama, as costas apoiadas na cabeceira da cama. Pegou sua bebida, tomou um longo gole e colocou-a de volta.

Ele bateu no colo, os olhos insolentes. — Pule na sela, *esposa*. Hoje é a noite em que você aprende a cavalgar em um pau.

Eu hesitei, tanto em sua desagradável mudança de humor quanto em sua ordem. Eu não tinha certeza de como fazer isso.

Ele acariciou seu pau, e apesar de tudo me aproximei para assistir. Perto o suficiente para eu estar quase tocando nele. Observando-o se tocar chegou até mim. Uma onda quente e úmida de sensação apertou meus quadris. Mesmo quando ele era um bastardo, eu o queria.

Ele perdeu a paciência. Agarrou meus quadris e me balançou para montá-lo.

Arqueei meus quadris, notando sua ponta grossa e larga contra minha fenda. Eu o esfreguei, cobrindo-o com minha excitação.

Ele só olhou através dos olhos com pálpebras pesadas, suas mãos segurando levemente meus quadris. Ressentimento e desapego guerrearam por sua expressão.

Eu o montei com um deslize longo e suave. Suave, mas não fácil. Ele me esticou ainda mais nessa posição. Eu me senti empalada.

Ele estava praticamente em silêncio. Tudo o que saiu dele foi uma letra maiúscula H, uma aspiração. Eu o montei em uma dança lenta, com grandes movimentos, arrastando-o até a ponta antes de me sentar novamente. Novamente. Novamente. Novamente. Meu cérebro ficou confuso com o prazer alucinante dele.

Eu queria ir mais rápido, precisava, mas era bom demais para provocá-lo.

Ele levou as mãos aos meus seios doloridos, apertando-os com força. Segurei seus pulsos, as pontas dos dedos esfregando contra seu pulso acelerado.

Eu balancei meus quadris, ondulando. Um ritmo atemporal tomou conta de mim. Não havia razão para eu ter

aprendido tão rapidamente, exceto que a dança era tão natural quanto respirar e tão antiga quanto o pecado.

Seus dedos estavam nos meus mamilos, arrancando e puxando-os gentilmente, depois mais duros, mais ásperos.

Meus quadris tremeram mais rápido, quebrando o ritmo para me sentar nele com mais força, mais fundo.

Seus dentes estavam rangendo juntos.

Eu vi o quanto ele gostou disso e parei antes de cada exuberante descida. Apenas para irritá-lo.

Finalmente, finalmente, ele estalou.

Ele apertou meus quadris acima dele e me bombeou para cima, entrando e saindo exatamente como nós dois precisávamos. Eu estava no topo, mas ele estava ditando o ritmo agora. Isto. Foi. Somente. Correto.

Eu não sabia que iria gozar até sentir os primeiros tremores dele dispararem dentro de mim. Na verdade, eu não tinha certeza de quem começou primeiro. Foi um truque legal. Ele soprou direito quando minha boceta começou a chupá-lo. Eu não podia dizer honestamente qual desencadeou o outro.

Eu estava apenas descendo, sentando-me profundamente nele, observando seu rosto quando seu corpo começou a entrar em erupção e o meu começou a lambê-lo,

aquele primeiro poderoso momento de clímax, quando seus olhos se abriram e pegaram os meus.

Sua mandíbula apertou. Seus dentes cerraram.

Em um instante, ele me pegou de bruços, seu peito cobrindo minhas costas, seu peso me subjugando, seu pênis se contraindo cavando a carne da minha coxa. Ele estava fazendo uma bagunça infernal. Tudo para não ter que me olhar nos olhos por outro momento desprotegido.

Eu entendi, mas doeu do mesmo jeito.

— Veja o que você fez nos meus lençóis, — comentei. Foi dito de ânimo leve. Com indiferença ofegante. Um mecanismo de defesa.

Ele não levou isso de ânimo leve. Com súbita ferocidade, se lançou sobre mim novamente, torcendo bolas profundas, sacudindo com força contundente contra meu útero. Ele se manteve lá, seu pau ainda empurrando, ainda disparando o último pedaço de esperma.

Seus lábios pressionados no meu ouvido. Sua voz era um estrondo profundo e furioso. — Você achou que este quarto lhe pertencia? Essa cama? Esses lençóis? É tudo *meu*. Mas o mais importante, *você é minha*.

Vinte e Um

Meu apartamento estava cheio de atividades na manhã seguinte. Eu podia sentir isso antes mesmo de abrir os olhos. Levou vários minutos para minha mente confusa do sono descobrir porque disso, mas eu tinha uma desculpa muito boa para isso.

Eu não tinha dormido muito. Quase nada, de fato. Eu adormeci várias vezes, mas cada vez que acordava, meu marido estava dentro de mim, fodidamente sem parar novamente. Como se ele não conseguisse o suficiente.

Mas esse tinha sido seu único objetivo. Para obter o suficiente de mim.

Eu sabia disso porque, em algum momento da noite cheia de pecado, ele sussurrou no meu ouvido.

Ele estava nas minhas costas novamente, dedos macios no meu clitóris, pau duro enterrado profundamente. — Vou tê-la quantas vezes forem necessárias até que eu tenha o meu preenchimento... — ele gemeu em meu ouvido, — para que eu possa deixá-la *para sempre* sem outro pensamento.

Era uma coisa absolutamente cruel de se dizer, mas de alguma forma isso não me impediu de gozar mais forte do que nunca. Eu gostaria de saber o que diabos havia de errado

comigo. Por que meu corpo operava tão oposto ao meu cérebro?

Eu assumi que ele alcançou seu objetivo. Eu estava *crua* com seus esforços. Por outro lado, talvez não, considerando que esse próprio pensamento fez minhas partes se acumularem com novas necessidades.

No momento, ele estava profundamente adormecido e colado nas minhas costas. Estávamos deitados de lado e eu estava usando um dos impressionantes bíceps dele como travesseiro. Seu queixo estava aninhado no topo da minha cabeça. Não era tão confortável, mas estava quente. Mais quente era seu outro braço jogado ao meu lado, sua mão grande segurando um dos meus seios como se fosse um punhado de seu ursinho favorito.

Ele era um dorminhoco carinhoso e um amante amoroso e insaciável.

Muita informação.

Todo encontro com meu marido me ensinava coisas sobre ele que eu não precisava saber. Na verdade, eu precisava *não* os conhecer. Se eu pudesse, eu os apagaria do meu cérebro.

Não me faria bem ficar apegada. Ele não tinha como devolver o sentimento. Não para mim. Ele não poderia ter deixado isso mais claro.

Eu estava pensando em como me livrar dele quando Asha tirou o dilema das minhas mãos.

Ela abriu minha porta e enfiou a cabeça, apenas batendo duas vezes alto na porta quando ela já estava dentro do quarto. Era sua rotina habitual, mas eu esperava que isso mudasse depois das duras palavras de Calder para ela no dia anterior.

Eu apenas olhei para ela.

A reação de Calder foi muito, muito pior. Ele saiu de um sono morto e foi direto para a raiva.

— Que *porra* você está fazendo? — ele rugiu para ela.

Ela recuou. Ele levantou, colocou as calças e saiu do quarto, seguindo-a em um furioso furacão.

Não tenho certeza do que ele fez ou disse a ela depois disso. Eu me arrastei para o chuveiro. Eu nunca precisei mais de um. Ainda sentia seu toque em todos os lugares. Em toda parte de mim. Eu me perguntei se isso iria acabar.

Passei minhas mãos sobre meu corpo com uma estranha sensação de desconexão. Meu marido estava certo. Meu corpo não me pertencia mais. Era dele. Ele apostou sua reivindicação.

Até meu próprio toque só me lembrou agora de *seu* toque.

Como se isso não bastasse, ele me *marcou*. Um pouco de amor de suas mordidas em meus seios, chupões no meu pescoço.

No interior das minhas coxas havia pequenos machucados frescos em forma de polegares.

E dentro do meu peito, havia pequenos machucados frescos de seus modos descuidados.

Eu tinha acabado de me secar e jogado minha toalha sobre um gancho na parede quando Calder entrou. Ele se levantou com tanta pressa que ainda não usava camisa e não se deu ao trabalho de abotoar o jeans.

Eu congelei no meio do movimento.

Ele congelou também quando me viu, seus olhos me percorrendo de cima a baixo.

Depois da noite que compartilhamos, como ele poderia querer mais?

Mas essa era a coisa engraçada que eu estava aprendendo sobre sexo. Quanto mais você tinha, mais queria. Mais você *ansiava*.

— Deixei algumas marcas, — observou ele. — Desculpe, — acrescentou, sua boca se curvando em um canto.

Desculpa. Okay, certo. — Por dentro *e por* fora, — eu concordei.

O olhar presunçoso desapareceu. Seus olhos voaram para o meu rosto. — Dolorida? — ele perguntou.

Dei de ombros.

Ele apontou o queixo para o balcão mais próximo. — Sente-se. Deixa eu ver.

Eu endureci. — Não, tudo bem.

Ele me lançou um olhar fixo. — Não foi uma pergunta.

Um choque passou por mim. Desejo, afiado e poderoso. Com um suspiro, apoiei meu eu completamente nu no balcão. Ele afastou minhas coxas, ajoelhando-se baixo entre elas. Ele me estudou.

Mesmo anos de modelagem não me prepararam adequadamente para esse nível de falta de recato. E nada poderia ter me preparado para a intimidade de seu olhar.

Havia espelhos em quase todas as paredes do meu banheiro. Olhei para o mais próximo. Meu rosto estava vermelho. De vergonha, mas não apenas isso. A visão de seus grandes ombros nus ajoelhados na frente do meu corpo nu fez todo tipo de coisas para mim. Tanta pele. Sem pensamento consciente, minha mão estendeu para tocar seu cabelo bagunçado. Sem nenhuma direção do meu cérebro, ela segurou um aperto firme das ondas negras e sedosas.

Ele olhou para cima, sorrindo. — Isso foi um pedido? — Houve uma risada em sua voz.

Corei mais forte, balançando a cabeça com tanta força que meus longos cabelos caíram para a frente para cobrir metade do meu rosto.

Ele voltou a me estudar e seu sorriso desapareceu. Ele mordeu o lábio inferior.

Inconscientemente, minha mão agarrou seu cabelo com mais força. Ele olhou através de seus cílios grossos e bonitos demais. Era um belo visual quente, e isso me estimulou de todo tipo de maneiras contraproducentes. — Ei agora, — ele disse suavemente. — Chega disso. Eu não posso aguentar muito.

— Desculpe, — a palavra saiu ofegante.

Ele voltou à sua tarefa, trazendo as mãos para me separar tão suavemente com os dedos. Sua respiração saiu em uma expiração irregular que se transformou em uma maldição. — Você é muito terna, — disse. Ele me enviou outro olhar ardente. — Mas também está muito molhada. Você está me enviando sinais confusos, Noura. O que devo fazer com você?

Seu rosto se aproximou do meu sexo até que eu pude sentir cada respiração dele. — Eu acho que até meus dedos estão muito ásperos para você esta manhã, — ele murmurou em minha carne.

— Provavelmente, — respirei de volta.

— Felizmente eu tenho outro truque. — Ele aninhou-se gentilmente em mim, cutucando-me levemente com sua língua.

Ele se afastou. — Como é isso? Demais?

Eu respondi segurando seu cabelo com as duas mãos e empurrando seu rosto de volta para mim. Ele não perguntou de novo. Ele me comeu com ternura, sem pressa. Suas mãos ficaram ocupadas em outro lugar, uma puxando e amassando meus seios, a outra encontrando o caminho para a minha boca. Seu polegar esfregou de um lado para o outro nos meus lábios, provocando.

Eu nos assisti no espelho, a visão do que ele estava fazendo comigo me trazendo para perto da borda, tanto quanto as próprias sensações.

Seus dedos cutucaram minha boca e eu abri para ele. Chupei seus dedos dentro e fora enquanto seus lábios chupavam minha fenda.

O ato foi tão terno e descontraído que meu orgasmo me pegou completamente de surpresa. Isso me atingiu de maneira gentil. Minha cabeça caiu para trás. Meus dedos do pé se curvaram. Consegui não gritar o nome dele, mas foi por pouco.

Depois que ele se levantou entre minhas pernas, limpando a boca. Eu ainda estava tentando recuperar o fôlego.

Ele se afastou.

Fechei os olhos. Eles se abriram novamente quando ouvi algo suave cair no chão de mármore. Eu olhei para baixo. Ele colocou um travesseiro a seus pés. Nossos olhos se chocaram. Ele sorriu. Eu corei. Ele puxou seu pau, segurando-o.

— Você quer que eu... — Eu comecei.

— Se você não se importa muito. — A maneira como ele disse era terrivelmente educada e totalmente irresistível. Especialmente com o pau na mão.

— Você não parecia gostar da última vez, — apontei. — Eu assumi que era uma causa sem salvação.

Foi sua vez de corar, seu olhar se afastando como se ele não pudesse encarar o meu de repente. — A verdade é que eu -— ele começou, depois parou como se tivesse escolhido cuidadosamente as próximas palavras. — Eu não quis dizer o que disse depois. Eu estava apenas sendo um merda. — Ele parou de novo. — Penso nisso o tempo todo... sua boca em mim.

Bem, bem, bem. As palavras e a maneira como ele as disse eram algo parecido com um pedido de desculpas. Sem dúvida elas eram conciliadoras e não tinham sido fáceis para ele, eu poderia dizer, mas ele ainda conseguiu cuspi-las. Foi algo. Algum tipo de ponto de virada para nós, embora eu

ainda não pudesse ter dito o que tudo aquilo realmente significava.

Pulei do balcão e me ajoelhei no travesseiro que ele havia colocado para mim. Seus olhos correram sobre o meu corpo, e ele continuou se acariciando.

Eu olhei para ele, lambendo meus lábios. Eu queria que ele se aproximasse, mas eu amei a visão dele se tocando demais, então esperei.

— Vou tentar não fazer uma bagunça desta vez, — eu disse, tentando de brincadeira.

Sua voz era um gemido. — Não se preocupe. Eu quero deixar uma bagunça em você.

Não sei por que isso me excitou. Senti o calor correr através de mim, lavando minha pele e acumulando em meu interior. Ele se aproximou e eu o agarrei com as duas mãos.

Ele fez um ruído áspero e delicioso quando minha boca cercou sua ponta. Ele agarrou suas mãos nos meus cabelos e aliviou seu comprimento grosso na minha boca.

— Toque-se, — ele instruiu, — Esfregue seu clitóris.

Eu mantive uma mão nele, empurrando sua base enquanto chupava sua ponta e me tocava.

Eu levei nós dois ao mesmo tempo. Havia algo tão inebriante nisso, ter o poder de agradar a nós dois ao mesmo tempo, enquanto tudo o que ele podia fazer era gemer e puxar

meu cabelo. Eu senti quando seu corpo ficou tenso para vir, tudo ficando rígido, suas bolas apertando. O próprio ar mudou naquele momento. Foi totalmente intoxicante e trouxe minha própria libertação.

Eu não pude evitar, eu gritei quando cheguei, e minha boca o soltou com um pequeno estalo molhado.

Uma das mãos dele ficou no meu cabelo, a outra estendendo a mão para cobrir minha mão nele. Ele empurrou seu esperma no ar. Ele atingiu meus lábios, meu queixo, minha clavícula e mais baixo. Ele passou um tempo extra jorrando sobre meus seios.

— Eu pretendia engolir, realmente engolir, — eu disse quando recuperei o fôlego.

Ele riu, um suspiro surpreso e sem fôlego, e se empurrou de volta entre meus lábios. Lambi sua ponta e fiquei surpresa quando senti seu pau empurrar outro pequeno fluxo de esperma na minha garganta. Apenas continuou.

— Sempre há a próxima vez, — disse ele, com a voz baixa e rouca.

Da próxima vez, de fato.

Ele se afastou, colocando-se de volta nas calças. Por que não? Ele estava pronto para ir, eu o lambi limpo, enquanto isso eu estava uma bagunça completa. Pela maneira como

seus olhos se demoraram em mim, eu poderia dizer que ele amava a vista.

— Esfregue em seus peitos, — ele gemeu. Eu olhei para mim mesma, esfregando seu esperma pegajoso na minha carne, massageando os globos firmes e alegres dos meus seios. Eu amassei comigo mesma, conseguindo em todos os lugares.

Ele gemeu, esfregando a virilha como se pudéssemos dar outra rodada.

Torci meus mamilos entre os dedos. Eu queria que ele chupasse, com gozo e tudo. Fiquei decepcionada quando ele me disse: — Basta, — com uma voz rouca e pesada.

Ele me ajudou a levantar, depois me deu as costas, indo lavar as mãos.

Foi quando notei sua tatuagem. Eu nunca tinha visto suas costas nuas na luz antes. Fui em direção a ele, estudando. Era uma pequena rosa rendida com lindos detalhes intricados em sua omoplata. Eu queria rastreá-lo com os dedos. — O que isso significa? — Eu perguntei a ele.

Ele virou a cabeça até eu olhar para o perfil dele. Sua boca torceu. — Isso significa que você nunca pode realmente conhecer outra pessoa. Nem a mente nem o coração. Isso significa que você nunca deve confiar em uma garimpeira.

Uma explicação tão amarga para uma obra de arte tão bonita, pensei. Foi quando eu vi as letras trabalhadas nas

linhas fluidas. Explicado com precisão pequena e sutil, estava o nome ***FATIMA***.

Eu conhecia esse nome. Eu me senti esfriar.

Afastei-me dele instintivamente.

Ele se virou para me estudar, mas eu já estava voltando para o chuveiro. Eu já deveria ter aprendido a não me preocupar em ficar limpa até ter certeza de que ele tinha terminado comigo.

Ele não me seguiu. Bom. Eu disse a mim mesma que queria assim. Certamente eu precisava de alguns momentos particulares para me recompor.

Quando saí do meu quarto, vi que meu pessoal de cabelo e maquiagem estava esperando. Provavelmente já fazia um tempo.

Oh sim, está certo. Eu tinha um importante brunch de caridade para realizar com minha sogra às onze.

Eu disse bom dia a todos.

Meu marido ainda estava presente e me observando. Eu tentei fingir que ele não estava.

Ele e Asha pareciam ter entrado em acordo, enquanto conversavam com relativa civilidade.

Sentei-me para o meu embelezamento.

— O que há na agenda dela para o dia? — ele estava perguntando a Asha.

— Primeiro, há um brunch com sua mãe. Ela precisa sair em uma hora para isso.

Ele assentiu como se estivesse de alguma forma envolvido. Por que ele não saiu ainda? — E depois disso? — Ele perguntou a ela.

— Ela está se reunindo com sua equipe financeira — seu pai está sentado — para discutir alguns possíveis investimentos e empreendimentos comerciais. Ela tinha uma oferta muito promissora de se unir a uma marca proeminente para iniciar sua própria linha de roupas e sapatos. E há uma campanha de fragrâncias em cima da mesa. Seu pai quer que ela ataque enquanto sua marca tem tanta publicidade gratuita. Ele diz que toda vez que vocês dois são vistos juntos, é dinheiro no banco.

Eu assisti seus lábios enquanto eles torciam amargamente. — Isso não é verdade? — ele meditou. — Quando essa reunião terminará?

— Às cinco.

— E...?

— E então ela vai à casa dos seus pais para um jantar em família. Esse é o último compromisso do dia. Idealmente, ela estará na cama às nove. Ela tem uma reunião muito cedo amanhã. — Ela me enviou um de seus olhares. — Acha que

você consegue não dormir demais pelo terceiro dia consecutivo, ou isso é pedir demais? — disse, em um tom arrogante, mas nada demais, pelo menos para ela.

Queria mostrar minha língua como uma criança. Em vez disso, não lhe dei nada. Eu aprendi que era a melhor maneira de ganhar com ela.

— Cuidado, — disse-lhe meu marido, com voz baixa e mesquinha. — Você está no seu último aviso com minha esposa. Não direi de novo.

Seu rosto comprimido beliscou com mais força, mas ela apenas assentiu. — Com licença. Eu voltarei quando eles estiverem... — ela acenou para minhas meninas de cabelos e maquiagem, — ...terminado com você.

Quando ela saiu da sala, a maior parte da tensão foi junto. Jovie saiu do quarto como se estivesse esperando o momento. Ela estava cantarolando uma música que pensei ter reconhecido. Algo da trilha sonora do *Wicked*.

Sim, ela estava esperando.

Ela sorriu para mim. — Ele a fez desaparecer de novo?

Eu assenti e ri.

Meu marido chamou minha atenção. Algo aconteceu com ele quando me viu rir. Algo volátil e contraditório. Ele parecia amargo e encantado ao mesmo tempo.

Foi fascinante de assistir.

Eu só parei de olhar quando tive que fechar meus olhos para o delineador. — E você? — Eu perguntei a ele, apenas para o inferno. — Quais são seus planos para hoje?

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — O que você está oferecendo?

Eu corei. Não conseguia pensar em um único retorno para ele.

— Então você gostaria de ficar por um tempo? — Jovie perguntou a ele após um silêncio extremamente constrangedor.

Ele não teve uma única resposta para ela.

Finalmente abri meus olhos quando minha maquiagem estava pronta. Eu o estudei.

Ele tinha a aparência de um homem que queria muito sair, mas simplesmente não conseguia se afastar.

Aparentemente, ele ainda não tinha se esgotado de mim.

Vinte e Dois

Eu ainda estava tomando conhecimento de quase tudo a ver com Calder através do filtro de Asha, e apenas o necessário. Foi por isso que fiquei aborrecida, mas não surpresa, quando soube apenas meia hora antes do jantar com meus sogros que meu marido e eu não estaríamos dirigindo para lá juntos. Eu assumi que isso significava que ele me encontraria lá.

Passei mais tempo com seus pais do que com ele. Eles sempre foram bastante agradáveis e me aqueciam mais a cada reunião.

De fato, um jantar com eles onde ele não estava presente seria consideravelmente menos estressante do que a outra alternativa.

Ou assim eu pensei antes daquela noite. Cheguei a tempo. Ele não fez.

Meus sogros me receberam cordialmente à porta, me levaram a uma impressionante sala de jantar e esperamos.

E esperamos. Uma hora se passou, depois outra.

Comemos sem ele e conversamos educadamente.

Seus pais, Pasco e Diana, nem sequer mencionaram sua ausência por algum tempo.

Tivemos uma quantidade surpreendente de conversa, considerando que eu tinha tido uma reunião com meu sogro poucas horas antes. Você pensaria que ele estaria cansado disso, mas ele foi muito prestativo com conselhos de negócios para mim, que eu valorizava.

Ele era surpreendentemente gentil. Ele era um buldogue de um negociador. No mundo dos negócios, eles o chamavam de O Justiceiro, mas comigo ele não demonstrara nada além de paciência e generosidade.

Era um homem que sabia claramente o que estava fazendo quando se tratava de finanças. Eu via todo acesso a ele como uma oportunidade. Um aprendizado informal. Eu queria aprender o máximo que pudesse com ele. Não poderei modelar para sempre, e pretendia continuar construindo minha riqueza muito tempo depois que minha aparência desaparecesse.

Eu queria ser tão rica que nada pudesse me tocar.

Diana e eu tínhamos tanto o que conversar. Nossos horários se cruzavam constantemente nos próximos dois meses, já que participávamos de várias funções de caridade familiar juntas.

— Peço desculpas por isso, Noura, — Pasco me disse solenemente depois de três horas. — Meu filho e eu não

somos capazes de olhar nos olhos há algum tempo, e eu gostaria que você soubesse que o comportamento grosseiro dele hoje à noite é um reflexo do desprezo dele por mim, e não por você.

— Eu também não acho que ele goste de mim, — observei. Fiquei chocada com minha própria sinceridade. Eu não quis dizer essas palavras em voz alta.

Pasco estremeceu. — Bem, então peço desculpas por isso também. Você merece o melhor.

Dei de ombros. — Não é sua culpa. Obrigada por uma refeição adorável. Provavelmente deveria ir. Eu acordo cedo.

Diana abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fez uma pausa no meio do movimento, a boca aberta quando o som de um estrondo ecoou pela casa. Veio da direção da entrada.

Um momento depois, Calder entrou cambaleando na sala.

Era óbvio imediatamente que ele estava fedendo a bêbado.

Eu endureci na minha cadeira. Assisti seus pais compartilharem um olhar. Diana parece preocupada. Pasco parecia furioso.

Calder só tinha olhos para mim. — Você sentiu minha falta, querida? — ele zombou.

Então ele estava meio bêbado. Bom saber. Ainda assim, eu senti como se tivesse levado um tapa. Toda vez que eu começava a pensar que ele poderia ser legal comigo, ele ficava frio, ou pior, hostil.

Levantei para sair.

— Você está se sentindo orgulhoso hoje à noite, pai? — ele se virou para o pai. — Veja como é me casar quando você me disse que *eu tinha que* me fazer crescer e me acalmar. Que decisão sábia, *pai*. Ainda bem que você não quebrou sua sequência perfeita de *nunca estar errado.*

— Eu nunca te disse que você tinha que se casar, — disse Pasco, com fúria calma e digna. — Eu só lhe disse que você tinha que se casar com alguém que eu aprovava se quisesse que o capital inicial colocasse seus negócios em funcionamento. Eu acho que foi uma troca justa considerando seu histórico de perder fortunas e escolher a noiva errada.

Eu pensei por um momento que Calder iria investir contra seu pai.

— Banks. Por favor, pare, — disse Diana suavemente. Só isso parecia tirar um pouco do vapor de Calder.

— Eu nunca deveria ter vindo, — disse Calder amargamente. — Boa noite, mãe. — Ele se virou para sair.

Eu me mudei para sair também. Abracei Diana. Ela me abraçou de volta, beijando minhas duas bochechas.

Quando passei por ele, a mão de Pasco agarrou meu braço como se quisesse me segurar no lugar. — Não vá com ele, Noura. Você deve evitá-lo quando está assim. Ele não tem boas maneiras.

Meu marido voltou a invadir a sala. — Oh, por favor, — ele zombou. — Você pensou que eu estava convidando-*a* para vir comigo? Você achou que eu passaria de bom grado tempo com *minha esposa*? Pegue uma pista. Eu tenho outros planos.

Bem, isso não era doce?

Ele saiu sem outra palavra.

Após um silêncio constrangedor, Pasco falou: — Eu sei que o que fiz parece extremo. Sofri a ira de toda a minha família por causa disso. Mas você tem que entender, ou pelo menos ouvir, de onde eu estou vindo.

Não senti falta da ironia de que ele sentia a necessidade de me explicar isso de todas as pessoas, mas apenas ouvi.

— Banks sempre foi meu filho mais responsável, — continuou ele. — E o mais teimoso. Você sabia que ele acumulou sua própria fortuna antes dos 21 anos? Ele é um especialista absoluto em farejar sólidos investimentos imobiliários. Todos podiam ver que ele estava indo muito longe. — Ele fez uma pausa. — E então ele conheceu *ela*.

Eu sabia da ela que ele estava falando. Ela estava tatuada em beleza nas costas do meu marido. A ex-noiva dele. Fatima.

— Você sabe quem é ela? — ele perguntou.

Meu rosto estava tão duro que parecia que poderia quebrar. Era uma máscara de estoicismo absoluto desde a chegada e a curta partida de meu marido. Um mecanismo de defesa que eu aprendi para o meu ofício. Ao contrário do meu intestino agitado, minha voz era suave e livre de turbulências quando respondi: — Sim.

— Ela era uma doença no cérebro dele desde o início, — continuou Pasco. — Até hoje, ele tem um ponto cego *total* quando se trata dela. E o triste fato é que nada além de ruína viria disso. Ela estava usando ele. Eu disse isso a ele. Ele não quis ouvir, mesmo com todas as bandeiras vermelhas. Ela vem de uma família muito ruim, algo com que ele não estava preocupado. E ele sabia que eu desaprovava. É por isso que eles ficaram noivos nas minhas costas. Quando descobri, fiquei preocupado. Frustrado. Lívido. Fiz algo que não me orgulho. — Ele respirou fundo e compartilhou um olhar com sua esposa. Ela parecia triste, ele com remorso.

Eu apenas ouvi, completamente silenciosa.

— Eu fui até Fátima, — ele continuou seu discurso retórico. — *Ela* não é ele. Eu disse a ela que se eles se casassem, ele seria deserdado. Ele podia ficar com o dinheiro que ganhara, o que não era substancial, mas *nada* mais.

Sempre. Nem um centavo de sua família enquanto eles estivessem juntos. Por sua parte, ela não o deixou imediatamente. Em vez disso, ela o convenceu a negociar com o pai dela. Ele investiu tudo, pensando que estava apostando no futuro deles. — Suas mãos elegantes estavam sobre a mesa em punhos. — Ainda não resolvemos todos os detalhes, mas eis o que sabemos: o dinheiro desapareceu. Tudo isso. Ele perdeu tudo. Esse é o tipo de família que ela vem. O tipo que faz dinheiro desaparecer.

— E as pessoas, — acrescentou Diana com veemência inesperada. Havia uma torção amarga em sua boca que eu nunca tinha visto antes. — Eles fazem as pessoas desaparecerem também. Eles não passam de bandidos.

Pasco apenas assentiu como se isso fosse secundário para o resto, continuando:— Dentro de um mês, ela o deixou e se casou com outra pessoa. Um conde francês, por acaso. Um bilionário, é claro. Banks levou isso mal, como você pode imaginar. Depois disso, ficou claro que meu filho estava indo na direção errada. Ele estava há um tempo. Não quis ouvir ninguém, garoto maluco. Mesmo depois que ela se casou com outra pessoa, ficou claro que eles continuaram por só Deus sabe quanto tempo. E ele não estava melhorando. Quando surgiu uma oportunidade, eu a agarrei. Ele farejou um empreendimento imobiliário de ouro e me procurou pelo dinheiro. Mas eu não daria a ele sem uma condição: se casar com alguém que não era Fátima. Ele poderia ter escolhido alguém, uma antiga namorada, uma nova. O Catálogo de

Noivas foi ideia *dele*. Ele queria alguém que conhecesse o placar.

— Eu sei que minhas ações parecem drásticas, mas eu estava desesperado. Senti que tinha que interferir na vida dele. Para agitar um pouco. Qualquer coisa era melhor do que o deixar. — Ele deu de ombros eloquentemente. — Ele não vai me perdoar. Verdade seja dita, imaginei que havia uma boa chance de seu casamento não durar, mas qualquer coisa para desviar sua atenção daquela mulher venenosa era suficiente para mim. Peço desculpas por você ter sido arrastada para dentro disso.

— Por favor, não se desculpe, — eu disse, com o nível de voz mas sincero, no entanto. — Eu não fui arrastada. Estou aqui por minha própria vontade. Eu sabia que havia poucas chances de que isso fosse bom.

Minhas palavras pareciam acalmar meu sogro agitado. Ele assentiu uma vez, duas vezes. — Você é mais do que poderíamos esperar. Vocês dois podem se adequar muito bem. Eu gostaria que meu filho teimoso pudesse ver isso.

— Eu desejo isso também, — eu disse, com sinceridade absoluta e desconfortável. — E obrigada por compartilhar tudo isso. Acho que posso entender o comportamento dele um pouco melhor agora. Isso ajuda.

Nos despedimos e fui embora.

Fiquei surpresa ao encontrar meu marido no elevador. Eu pensei que ele estaria longe. Estava usando o apoio para se sustentar. Eu não sabia dizer se ele estava realmente tão bêbado ou se estava apenas muito chateado.

— Você precisa de ajuda? — Perguntei-lhe calmamente, apertando o botão para descer.

Ele se endireitou e olhou para mim. — Escavadora de ouro, — ele cuspiu. Então somos dois.

O carro chegou e eu entrei, olhando para frente. Eu estava tão cansada de seus julgamentos. Seus padrões duplos. Finalmente, bati. — Eu posso ser uma garimpeira, — eu disse sucintamente. — Mas você é um garoto rico e mimado. Ouvi o que seu pai disse sobre seu capital inicial. Você sabe que isso significa que você se casou comigo *exatamente* pelo mesmo motivo que eu casei com você. Você é um hipócrita me julgando assim por fazer a mesma coisa que você fez.

Eu me preparei para a reação dele antes de roubar um olhar.

Parecia que eu tinha lhe dado um tapa. E eu tinha. Não literalmente, mas com a verdade.

E choque de todos os choques, eu o deixei sem palavras.

Vinte e Três

O desfile da VS aconteceu na noite seguinte. Eu me senti mais nervosa do que há muito tempo no trabalho.

Era mais do que um desfile televisivo mundial. Era um circo de proporções épicas. Uma equipe de filmagem seguiu todos as modelos que trabalhavam no evento, de suas casas ao tapete vermelho, através da extensa manopla da imprensa e (depois de tudo isso) nos bastidores, o que foi tão espetacular quanto o próprio evento.

Todas em conjuntos idênticos de sutiã e calcinha rosa bebê, com um ocasional robe de seda vermelho para encobrir no lado de fora.

Asha tinha muito a dizer sobre isso, mas eu estava ficando cada vez melhor em ignorá-la. — Acerte isso com seu chefe, — eu disse a ela toda vez que tentava me dizer para encobrir mais.

Tudo aconteceu em uma espécie de borrão de apertar os dentes. Eu superei isso com uma postura suave, alimentada por minha própria determinação de deixar uma marca.

Tive que matá-lo por isso. Esta foi a minha chance no grande momento. A diferença entre ser uma 'it girl' por quinze

minutos e entrar em um estilo de vida de supermodelo. Como minha sogra, menos o romance.

Eu nunca tive nenhum outro talento, então queria ser a melhor em modelagem, e esse show era meu momento de fazer ou quebrar. Se eu fizesse bem, alcançaria um objetivo há muito desejado.

Os bastidores eram um hospício absoluto, mais uma festa do que qualquer outra coisa. Não era apenas as modelos que perseguiam objetivos comuns (embora estivessem lá, é claro), era quem era quem no mundo das celebridades de tabloides, homens e mulheres. Vi cantores famosos, atores, personalidades de reality shows e influenciadores do YouTube, e isso foi apenas no primeiro minuto.

Alguém me entregou uma taça de champanhe, e eu brindei e fingi beber com alguns modelos VS aleatórias e lindas em rosa combinando. Todo mundo foi muito amigável. Mais do que em qualquer show que eu já fiz.

Eu não precisava me perguntar o motivo, já que havia câmeras em todos os lugares.

Um dos funcionários do programa acenou para mim e começou a me levar para a minha estação de preparação. Estava tão cheio que tive que me espremer entre estranhos para conseguir.

Um cara aleatório (pensei que o reconhecia, talvez da televisão?), tentou passar o braço em volta da minha cintura enquanto tentava passar por ele.

— Olá, linda, — ele murmurou, lábios *na* minha orelha, mão segurando minha bunda, voz encantada. — Onde *você* esteve toda a minha vida?

Ele teve exatamente um segundo antes de ser arrastado por uma mão forte e corada.

Olhei atrás de mim para Chester, que estava segurando o homem pelos dois ombros e sacudindo-o. Claramente colocando-o em linha reta. Bom e velho Chester.

Eu assisti e fingi tomar outro gole de champanhe. De jeito nenhum eu participaria de algo com carboidratos quando não vou poder usar mais do que pequenos pedaços de seda e renda pelas próximas cinco horas.

Hoje não, inchaço.

Depois disso, Chester fez a viagem através da sala simplesmente jogando um braço em volta dos meus ombros e abrindo caminho entre a multidão. Sem surpresa, ninguém mais me tocou depois disso.

Eu sabia que minha equipe de filmagem havia captado a coisa toda, e me perguntei brevemente como isso poderia parecer, mas rapidamente abandonei o pensamento. Não adianta imaginar. Nada que eu pudesse fazer sobre isso, apenas manter o meu jogo diante.

Sentei-me na minha estação e deixei o cabelo e a maquiagem fazerem o trabalho deles.

— O seu segurança é sempre tão protetor? — A pergunta era de alguém no microfone, suficientemente alto para transmitir o barulho da multidão. Veio de uma mulher amigável em pé atrás da minha equipe de filmagem. Eu a reconheci como uma das pessoas que produziam o programa por trás do programa.

Dei de ombros e sorri agradavelmente. — Quando ele vê a necessidade. Não gosto de ser agarrada por estranhos.

Várias pessoas riram.

— Você não sabe quem era? — a mulher perguntou. Ela estava sorrindo atraente, como se achasse esse fato encantador.

Dei de ombros novamente, esperando não estar sendo totalmente idiota, mas plenamente consciente de que me fingir de idiota tinha suas vantagens. — Eu não, mas tenho que dizer que ele parecia meio familiar.

A mulher dirigiu-se para Chester, — V*ocê* sabe quem era?

Chester estava carrancudo, uma expressão que não parecia deixar seu rosto tão cedo. Ele foi o único nos ouvindo que não pareceu divertido com a coisa toda. — Um cara que não sabe como manter as mãos para si.

Isso fez rirem alto. Eu tenho a sensação de que o cara deve ter sido mais famoso do que eu imaginava. — Ele é Brooks Ainsley, — alguém chamou. Eu balancei minha cabeça. Não tocou uma campainha. — Um artista de gravação, — o produtor me explicou. — Ele tem a música número um no país agora. — Isso explicava. Ultimamente, eu estava muito ocupada acompanhando a obsessão por K-pop de Jovie para checar as paradas americanas.

— Oh, — eu respondi. — Diga a ele que dissemos parabéns. — Isso gerou uma grande risada.

Eu sabia que tínhamos suavizado e virado isso para nossa vantagem o melhor que pudemos quando a produtora passou a persuadir algumas perguntas para a próxima modelo, parecendo muito satisfeita consigo mesma. As pessoas falariam sobre o incidente por dias, principalmente porque tudo havia sido capturado pela câmera. Foi tão bom para mim quanto para a marca deles, e mesmo a estrela pop, sem dúvida, ficaria satisfeito com os hits extras da Internet em seu nome, mesmo que ele estivesse sendo arrastado.

Todo mundo saía ganhando. Publicidade gratuita da maneira mais fácil.

A hora seguinte me mostrou uma parte do evento que eu realmente não tinha entendido até que estava acontecendo. Eu estava lá cedo para a preparação, mas a variedade de celebridades estavam lá por uma razão completamente diferente. Enquanto as modelos estavam

usando quase nada e com o cabelo arrumado e maquiagem bagunçada, os convidados voavam de estação em estação, estudando e nos julgando como se fôssemos obras de arte em uma exposição. Foi muito estranho, mais como fazer um show de carro ou barco do que uma passarela, onde estávamos em exibição de uma maneira diferente.

Não foi agradável, mas coloquei um sorriso falso e confuso no rosto e aguentei. No lado positivo, isso me manteve ocupada demais para me irritar na passarela.

Vários dos famosos participantes se dignaram a falar comigo, e os que fizeram foram até legais. Não é de surpreender que a briga de Chester com a gravadora tenha agitado todo o encontro. Uma famosa repórter de entretenimento pegou a coisa toda no telefone e insistiu em mostrar para mim.

Eu assisti inicialmente com relutância, mas quando eu o peguei, até pensei que era engraçado. O homem me agarrou e foi arrancado no mesmo segundo. Enquanto isso, como Chester estava claramente repreendendo-o, parecendo que ele poderia pulverizá-lo onde ele estava, eu assisti a coisa toda com olhos calmos e tomei um gole casualmente no meu champanhe.

— Já se tornou viral. Eles até fizeram disso um meme. Você quer ver? — a mulher me perguntou.

Eu disse que sim e ela me mostrou um GIF de mim mesma. Foi o momento em que eu tomei um gole de

champanhe, assistindo a briga com total compostura. Alguém tinha colocado óculos de bandido sobre meus olhos e legendado com a palavra **BADASS**[14] em maiúsculas.

Eu me vi sorrindo. A coisa toda se transformou em um aumento inesperado da confiança e foi sem dúvida uma boa imprensa para mim, menos para a estrela pop, mas eu supunha que era isso que você conseguia ao agarrar mulheres aleatórias.

Todo o evento passou em uma corrida frenética que parecia ter parado e depois apressada por um borrão à vontade, parecendo rápido e lento demais. O pré-jogo nos bastidores passou rápido demais para eu processar, mas também parecia arrastado com um lazer agonizante.

Depois de uma eternidade de espera e antes de estar pronta, fui espremida em vários pedaços de renda branca requintadamente pura, amarrada em um conjunto de asas de anjo que quase me derrubaram no local e saí pela pista.

Este foi o primeiro dos dois looks que eu estava andando para o desfile, e mesmo tendo que usar pedaços de fita adesiva para manter a TV amigável, foi o mais conservador dos dois. Dito isto, eu estava praticamente nua e senti isso intensamente a cada passo em um salto de cinco polegadas.

O palco geralmente estreito foi construído para o show, para acomodar atos de música ao vivo. Fui até a batida pesada da bateria, deixando meus quadris balançarem. Nós

[14] Fodona.

não tivemos um ensaio real. Nós tínhamos a música, mas não a banda, então foi só na metade da passarela que eu percebi quem estava cantando no microfone.

Brooks Ainsley. Awwwkward.

Felizmente, tive muito impulso para permitir que parasse meus passos. Fiquei cautelosa ao passar por ele, mas ele não se aproximou de mim, na verdade ficou tenso e deu alguns passos notáveis enquanto eu passava. Ele aprendeu sua lição.

Eu sorri para ele e pisquei. Ele estremeceu, desviou o olhar e continuou cantando.

Houve uma reação perceptível da multidão: suspiros, risos, aplausos. Pode muito bem se divertir com isso. Eu adicionei um pequeno salto alegre aos meus passos e um beijo no final da passarela.

Não ousei olhar para a multidão. Enquanto uma estrela do rock estranha pode não me fazer vacilar em uma caminhada que eu dominava anos atrás, eu não achava que poderia reagir tão alegremente se visse meu marido na multidão.

Até onde eu sabia, ele nunca havia assistido a um dos meus desfiles, e era mais fácil fingir que ele não estava nesse. Descobrir o contrário seria um inferno para meus nervos já irritados. O homem me pegou como nada mais poderia.

Pelo menos cinco pares de mãos começaram a tirar minhas roupas do meu corpo no segundo em que eu bati nos bastidores. O show era frenético demais para receber honestamente algo tão frívolo quanto a modéstia, então todas as regras do vestiário foram rapidamente descartadas. Eu optei pela penitência sobre a permissão naquele momento. Em um ponto, bati os olhos com uma Asha fumegante e não me deixou dúvida de que eu estaria pegando o inferno mais tarde.

Ah, bem. Não havia tempo para me preocupar, pois eu estava desembrulhada da lingerie branca e enrolada em uma série complicada de finas tiras de veludo preto que se materializaram em um *teddy*[15] e de alguma forma conseguiram mostrar ainda mais pele do que o primeiro look. Adeus, tema de cores virgens da pista. Boa viagem.

Uma pequena equipe encolheu enormes asas de penas pretas em meus ombros, e outra me ajudou a calçar botas de veludo pretas até a coxa antes de me empurrar suavemente de volta à linha.

Deve ter sido uma troca rápida de guarda-roupa, porque havia mais de uma dúzia de modelos esperando na minha frente, os olhos fixos em uma tela mostrando a cobertura ao vivo do show. Todos estavam dançando e aplaudindo a caminhada de cada garota enquanto observavam. Tive um momento ingênuo em que pensei que todo mundo estava

[15] Roupa interior de uma peça de mulher, incorporando uma camisa superior e uma calcinha.

sendo gentil antes de perceber que ainda estávamos diante das câmeras.

Eu tinha o pensamento caprichoso de que eles deveriam fazer isso em todos os shows. Até a bondade falsa era um mundo melhor do que a vibração usual nos bastidores.

Fiz minha segunda caminhada mais devagar, a tempo do número de música agora sensual. Desta vez, não houve troca entre mim e Brooks, na verdade tudo estava indo bem, como poderia estar até que cheguei ao fim da pista. Eu me demorei, forçando-me a manter meu lugar e posar quando todos os instintos apontaram para me mover por aquela passarela com toda a pressa.

Eu estava indo muito bem, dando todos os meus melhores ângulos, rosto calmo, boca relaxada, olhos sorrindo quando cometi o erro colossal de me deixar olhar para a multidão.

Merda. *Ele* estava na primeira fila. Banks. Olhando nos meus olhos como se ele quisesse me foder e me estrangular simultaneamente.

Eu não estraguei tudo, de fato, provavelmente parecia que eu estava apenas ordenhando meu momento até o enésimo grau de diva, mas por dentro eu estava um desastre enquanto fazia meu caminho lento de volta pela passarela.

Por que ele estava aqui? E... O que havia com aquele olhar que ele me deu? Por que ele era tão hostil? Por que ele

estava *sempre* bravo comigo? E... Como ele conseguiu me excitar com um breve olhar desdenhoso?

Eu saí do palco pensando que era o fim do show, mas estava muito enganada. Os bastidores se transformaram em uma festa depois de um piscar de olhos e o seguinte. Fui levada de volta à minha estação de preparação.

Alguém me entregou champanhe, e eu realmente tomei um gole de verdade antes que alguém o tomasse de mim, para que uma nova equipe de ajudantes pudesse me tirar das minhas asas.

— Você está bem, Duquesa? — Chester perguntou. Eu nem o tinha visto, distraída como estava em meus próprios pensamentos.

Eu olhei para cima e sorri sinceramente para ele. — Ótima, — eu respondi alegremente, saindo de minhas botas perversas e entrando em alguns slides peludos cor de rosa. Uma nova onda de energia correu através de mim com o pensamento de estar pronta e possivelmente vendo Banks novamente.

Fui despida até quase nada e vesti um roupão listrado rosa fresco.

Eu estava examinando a multidão em busca de meu marido quando alguém chamou minha atenção.

Uma mulher deslumbrante com uma juba gloriosa de cabelos pretos estava se aproximando de mim. Ela era

destaque em uma sala cheia de destaques, e eu a reconheci instantaneamente.

Falando no diabo. Ela apenas continuou aparecendo, coisas sobre ela se inserindo na minha vida contra a minha vontade. Ou talvez eles estivessem lá o tempo todo e eu fosse ingênua e protegida demais para vê-lo.

Era Fatima. A ex do meu marido. A mulher que o arruinou. E ela veio direto para mim.



Vinte e Quatro

Fatima veio diretamente na minha direção, sem tentar esconder o fato de que eu era o destino dela. Ela parou a cerca de um metro de distância e apenas me estudou com um ar de desdém divertido. O que mais eu poderia fazer além de estudá-la de volta?

A situação dos bastidores após o show estava lotada além da crença, mas de alguma forma sua confiança e meu medo eram as únicas coisas na sala.

Ela era a mulher enigmática por excelência. Malvada e misteriosa. Seus olhos eram negros e sensuais, seus cílios pesados e grossos o suficiente para esconder todos os tipos de segredos. Sua pele era de um bronze fino com tons dourados que lhe davam um brilho que superava qualquer maquiagem. Uma beleza natural que era ainda mais impressionante com um pouco de maquiagem, que ela usava como segunda pele. Seus lábios estavam pintados de vermelho sangue e eram exuberantes, com um arco de cupido exagerado que contrastava de modo interessante com a torção média em sua boca. Ela era nitidamente impressionante.

E depois havia o resto dela.

Eu era esbelta, tonificada e em forma, mas bem torneada, meus quadris e busto exageravam contra minha cintura menor.

Ela era alguns centímetros mais baixa que eu, mas ainda escultural e em outro nível de curvas. Havia canções de sucesso escritas sobre sua bunda. Ela era um sonho molhado que ganha vida. Eu me senti como uma criança magra ao lado dela.

A comparação era o dispositivo de um homem, destinado a colocar as mulheres umas contra as outras. Eu sabia disso, então tentei não deixar minha mente seguir esse caminho, mas foi uma luta.

Eu não sabia o que dizer para ela, mas ela tinha muito a dizer para mim.

Quando ela falou, sua voz era baixa, sensual e pingando mel envenenado. — Ah. Você. A noiva. Suponho que é hora de finalmente nos conhecermos. Eu sou Fatima. Suponho que você já tenha ouvido falar de mim?

— Eu ouvi, — eu disse uniformemente. Não havia nem um engate na minha respiração. Eu estava orgulhosa disso.

Nós nunca tínhamos conversado antes, mas eu sabia mais sobre ela do que queria. Alguns me disseram, o resto eu olhei com curiosidade mórbida.

A história deles era trágica e antiga. Merda de estrelas, Romeu e Julieta. Sua família era velha, rica além da medida e

acima de tudo *respeitável*. Os dela ganharam e perderam fortunas como se fosse um jogo de *Monopoly* e havia rumores de que estavam intimamente ligados à máfia turca. Ou possivelmente a máfia russa. Ou ambos, dependendo do site.

Apesar da desaprovação de sua família, eles estavam juntos há *anos*. E ela foi diretamente de estar noiva dele e se casar com o marido sem tempo de inatividade.

Eu também encontrei muitos petiscos aleatórios e inúteis sobre ela. Ela era quatro anos mais velha que meu marido, tinha uma obsessão profana com todas as coisas da Gucci, e seus seios GG eram reais, fabulosos e tinham sido estampados em toda a Internet graças à sua propensão a tomar banhos de sol em topless frequentes em seu iate.

— Você precisa de algo? — Eu perguntei a ela, educada, como pude. Ela estava me encarando por momentos que se arrastaram para sempre.

— De você? Não. Eu estava procurando pelo seu marido. Nós nos separamos na multidão.

Esse era um cenário que eu repassara no meu treinamento de esposa falsa. Estava no manual abaixo: Nunca admita que seja um casamento falso, mesmo com a amante dele. É claro que eu nunca tinha percebido isso quando surgiram exatamente como seria e como meus instintos se destacariam com muito mais força do que meu treinamento.

— Eu o vi na primeira fila, — respondi com todo o orgulho altivo e falso que pude reunir. — Você não estava com ele. — Depois de um momento, pensei em acrescentar: — Porque ele está aqui *comigo*.

Sua reação não apareceu na maneira como seu rosto mudou, mas na maneira como se suavizou em uma neutralidade ainda mais perfeita. Eu atingi algum tipo de nervo lá. Marque um para a esposa.

Claro, não demorou muito para a amante se recuperar.

— Você não está hospedada na residência dele na Park Avenue, está? — ela perguntou maliciosamente. — Eu nunca vi nenhum sinal de você lá.

Eu não poderia ter dito o que se moveu no meu rosto com as palavras dela, mas o que se moveu através do meu peito parecia garras irregulares no formato de suas unhas compridas, vermelhas e *afiadas*.

Machucou? Oh inferno sim. Mas a mágoa não era tudo. Uma inesperada flor vermelha de raiva floresceu no meu peito. A indignação justa caiu rapidamente em seu rastro.

Eu deveria levar isso?

Eu acho que não.

— Eu não sei do que você está falando, — eu interrompi, o instinto de marcar meu território *agora* ofuscando qualquer receio que eu possa ter sobre incorrer na ira do meu marido

mais tarde. — Na verdade, eu vou ficar lá hoje à noite, então não sei porque você está aqui. — Eu parei. — No *meu desfile.*

— Eu não acredito em você, — ela retornou, embora seu tom fosse incerto.

Pelo menos essa parte da dúvida era alguma coisa. Mais do que eu esperava. Me disse que ele pelo menos não tinha feito planos com ela esta noite.

Dei de ombros. — Assim? Não é da minha conta se você acredita em mim ou não. Nosso casamento não tem nada a ver com *você*.

— Você deveria se preocupar, — ela retornou com um olhar frio e cruel. — Sobre mim. Ele *nunca* terminará comigo. Eu fui o primeiro amor dele e serei o último. Ninguém o conhece como eu. Tenho certeza que você viu a tatuagem dele. Eu visto o fósforo. Eu sei o que o faz feliz, o que o faz funcionar. Ele nunca será capaz de cheirar verbena limão ou olhar para uma rosa sem pensar em fazer amor comigo.

Meu coração doía como se cada palavra da sua boca estivesse alcançando dentro de mim e rasgando-a em fitas.

— Ah, a propósito, — ela ainda estava indo. — Ele *sempre* foi indiferente às mulheres que querem ou precisam do dinheiro dele. Vou deixar você descobrir onde isso *te* deixa.

Sua mensagem foi concisa e inconfundível.

Eu era sua esposa, mas ela possuía mais dele do que eu jamais teria.

— Você é ilusória, — respondi, mas mal consegui entender e minha voz parecia robótica. Morta.

— Naquela noite em que você esteve em Beautique, — ela continuou sem piedade. — Uma das *poucas* vezes em que ele te tocou, certo? Acho que você não me notou, mas eu vi *você* lá. Com o dedo que ele te fodeu debaixo da mesa, não foi? Eu conheço todos os seus movimentos. Mas você sabe por quê?

Eu não respondi. Não pude. Minha mente estava muito ocupada me torturando.

Peças fraturadas encaixando no lugar.

Tudo, tudo, apenas para deixar essa mulher com ciúmes. Meu estômago mergulhou de náusea.

Sua risada ecoou, poluindo o ar.

Ela respondeu por mim. — Ele me viu. Ele me viu entrar e queria me deixar com ciúmes. Você sabe por que ele não foi para casa com você naquela noite?

Eu pensei que poderia vomitar.

Ela sorriu e estava com sede de sangue. — Eu não vou ser tão grosseira a ponto de lhe dizer. Tenho certeza que você pode adivinhar.

Ela saiu com condescendência presunçosa pintada lindamente em todas as feições em seu rosto adorável.

Agulhas humilhantes cavaram fundo no meu interior. Eu a observei partir, sentindo coisas que não queria citar.

Meus olhos ainda estavam nela quando eu peguei outra figura na minha periferia, uma alta que se moveu intensamente em sua direção e segurou seu braço, parando-a.

Ela girou nele sem hesitar, rindo como se tudo tivesse sido planejado. Suas cabeças escuras dobradas juntas. Meu marido e sua aparente amante.

Eles pareciam bem juntos.

Eu odiava isso.

Eles *estavam* juntos.

Eu odiava isso mais.

Calder baixou a cabeça para falar em seu ouvido. Ele deve ter muito a dizer, pois eles não se mexeram por algum tempo.

Se ele tivesse uma escolha, ele seria casado com ela.

Vi tudo isso com uma nitidez amarga.

Eu trouxe meu coração inteiro para isso quando ele tinha apenas metade dele.

Ela reivindicou o resto.

Eu nunca tive chance.

Uma coisa que notei sobre eles me trouxe um pouco de alívio. Ele não sorriu para ela. Ele não riu. Ele não mostrou sinais externos de felicidade por estar perto dela. Ela era uma surpresa tão indesejável para ele quanto tinha sido para mim.

E ainda mais encorajador, meu marido pensativo parecia tão estoico para ela quanto para mim. Não significava nada, mas o oposto teria significado mais.

Demorou algum tempo para meu marido ir para o meu lado, e eu conversei bastante com estranhos e taças de champanhe para sentir pelo menos um pouco de dormência quando ele chegou lá.

Ele abriu a boca para dizer algo para mim quando se aproximou, mas minhas próprias palavras o atingiram com força.

— Se você queria que Fatima pensasse que este é um casamento de verdade, — eu disse em voz baixa e concisa, — você está falhando. Ela sabe que não moramos juntos.

Nenhum músculo se moveu em seu rosto. Nem um tique nos olhos, nem uma torção dos lábios, nem uma ruga na testa. Nenhuma expressão estragou seus olhos glaciais quando eles me penetraram.

Eu queria dar um passo para trás daqueles olhos, mas me mantive firme. Eu estava além de me encolher para ele. E atendendo a ele.

— *Não.* — Sua voz baixa era um aviso: *Perigo. Você está invadindo aqui. Fique fora disso. — Não fale com ela.* Não fale *sobre* ela. O assunto de Fatima está fora dos limites.

Eu pensei que poderia vomitar. Ouvi-lo dizer o nome dela me fez sentir mal.

Eu nunca me senti assim antes. O ciúme era uma coisa terrível. Eu me senti miserável. De coração partido com isso. Totalmente inútil e inadequada. Como uma bonequinha boba, indesejada e bonita.

Ele estava triturando meu coração debaixo da bota. Não achei que ele estivesse ciente desse fato.

Eu também não achava que, se ele soubesse, isso o incomodaria um pouco.

Eu era casada com um homem apaixonado por outra mulher. Andei pelo corredor com os olhos bem abertos. O que eu não tinha entendido, porém, era que esse fato não me impediria de me apaixonar por *ele*.

Ele parecia ter colocado o assunto para trás (que fez um de nós) e seus olhos percorreram meu corpo, narinas dilatadas, lábios curvados. Ele estava chateado, e eu não acho que isso tenha a ver com Fátima.

Com um movimento casual, ele pegou o copo da minha mão e o pôs de lado com um murmúrio causticamente murmurado: — Você é jovem demais para isso. — Ele fez uma pausa. — Pelo menos você veste uma túnica nos bastidores agora, — observou ele.

Dei de ombros. Ele não era o único irritado. — Usualmente. Quando penso nisso.

Ele tinha aquele olhar em seu rosto novamente, aquele que ele usava enquanto eu caminhava pela pista, aquele que me fez refletir se ele queria me foder ou me estrangular no local.

— Ok, você venceu esta rodada, — disse ele, finalmente. Ele acenou com uma mão negligentemente para indicar meu corpo. — Você não possui nem *um grama* de modéstia. E me mostrou que, apesar dos meus desejos, pode e encontrará uma maneira de contornar minhas regras.

Eu não podia discutir exatamente com ele. E pior, por que suas palavras me fizeram sentir uma polegada de altura?

Eu pensei que isso seria apenas uma limpeza completa, então fiquei surpresa com as próximas palavras. — Bem. Você fez o seu ponto. Vamos negociar. — Eu não deveria ter sido tão pega de surpresa. Ele era um homem de negócios completamente. — O que você gostaria em troca de me dar a aprovação final sobre o seu código de vestuário? — Ele fez uma pausa e acrescentou com ironia aguda: — Aprovação final a que você realmente vai aderir.

Eu nem precisei pensar nisso. Meu breve e devastador confronto com Fatima causou danos, mas também teve o efeito não intencional de acender um novo fogo em mim. O fogo da competição. — Eu quero ver o seu apartamento.

Ele apenas olhou para mim, perplexo. — Você não pode estar falando sério.

— Eu posso e estou.

Sua surpresa brigou com desgosto no rosto. — Reconsidere. Você pode fazer melhor. Pense em joias. Dinheiro. Estou disposto a ser muito generoso com esta concessão.

Não hesitei. — Pegar ou largar, — eu disse teimosamente.

Ele parecia um homem que estava tentando engolir uma pílula muito amarga. — Tudo bem, — disse ele entre os dentes. — Quando você gostaria de ver meu apartamento?

— Agora é bom.

— Tudo bem, — ele resmungou.

E assim saímos. Houve um breve momento de conflito quando ele percebeu que eu realmente tinha ido ao show de roupão e calcinha. Irritado de novo. No meu humor atual, eu comi com uma colher e coberturas.

Ele continuou olhando para minha túnica no carro como se acrescentasse uma nova ofensa toda vez que a visse. Por tudo isso, foi um passeio silencioso.

Pegamos a entrada da garagem até sua cobertura, para esconder minhas roupas, eu tinha certeza.

— Você gostaria de um passeio? — ele perguntou sarcasticamente quando saímos do elevador em seu apartamento.

— Isso seria perfeito, — eu disse com a alegria de alguém que estava com maldade.

Ele me mostrou as redondezas. Era grande, lindo e estéril.

— Bem, é tudo o que você sonhou? — ele perguntou, mordaz.

— Eu gosto mais do meu, — retruquei instantaneamente.

Ele piscou. — Por quê?

— É mais acolhedor. Você pode contar uma vida humana no meu.

— Bem, sua opinião é tão indesejável quanto irrelevante. — Apesar de todo o seu desdém, seus olhos quando ele disse isso, ficaram sensuais e sonolentos. Os olhos no quarto dele.

Ele me levou para a cama como se estivesse me devorando. Como se ele precisasse me engolir inteira.

Ele estava marcando seu território, pregando meu corpo em sua cama, tatuando nosso sexo em seus lençóis.

Ele não foi gentil, mas eu não queria gentil. Eu não precisava disso. Eu precisava de outra coisa.

Nem começou como desejo. Era uma necessidade mais complicada. Foi conquista, dominação, áspera e quente. E a cada toque, tornava-se cada vez mais simples, até que se transformou em uma coceira e arranhão tão satisfatórios que eu estava começando a reconhecer e implorar com cada pulso de sangue bombeando pelo meu corpo.

Depois me senti tocada. Eu me senti tão relaxada que poderia ter me enrolado em uma bola e adormecido no local, independentemente da minha localização. Na verdade eu comecei a sentir exatamente isso.

Ele não estava com o mesmo sentimento. O sexo não fez nada para relaxá-lo. Ele estava de pé e andando dois segundos depois que arrastou seu pau para fora de mim, empurrando a mão para trás, parecendo atormentado e cruel.

Eu apenas o observei, os olhos começando a se fechar.

— Ninguém disse que você poderia dormir aqui, — disse ele bruscamente.

Sentei-me e comecei a procurar minhas roupas. Eu estava vestida (ou mal vestida, por assim dizer) e indo para a porta em tempo recorde. Eu deveria estar entorpecida por sua rejeição, completamente imune a essa altura, mas aparentemente não. Eu queria escapar dessa realização tanto quanto ele naquele momento.

Ele parou de andar para ver eu me mover. Ele me estudou, xingando. — Eu não quis dizer isso, — disse ele calmamente. — Ouça...

Eu acenei isso. — Não importa. Eu não queria ficar, de qualquer maneira. Boa noite.

Ele me seguiu através de cada quarto e até a porta. — Você não precisa...

Eu estava mandando uma mensagem para Chester e nem olhei para meu marido. — Chester está me esperando lá embaixo, do lado de fora do elevador. Eu posso ir embora.

E eu fui. Embora eu diga que a maneira como ele me olhou como o fez foi tão arrependida quanto eu já o vi usar.

Vinte e Cinco

Não vi meu marido novamente por seis dias.

Teria sido mais tempo, eu tinha certeza, mas me esforcei para chamar sua atenção. Eu não conseguia me ajudar. Foi uma falha total da minha parte no autocontrole.

Porque eu estava começando a desejar o gosto dele, por mais amargo que tenha sido o sabor final.

Um dos meus empregos me deu a oportunidade perfeita e foi tentador demais resistir. Eu tinha vergonha da minha fraqueza, mas nem o orgulho me impediu.

Tive uma sessão de fotos naquele dia com um modelo masculino pela primeira vez desde o meu casamento. Nada muito escandaloso, é claro, mas eu tinha a sensação de que ainda funcionaria.

O modelo era Tommy Grace, e fiquei aliviada no instante em que o vi no set. Trabalhamos em dezenas de desfiles juntos ao longo dos anos. Nós nunca tínhamos um tempo livre, mas éramos definitivamente amigáveis. Isso tornaria a filmagem consideravelmente menos estranha.

As fotos eram de uma campanha sexy da Guess Jeans, e eles nos vestiram com jeans apertados combinando. Por acaso meu suéter estava faltando no meio da barriga, e

Tommy não estava vestindo uma camisa. Era uma sessão de estúdio, então estava quente o suficiente, o que foi bom, porque eles também nos mantiveram descalços. Minha maquiagem era pesada no glamour dos olhos, com um olho de gato grosso e preciso, e nua no resto, com pele e lábios naturais. Eles provocaram meu cabelo bem alto e depois o puxaram de volta para um coque. O pin-up e a alta costura vintage eram o tipo deles, e me convinha. Esse trabalho traria minha carreira para o próximo nível. Eu sabia no momento em que vi como eles me estilizavam. Essa era a aparência que consolidaria meu reconhecimento.

Fomos orientados a abraçar e olhar com alma um para o outro. Tommy era um pateta, por isso era difícil continuar falando sério, mas o fotógrafo também gostava de uma variedade de expressões, então seguimos em frente.

— Sua assistente parece que quer correr e me bater toda vez que chego perto demais, — comentou Tommy.

Ele estava se referindo a Asha, é claro. E ela fez. — Ignore-a, — eu disse. — Ela é inofensiva. Ela só tem um rosto poderoso de cadela em repouso.

Asha estava ficando mais fácil de ignorar a cada dia. Foi glorioso.

No intervalo, peguei meu telefone. — Quer tirar uma selfie? — Eu perguntei a Tommy. Foi o momento perfeito. Asha saiu da sala para atender uma ligação.

Ele sorriu. — Claro. — Não fiquei surpresa com o entusiasmo dele. Todos os modelos adoravam selfies. Ele se moveu atrás de mim, espiando a cabeça em volta do meu ombro enquanto eu segurava o telefone. Demos alguns sorrisos, alguns com rostos tolos.

Olhei de soslaio para seu rosto muito próximo. — Você se importa de fazer um em que você beija minha bochecha? Eu acho que seria fofo.

Ele não hesitou em me acomodar. Fiz uma careta de beijo para a câmera enquanto ele dava um selinho na minha bochecha.

— Você vai enviar para mim? — ele me perguntou quando nos afastamos. — Eu também quero postar.

O fotógrafo estava nos chamando de volta à posição, mas eu disse a ele que o faria o mais rápido possível.

Estudei as imagens criticamente em nosso próximo intervalo. O engraçado de Tommy ser o modelo que eles contrataram foi que, à primeira vista, ele se parecia com meu marido. Ele tinha pele morena, cabelos pretos, ombros largos e uma mandíbula raspada. Não achei que fosse coincidência. O cliente claramente queria lucrar com o meu casamento.

Mas nos autorretratos, não havia maneira de errar que ele *não era* Calder.

Encontrei a melhor foto para meus propósitos e brinquei com a iluminação. Perfeito. Ele estava me abraçando por trás

enquanto ele se aninhou em mim, e eu mandei um beijo para a câmera. Inclinei a câmera para que você pudesse ver seus ombros nus, e parecia que sua mão estava espalhada sobre minha barriga nua.

Eu postei. Por si só, a imagem poderia ser facilmente vista como inocente. Apenas uma foto instantânea de alguns colegas de trabalho muito amigáveis. Precisava da legenda certa.

Passei o dia com um velho amigo meu. #reunitedanditfeelssogood #imissedhim #ilovemyjob

Guardei meu telefone e voltei ao trabalho com uma leveza adicional ao meu passo. Por alguma razão, a própria ideia de que algo que eu fiz pudesse irritar meu marido me deixava de bom humor.

Estávamos quase terminando. O fotógrafo só queria mais algumas cenas estranhas e estávamos trabalhando há tanto tempo que estávamos ficando um pouco tolos.

— Deveríamos nos beijar apenas para ver se a cabeça dela realmente explodirá, — brincou Tommy. Ele estava se referindo a Asha, a Severa, é claro.

Eu senti meu nariz enrugar. Estudei seu rosto sorridente, cético.

— Não é um beijo de verdade, apenas um pouco quase em contato labial. Mais prestes a beijar do que beijar de verdade, sabe? Gerard ficaria emocionado, — disse ele,

referindo-se ao nosso fotógrafo sofrido que passara por vários níveis do inferno lidando com Asha durante as filmagens. — Vamos jogar um osso para ele.

— Ele ganhou, coitado. — Enquanto conversávamos, Asha estava deitada nele, dizendo que ele tinha tido tempo mais que suficiente para conseguir a foto.

— Vamos, — Tommy persuadiu. — Vamos ver o quão quase nos beijamos podemos chegar antes que ela me bata na cabeça com alguma coisa.

Eu ri e fiz como se quisesse beijá-lo. Nossos lábios estavam sem fôlego. Ele me molhou um pouco e minha cabeça caiu para trás. Ele encostou em mim. Foi uma coisa superficial. Nossos lábios mal fizeram contato antes de nos afastarmos, ainda rindo.

Eu levemente bati em seu ombro. — Isso foi um truque sujo, — eu murmurei.

Ele sorriu, dando de ombros. — Eu calculei mal a distância, desculpe. — Ele estava claramente, descaradamente mentindo e isso me fez rir. Eu sabia que era tudo inofensivo e divertido.

E é claro que foi a primeira coisa que Calder viu quando entrou pela porta. Eu nos braços de outro homem, me divertindo.

Olhei para cima, vi-o e congelei. Ele veio. Na verdade, funcionou. Um post e ele não tinha acabado por ligar. Ele

apareceu. E eu sabia com um olhar que eu poderia ter mordido mais do que eu poderia mastigar.

Merda. Ele viu a brincadeira de Tommy com um beijo?

Calder também estava congelado. E enquanto eu observava, a raiva iluminou seus olhos, viajando através de seu rosto como fogo por um cordão de detonação.

Eu me endireitei, olhando para Tommy. Ele notou a entrada do meu marido também.

— Uh oh, — ele disse simplesmente.

Sim. Uh oh. Meus olhos se voltaram para Asha. Os braços dela estavam cruzados sobre o peito, uma expressão presunçosa pintada no rosto. Foi o mais feliz que eu já a vi. Literalmente.

Gerard pigarreou. — Estamos bem aqui, pessoal.

— Devo ficar ou correr? — Tommy me perguntou com veemência. — O que o irritaria menos?

— Corra, — eu disse calma e sucintamente.

Tommy não hesitou. — Sempre um prazer. Te vejo no próximo show. — Ele me abraçou brevemente, beijou o topo da minha cabeça e decolou.

Eu assisti Calder vê-lo sair. Suas narinas se abriram como um cachorro captando um perfume estranho.

Ele claramente estava lutando com as alternativas: A. Confrontar o outro homem. Ou B. Diretamente atacá-lo. Parecia que era algo próximo. Fiquei muito aliviada quando ficou claro que ele iria se conter de fazer qualquer uma das opções.

Aproximei-me dele com pouca ansiedade. Parei a cerca de um metro e meio de distância.

Ele me olhou com olhos frios, sem se mexer para fechar o espaço entre nós.

— Calder! Que surpresa agradável! — Eu disse com um sorriso grande, brilhante e falso. — O que o leva a este espaço da floresta?

Seus olhos correram para cima e para baixo de mim com uma estranha combinação de hostilidade, desapego e sexo puro. — Você não consegue adivinhar? — ele falou demoradamente.

Eu pisquei. Bem, isso foi direto. — Desculpe-me por um minuto, — eu disse a ele em vez de uma resposta. Indiquei minha roupa. — Eu preciso mudar. Essas não são minhas roupas. — Fui me trocar no vestiário em que Asha insistira.

Calder não me desculpou. Em vez disso, ele me seguiu. Era um espaço muito pequeno. Ele se moveu para um canto e cruzou os braços sobre o peito, dominando-o.

— Você gosta de envolver todo mundo em seu dedo, não é? — ele perguntou enquanto eu vestia uma camisa.

Eu o estudei. Ele tinha aquele olhar certo sobre ele, como se quisesse me foder e me estrangular de uma só vez. Ele usava bem.

— Eu não sei o que você quer dizer, — eu finalmente respondi enquanto me abaixava para calçar meus sapatos.

— Oh sim, você sabe. Você teve seu ex babando sobre você ao mesmo tempo em que me deixou largando tudo e correndo pelo inferno pela cidade. Tudo exatamente o que você pretendia. Diga-me, um homem nunca fez *exatamente o* que você queria que ele fizesse?

Eu me endireitei. Eu não sabia por onde começar a responder a tudo de errado que ele havia dito. Eu escolhi o mais estranho. — O meu ex? — Eu perguntei.

Suas narinas dilataram. Eu queria escalá-lo ali e agora. — Você vai tentar me dizer que você e esse cara não têm algum tipo de história? Um velho amigo?' O que diabos isso significa?

— Isso significa que nos conhecemos há muito tempo, — eu disse lentamente, como se estivesse falando com uma pessoa louca. — Eu nunca namorei Tommy.

Parecia que ele estava lutando para engolir alguma coisa por uns bons trinta segundos antes de falar novamente. — Você namorou muitos modelos masculinos? Isso é uma coisa, certo? Vocês são todos bonitos e namoram.

Eu tive que engolir um sorriso antes de falar. — Não. Eu nunca namorei um modelo masculino.

— Então, que tipo de cara você namorou?

— Eu não namorei.

— Você nunca teve um namorado antes? — Descrença sublinhava cada palavra.

Dei de ombros. — Eu tinha outras prioridades.

— Espere. — Ele balançou sua cabeça. Ele parecia fascinado, apesar de si mesmo. Ele deu um passo em minha direção. — Você está dizendo que nunca foi a *um encontro* antes do nosso casamento?

Eu dei de ombros novamente. Eu estava corando. Foi um tópico embaraçoso. — Eu tinha outras coisas em mente.

— Espere. Espere. — Ele se aproximou, me amontoando. — Você está dizendo que nunca foi *beijada* antes de mim? — ele perguntou, a voz baixa.

Eu balancei minha cabeça levemente, rasgando meus olhos nos dele. — É tão difícil de acreditar?

Ele não respondeu isso. Ele estava respirando com dificuldade, quase ofegante. — Você terminou o dia?

Eu assenti.

— Vamos para casa. — Saiu como um ronronar rouco.

Meus joelhos ficaram fracos.

Ele não me tocou nem uma vez até estarmos sozinhos no meu apartamento. No segundo em que a porta se fechou, ele agarrou meu braço, me puxando para o meu quarto e para o meu banheiro. Ele agarrou minha escova de dentes, passando uma pasta nela.

— Eu disse para você me chamar de Banks, — ele disse do nada. Ele explodiu, como se isso estivesse o comendo. — Você continua me chamando de Calder. Pare de fazer isso.

— Você me disse para chamá-lo de Calder no nosso casamento, — eu respondi, examinando sua expressão. — Por que você mudou de ideia?

Ele não respondeu. Em vez disso, agarrou minha mandíbula e começou a escovar suavemente meus dentes, o que foi esquisito.

— Eu não posso acreditar que você o *beijou,* — disse ele, um tom irregular em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes.

— Ele mal me beijou, — eu disse depois que ele finalmente me deixou cuspir. Meus olhos encontraram os dele no espelho. Ele estava bem perto de mim. — E não contou. Foi apenas para as filmagens.

Sua resposta foi colocar a mão no meu cabelo e puxar minha cabeça para trás. — Isso contou, porra. Não faça de novo.

Ele me virou e me beijou. Nos lábios. E beijou e beijou.

Ele nunca tinha me beijado na boca em particular. Só fez isso em público. Para mostrar.

O que quer que fosse, não era para mostrar. Foi só para nós. Foi bombeando sangue, quebrando o coração.

Tangível. Isso foi real.

Ele me beijou profundamente, com ferocidade mal reprimida. Eu me senti derreter contra ele. Segurei sua camisa e aceitei sua língua macia e decadente, que mergulhou entre meus lábios. Sua boca fodeu a minha boca, e foi tudo o que pude fazer para me manter de pé.

Ele sentiu meus joelhos dobrarem e pegou meu peso, me levantando e me carregando para o quarto e para minha cama. Sua boca nunca saiu da minha. O homem não faz meia-boca. Agora que ele decidiu me beijar, ele me beijou com tudo.

Ele nos despiu lentamente, quebrando nosso beijo quando precisou. Beijou-me enquanto bombeava dentro e fora. Quando eu ofeguei em sua boca, começando a gozar, ele se afastou. Seus olhos capturaram os meus enquanto ele me seguia. Uma conexão íntima passou entre nós, algo inegável, palpável e impossível de recuperar.

— É sempre assim, ou isso é algo fora do comum? — As palavras acabaram de sair, e eu instantaneamente quis trazê-las de volta.

Seu olhar estremeceu em um flash, seus olhos frios.

Senti meu rosto todo corar de mortificação. Eu tentei voltar atrás. — Eu sou apenas inexperiente, suponho. Não sei por que disse isso. O sexo é provavelmente assim com todos...

Saiu dele com óbvia relutância. — Não, isso não é normal, — disse ele de má vontade, sem olhar para mim. — Nada disso é normal. Essa estranha... química. Eu nunca lidei com isso antes, ok?

— Ok, — eu disse suavemente.

— Eu não tenho certeza se gosto, — ele disse rispidamente.

— Nem eu, — eu menti. Eu gostei disso. Eu amei. Eu não conseguia me lembrar de sentir tanto, e foi de longe a coisa mais viciante que eu já encontrei.

Depois disso, ele não conseguiu nem olhar para mim. Como se até a minha visão o enfraquecesse. Oprimindo.

Era quase como ele estivesse... Não. Era bobo demais para pensar.

Isso foi demais para mim, maior que a vida, esse homem lindo não podia ter medo de mim.

Então, do que ele poderia ter medo?

Que se ele passasse muito tempo comigo, teria sentimentos?

Eu sabia que estava projetando, que o pensamento só passou pela minha cabeça porque era exatamente isso que me assustava.

A coisa exata acontecendo comigo.

Queria que meu marido fizesse mais do que me querer. Eu queria que ele se importasse. A ideia me chocou. Havia realmente alguma faísca romântica no meu coração jovem e cínico? O pensamento foi aterrorizante. Eu tinha ido longe demais com tudo isso.

Ele estava se vestindo, de costas para mim.

— Tudo bem, tudo bem, — ele finalmente falou, seu tom de má vontade. — Vamos negociar. O que eu preciso fazer para impedir que você faça mais coisas assim?

Eu sabia exatamente a coisa. — Seu número de telefone.

Ele não hesitou. — Combinado. Passe seu telefone. — Ele falou sem olhar para mim. Encontrei e o entreguei. Ele brincou com isso por um minuto. Sem erguer os olhos, disse: — Este é o meu último aviso: se eu ver seus lábios tocarem mais alguém, não vou me segurar, e *você* poderá explicar ao meu pai porque fui preso.

Ele entregou meu telefone de volta para mim e saiu sem outra palavra.

Foi só mais tarde que verifiquei suas informações de contato no meu telefone.

Ele se salvou como Banks / My Master. Bastardo atrevido.



Vinte e Seis

Banks

Eu levaria minha esposa para um encontro por ordens diretas do meu pai.

Estava relutante, para dizer o mínimo. Eu não a via há oito dias. Na verdade, eu a estava evitando ativamente. Nem me permitia olhar / perseguir suas mídias sociais.

Falhei nisso várias vezes, mas eu estava firme a quatro dias. Fora da vista, longe da mente. Eu repeti o mantra.

E ainda os pensamentos dela persistiram. A sensação de seus lábios. O jeito que seus olhos rolaram em sua cabeça quando ela gozou. Ela parecia uma confecção irresistivelmente embrulhada enquanto ela passeava em quase nada pela passarela. A visão dela beijando aquele porra de modelo idiota.

Por que ela pediu meu número, mas nunca o usou? Passei muito tempo intrigado com isso. Qualquer que fosse o jogo que ela estivesse jogando, eu não conseguia entender. Ela era tão boa em foder com a minha mente quanto se mostrava em foder literalmente.

Pensamentos dela me bombardeavam em uma torrente se eu não os mantivesse cuidadosamente trancados. Foi um esforço.

Mesmo com todas essas pequenas derrotas, porém, permaneceu o fato de eu ficar longe dela por oito longos dias. Foi uma vitória, e eu me ressenti do meu pai por estragá-la. Ele já não tinha feito o suficiente?

Eu estava chateado e amargo até o momento em que a vi. Então todo pensamento saiu da minha cabeça. Ou talvez eles tenham mudado de ideia. Fosse o que fosse, parei de pensar no meu pai completamente e deixei que algo mais o substituísse. Encantamento por ela.

Deixar foi a palavra errada. Isso aconteceu contra a minha vontade. Para ser preciso, eu não tinha vontade uma vez que a vi.

Recusei-me a buscá-la, insistindo que ela me encontrasse no restaurante. Fomos solicitados em um encontro, mas ninguém havia especificado quanto tempo deveria ser o mesmo.

Com isso em mente, eu entrei na porta planejando fugir depois de dar exatamente duas mordidas no prato principal, mas minha primeira visão dela desfez todos esses planos, porque simplesmente os esqueci.

O fato era que eu queria desprezá-la, mas queria transar com ela mais. E o desequilíbrio desses dois impulsos só se tornou mais pronunciado a cada contato.

Eu a observei quando ela atravessou o restaurante lotado. As mesas estavam desajeitadamente próximas, e ela teve que navegar entre elas torcendo e girando seu corpo decadente e perfeito para manobrar. Ah, Nova York. Todo lugar que vale a pena está lotado.

Não havia um olho na sala que ficasse longe dela. Os homens a encaravam, é claro, mas nem as mulheres conseguiam parar de olhá-la. Eu não culpo nenhum deles. Se sua aparência deslumbrante não bastasse, seu rosto impecável havia sido recentemente estampado em toda a Times Square para um anúncio de maquiagem.

Ela estava vestindo branco com quilômetros de suas pernas bronzeadas aparecendo e seu decote mergulhado em um baixo V que expunha a pele deliciosa entre seus seios alegres. Quando ela se aproximou, meus olhos correram por suas pernas e notei os estiletes nudes com saltos vermelhos que espreitavam enquanto ela caminhava.

Ela poderia mantê-los quando eu a foder contra a parede mais próxima.

Tentei afastar o olhar, mas foi apenas parcialmente bem-sucedido. Meus olhos viajaram de volta pelo seu corpo. Estudei seu conjunto, tentando descobrir como ele entrou.

— O que você está vestindo? — foram as primeiras palavras da minha boca.

Eu a peguei desprevenida. Ela fez uma pausa e olhou para si mesma. — Você está perguntando sobre o designer? Eu acho que é... Hmm... Halston, talvez? Não tenho muita certeza.

— Eu não ligo para o designer. O que estou perguntando é: é tudo uma peça? Que diabos? O que é esse dispositivo de tortura?

— É um macacão e não é um dispositivo de tortura. É realmente muito confortável.

— Eu quis dizer um dispositivo de tortura para *mim*. Obviamente, foi projetado por alguém que nunca pensa em fazer sexo, muito menos em fazer sexo com pressa. Parece ótimo, mas como eu vou tirar você disso? — Minha voz estava ranzinza, quase infantil, com uma inclinação intencionalmente chorosa no final.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

Eu fiquei extasiado. Deslumbrado. Meu sangue palpitava nas veias. Ela nunca riu *para mim* antes.

Ela ainda estava sorrindo quando se sentou na minha frente. Eu ainda estava olhando.

Nossa mesa era pequena o suficiente para que, quando ela sentasse, eu tivesse que separar meus joelhos para deixar

os dela deslizarem entre eles. Travei seus joelhos lá, estendendo uma mão para agarrar sua coxa.

O sorriso dela morreu e outra coisa ganhou vida em seu rosto.

Toda vez que eu olhava para ela de lado, ela parecia derreter sob o meu olhar. Como se ela quisesse deitar de costas e abrir as pernas para qualquer pedaço de atenção que eu desse a ela.

Ela não poderia estar tão envolvida nessa atração ridícula quanto eu, disse a mim mesmo.

Ela só tem um papel a desempenhar, repeti para mim.

Mas estava ficando cada vez mais difícil mentir para mim mesmo.

Mais difícil vilipendiá-la. Negar seus encantos, sua natureza doce e inocente. Seus lábios magnéticos, constantemente trêmulos.

Ela me chamou de hipócrita e a farpa ficou presa. Ela não estava errada. Suas motivações não eram diferentes das minhas. Elas eram *mais* inocentes, realmente. Ela tinha dezoito anos e veio do nada e queria uma vida melhor. Quem diabos eu era para menosprezar isso? Menino rico mimado, de fato.

Quando eu imaginava minha esposa, tive uma impressão muito clara de quem ela deveria ter sido. Eu sabia,

pensei, *supus que* ela era fria e calculista. Infelizmente eu estava errado, pelo menos em parte. Não havia nada frio nela. Ela se tornou uma pulsação quente e líquida em minhas veias.

Além disso, ela seduz todos ao seu redor. Até eu. Especialmente eu.

Apesar das minhas melhores intenções, um quadro diferente estava sendo pintado para mim da minha esposa. Ela não era quem eu tinha assumido. Havia algo muito direto, quase inegavelmente honesto nela. E não havia como negar que ela era trabalhadora. Sério. Apenas tentando o seu melhor para chegar à frente.

Apesar das minhas maiores esperanças, ela não era a garotinha má pela qual eu tinha dado crédito.

Na verdade, ela não era ruim.

Ela era boa. Eu sabia nos meus ossos. Não era visão, cheiro ou nada tangível, mas estava lá no ar ao seu redor, outro sentido. Um *sentimento*. Eu estava começando a receber muitos daqueles que diziam respeito à minha esposa. A realização fez minha pele ficar super quente, como se eu estivesse com febre logo abaixo da superfície. Puxei inquieto minha gola.

— Você está de bom humor, — ela estava me dizendo.

Eu me livrei dos meus pensamentos. Dei de ombros. — Eu suponho. — Nós tínhamos estado perto um do outro o

suficiente para ela perceber um humor diferente do meu. Foi um pensamento sóbrio. Eu estava totalmente falhando em mantê-la à distância, e quanto mais contato tínhamos juntos, menos me importava com isso. Aí estava o problema.

Nós pedimos bebidas. Ela tentou pedir vinho e eu mudei para água. — Você é muito jovem, — eu disse com o olhar dela.

Um feitiço silencioso caiu sobre nós. Olhei para ela enquanto ela olhou para seu colo. Minha mão estava pesada em sua perna.

— Como você tem estado? — Eu me peguei perguntando a ela. Conversando como um marido civilizado.

Ela me enviou um breve olhar, depois olhou para baixo novamente. Algo sobre a minha pergunta a colocou em guarda. Eu senti meu interior afundar. Eu tinha sido tão bastardo que até uma pergunta tão inócua a deixou desconfiada?

A resposta curta? Sim. Eu me odiava por isso, enquanto me preparava para não cair mais sob o feitiço dela.

— Tudo bem, — disse ela. Isso foi tudo.

— Trabalhando muito? — Eu segui com a conversa.

Ela deu de ombros, olhando em volta para qualquer coisa menos eu. — O de sempre. Eu continuo ocupada. Eu

devo viajar para Paris para uma campanha de fragrâncias YSL e alguns outros empregos em alguns dias.

Eu me senti tenso. — Quanto tempo isso vai durar? — Lembrei-me de quando os termos estavam sendo negociados, mas não tinha percebido que estava chegando tão cedo.

— Eu deveria estar lá por cerca de duas semanas.

Eu processei isso e não importa como eu o desempacotei, ele deixou um gosto ruim na minha boca. — Isso é mesmo necessário? Duas semanas parecem uma quantidade excessiva de tempo.

Ela finalmente olhou para mim diretamente. — Estou com uma reserva sólida. Você aprovou tudo isso.

Eu tinha certeza que ela não estava errada. Isso não significava que eu não estava incomodado. Duas semanas em Paris. Viajar com Chester e trabalhar com Deus sabe quem. Não, não gostei. — Não é o melhor momento. Eu tenho muita coisa acontecendo em Nova York pelas próximas semanas. Coisas das quais não posso me afastar sem muita remarcação.

Ela abaixou a cabeça, franzindo a testa em confusão. — Tudo bem, — disse ela com cuidado. — Não vejo como isso poderia ser um problema. Não é como se meus planos de viagem pudessem afetá-*lo*.

Senti minhas narinas dilatarem, um carrapato começando na minha têmpora. Eu sabia que o que estava

sentindo não era razoável. Saber não controlou os sentimentos.

Eu não queria que ela fosse embora. Eu não a queria viajando sem mim. Quando se tratava disso, eu não a queria indo a lugar nenhum sem mim. *Quando isso aconteceu?* Nossas vidas eram completamente separadas. Eu insisti nisso. Era absurdo para mim sentir-me possessivo com a própria esposa que rejeitei. A esposa da qual eu me esforcei ao máximo para ficar longe.

Mas senti o que sentia, independentemente da razão. Uma coceira ciumenta sob a minha pele. Uma dor vazia no meu intestino. Negar que não o tivesse diminuído, na verdade parecia piorar a cada minuto.

— Onde você vai ficar em Paris? — Perguntei laconicamente.

— Nos apartamentos da família, — ela respondeu, me observando. — Seu pai insistiu, — ela acrescentou defensivamente.

Bem, isso era alguma coisa, pelo menos. Os apartamentos da família eram um ambiente controlado e muito seguro. Ela não seria capaz de espirrar sem que alguém da minha família ouvisse. Sem isso voltar para mim. Bom.

Pedimos nossa comida e um silêncio nos capturou novamente. Eu estava determinado a falar primeiro, mas ela

parecia muito mais satisfeita em manter seus pensamentos para si mesma do que eu em deixá-la. Da minha parte, eu estava tentando muito manter uma conversa.

Bebi e observei seu rosto abatido. Seus cílios eram tão grossos e longos que eu estava tentando decidir se eram falsos ou não. Geralmente você sabia, mas com os dela era impossível dizer.

— Se você queria meu número, por que não me contatou desde que o recebeu? — As palavras que eu queria dizer desde exatamente uma hora após a última vez que a vi irrompeu de mim.

Ela tomou um gole de água, pareceu se preparar e olhou para mim. — Você *quer que eu* entre em contato com você?

Isso me calou. Eu nem queria analisar essa pergunta, mas tinha medo de já saber a resposta. — Por que você quis meu número? — Eu rebati.

Seus dentes perfeitamente retos pegaram seu lábio inferior exuberante, mordendo-o pensativamente.

Eu estava sentado ereto, cotovelos na mesa, mas com isso me inclinei para frente, e a mão que não estava segurando minha bebida foi agarrar seu joelho novamente. Eu queria os lábios dela mais perto. Eu queria que *ela estivesse* mais perto. Coloquei minha bebida no chão e agarrei seu outro joelho, puxando-a mais para baixo da mesa, minhas mãos deslizando mais alto por suas coxas.

Quanto tempo levaria para chegar deste lugar a algum lugar privado o suficiente para que eu pudesse arrancá-la daquela engenhoca que ela estava usando e molhar meu pau?

Ela falou, e eu tive que literalmente balançar a cabeça para voltar ao assunto em questão.

— Eu só queria isso para casos de emergências, — disse ela, sem fôlego. Meus polegares estavam esfregando o ponto mais macio no alto de suas coxas. — Não é como emergências reais, mas se eu tiver uma pergunta para você, queria resposta, planos ou o que for. Só não quero mais me comunicar através de Asha. — Deslizei uma mão mais alto, na perna de seu pequeno e torturante macacão. Meus dedos provocaram a renda de sua calcinha.

Ela agarrou a borda da mesa, com o rosto corado.

Nossa comida chegou e tive que tirar minhas mãos dela e me sentar. Não olhei para ela novamente por um tempo, concentrando-me na minha comida e desejando que minha raiva ardente diminuísse. Finalmente, quando eu estava um pouco sob controle, engoli minha boca cheia de costela e falei: — Você não precisa ter uma emergência para ligar ou me mandar uma mensagem.

Ela terminou de engolir uma pequena e triste mordida de verdura antes de responder: — Você *quer que* eu mande uma mensagem?

Fiquei desconfortável com o assunto, mas não o suficiente para ficar quieto. Eu tive que limpar minha garganta e engolir antes que pudesse sufocar minhas próximas palavras. — Gostaria disso.

Ela apenas olhou para mim por um tempo, comida esquecida. Olhei de volta firmemente.

Finalmente, ela se inclinou para frente, colocando as costas da mão na minha testa, a testa franzida, expressão pensativa. Era adorável e me fez sorrir. — O que você está fazendo? — Eu perguntei a ela.

— Procurando por febre.

— Uma febre?

— Estou apenas tentando encontrar uma desculpa razoável para o fato de que meu marido de repente está sendo *gentil* comigo.

Eu visivelmente estremeci, embora a reação dela fosse perfeitamente compreensível. Eu não tinha desculpa pela maneira como a tratei, e nenhuma explicação para porque eu tive uma mudança repentina de coração. Certamente nada que eu estava disposto a admitir.

Em vez disso, falei. — Uma menina de dezoito anos tão cínica, — a provoquei. Tentei de qualquer maneira.

— Dezenove, — disse ela e voltou a comer.

Eu olhei, estupefato. *O que isso significa?* — Dezenove o que?

Ela demorou a responder, dando outra pequena mordida na comida e um gole de água. Meu queixo estava apertado, impaciente, enquanto eu esperava.

— Eu sou 'tão cínica' com *dezenove* anos, — ela finalmente disse.

— *O que*? Quando você fez dezenove anos?

Ela parecia pensativa. Parecia estar calculando algo em sua cabeça. E ela demorou muito tempo fazendo isso. — Cerca de sete horas atrás.

— É seu aniversário? — Você poderia ter levantado minha mandíbula do chão. — Por que você não me contou? — Eu perguntei a ela lentamente. Talvez ela tenha uma boa resposta para isso.

Infelizmente, ela tem.

Ela encolheu os ombros. — Eu nem pensei nisso. Por que isso preocuparia *você*?

Por que isso me deixou absolutamente lívido? Eu não conseguia nem me entender. De quem eu estava com raiva? Eu queria atacar, mas quem eu poderia culpar além de mim mesmo?

Ah sim. Era de quem eu estava com raiva.

Eu queria gritar. Eu estava com raiva. Em vez disso, respondi-lhe com toda a civilidade que pude reunir. — Isso me preocupa, porque *você é minha esposa*.

Sua boca torceu em um sorriso infeliz. — Sério, Calder. Não há necessidade de você fingir quando somos apenas nós dois. Não quero que você faça nada por *mim* por obrigação. Eu sei que seu pai o forçou a me levar para jantar hoje à noite, então isso é tudo para ele, mas você realmente não precisa se preocupar em sair do seu caminho por *minha* conta. Se ele me perguntar, eu direi a ele que você fez tudo o que deveria. Não estou querendo colocar você em problemas.

Cada palavra era uma farpa que se escondia sob a minha pele. Elas arderiam por um tempo.

E eu merecia cada uma delas.

A pior parte era que, em sua mente, ela não estava sendo particularmente cruel. Isso não vinha do ressentimento da parte dela.

Ela estava exatamente resignada ao meu mau comportamento. Isso doeu mais.

Estávamos sentados por um tempo em um silêncio constrangedor quando algo chamou minha atenção. A duas mesas de distância, um casal estava sentado.

Era Fatima. Ela sentou em uma cadeira de frente para mim, e seu marido pegou o oposto, mostrando-me as costas.

Eu sabia que nada disso era coincidência. Ela sempre teve coragem.

Eu inclinei meu copo para ela, olhando-a friamente.

Ela inclinou as costas para trás, sorrindo como o gato que comeu o canário. Ela estava se divertindo, aproveitando *tudo* isso. Ela gostava desse tipo de jogo. Eu me perguntei se alguma vez eu achara isso atraente nela, ou se eu estava tão cego e apaixonado que nem sequer a tinha visto pelo que era - mesquinha e conivente.

Olhei de volta para minha esposa. Ela estava empurrando seus verdes tristes ao redor no prato e não havia notado nada. Deus, ela era linda. Não era o tipo de beleza que precisava do ângulo certo ou da iluminação. Rosto pintado ou não, sua extraordinária estrutura óssea brilhou. Era realmente perturbador. Foi uma luta desviar o olhar, não a encarar constantemente.

Eu devo ter sido descuidado e deixar meu rosto revelar algo dos meus pensamentos, pois da próxima vez que Fatima me chamou a atenção, havia algo nela que me fez ficar quieto, o medo subindo.

Claro que ela estava com ciúmes da minha esposa. Ela tinha tido desde o início. Ela era o tipo de mulher que permanecia possessiva com as coisas, mesmo as que jogara de lado descuidadamente.

Mas nos ver juntos assim daria a ela seu primeiro motivo real para estar. Conhecendo seu temperamento, foi um desenvolvimento preocupante, embora eu não tivesse certeza do que poderia fazer sobre isso neste momento. Eu fiz tudo que pude.

Eventualmente, Noura me chamou a atenção e se virou para segui-la. Seu rosto ficou sem expressão quando viu minha ex-noiva. — Ela está esperando que terminemos, para que vocês possam sair em um encontro real? — ela me perguntou friamente.

Senti-me corar, embora não tivesse nada a ver com a presença de Fatima lá. Exatamente o oposto. Eu queria fugir no momento em que a vi. — Não, — eu disse simplesmente.

— Então por que ela está aqui? — minha esposa perguntou.

— Eu não faço ideia.

— Eu não acredito em você, — disse ela desafiadora.

Eu a encarei. — Com licença? — Perguntei, ainda tentando ser educado.

— É por isso que você estava sendo legal comigo antes? Para deixá-la com ciúmes?

Eu olhei. — Ela nem estava aqui então. Eles apenas se sentaram. E acredite, a *última* coisa que eu faria seria tentar fazê-la com ciúmes de você.

— Mentiroso.

— Com licença? — Eu perguntei, menos educado.

Ela colocou o guardanapo no prato decisivamente. — Estou indo embora. Nós dois honramos nossas obrigações aqui. Nossos treinadores dirão a seu pai que nós dois aparecemos para o encontro. Boa noite, Calder.

E com isso, ela saiu.

Eu fui tão pego de surpresa que apenas a observei partir. Observei seu rastro através da multidão e sair pela porta.

Disse a mim mesmo que não a seguiria, olhos colados à sua figura de despedida. Era uma excelente vista de sua bunda empinada e perfeita de dois punhados. Milímetros.

Chamei o maitre, paguei a conta fui para o meu carro, o tempo todo dizendo a mim mesmo que estava voltando para casa. Foi só quando ouvi as palavras saírem da minha boca que percebi que era inútil. — Apartamento da minha esposa, — disse ao meu motorista.

Vinte e Sete

Eu estava na porta dela quando percebi que nem tinha a chave do apartamento.

Tive que tocar a campainha e eu odiei isso.

Chester respondeu, e eu odiei isso mais.

Ele ergueu seu corpo enorme na porta, sem me deixar entrar, e levantou uma sobrancelha espessa para mim. — Precisa de algo?

Eu tive que forçar meus dentes a parar de triturar juntos antes de responder. — Minha esposa.

Ele apenas ficou olhando. — Por quê?

— Perdão? — Eu cerrei.

— A Duquesa está ocupada. É o aniversário dela, se você não sabe. Assim que você a deixar em paz. Ela deveria aproveitar o próprio aniversário em paz, não acha?

Abri minha boca, fechei e depois abri novamente. Eu não tinha certeza do que estava prestes a dizer, ou inferno, se eu estava prestes a sair e bater nele. Eu nunca vou saber, porque esse foi o momento em que minha esposa apareceu, silenciosamente dizendo a Chester que ela lidaria com isso.

Ele me enviou um último olhar e saiu, desaparecendo em seu apartamento como se ele morasse lá, o que ele praticamente faz.

Eu odiava isso acima de tudo.

Eu deixei o restaurante apenas alguns minutos atrás dela, mas Noura já havia conseguido prender o cabelo em um topete complicado e volumoso e trocou o macacão de tortura por um moletom enorme e shorts curtos. Soletrada na parte da frente do moletom, em maiúsculas, estava a palavra DUCHESS[16].

Eu olhei para ele. — Onde você conseguiu isso? — Eu perguntei laconicamente. Não era onde eu pretendia começar, mas não pude ignorar.

Ela apenas olhou para mim, seu rosto com cuidado, veementemente apático. Era realmente impressionante como ela podia educar seu rosto bonito e expressivo no próprio epítome da impassibilidade. — Como?

— A camiseta. Onde você conseguiu isso, *Duquesa*?

Nós tivemos um olhar antes de ela responder. — Foi um presente de aniversário.

— De quem? — Eu atirei de volta com calma e instantaneamente. Mas eu sabia a resposta. Ah, sim, eu sabia e estava lívido.

[16] Duquesa

— Por quê? — ela cobriu.

— Responda à pergunta, — eu disse, a calma se foi.

— Chester.

Eu sabia!

— Não é grande coisa. Você sabe que ele me chama de Duquesa. Não sei porque. É bobagem. — Ela fez uma pausa. Encolheu os ombros. — Eu acho que é uma piada interna entre nós.

Pelo seu rosto, eu pude perceber que ela não sabia que tinha feito isso dez vezes pior.

Eu me fiz respirar fundo. Fiz-me esperar até que pelo menos eu parecesse calmo antes de falar novamente. — Você está tendo algum tipo de festa de aniversário lá? — Eu perguntei. Estava tudo quieto agora, mas eu ouvi alguns sons definitivos de folia quando a porta se abriu pela primeira vez.

Ela encolheu os ombros. — Não é uma festa. Eles só me deram presentes e bolo. — Com a camiseta de grandes dimensões e sua atitude sombria, ela parecia mais uma adolescente do que antes. Isso não ajudou.

— Isso parece muito com uma festa de aniversário, Duquesa, — apontei.

— Por favor, não me chame assim, — ela retrucou com velocidade automática.

— Ele chama você de Duquesa, — eu disse calmamente.

Ela começou. — Quando ele diz, está sendo... carinhoso. Você está apenas tirando sarro.

— *Carinhoso*? Você quer o *carinho* dele?

— Isso saiu errado. É apenas um apelido inofensivo. Isso não significa nada.

— Vejo que não, — cerrei os dentes. — Sabe, quando designei um homem com mais do dobro da sua idade para ser seu segurança, assumi que não haveria problema. Eu deveria saber melhor. Ninguém poderia ser imune a você.

Parecia que não tinha certeza se ficaria lisonjeada ou horrorizada, e imediatamente ela ficou na defensiva. — Isso é ridículo. Somos amigos, o que é legal, já que passo noventa por cento das minhas horas de vigília com ele.

Senti um carrapato começar na minha têmpora.

— Você gosta dele, — observei.

Ela me estudou como se eu estivesse enlouquecido. — Claro que eu gosto dele. — A boca dela se abriu. — Você não pode estar com ciúmes!

Eu não me incomodei em negar. Olhei para ela, levantando um dedo. — Se ele se afastar um centímetro da sua linha, eu saberei disso, e ele será *demitido* e me certificarei de que você *nunca mais o* veja.

— Ele nunca sairia da linha, — ela o defendeu.

— Veja que ele não, ou você o perde. Entendido?

— Entendido. É apenas um apelido estúpido.

— Você gosta, — eu acusei. — Vi como você sorri para ele quando ele diz.

Ela não se deu ao trabalho de negar. Em vez disso, cruzou os braços na frente do peito e me encarou.

— Estou convidado para esta festa que não é de aniversário que você está tendo? — Tentei sorrir de forma envolvente ao fazer a pergunta. Eu tinha quase certeza de que os olhos dela se arregalaram como uma careta.

Ela suspirou, deu um passo para o lado e me acenou. — Por que não? Estou avisando, você provavelmente ficará entediado.

Ela estava errada. Eu não achei nada chato. Observá-la com seu grupo íntimo de amigos – porque era isso que eles eram (independentemente do fato de minha família pagar metade deles) – era perturbador para mim e longe de ser chato.

Era um pequeno grupo que consistia em Jovie, Chester, Vincent e uma nova adição.

Era um garoto magro, que parecia ter dezesseis anos, cabelos prateados, olhos inclinados para cima e um sorriso travesso.

— Este é Santi, — Noura o apresentou.

O garoto sorriu para mim. — Prazer em conhecê-lo, — disse ele em uma voz suave e musical. — Sou o novo colega de quarto da sua esposa.

Eu pisquei para ele estupidamente. — Com licença? Acho que você terá que repetir essa última parte.

Noura fez o possível para controlar os danos. — Ele fica no apartamento de Chester e Vincent enquanto está entre os lugares, — disse ela calmamente, aproximando-se para que eu pudesse ouvir. — Seu pai aprovou e Chester fez uma verificação completa dos antecedentes. Ele é um cara muito legal. Por favor, não seja mau com ele. — Ela disse tudo em uma corrida furiosa, seus olhos nos meus implorando.

Eu não comecei a saber como dizer não a ela quando ela olha para mim assim. E isso me preocupou. Muito.

— Vocês poderiam nos dar um minuto? — Perguntei para a sala, mas não esperei uma resposta, puxando-a para o nosso quarto e fechando a porta.

Eu a estudei atentamente. Ela se remexeu, olhando para qualquer lugar, menos para mim. Senti algo se mover através de mim, uma nova e intensa ternura que eu tinha muito medo de nunca ter sentido nada parecido antes. Foi preocupante. E viciante. — Quando esse novo desenvolvimento ocorreu? — Eu perguntei a ela calmamente.

Ela parou de se mexer e olhou para mim. Realmente parecia como se ela estivesse tentando encontrar respostas tanto quanto eu. — Dois dias atrás.

— Quão bem você o conhece?

— Bem o suficiente para saber que ele é um garoto doce que só precisa de uma ajudinha.

Suspirei. Eu não conseguia afastar o pobre garoto, não quando ela me olhava assim, com um vislumbre de esperança nos olhos, como se ela me implorasse se eu a pressionasse demais. — Você *tem que* adotar todos os desajustados que conhece?

Ela sorriu, olhando para as mãos entrelaçadas. Era um sorriso caloroso, voltado para fora e para dentro.

A visão me deixou tonto. O poder que essa garota tinha sobre mim – se ela tentasse usá-lo um pouco – eu estremeci com o pensamento.

— Minha mãe costumava fazer isso também, — comentou ela em voz baixa.

Eu a encarei. Isso era novo. Ela *nunca* falou sobre seus pais ou sua família. Ela nunca falou sobre seu passado.

— Sua mãe costumava adotar todos os desajustados que conheceu? — Eu perguntei com cuidado.

Ela riu e eu me senti sorrindo com ela. — Eles não são *desajustados*. Eles são apenas...diferentes. E minha mãe era

como um ímã para pessoas interessantes. Pessoas com visões diferentes do mundo, coisas diferentes a dizer. Eu sempre amei isso. Ela não era amiga das pessoas porque elas eram como ela. Ela trouxe coisas novas para sua vida com suas amizades, não mais do mesmo. Foi uma das minhas coisas favoritas sobre ela.



Vinte e Oito

Noura

Fiquei surpresa com o que acabara de sair da minha boca. Eu nunca falei sobre meus pais. Na verdade, eu tentei o meu melhor para não pensar neles.

Mais surpreendente do que minhas palavras, porém, foi a maneira como Banks respondeu a elas. Ele estava olhando para mim com tanto calor, com uma espécie de expressão ofuscada e confusa em seus olhos. Então isso mudou, seus olhos se nublando quando alguma realização amanheceu. — Ela *costumava*? — ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça e mudei de assunto rapidamente. — Então você o deixará ficar? — Eu poderia dizer que Banks estava confuso com Santi, mas ele cobriu melhor do que eu poderia ter esperado. Eu assumi que ele iria surtar quando o viu.

Ele suspirou. — Não é um acordo permanente, presumo?

Eu balancei minha cabeça, sorrindo porque sabia que tinha acabado de ganhar. — Ele só precisa se levantar. Não vai demorar muito.

— Quantos anos tem ele?

— Dezesseis.

— Meu Deus, ele é uma criança.

— Apenas alguns anos mais novo que eu.

Ele se encolheu. Odiava qualquer lembrete da minha idade. Francamente, era um pouco divertido torcer a faca.

— Como você o encontrou?

Eu disse a ele a versão curta do meu encontro com Santi alguns dias antes. Infelizmente, era parecido com quando eu conheci Jovie. Nos bastidores de um desfile e de uma maneira ruim. Ele era menor de idade, modelo em período integral e seu namorado muito mais velho, estilista, acabara de expulsá-lo como o lixo da moda da última temporada. Todas as crianças lindas e perdidas em Nova York não se encaixavam no meu apartamento, é claro, mas como mais alguém poderia os machucar?

A resposta de Chester à nova adição não foi melhor do que a de Banks.

— Você está me transformando no pior guarda-costas do mundo, Duquesa, — ressaltou. — Como posso protegê-la se

você convidar todos os modelos de rua que você conhece para morar com você?

Eu sorri para ele, sabendo pelo seu tom que ele não iria brigar comigo por isso. — Ele não poderia ser mais inofensivo. Certamente você pode ver isso.

Chester rapidamente cedeu com algumas estipulações razoáveis que envolviam a aprovação do meu sogro. Eu temia a reação do meu marido, mas não pensei que teria que enfrentar isso tão cedo.

De volta ao presente, fiquei indubitavelmente aliviada por ele ter aceitado melhor do que eu poderia ter esperado.

Eu olhei para ele quando terminei minha história. Ele estava mordendo o lábio inferior, os olhos na frente da minha blusa de moletom.

— Pobre garoto, — ele murmurou.

Eu assenti enfaticamente. — Ele não tinha ninguém a quem recorrer. Nenhum lugar para ir. E ele é um amor absoluto. Eu não pude evitar. Tive que ajudar.

Seus olhos estavam no meu rosto agora, cheios de algo que me fez doer, me fez começar a derreter, me fez desviar o olhar. Sua mão perseguiu o movimento, segurando minha mandíbula e me virando para olhá-lo. — Você simplesmente não pode se ajudar, pode?

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Você é boa demais, — ele murmurou, me puxando para perto. — Eu não aguento. — Com ferocidade mal amarrada, ele me beijou.

Algum tempo depois, sua boca no meu pescoço agora, voltei a mim o suficiente para dizer: — Podemos ligar alguma música ou algo assim?

Ainda estávamos vestidos, mas ele me prendeu na cama, seu peso pesado em cima de mim enquanto se esfregava inquieto contra mim.

Ele raspou algo ininteligível e mordeu meu lóbulo da orelha.

Eu me repeti.

— O que?

— Temos crianças em casa, — apontei razoavelmente. — Eu não quero que eles nos ouçam.

— Você está me dizendo que eu tenho que ficar quieto em nossa cama de *casal* só porque você decidiu fazer disso o apartamento de modelos desajustados?

— Só estou pedindo para você ligar algumas músicas. Hoje é uma casa cheia.

Ele se afastou e me estudou. — Você quer voltar e terminar sua festa?

Eu desviei o olhar. — Você se importa?

— Meu pau faz, mas não vai matá-lo esperar algumas horas.

Eu sorri e não pude evitar, olhei para baixo. Ele estava forçando a frente da calça. — Você tem certeza?

— Não, se você continuar olhando assim, eu não tenho. — Ele pegou meu braço em um aperto suave, me puxando em direção à porta. — Vamos. Vamos sair com seus amigos.

Minha pequena festa de aniversário não foi nada emocionante, mas foi perfeita para mim, cercada pelas pessoas de quem mais gostava. Nós assistimos DramaFever e comemos bolo. Tentei dar uma pequena mordida, mas Banks me levou a mais.

Ele estava um pouco rígido com meus amigos e não falou muito, mas eu ainda apreciei o fato de ele estar lá e ninguém o ter forçado a estar. E, apesar de tudo, parecia que algo estava acontecendo entre nós, algo que não tinha nada a ver com nosso casamento falso e tudo a ver com algo mais autêntico do que um contrato. Um carinho, mais genuíno. E, claro, desejo.

Entramos e saímos da sala algumas vezes para nos divertir como crianças do ensino médio. Na terceira vez em que fizemos isso, Jovie gritou para nossas costas que se retiravam: — Decidam-se!

Muito, muito mais tarde nos retiramos para a noite. Ele me despiu lentamente e me levou para a cama.

Ele balançou em mim, olhos nos meus. Cada impulso estridente movia meu corpo inteiro, fazendo meus seios saltarem a cada mergulho. Seu olhar desceu para o meu peito, depois voltou para o meu rosto a cada movimento.

— Devo ligar para seu segurança, Duquesa, enquanto te fodo? Você gostaria disso?

A pergunta me fez endurecer no meio do impulso. Ele continuou me batendo sem parar. Eu tinha esquecido seu ataque de ciúmes antes. Ele estava tão calmo e agradável desde então, mas obviamente o perturbou muito mais do que eu pensava. Não tinha certeza de como lidar com ele dessa maneira, Banks ciumento era ainda mais estranho para mim do que Banks normal, então eu não respondi.

Mais uma vez, meu silêncio não ajudou.

Com um grunhido, ele começou a ter um propósito, me fodendo com mais força.

Fiquei irracional por uma batida, duas e honestamente esqueci seu temperamento por um tempo.

Isto é, até que sua voz áspera soou na sala, alta o suficiente para ser ouvida por nossas respirações ofegantes e meu batimento cardíaco acelerado. — Você quer que eu ligue para ele enquanto estiver assim? Você quer que ele veja o que eu faço com você enquanto ele está lá fora, *à sua disposição*?

Eu não pude responder. Eu não tinha fôlego para falar. Ele estava ardentemente fodendo comigo.

Mais uma vez, não ajudou.

Ele sussurrou para mim por entre os dentes. — Ele provavelmente está fantasiando sobre você agora. Você gosta disso? Você gosta de ter esse efeito nele? Você percebe que tem esse efeito em *todo* homem?

Apertei meus olhos com força, a mente muito nebulosa para responder. Francamente, eu estava mais perto de gozar do que responder a ele, mas isso não pareceu lhe ocorrer.

Abruptamente, ele parou de se mover. Meus olhos se abriram. — Não pare, — eu ofeguei, lutando contra ele.

— Talvez eu *deva* ligar para ele, — ele rosnou de cima de mim. — Deixar que ele me veja com as bolas profundamente dentro de você. Deixa-lo ver que *eu sou o seu* dono. — Sua mão serpenteou, tocando meu clitóris, seu pau enterrado até o punho. — Isso é *meu*.

Eu finalmente consegui sair um ofegante, — Não.

Por mais fraca que fosse essa palavra, parecia acalmá-lo, ou pelo menos não o desencadeou mais. Ele começou a se mover novamente.

Devo ter adormecido depois com ele ainda em cima de mim porque eu despertei quando ele se afastou.

Ele estava colocando as calças nos quadris quando me perguntou por cima do ombro. — Estou pegando água da cozinha. Você precisa de alguma coisa, Duquesa?

— Não, — eu disse fracamente, virando meu rosto.

— O que?

— Não me chame de Duquesa, por favor.

— Por que não?

— Porque você está tirando sarro. Quando ele faz isso, ele está apenas sendo gentil.

Ele estava no meu rosto novamente em um piscar de olhos, corpo cobrindo o meu, loucura em seus olhos, voz baixa, mas *furiosa*. — Ele não deve ser gentil com você. Você precisa enfiar isso na sua cabeça.

Oh, isso de novo.

— Você está com ciúmes porque eu disse que ele era meu amigo? — Perguntei com cuidado. Era realmente meio doce. — Você também pode ser meu amigo. Não é uma coisa mutuamente exclusiva.

— Só para constar, não quero ser seu *amigo,* — ele rosnou. — Quero fazer você gozar e ver seus olhos revirarem em sua cabeça. Quero te foder até que você não consiga andar direito.

Eu estava corando ao responder teimosamente: — Você pode fazer essas coisas *e* ser meu amigo.

— Ok. Bem. Esse é o tipo de amizade que eu quero, mas você não pode ter isso com mais *ninguém*.

Eu apenas pisquei para ele. — Bem, claro que não, — respondi simplesmente.

Parecia acalmá-lo se o jeito que ele me beijava era alguma indicação.



— O que eu posso te dar de aniversário? — ele me perguntou em algum momento da noite.

Minha mente disparou para uma ideia imediatamente. Deixaria-me vulnerável pedir algo assim, pensei, movendo-me furiosamente. Ficaria *magoada* se ele me virar para baixo.

Mas se ele dissesse sim, valeria a pena.

Se ele dissesse sim, isso pode mudar tudo.

— Gostaria que você começasse a falar comigo diretamente. Chega de Asha.

Ele me olhou por um longo tempo. — Você quer que eu a demita?

Dei de ombros. — Eu só a quero fora do meu apartamento. Eu não ficaria triste se você a demitisse, mas se ela simplesmente não estivesse no meu comando, seria o suficiente.

— E você realmente quer lidar comigo diretamente?

— Sim. Eu quero lidar com você diretamente.

— OK. Se é isso que você prefere, é o que faremos, — ele disse instantaneamente.

Foi assim tão fácil? Eu pensei.



Vinte e Nove

No dia seguinte, Asha se foi. Ela nem se deu ao trabalho de dizer adeus, simplesmente desapareceu da minha vida. Eu não estava triste, exatamente o oposto, embora tenha me perguntado brevemente como descobriria minha agenda. Eu estava de folga hoje e me lembro talvez da programação dos próximos dois dias de memória, mas depois disso eu estaria em Paris e não tinha ideia do meu itinerário por lá.

Eu não precisava me perguntar, desde que Chester me atualizou assim que ele entrou pela porta. — Eu assumi sua agenda, Duquesa. Podemos revisar tudo e inseri-lo no seu telefone para que você possa acompanhar também.

Eu estava bem com isso. E as agradáveis surpresas continuaram chegando. Jovie também passou o dia de folga e Santi ficou livre a manhã toda. Nós assistimos Goblin no DramaFever e, por volta das 10 horas, recebi uma mensagem. Agradável. Do meu marido.

BANKS: Ouvi dizer que você teve o dia de folga. Contratei uma equipe para cuidar de você e de seus amigos. Feliz aniversário, Duquesa.

Mal li o texto, houve uma batida na porta. Um pequeno exército de atendentes de spa foi liberado para entrar.

Nós três passamos as cinco horas seguintes recebendo tratamentos faciais, mãos, pés e massagens em frente à televisão.

Santi nos convenceu a assistir a alguns vídeos estranhos no YouTube com títulos como *'Jet Fuel Don't Melt Steel'*[17], *'Why the Denver Airport is a Portal to Hell'*[18] e *'The Moon Landing was Faked.*[19] *'*

Santi, por sua vez, era um louco por teoria da conspiração. Fiquei um pouco preocupada com isso, mas Jovie achou hilário. Ela descaradamente o estimulou.

Vincent me surpreendeu ao concordar com Santi com mais da metade das teorias.

No começo, Chester desaprovava veementemente nossa escolha de visualizar esses vídeos, mas, como Santi colocava dos vídeos de conspiração mais loucos para os mais leves, como aquele em que Shane Dawson se concentrava em uma trama de pizza de Chuck E. Cheese, eventualmente até ele pode admitir de má vontade que foi tudo muito divertido.

Depois de muito esforço, até convenci Chester e Vincent a receberem massagens no couro cabeludo e a usar máscaras de abacate.

---

[17] Combustível para jato não derrete metal.
[18] Por que o aeroporto de Denver é um portal para o inferno.
[19] Aterrisagem na lua foi falsificada.

Não conseguimos parar de rir, e consegui uma prova fotográfica, ameaçando usá-la para chantagem futura.

Quando Santi finalmente ficou sem o vapor da conspiração, passamos a assistir porcaria na TV. Jovie e Santi tiveram um desentendimento sobre a vida de Kylie[20].

Santi achou horrível.

Jovie não viu da mesma maneira.

— Eu sou Stan, — disse ela teimosamente.

Esse comentário envolveu Chester. — Afinal, o que isso quer dizer? — Ele perguntou a ela.

— Isso significa que ela é uma grande fã dela, — expliquei.

— Como obcecada, — acrescentou Santi. — Eu não entendo. Kylie tem uma milha de largura e duas polegadas de profundidade. Acho que Jovie apenas gosta dela porque ambas são superficiais.

Jovie estava longe de ficar ofendida. — Eu não sou superficial, sou *vaidosa* , — ela retrucou, rindo. — E ela é bilionária por conta da *maquiagem*. — Ela deu um grande suspiro. — Meu sonho.

— Você não pode dizer que cresceu sozinha quando começa com dinheiro! — Santi apontou.

[20] Kylie Jenner, socialite irmã das Kardashians

Chester balançou a cabeça, murmurando algo como 'crianças hoje em dia', o que nos fez rir.

Estávamos nos revezando escolhendo programas para assistir, e em uma das vezes de Jovie, ela escolheu a Drag Race de RuPaul.

— Você gosta desse programa porque o cabelo deles é tão grande quanto o seu, — observou Santi.

Jovie, como sempre, sem se ofender, deu um tapinha no cabelo com um sorriso. Era um loiro-escuro impressionante que era um tom mais pálido do que sua pele. Os cachos de saca-rolhas eram particularmente volumosos, com todos os tratamentos de spa adicionando uma umidade quente ao quarto. — Você não sabe que meu cabelo é onde guardo todos os segredos? Não está ficando menor, querido.



Era impossível guardar segredos de Jovie para sempre. Mesmo grandes.

Um dia antes de partir para Paris, eu me quebrei e contei tudo a ela sobre meu casamento. Cada pequeno detalhe enganoso.

— É tudo falso, — reiterei depois que terminei de descarregar completamente.

— Besteira, — disse ela de forma sucinta.

Eu olhei. — O que? Você não acredita em mim?

— Oh, eu acredito em você sobre o casamento arranjado, o Catálogo de Noivas, Banks sendo um idiota, tudo isso. Mas chamar isso de falso? O que quer que seja essa coisa entre vocês, não é falso. Aquele homem é louco por você. Ele perde a cabeça toda vez que olha para você.

Eu pensei sobre isso. Ela estava exagerando como apenas uma adolescente podia, é claro, mas isso me fez pensar. Como ele olha para mim? Significa alguma coisa? Afastei o pensamento. Não havia nada tão doloroso como falsa esperança. — Não importa. Eu não ligo.

Eu sabia que estava mentindo para mim mesma. Era um fato que eu mentia para mim mesma o tempo todo, mas pelo menos nunca acreditei em mim.

Pelo olhar que ela estava me enviando, Jovie também não acreditou em mim.

— Agora vamos voltar ao catálogo de noivas, — disse ela, trazendo-me de volta ao presente. — Conte-me *tudo*.

Eu ri. — Nem pense nisso.

— Eu tenho alguns anos para me decidir. Enquanto isso, derrame o feijão. O que é isso? Como você o encontrou?

— Não é tão obscuro quanto você imagina. Ele circula bastante na comunidade de modelos.

— Por que você fez isso? — ela perguntou. Não houve julgamento na questão, apenas investigação curiosa.

— Eu estava em um lugar ruim. Passei cerca de quatro anos lutando. Não me interprete mal, eu tive algum sucesso, mas nunca parecia que isso importava. Minha vida não estava melhorando. Não importava o que eu fazia, parecia que eu ainda estava me afogando.

Nossos olhos se encontraram. — Eu conheço o sentimento, — afirmou ela.

Eu tinha certeza que sim.

— A maioria das modelos gasta todo o dinheiro que ganha tentando provar que vale algo no Instagram, — disse ela.

Eu assenti. — Exatamente. A carreira média de modelagem de *sucesso* dura menos de quatro anos. Tive mais sorte do que a maioria, mas sei bem que é temporário. Comecei aos catorze anos, o que significa que estou aproveitando o tempo emprestado e, mesmo com algum sucesso, esse setor provavelmente ainda será feito comigo logo após a adolescência. Eu estava ganhando dinheiro decente, mas não o suficiente para me aposentar aos vinte anos.

— Deus, isso é deprimente, — lamentou Jovie. — E é tudo verdade.

— Eu queria ser mais, — expliquei. Queria que ela entendesse todas as minhas intenções. — Para mudar a minha *estação* na vida. Ser intocável.

— E agora você é uma Castelo. É o mais intocável possível.

Eu balancei a cabeça, encontrando seus olhos diretamente. Ela entendeu. — Foi uma escolha solitária, mas não posso me arrepender.

A mão dela cobriu a minha. — Sua vida não está mais solitária. Se você tem uma pessoa, você nunca está sozinha, certo? Você me tem. Sempre.



Trinta

Banks me seguiu até Paris. Ele veio trazendo presentes em uma variedade de joias de cor água-marinha. Não o reconheci do cache da família. Ele me disse que era um presente de aniversário atrasado e que isso lembrava meus olhos.

E então ele ficou comigo. Eu não conseguia acreditar, e não conseguia entender porque ou como ele foi capaz de tirar tanto tempo de todos os seus projetos de negócios, mas ele fez isso por quase duas semanas. Ele me sombreou em todos os lugares como se não houvesse nenhum outro lugar que ele quisesse estar. Ele veio para todas as minhas sessões e me levou todos os dias depois que eu terminei de trabalhar.

Comemos nos melhores restaurantes, comida francesa extravagante ou italiana luxuosa, e de alguma forma ele me impediu de contar a maior parte das minhas calorias.

Bebíamos vinho espumante barato aos pés da Torre Eiffel e champanhe caro no topo.

Ele passou quatro horas me perseguindo sem pressa pelo Louvre, tirando fotos minhas apenas quando eu não estava posando para elas. Em um ponto, eu quase caí em um vaso, sem dúvida, de valor inestimável.

Ele me pegou com um sorriso caloroso, me puxando para perto. — Nós não queremos que você caia em nada caro.

— Exceto você, — eu provoquei.

— Caia em cima de mim o quanto quiser, — ele murmurou. — Para você, estou livre.

Eu perdi o fôlego. Meu coração bateu forte. Ele mudou muito em relação a mim em tão pouco tempo, e eu não sabia mais quando ele estava provocando e quando estava falando sério, mas não continuei. Eu estava muito cautelosa com ele ainda para empurrar a minha sorte.

Passamos um dia em Versalhes, olhando nossos reflexos douradas e nos beijando em todos os cantos decadentes e escuros que pudemos encontrar.

Um dia, fizemos uma turnê de comida e vinho pelo distrito R. Comi um pouco de queijo e bebi todo o vinho. Ele comeu o dobro de todas as coisas que eu não gostei. O queijo fedido, o patê de pato, o caviar e qualquer coisa que terminasse com tártaro. Minha paleta de gostos caros e adquiridos era subdesenvolvida, para dizer o mínimo.

Ficamos maravilhados com cada centímetro de Notre Dame por seis horas, nomeando o máximo de gárgulas que pudemos. Encontramos um livro pop-up da cidade na loja de presentes e fizemos uma excursão para visitar todas as vistas que ainda não tínhamos visto. Passeamos por cima e por

baixo do Arco do Triunfo, passando pelo Centre Pompidou, Sacré-Coeur e Les Invalides.

Tiramos uma selfie boba em cada uma.

Paris foi um novo capítulo para nós. Eu não sabia porque era assim, o que havia mudado, o que estava crescendo entre nós dois, e não falamos muito sobre isso, como se estivéssemos com medo de nos convencermos desse feitiço.

Não foi minha primeira vez em Paris, mas foi a primeira vez que vi através dos olhos de um amante.

Havia algo no ar, um filtro mais suave sobre o horizonte dia e noite. Óculos cor rosa, de fato.

Admiti para ele que amava o costume francês de cumprimentar com um beijo nas duas bochechas. Ele beijou minhas bochechas até eu rir e pelo menos vinte vezes por dia depois disso.

E nós conversamos. Ele me falou sobre seus interesses comerciais. A fortuna que ele fez e perdeu, a que ele estava construindo novamente. Ele era apaixonado por isso, pelo qual eu tinha uma compreensão superficial. Ele tentou me explicar. Comprou terrenos valiosos e calculados e construiu sobre eles, depois arrendou os prédios e fez uma fortuna constante na barganha. Pareceu um pouco chato para mim, mas claramente o levou. Percebi que ele estava muito empolgado para superar seu pai algum dia.

Era meio da manhã. Nós ainda estávamos deitados. Era o meu único dia de folga na viagem e estávamos aproveitando ao máximo.

Eu contei a ele sobre algumas das minhas ideias de negócios, coisas que eu estava trabalhando com o pai dele. Meus empreendimentos estavam aumentando rapidamente. O que havia começado como uma pequena ideia de colaborar com Morphe para algumas cores de lábios líquidas foscas com o meu nome em anexo rapidamente surgiu em uma linha completa de cosméticos, incluindo pincéis. E passei da modelagem para Stuart Weitzman ao design da minha própria linha de sapatos.

Enquanto eu falava, ele me observava atentamente. Seus olhos eram tão suaves. Todo aquele cinza frio tinha derretido quente.

Por que eles estavam derretendo para mim? Por que eles estavam *me* derretendo?

— Posso te perguntar uma coisa? — ele falou. — Não estou tentando lutar, quero manter essa trégua. Eu só estou curioso.

— Isso parece ameaçador, mas vá em frente.

— Por que você fez isso?

Não pude evitar, eu me encolhi um pouquinho. As coisas estavam indo tão bem. Por que ele queria arrastar isso? Isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, eu supunha.

Escolhi minhas palavras com cuidado. — Acho que vi a escrita na parede. Modelos são um centavo em uma dúzia. Somos criaturas descartáveis. Durante a maior parte da minha carreira, compartilhei um quarto minúsculo em um apartamento minúsculo com outras oito garotas.

— Você ganha um bom dinheiro, — ressaltou.

Minha boca torceu amargamente. — Eu ganho muito dinheiro *agora*. E já fiz bem o suficiente antes, suponho, mas a maior parte do dinheiro que ganhei foi para minha família, de uma maneira ou de outra.

— Diga me sobre eles. Seus pais.

Olhando para ele cautelosamente, eu o fiz. — Meu pai foi demitido de seu emprego na GM exatamente uma semana depois que minha mãe foi diagnosticada com câncer nos ossos. Tive a oportunidade de me mudar para Nova York para modelar. Eu fiz isso. Eu queria estar com ela, mas me senti *inútil* quando podia sair e ajuda-los a sobreviver.

— *Jesus*. Quantos anos você tinha?

— Quatorze.

— Isso é legal?

Dei de ombros. — Meus pais concordaram com isso, então sim, e minha agência me ajudou a me instalar em um apartamento, como eu disse, com outras oito meninas. Por isso, eles conseguiram uma porcentagem dos meus empregos

e o que eu não precisava de comida ou transporte, enviei de volta para o meu pai. Cada centavo de reposição que ganhei foi para as contas da minha mãe. Nada disso a salvou. Meu pai jurou que ajudou, mas claramente não ajudou o suficiente. Minha mãe não durou um ano.

— Meu Deus. Eu sinto muito.

Dei de ombros. — Às vezes me arrependo de deixá-la. Eu estava tão ocupada trabalhando para ajudar que não a vi muito no final. E quando ela se foi, eu ainda não voltei para casa. Eu queria ficar ocupada. Distrair-me da minha dor, sabe? Então fiquei, continuei trabalhando, imaginando que meu pai ainda precisava de ajuda com suas contas de qualquer maneira.

— Você era uma boa filha. — Ele teve a graça de parecer envergonhado. — Ouvi dizer que eles se foram, mas nem todos os detalhes. Conte-me o resto.

— Em 26 março . — Eu o vi recuar na data, no mesmo dia do nosso casamento. — No aniversário de dois anos da morte de minha mãe, o caminhão velho e ruim do meu pai quebrou na beira da estrada. Estava abaixo de zero e seu celular não tinha nenhum serviço. Ele adormeceu em sua caminhonete e nunca acordou. Estranhos o encontraram um dia inteiro depois. Eu estava economizando para conseguir um carro melhor para ele. Estava atrasada em dois meses, — terminei amargamente. — Depois disso, fiquei obcecada em

planejar um futuro melhor. Planejei como nunca ficar dois meses atrasada para sobreviver novamente.

Ele acariciou meu cabelo confortavelmente e eu o deixei. E continuei compartilhando.

— Modelagem é uma indústria volátil. Somos jovens, vulneráveis e *à venda.* Esse negócio está cheio de corrupção, especialmente para uma garota solteira sem nenhuma proteção. Não é uma boa cena. Quando perdi meus pais, me senti muito sozinha. E longe de estar segura. Eu não tinha ninguém. Eu estava *tão sozinha.* Por isso nunca bebi antes do casamento. As festas que minha agência me enviava... Eu tinha medo de ser drogada. Isso acontecia com as garotas o tempo todo, e elas simplesmente ignoravam, como se isso fizesse parte do trabalho. Eu não estava disposta a ignorar isso. A modelagem não é conhecida por sua segurança no trabalho. E dizer que se eu tenho uma cicatriz desagradável ou ganhar sete quilos. Está tudo acabado. Eu nem vou entender o quão rápido vou envelhecer com isso. — Parei. — Eu queria segurança.

— Você poderia ter tentado encontrar segurança *e* amor.

Eu olhei para ele. — Quão ingênua você pensa que eu sou?

— Touché.

— Eu vi como isso funciona. Modelos são tratadas como mercadorias para homens ricos. Decidi fazer esse trabalho a

meu favor. Eu queria ser importante, — continuei. — Pessoas como você são importantes. Pessoas como eu e minha família sofrem e morrem tragicamente e *ninguém se importa*. Meus pais morreram apenas comigo para lamentá-los. Se eu me tornasse uma de vocês, sabia que o mundo se importaria quando eu morresse.

— De qualquer forma, ouvi falar do Catálogo de Noivas em algum lugar ao longo do caminho. Modelos falam muito sobre isso em certos círculos, embora nenhuma que eu conhecesse tenha admitido que tivesse enviado seus perfis para ele. Sabe, às vezes, quando as garotas desaparecem em haréns por alguns anos, sempre me pergunto se foi devido ao Catálogo. E, é claro, sempre que vejo uma modelo em seu primeiro contato com um bilionário de oitenta anos, me pergunto se foi o Catálogo que a colocou. Independentemente de todos os rumores, porém, sempre fiquei segura de que as meninas tinham a palavra final nos arranjos. Quando completei dezoito anos, eu já tinha me decidido. Certamente ficou diferente do que eu imaginava. Ninguém nunca vai suspeitar de *nós*. Você é jovem e lindo demais para alguém acreditar que precisaria ou gostaria de comprar uma noiva.

— Eu não fui o único que viu seu perfil, — ressaltou. — Você sabe que houve uma guerra de ofertas.

Eu não pude segurar o mínimo recuo. — Ouvi dizer que havia alguma atenção, mas nunca ouvi dizer exatamente dessa maneira. Você acha que alguém vai falar?

— Não, — ele disse depois de um tempo. — Nenhuma oferta seria bem atendida com a divulgação do Catálogo. Bem? Funcionou como você esperava? Isso faz você se sentir segura?

Não consegui encontrar os olhos dele. — De certa forma, sim. — Na maioria das vezes. Esse tinha sido o ponto, de qualquer maneira. E eu me senti segura. Cada parte de mim, exceto meu coração.

— Eu queria uma família, — eu disse em voz baixa, ainda tentando fazê-lo entender. — Disfuncional. Por conveniência. Mas lá. Presente no meu canto quando as fichas caem, para *sempre*.

— Entendi, — ele disse suavemente.

Depois de um tempo, falei novamente. — E você? Por que você fez isso?

Ele respirou tão fundo que nossos corpos balançaram com o movimento. — Por todas as razões erradas, se estou sendo honesto. Meus pais estavam me pressionando para me casar. Sua irritação e... outras coisas me convenceram de que estava na hora.

— Dinheiro.

— Sim. O suborno era uma grande parte disso. Recuperar minha herança teve seu apelo. Agora que vejo o seu lado, posso admitir que seus motivos eram muito mais admiráveis que os meus.

Foi uma concessão gratificante da parte dele, para dizer o mínimo. Foi bom dizer que você não se importava se tinha ou não a aprovação de alguém. Era outra coisa inteiramente a sério. — Por que o Catálogo de Noivas?

— Eu não queria arrastar inocentes para isso. Eu queria uma esposa que conhecesse o placar. Que saberia que eu nunca poderia ser um marido amoroso. Não uma debutante insuportável com estrelas nos olhos.

— E por que isso?

— Eu entreguei meu coração uma vez. Não vou fazer isso de novo.

— Então você ainda está apaixonado por Fatima.

— Eu não estou. Eu a odeio por mentir para mim. Por me enganar. Eu odeio não ter ideia de que ela era uma caçadora de fortunas, quando é tudo que eu sempre quis evitar.

Foi uma escavação para ela, mas é claro, eu senti isso nas minhas próprias costelas.

— Por falar nisso, — ele continuou brutalmente, — eu nem tenho certeza se o amor existe, mas se existir, certamente não quero passar por isso novamente.

Eu mantive meu rosto estoico, mas foi uma luta. — Você teve todas as coisas doces e ternas que já sentiu sobre o amor azedar, — observei.

— Não é nem isso. É sobre o fato de que você pode entrar e sair dele. É a ideia de que, agora que sei que não é uma aflição permanente, isso não *significa* nada para mim. Depois que percebi isso, soube que era tudo mentira e que nunca mais me apaixonaria. Uma vez foi o suficiente para mim. Como não queria machucar ninguém, encontrei alguém que conhecia o placar.

— E aqui estamos.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que eu não achei que ele responderia. — E aqui estamos nós, — ele disse suavemente. — Nós fazemos um par estranho, Goldigger.[21]— Seu tom era rico de carinho.

Eu sorri. — De fato, sim, mimado Rich Boy[22].

Apenas algumas notas amargas entraram em nossa esfera durante aqueles breves dias dourados, todas vindo da mesma direção.

Recebi uma ligação de um número desconhecido. Eu deveria ter pensado melhor antes de responder, mas estava atenta com Asha fora de cena e com ninguém ainda para

[21] Garimpeira.
[22] Garoto Rico.

substituí-la, preocupava-me constantemente em perder uma oportunidade de emprego se fosse muito difícil de atender.

Foi um bom momento, já que eu tinha acabado de filmar, então atendi. Era a última pessoa que eu queria ouvir, principalmente com Banks a poucos metros de distância.

— Olá? — Respondi, uma pergunta na palavra.

— Noura, — uma voz quente e venenosa derramou sobre a linha.

Nós só interagimos uma vez, mas eu soube instantaneamente quem era. Não disse o nome dela. Eu não aguentava. Meus olhos estavam no meu marido, que estava me enviando um olhar interrogativo quando eu disse: — Por que você está me ligando?

Sua risada encantada estava zombando. — Algumas razões. Mas principalmente, eu não queria que você esquecesse de mim. Seu marido não o fez. Ele nunca fica longe de mim por muito tempo. E não pense que ele vai gostar de você. O coração dele não está nele. Sempre foi ocupado em outro lugar.

— Ele gosta bastante, — eu disse rigidamente. Cada palavra que ela dizia era uma adaga no coração. Foi pouco consolo que essa era obviamente a intenção dela.

— Não deixe ele te enganar. Ele pode foder como um garanhão premiado, mas sempre a odiará pela simples razão de que seu pai a escolheu.

Eu estava estudando o rosto curioso do meu marido enquanto ela falava, mas ainda estava ouvindo criticamente, e percebi as falhas no que ela estava tentando transmitir. Ela acreditou em suas próprias palavras. Ela *precisava* acreditar nelas. E elas estavam erradas. Eu sorri. Finalmente, eu estava no controle. Eu não a segurei. Impulsivamente, joguei a mão instantaneamente. — Quem te disse isso? Pasco não me escolheu.

Ela respirou audivelmente através do telefone, um som irregular e desesperado.

Eu a sacudi. Sabia nos meus ossos.

— Mentirosa, — ela sussurrou de volta.

Eu apenas balancei minha cabeça. Banks se aproximou e capturou claramente um pouco da gravidade do que estava acontecendo no meu final de conversa. Suas sobrancelhas estavam unidas, nuvens de tempestade em seus olhos cinzentos.

— Banks me escolheu, — eu disse com firmeza. — Seu pai não teve nada a ver com *isso*. Não acredita em mim? Pergunte a ele. — Entreguei-lhe o telefone e saí para me trocar.

Claro que não foi o fim disso. Eu queria que fosse. Eu queria fingir que nunca tinha falado com Fatima, nunca ouvi suas palavras, nunca soube que ela existia, mas Banks apenas teve que voltar à tona.

Estávamos sendo levados de volta ao hotel em um dos carros da família, sentados mais afastados do que estávamos desde que nossa trégua tácita havia começado.

— Sinto muito que ela tenha incomodado, — disse Banks rigidamente, sem olhar para mim. — Ela não deveria ter feito isso.

— Eu também, — eu disse calmamente.

Ele não tinha terminado. — Mas, por favor, não a provoque assim. Na verdade, não fale com ela. Se ela ligar, desligue ou entregue o telefone para mim.

Eu senti como se ele tivesse me dado um tapa na cara, mas eu respondi como uma profissional. — Como quiser.



Banks

Não estava melhorando. Eu pensei que a razão pela qual eu estava ficando obcecado era que os esporádicos e viciantes contatos que tínhamos estavam me deixando com muita fome por mais. Eu pensei que, se eu levasse algumas semanas

concentradas para tirá-la do meu sistema, isso iria cortá-la pela raiz, mas tinha saído pela culatra em grande parte. Meu desejo por ela estava ficando muito, muito pior. Não apenas pelo corpo dela, que era a coisa mais preocupante de todas.

Eu também desejava a sua companhia. Noite e dia. Acordando e dormindo, eu a queria ao meu lado, respirando o mesmo ar, respondendo a todas as minhas ações.

Mas voltando ao seu corpo. Eu era insaciável por isso. Fui dormir gasto e acordei com força novamente. Eu disse a mim mesmo que era por isso que tinha que mantê-la perto, mas isso não explicava porque eu tinha que abraçá-la enquanto dormíamos, como se tivesse medo de que ela escapasse.

Receoso. Essa era uma palavra engraçada, mas o medo me encheu de toda emoção que ela despertou dentro de mim. O que eu temia, no entanto? Não ela, não mais. Não são suas intenções ou motivações. O medo veio de dentro, do fato de que quanto mais eu percebia quem ela era, mais eu sabia que não a merecia. Eu a comprei, mas não a ganhei.

Eu era tão imundo quanto ela era inocente. As coisas que eu fiz no primeiro mês após o nosso casamento estavam além das palavras.

Isso fez o cabelo da minha nuca arrepiar só de pensar. Eu havia mudado tanto desde então que estava com nojo do meu próprio comportamento agora?

Em suma, sim. Agora que eu a conhecia, me arrependi de tudo que tinha feito para resistir a ela.

E se ela descobrisse? Deus, o pensamento era horrível, porque era totalmente viável. Fatima era exatamente o tipo de ex para ter certeza de que descobriria pelo menos um pouco disso.

Ela se virou de costas enquanto dormia, mas não se mexeu. Foi o suficiente. Ela estava nua, nada além de um lençol a cobrindo. Eu o tirei. As persianas estavam abertas, a luz da cidade entrando o suficiente para que eu pudesse ver pequenos detalhes deliciosos de sua forma adormecida. Ela estremeceu por estar descoberta, seus seios empinados subindo. Eu a acariciei, da garganta para baixo, e ela se curvou na minha mão. Mesmo assim, ela não se mexeu. Esfreguei entre suas pernas, observando seu rosto adormecido. Sua boca ficou frouxa, os olhos ainda fechados. Ela estava molhada. Eu empurrei um dedo dentro dela, sentindo-a. Seu corpo respondeu, mas mesmo isso não a acordou.

Eu realmente devo tê-la desgastado. O pensamento não me incomodou. Pelo contrário, nem me atrasou.

Eu a montei, empurrando com um deslizamento suave e firme. Isso a acordou. Ela gemeu quando seus lindos olhos se abriram. Eu a beijei, entrando e saindo.

O que eu tinha feito? Como eu me permiti ser sugado até o fundo?

Trinta e Um

Noura

Aconteceu na quinta-feira. Era um dia ensolarado e agradável na cidade. O tipo de dia que faz você querer andar para onde quer que estivesse indo, em vez de ficar sentado no trânsito.

Lembrei-me de pequenos detalhes estranhos como esse, como se o dia estivesse me imprimindo fortemente antes que meu cérebro soubesse porque deveria.

Acordei nos braços de Banks. Ele passou a noite por nenhuma outra razão além de que ele queria. Ele estava no meu apartamento, com comida na mão, quando cheguei em casa de uma sessão de fotos na noite anterior. Ele me beijou como se nunca fosse suficiente. Tivemos uma refeição tranquila e íntima juntos que ainda me fazia sentir quente no meu peito só de pensar.

Da minha parte, admiti completamente que estava caindo com *dificuldade*. O homem era irresistível quando decidia que queria algo, e ele *me* queria.

Fiquei um pouco privada de sono depois daquela noite. Ele tinha me fodido várias vezes, me acordando em momentos estranhos da noite, cada um com um desespero incansável que até hoje faz meu corpo inteiro se apertar da memória.

Não podíamos resistir um ao outro, isso estava claro.

E eu estava começando a me sentir esperançosa em relação a nós, aonde estávamos indo e o que poderíamos nos tornar.

Um alegre Banks até me levou à igreja no domingo anterior. Ele me levou em seu braço, sentando no meio de sua família, como eu fazia todas as semanas. Seus irmãos sorriram para ele, dando cotoveladas uns nos outros. Seus pais ficaram boquiabertos. Não consegui manter o rubor nas bochechas ou o sorriso no rosto durante todo o serviço.

Estávamos começando a construir a base para algo poderoso e profundo. Um casamento de verdade? Possivelmente. Pela primeira vez, me permiti considerar, pelo menos.

A única coisa que poderia nos impedir disso era nós mesmos.

Ou assim eu pensei.

Banks me deu um beijo de despedida apaixonado na calçada do lado de fora do meu prédio. Ele entrou em um de seus carros, e eu andei do apartamento para a minha

academia naquela manhã. Chester e eu, é claro, e até Jovie, fomos juntos. Ela tinha uma ligação às nove, então teria que interromper, mas poderia acompanhar uma hora de treino comigo antes.

Lembro que enquanto estávamos andando, ela pegou minha mão e sorriu para mim. — Banks e Noura sentados em uma árvore, — cantou baixinho. Ela estava mais feliz do que ninguém sobre como as coisas estavam progredindo no meu casamento estranho. Isso a deixou completamente tonta. Ela era dolorosamente jovem e passara por muitas coisas, mas ainda era uma alma otimista. Ela tinha certeza de que meu marido, contra todas as probabilidades, se apaixonara por mim e que esse amor venceria tudo.

Foi um momento agradável, do tipo que fica na sua boca por um longo tempo, contrariando alguns dos sabores amargos que vêm depois.

Meu treinador empurrou Jovie e eu através de um treino extenuante e satisfatório.

— Você estará em casa a tempo para jantar hoje à noite? — Perguntei a ela ao sair.

— Eu devo estar, — ela respondeu.

— Bem, ligue se não estiver e não se esqueça de comer uma refeição decente. Os humanos precisam de comida para sobreviver, — a lembrei. Ela era como eu, constantemente monitorando sua comida.

Ela revirou os olhos como a adolescente que era, mas raramente agia assim. — Okaaaay, Mãããe, — ela zombou com um sorriso. Ela suavizou tudo ao me dar um beijo de despedida nas duas bochechas.

Eu ainda estava sorrindo enquanto entrava no vestiário. Mudei para um maiô preto de duas peças e fui fazer minhas voltas na piscina. A academia ostentava uma piscina de bom tamanho, mas toda a sala foi alugada para meu uso pessoal neste horário da manhã. Ainda era uma das minhas vantagens favoritas de me tornar uma Castelo.

Chester esperou do lado de fora da única porta da sala para o resto da academia enquanto eu nadava. Havia outra porta para a sala cavernosa, mas era apenas para funcionários e trancada o tempo todo. Chester ainda checava duas vezes antes de me deixar nadar.

Um bom equilíbrio onde Chester poderia fazer seu trabalho, e eu podia desfrutar de uma das minhas atividades favoritas em paz absoluta.

Era a hora do dia em que eu limpava a cabeça, nadando sem pensar, deixando meu corpo e mente flutuar livremente. Não contei voltas. Na maioria das vezes, eu nem ajustava um cronômetro para mim. Simplesmente nadava até chegar ao meu limite.

Naquele dia, minha mente não ficou em branco e eu não me importei. Estava cheia demais de Banks, e de um jeito

bom. Nadei com um coração leve e reconhecidamente apaixonada.

Lembro-me do calor da sala, da deliciosa sensação da água fria deslizando sobre a minha pele. Lembro-me do cheiro irritante, mas familiar, de cloro.

E então tudo parou de repente.

Minha mão tocou a lateral da piscina, meu corpo se curvou, pés comprando uma boa aderência para o impulso de retorno. Eu me impulsionei para frente.

E parei com uma dor aguda. Que diabos?

No começo, pensei que meu cabelo comprido tivesse pego alguma coisa. E de certa forma tinha, mas não era algo. Foi alguém. O punho de alguém.

Fiquei quieta com a dor, confusa, mas não alarmada, ainda não. Fui puxada para fora da água. Por uma fração de segundo, vislumbrei um homem, mais sua figura do que seu rosto, mas antes que eu pudesse reagir, fui empurrada novamente, não para a água, mas contra a beira da piscina, a borda arredondada. Tive tempo de virar a cabeça para que a maior parte do meu rosto fosse preservada, mas isso não fez nada para proteger o lado da minha cabeça, que fez contato pesado e sólido com o concreto uma vez. *Batida.* Uma vez. Doeu muito. *Batida.* Duas vezes. Eu provei sangue. *Batida.* Novamente. Meu cérebro estava confuso. *Batida.* Novamente. Tentei lutar. Tudo o que eu consegui realizar foi uma

contorção fútil no meio da água. Meus pés não encontraram apoio. Eu estava muito desorientada para alcançar no chão. *Batida*. Novamente. Estendi a mão, arranhando o pulso que segurava meu cabelo. Lá. O calcanhar do meu pé fez contato com alguma coisa, e eu empurrei com todas as minhas forças. Ofeguei em um abençoado choque de ar. Tentei gritar, mas foi apenas um soluço piedoso antes de minha cabeça ser empurrada para baixo. *Batida*. O mundo ficou preto.



Trinta e Dois

Acordei em uma mistura de sensações desagradáveis.

O lento raspar dentro e fora do ar espremendo através de minha garganta crua. Minha mente estava cheia de uma riqueza de pesadelos desconectados que eu não conseguia lembrar, mas eu ainda podia sentir o gosto de cobre na base da minha garganta.

Todo o meu corpo doía, mas nada palpitava tanto quanto a minha cabeça. Era uma agonia pulsante, e eu queria instantaneamente ficar inconsciente novamente.

Fui assaltada com bipes, zumbidos nos ouvidos e o cheiro adstringente de uma clínica de saúde. Nunca havia sido hospitalizada antes, mas havia gastado mais do que minha parte justa neles, e soube instantaneamente onde estava. Eu odiava hospitais. Eles sempre me faziam pensar em minha mãe, morrendo enquanto eu estava a centenas de quilômetros de distância.

Foi uma luta forçar meus olhos abertos, e eu instantaneamente me encolhi, fechando-os novamente. Respirei mais algumas vezes e tentei novamente. Tudo que eu pude ver depois que o brilho inicial passou foi um par de olhos prateados atormentados.

— Noura, — meu marido respirou, apertando minha mão. Seu olhar estava olhando nos meus com o maior alívio. Como se ele estivesse preocupado de que não teria a chance novamente.

Apertei levemente para trás e deixei meus olhos fecharem novamente. Foi demais. A dor, a confusão, a onda de emoções poderosas que me perfuravam em uma desordem.

— Como você está se sentindo? — ele perguntou.

— Como se eu não devesse ter acordado, — respondi com sinceridade, as palavras saindo em um coaxar pela minha garganta torturada. Eu o ouvi respirar fundo.

Pequenos detalhes já estavam flutuando na frente do meu cérebro. A piscina. A luta. A certeza de que eu ia morrer. *Alguém tentou me matar.*

— Há quanto tempo estou fora? — As palavras me arranharam e eu imediatamente decidi que era minha última pergunta. Falar não valia a pena.

— Quatro dias. — Ele disse as palavras com um tipo desesperado de dor. Como se quatro dias fossem uma eternidade. Parecia que tinha sido do meu lado, também.

— Analgésicos, — eu murmurei.

— Claro, — ele respondeu instantaneamente. — Eu ligarei para a enfermeira.

Houve um farfalhar de barulhos. A enfermeira entrando, um murmúrio de conversa, o som de botões sendo pressionados. Todo o tempo senti Banks acariciando minha mão confortavelmente. Vagamente, pensei que era a única coisa que sentia que não era pura dor. As drogas devem ter agido rapidamente porque logo me senti fugindo novamente.

Meu relacionamento com a consciência mergulhou um pouco depois disso. Foi tocar e ir embora. Eu acordava, pedia para ser drogada e dormia de novo. Isso continuou por dias. Tanto quanto eu podia dizer, Banks nunca saiu do meu lado. Ele estava sempre lá pelos meus breves lapsos, de vigília. Eu tinha perdido a conta de quantas vezes quando acordei com o som da voz do meu sogro. Não abri meus olhos. Isso ainda dói.

— Você não parece surpreso, — ele estava dizendo a alguém com raiva, a voz encharcada de desprezo.

— É claro que não estou surpreso, — respondeu Banks, com a mesma raiva. — *Eu fui* o único que te disse.

Meu corpo inteiro ficou frio, quase entorpecendo a dor. *Quase*.

O que *isso* significa? Não gostei do som, mas rapidamente me distraí de explorar o pensamento.

Devo ter me mudado de alguma maneira, algo que traiu minha consciência, porque a próxima coisa que meu sogro disse foi: — Acho que sua esposa está acordada.

Abri os olhos, encontrando diretamente os de Pasco. Apesar de seu tom desdenhoso com o filho, sua expressão era suave com preocupação enquanto ele me estudava. — Como você está querida?

Eu sorri ironicamente. — Já estive melhor.

— Você se lembra do que aconteceu?

Eu lembrava, principalmente. Tudo voltou para mim em manchas embaçadas enquanto eu entrava e saía. — Alguém tentou me afogar, — eu disse suavemente. Minha garganta parecia melhor, pelo menos, embora ainda *parecesse* um inferno. Eu tive um pensamento horrível pela primeira vez. — Chester está bem? — Ele deve ter sido o único que me salvou, mas esse mesmo fato significava que ele provavelmente esteve em contato direto com quem tentou me afogar.

Banks soltou uma risada que estava longe de ser divertida.

A boca de Pasco se torceu em um sorriso pesaroso. — Ele ficou doente de preocupação por você, mas fora isso, não se machucou muito. Você sente vontade de ouvir alguns dos detalhes?

— Sim, — eu respondi instantaneamente. Eu não tinha certeza se estava, mas queria ouvir de qualquer maneira.

— Havia vários indivíduos envolvidos no ataque. Eles estavam bem coordenados. Dois deles atacaram Vincent, que estava esperando na frente do prédio. Isso afastou Chester de

seu posto e, durante o tempo que estava acontecendo, um homem veio atrás de você na piscina.

Ouvi com um tipo de choque entorpecido. Isso não poderia ser real. Que razão alguém poderia ter para tentar me matar, ainda mais uma equipe inteira de pessoas? Simplesmente não fazia sentido para mim.

Pasco continuava lançando olhares para Banks que eram completamente hostis. Foi tão estranho. Banks estava visivelmente chateado. E obviamente não havia nada que ele pudesse ter feito sobre isso, já que ele nem estava lá quando aconteceu.

— Vincent está bem? — Perguntei.

— Alguns inchaços e contusões. Ele é velho, mas eles o subestimaram. Ele ainda pode lutar, e se manteve bem até Chester entrar na briga, e então acabou o jogo. Chester nocauteou um deles com um golpe, e perseguiu o outro. A coisa toda levou cerca de dois minutos antes que ele voltasse para verificar você, mas foi tudo muito rápido.

— Aumentaremos sua segurança, — continuou Pasco, como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Chester e Vincent fizeram o melhor que podiam, mas claramente não foi suficiente. Todos os caras escaparam enquanto Chester e Vincent estavam cuidando de você.

— Por quê? — Eu perguntei. — Por que eles teriam tanto trabalho para me machucar?

Pasco e Banks trocaram um olhar. — Eles foram contratados, — respondeu Pasco.

— Por quem?

As narinas de Pasco alargaram-se. Eu olhei para Banks, que não estava olhando nos meus olhos.

— Estamos investigando, — disse Pasco, atordoado. Era irritante, mas aparentemente a única resposta que eu iria receber no momento.



Assim que ficou claro que fiquei acordada por mais de dois minutos, as visitas começaram. Uma Jovie soluçando quase me esmagou de afeto, enquanto Santi me disse alegremente que eu era a sexta pessoa mais pesquisada no Google na semana.

Os olhos machucados de Vincent lacrimejaram ao me ver, e um Chester áspero me deu um tapinha na mão e olhou para Banks do meu outro lado.

Pasco e Diana visitavam com frequência. Assim que expressei minha preocupação com a falta no trabalho, Diana me garantiu que tudo estava sendo tratado.

— Tenho entrevistado novos assistentes para você desde que Asha foi dispensada... inesperadamente, — acrescentou Diana. — Acho que encontrei um bom ajuste. Você a conhecerá assim que quiser.

Isso parecia promissor. Uma assistente certamente parecia mais agradável que uma manipuladora.

Peguei alguns pedaços que Pasco deixou por dizer nas notícias da minha cama de hospital enquanto as coisas se desenvolviam. Nenhuma prisão foi feita, mas todos os homens envolvidos foram identificados como profissionais. Pegá-los era improvável, pois eles sem dúvida deixaram o país ou foram para o submundo, mas eles realmente não importavam, não é? A verdadeira questão era: quem os contratou?



Trinta e Três

Minha mãe sempre dizia que coisas ruins acontecem em três, e até onde eu pude dizer, ela estava certa.

Os golpes continuaram chegando.

A notícia chegou no dia em que voltei do hospital para casa. Causou um impacto muito maior do que teria, eu acho, porque já estava recebendo muita atenção devido ao ataque.

Acabou que Asha guardou rancor. Também aconteceu que os NDAs não valem nada quando alguém quer derrubá-lo com eles o suficiente.

Estava em todo lugar. Sites de fofocas. Sites de notícias. Programas de entrevistas. Tópicos cruéis do Twitter.

Meu segredo foi revelado. E talvez tenha sido uma semana lenta em notícias, ou talvez tenha sido tão ultrajante, mas dominou as manchetes internacionalmente.

O Catálogo de Noivas havia sido divulgado ao público, e eu era sua garota propaganda.

Tudo o que Asha sabia saiu em uma entrevista longa e vingativa. E ela sabia bastante.

O casamento arranjado. O contrato pré-nupcial. As regras e requisitos do meu estilo de vida. Muitos detalhes

sórdidos da nossa noite de núpcias. Tudo isso agora era público.

Alguns outros nomes foram divulgados, noivas e compradores especulados, mas nenhum com tanta frequência ou em voz alta ou com quase tantos detalhes quanto o meu.

Por esses motivos e mais, me tornei o foco do escândalo na sua totalidade.

As pessoas colocam as coisas em padrões que podem entender. É natural. Eu tinha feito algo com o qual a maioria das pessoas não se identificava, então me colocaram nessa outra categoria que as pessoas criam para separá-*las* de *nós*.

Eu fui arrastada publicamente. Profundamente e frequentemente. A internet foi atrás de mim com um fervor quase religioso. Os editoriais foram escritos sobre mim, onde espumaram pela boca com seu próprio senso de justiça. Fui cancelada várias vezes no Twitter. Tudo com especulações sem fim e alguns fatos confirmados que os mantiveram por um bom tempo.

Pessoas que raramente concordavam com algo podiam concordar que eu era lixo.

Tanto julgamento de todas as direções ao mesmo tempo. Fiquei impressionada.

Os homens me odiavam pelo que eu havia aceitado na troca.

As mulheres me odiavam pelo que eu tinha desistido. Era irônico como as pessoas usariam o fato de que você fez suas próprias escolhas para usar até o feminismo contra você. Eu não era especialista, mas isso não foi um pouco errado?

Aprendi muito sobre a natureza humana durante esse ciclo de notícias. Com que rapidez a multidão pode se voltar contra você. Quanto *queria*. Como a admiração sem esforço poderia se transformar em antipatia, como *sempre* fora o caminho que estava destinado a seguir. Quão profunda e poderosa é a inveja e como *sempre* foi preparada para a evolução natural em um rancor.

Era tão pessoal, a aversão que a horda apontava para mim, como se as coisas que eu tinha feito tivessem sido feitas para roubá-las e não para me enriquecer.

Seria mentira dizer que não mudou a maneira como eu via minhas decisões. A maneira como eu me via. Essas foram lições difíceis.

Mas nem tudo que aprendi foi negativo. Também descobri que tinha reservas internas de força que nunca havia discernido antes. Eu poderia levar esses golpes. Eles eram duros, mas só poderiam me derrubar se eu deixasse, então me preparei e o encarei com a cabeça erguida, e não precisava fazer isso sozinha. Jovie, Chester, Vincent e até Santi me ofereceram todo o apoio moral que eu precisava.

Banks foi maravilhoso para mim no hospital enquanto eu estava me recuperando. Ele mal saiu do meu lado. Em casa, era diferente. Meu marido desaparecido começou a desaparecer novamente. Doeu mais do que eu jamais pensei que poderia. Pensei que talvez ele me culpasse pela lama sendo lançada em seu caminho, o que levou a ressentimento da minha parte, porque era pouco mais do que uma mancha em seus sapatos. Eu estava coberta disso.

Eu não estava bem o suficiente para voltar ao trabalho imediatamente, mas mais empregos estavam chegando do que nunca. O público pode me odiar, mas o mundo dos modelos adorava modelar o drama acima de tudo, e eu estava envolvida em mais do que minha parte justa.

Conheci minha nova assistente, Sara, alguns dias depois que voltei para casa. Ela era uma garota pequena, de cabelos castanhos, na casa dos vinte anos. Ela era agradável, mas sem bobagens e uma grande melhoria em relação a Asha. Ela rapidamente pegou minha agenda. Eu disse a ela para começar a me reservar novamente assim que os hematomas e o inchaço diminuírem o suficiente para serem cobertos por maquiagem.

Em menor número que as ofertas de emprego, havia ligações e pedidos de entrevistas. Todos queriam colher em primeira mão da boca da noiva por correspondência. Pasco me organizou com treinamento especializado em relações públicas antes de responder a uma pergunta. Parte de mim só queria dizer ao mundo: 'Sim, eu fiz tudo o que você ouviu e

não me arrependo de nada. É a minha vida e o meu negócio. Supere isso', mas Pasco me orientou diferente. Disseram-me para negar categoricamente tudo. Havia rumores de que Asha era apenas uma ex-funcionária amarga que procurava por dinheiro. As alegações eram tão ultrajantes que poderiam funcionar. Por que alguém pensaria que um jovem rico e lindo como Banks teria que pagar por uma noiva?

Eu não era a única sendo questionada e treinada. Pegamos um vídeo de Banks e um de seus irmãos sendo questionados pelo TMZ quando eles deixaram juntos um prédio da cidade.

Um microfone foi jogado no rosto de Banks quando uma voz entediada chamou: — Você pode comentar os rumores sobre sua esposa? Você realmente pagou cinco mil a mais para estourar sua cereja?

Banks parou, encarando. — Isso é um boato ridículo, — disse ele rigidamente.

Seu irmão chegou a ajudar. Eles formaram um par impressionante, de uma altura com a mesma cor escura e olhos claros, embora, para meu olhar apaixonado, Banks fosse mais bonito. — Porque homens jovens, ricos e bonitos geralmente têm que pagar por sexo, — observou seu irmão com ar irônico.

— Quem é *esse*? — Jovie perguntou. Ela estava no fundo do sofá à minha direita, olhos colados na tela.

— Irmão do Banks, Kingston. — Pensei por um momento e respondi: — Ele é o segundo mais velho.

— Eu o odeio, — disse ela com um sorriso triste. Ela não conseguia tirar os olhos dele. — Ele é apenas o meu tipo. Não posso resistir a homens bonitos e sarcásticos. Mantenha-me longe dele, Duquesa.

Pela primeira vez em dias, eu ri. — Sem problemas. Ele é velho demais para você.

Ela me enviou um sorriso malicioso. — Não serei menor de idade para sempre.

Revirei os olhos.

— Quantos irmãos ele tem? — Santi perguntou. — E algum deles é gay ou indeciso? Ou inferno, um pouco curioso. Também não posso resistir a homens bonitos e sarcásticos.

Eu ri de novo. Estava bem. — Ele tem cinco e eu não tenho ideia. Quer que eu pergunte?

— Sim, por favor, — disse, alegremente.

As próximas notícias que abalaram meu mundo foram talvez as mais previsíveis e, de longe, as mais dolorosas.

O ataque não me matou, e ser arrastada pela internet não quebrou meu espírito, mas o terceiro golpe quase o fez.

Novos rumores começaram que Banks havia voltado com sua ex. E eles vieram com provas.

Uma Fatima sorridente e despenteada foi fotografada em várias ocasiões saindo do prédio de Banks. E manchetes como: Fatima deixa seu marido por Banks Castelo; Dois casamentos em jogo enquanto Banks e Fatima se reconciliam; Castelo deixa sua esposa supermodelo por seu primeiro amor.

Empilhado nisso estava o fato de que eu não o via desde o hospital.

Tudo pintou uma imagem sombria para o futuro. Uma imagem que eu não queria ver porque toda vez que a vislumbrava, parecia punhais no meu coração.

Quando entrei nisso, não sentia nada. Havia coisas que eu queria que me deixavam disposta a suportar as condições de um casamento de conveniência.

Mas isso mudou. Agora eu sinto muitas coisas. Eu voltaria a me sentir insensível se pudesse. Especialmente com o passar do tempo, e ele ainda estava longe.

Quando finalmente o vi novamente, desejei que ele ficasse longe por mais tempo.

Trinta e Quatro

Ele não ligou ou fez uma visita por semanas quando de repente apareceu na minha porta. Ninguém mais estava em casa pela primeira vez. Foi um alívio. Precisávamos fazer isso em particular.

Ele parecia um inferno. Usava um terno como se tivesse vindo diretamente do trabalho, mas estava amassado, sem gravata, metade dos botões abertos. Seu cabelo era selvagem como se ele tivesse passado as mãos por ele. A princípio, pensei que ele estava bêbado, mas quando ele falou percebi que estava de ressaca.

Ou talvez, como eu, ele tivesse pendurado para fora.

Seus olhos estavam sobre mim, famintos, cautelosos e preocupados ao mesmo tempo. — Você parece muito melhor, — observou ele.

— Você não, — atirei de volta, braços cruzados sobre o peito. Eu queria fazer um milhão de perguntas e bater a porta na cara dele. Os dois instintos estavam em guerra loucamente dentro de mim.

Ele passou a mão pelos cabelos, parecendo absolutamente infeliz. — Vamos para o seu quarto. Nós precisamos conversar. — Não foi um pedido.

Quando chegamos ao meu quarto, ele se sentou na minha cama. Estava olhando para as mãos como se não pudesse encontrar meus olhos.

Isso seria ruim.

— Eu tenho que lhe dizer uma coisa, mas eu realmente não quero, — disse ao seu colo, após uma longa e frustrante pausa do inferno.

— Você voltou com Fatima, — eu disse friamente. Demorou muito para dizer as palavras com compostura. Elas foram arrancadas dos recantos mais sombrios da minha alma, mas pelo menos saíram soando práticas.

Ele levantou a cabeça, os olhos arregalados de choque. — O que? Não. *Foda-se,* não.

Alívio me inundou, mas não por muito tempo.

— É pior do que isso, — continuou ele.

Meu peito começou a doer novamente. — O que?

— Foi ela quem contratou aqueles homens para machucá-la.

— Para me matar, — corrigi, antes que o pensamento estivesse totalmente conectado. Eu não estava completamente surpresa. A ideia estava flutuando na beirada do meu cérebro em algum lugar desde que eu acordei na cama do hospital, especialmente com a maneira fria como Pasco vinha tratando seu filho desde então.

Ele se encolheu. — Sim. É altamente duvidoso que possamos obter provas suficientes para rastrear diretamente para ela em sentido jurídico, mas tenho certeza disso. — Ele respirou fundo. — Ela não está nem se dando ao trabalho de negar, de fato, está orgulhosa disso.

Levei muito tempo para responder e, quando o fiz, fiquei surpresa com o que saiu da minha boca. — Como você pôde amar alguém assim?

Seu rosto se torceu em angústia. — Eu não sabia que ela era capaz de-

— Mentiroso, — eu disse suavemente, a palavra cheia de veneno. — Você parecia assustado toda vez que ela e eu trocávamos palavras. — As palavras pareciam se juntar em minha mente enquanto eu as falava. — Você *sempre* suspeitou que ela tentaria me machucar.

Ele ainda não conseguia olhar para mim. — Eu estava preocupado que ela fizesse *algo* malicioso, algo para foder com sua cabeça, mas acredite em mim quando digo que *nunca* soube que ela era capaz *disso*. — Ele parecia estar engasgando com as palavras quando acrescentou: — Meu pai sempre esteve certo sobre ela.

Eu não tinha motivos para confiar nele ou em minhas reações onde ele estava preocupado, mas de alguma forma eu poderia provar sua sinceridade na dor gravado em cima dele e eu *queria* acreditar. Isso ajudou a aliviar pelo menos um pouco da minha dor. O suficiente para recuperar o fôlego

para dizer: — Acho que é por isso que ela está saindo da sua casa o tempo todo ultimamente. — Eu parei. — Para discutir o meu ataque?

Parecia que ele estava prestes a ficar doente. — Em parte. Ouça, ela não vai machucá-la novamente. Eu tenho *muita* sujeira dela, coisas que ela nunca iria querer que saíssem. E se há uma coisa que eu sei sobre ela, é que ela é obcecada o suficiente para ficar quieta quando sua vaidade está em jogo.

Bem, isso, juntamente com a minha dupla segurança, era pelo menos um pouco tranquilizador. O fato de que ela nunca enfrentaria verdadeira justiça? Menos.

— Há mais, — disse ele de repente com uma voz ferida.

Eu senti o golpe vindo como uma mudança no ar. Foi mais pesado com sua dor. Mesmo assim, eu ainda não estava preparada para o que ele disse a seguir.

— Ela está gravida.

— Ela está o *quê*? — Minha mente não conseguia lidar com o que acabara de sair de sua boca. Demorou um tempo para eu entender, para o meu cérebro absorvê-lo.

Eu o estudei, me sentindo um pouco dormente.

Como em qualquer ferida fresca e *profunda*, havia muito sangue para ver o corte.

Ele parecia tão miserável que eu quase quis confortá-lo. Quase. Esse instinto lutou com algo crescendo dentro de mim, algo mais forte do que o desejo de cuidar.

Era o desejo de machucar.

Não. Eu não *queria confortá-lo.*

Eu queria machucá-lo.

E nunca mais quis tocá-lo.

Eu dei três passos para trás.

Ele se levantou e deu um passo à frente, mas o olhar no meu rosto o parou lá. Ele respirou fundo. — Fatima está grávida, — ele disse as palavras como uma doença sendo expulsa dele.

— É seu? — Eu mal falei a pergunta.

Ele se encolheu e deu de ombros. — Ainda não sabemos. Há uma chance de que seja meu e de que seja do marido dela. De qualquer maneira, ele a deixou. Deus, eu não sei porque ela não estava tomando a porra da pílula. Ela *nunca* quis filhos. Isso não faz sentido.

Minhas mãos estavam formigando, mas meu corpo estava um pouco entorpecido. Minha mente estava seguindo o exemplo. Faz todo o sentido. Ela fez isso para *mantê*-lo.

Ele piscou rapidamente, como se quisesse chorar.

— Há quanto tempo? — Eu perguntei.

— Três meses.

Até aquele momento, eu não tinha percebido o quão tola eu era. Sempre soube que era muito improvável que ele fosse fiel aos nossos votos de casamento, mas naquele momento percebi que sempre tive algum tipo de desejo lamentável, ridículo e sem esperança de estar errada. Eu estava atirando para a lua com essa.

— Qual a *probabilidade de* ser seu? — Minha voz saiu surpreendentemente composta para esse pouco de desespero.

— Francamente, não muito. Eu *sempre* usei camisinha. Ela afirma que uma delas furou. Não me lembro, mas estava muito bêbado dessa vez, então não é *impossível*.

Tudo que eu pensava era o fato de que isso havia acontecido mais de uma vez, tinha acontecido tantas vezes que ele havia esquecido o tempo em questão.

Eu dei outro passo para trás.

Eu nunca queria olhar para ele novamente.

Queria nunca mais respirar o mesmo ar.

É engraçado como todas as suas prioridades podem mudar em um momento. Eu me perguntei, um tanto à toa, se elas estavam mudando por um tempo e eu simplesmente não estava disposta a reconhecê-las.

Afastei o pensamento. Nada disso importava.

Eu nunca concordei com isso. Isso não estava nos contratos.

Eu me vendi; meu corpo, meu rosto, meu tempo.

Mas eu nunca tinha concordado em vender meu coração. Tê-lo arrancado de mim. Tê-lo pisado no chão sob seus calcanhares.

Eu não me importava mais com o dinheiro. Simplesmente não dei uma *única* foda sobre isso.

Isso doeu muito. Nenhuma maldita coisa valia esse tipo de mágoa. Certamente não dinheiro.

Eu não apenas me arrependi. Eu tinha *todo o* arrependimento. Eu me arrependi de cada momento que desperdiçara com meu marido desprezível e *infiel*.

Eu me arrependi o suficiente de me afastar de todas as coisas que me haviam prometido.

— Você dormiu com ela o tempo todo em que ela foi casada? — Perguntei a ele.

Ele não precisava dizer as palavras, a culpa estava pintada em todo o rosto.

— Olha, eu não era um cara legal por um tempo lá, — disse ele, hesitante. — Mas eu posso ser melhor. Eu quero ser melhor. Eu ficarei melhor.

Tantos anos eles jogaram esse joguinho nojento um com o outro. O adultério deve tirá-los do sério. Como o desgosto se misturou à minha corrente sanguínea, ajudou a atenuar parte da dor. — Você tem continuado com ela o tempo todo, — eu disse a ele em uma voz vazia. — Nós não tivemos um momento juntos que não foi contaminado por ela, não é?

Ele balançou a cabeça, mas seus olhos estavam desesperados demais para confiar em algo prestes a sair da boca. — Isso não é verdade. Eu juro-

— Não jure para mim. Não jure *nada* para mim.

Seus olhos estavam arregalados e selvagens, e suas mãos continuavam chegando em minha direção. Toda vez que ele fazia isso, eu me encolhia, embora ele continuasse se controlando, não conseguia parar. — Olha, eu errei. Eu errei muito. Mas pensei que te odiava então. Foi apenas durante o primeiro mês após o casamento. Eu estava uma bagunça, e fiz todo tipo de merda logo depois, mais do que consigo me lembrar ou nomear, mas nunca menti...

Ele estava certo. Ele não mentiu para mim. Ele não precisava. Eu tinha feito todo esse trabalho por ele.

Assim que comecei a me apaixonar por ele, comecei a me iludir sem que ele tivesse que proferir uma palavra. Não foi nenhum consolo.

— Eu não me importo! — Fiquei mortificada por ter saído como um rosnado raivoso. Havia tanto veneno que o fez

ofegar. — Mentiras. Verdades. Nada do que você possa dizer ou ter dito faz alguma diferença. Você fodeu outra mulher depois que me fodeu. Você transou com *ela*. — Que. Golpe. Lá. *Ela*. Essa foi a parte que mais machucou. Não. Não é bem assim. *Ela* tendo *o* bebê *dele*. Eles estão amarrados para sempre. *Isso* doeu mais. — Nada mais importa. Nós *terminamos*. — Eu ri amargamente. — Nós nunca começamos. Isso *nunca* foi uma história de amor, mas seja o que for, eu quero *sair*.

Eu não tinha mais nada a dizer. Tentei sair do quarto sem outra palavra.

Ele tentou me parar. No segundo em que ele me agarrou, eu gritei como se houvesse um assassinato sangrento.

Ele recuou. — Não. Por favor. Não deixe ela fazer isso.

Meus olhos se estreitaram nele malevolentemente. Foi só quando minha visão se turvou através das pálpebras estreitas que percebi que as lágrimas escorriam dos meus olhos, pelas minhas bochechas sem ser ouvidas. — Ela não foi a pessoa que fez isso, — eu disse a ele calmamente, cada sílaba vibrando com o meu ódio. Com a minha dor. — Isso sempre foi um erro. — As palavras continham tanta dor não diluída quanto a verdade. — Tudo isso. Eu tenho muito mais a oferecer do que isso.

— Por favor, não faça isso, — disse ele. — Podemos apenas falar um pouco mais sobre isso?

Hesitei. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, eu hesitei. Quando percebi isso, fiquei com tanta raiva que não me incomodei em responder. Ele veria. — Saia.



Trinta e Cinco

A vida é cheia de dar, receber, pedir empréstimos e seguir em frente.

E equilíbrio. Pela primeira vez na minha vida, eu pretendia encontrar o meu.

Pedi o divórcio o mais rápido possível. Era feio e bagunçado. Foi tão angustiante quanto essencial para minha paz de espírito. Era mais fácil e mais difícil do que eu poderia ter esperado.

Havia também alguma cura nisso tudo. Que eu não tinha previsto.

Eu não esperava, mas precisava.

Sua família sempre foi gentil comigo, mas através do divórcio eles foram os mais gentis de todos.

— Entendemos porque você precisa fazer isso, — sua mãe me disse. Ela estava chorando. Isso partiu meu coração. — Nós não culpamos você. Mas, por favor, nunca hesite em nos pedir qualquer coisa. Viemos vê-la como nossa filha, com casamento ou não.

— Ainda nos consideramos sua família, — seu pai me disse rispidamente. — Nós sempre iremos. Nada vai mudar

isso. Sua equipe de segurança ficará com você. Você é muito importante para pensar em ficar sem, e depois de tudo o que aconteceu.... Eles são claramente uma precaução necessária.

Eu não tinha certeza se deveria ter protestado contra essa medida codependente, mas não o fiz. Eu precisava da minha equipe, literal e emocionalmente.

— E você pode dizer não, é sua escolha, é claro, — disse a mãe dele, — mas gostaríamos de manter nossa missa semanal de domingo e jantar em família com você. Jantaremos com Banks em um dia diferente para evitar qualquer desconforto para vocês dois.

— E não haverá briga por nenhuma das finanças, — seu pai me assegurou. — Nós vamos tratá-lo direito, eu prometo.

Eu não sabia o que aquilo significava, mas apenas assenti. Fui eu quem desistiu do acordo e, mesmo que fosse injusto, sabia que não tinha o direito de lutar contra eles por nada. Obter orientação semanal de negócios de um dos homens mais ricos do mundo seria mais do que suficiente para me manter à tona.

— E além de qualquer outro problema, você está mantendo o apartamento. — A voz firme de Pasco não foi discutida. — Essa parte é inegociável. Você ainda é uma Castelo.

Bem, inferno. Senti lágrimas enchendo meus olhos.

O divórcio deveria doer muito, mas eu estava preparada para a dor, a rápida picada de um curativo arrancado.

Foram os golpes extras que eu não esperava. As feridas lentamente apodrecidas. Os que não tinham permissão para curar ordenadamente.

Eu não esperava a feiura adicional de se divorciar de alguém que nunca realmente quis se casar comigo, mas também não estava disposta a me deixar ir com calma.

A princípio, Banks se recusou a assinar qualquer coisa, sustentando que ele não estava concordando com o divórcio.

Eventualmente, tudo se resumiu a algumas condições estranhas e arbitrárias da parte dele. Elas eram tão inesperados e francamente cruéis que, a princípio, eu as rejeitei.

Finalmente, apenas querendo terminar, eu concordei com duas delas apenas para fazê-lo assinar.

Uma era uma reunião de uma hora com ele a cada semana, uma espécie de check-in público. O local e a hora estavam completamente a meu critério. Ele não se importava se nos encontrávamos para tomar um café, uma refeição ou uma bebida. Ele só queria uma hora de cada uma das minhas semanas durante um ano inteiro após o divórcio.

Era uma coisa pequena, pequena o suficiente para parecer quase razoável e grande o suficiente para me devastar.

Era tão injusto quanto inesperado e algo em que ele *não se* mexia, o idiota mimado. Somente um homem rico apresentaria uma condição tão ultrajante.

A segunda foi que eu estaria lá quando ele assinasse os papéis do divórcio. Ele queria divulgá-lo novamente cara a cara. Foi cruel, mas eu estava determinada a sobreviver com graça.

Nós nos encontramos na casa dele. Sozinhos com nossa papelada. Eu não o via há meses a esse ponto. Eu simplesmente me recusei a ficar no mesmo quarto que ele, porque sabia como isso iria acontecer.

Foi ruim.

Aquela coisa entre nós, a que se mostrara em vislumbres mínimos de toque, prazer, sensação viciante, levantou sua cabeça feia, e era pior do que as repetições intermináveis da minha memória afiada.

E eu queria isso. Queria tempo para retroceder e parar ali mesmo, com ele pesando sobre mim, suas respirações irregulares soprando contra o meu rosto, sua carne deslizando na minha. Sua voz rouca chamando meu nome.

E eu queria que fosse embora. Todas as horas que levaram a esse desejo.

Eu queria que fosse apagada para sempre da minha memória como se nunca tivesse acontecido. Desejando que ele e eu nunca tivéssemos compartilhado o mesmo ar.

Ele estava vestido imaculadamente, sem um cabelo fora do lugar. Eu estava enfeitada até os nove[23].

Nós dois no nosso melhor comportamento. Oh doce vaidade.

— Obrigada por tudo, -— eu comecei, olhando sem hesitar em seu rosto insuportavelmente bonito. Eu estava ensaiando as palavras.

— Não me agradeça, — ele interrompeu com uma voz terrível. Agarrou meus ombros com as duas mãos grandes. Seu aperto era duro. Os olhos dele estavam desesperados.

— Porra, não me agradeça. — Ele estava tremendo enquanto dizia isso, tremendo tanto que ele me balançou junto.

Dei de ombros para ele, dando um passo para trás. — Obrigada pelas oportunidades, — continuei com determinação. — E pelas *lições*. — Saiu pesado e grosso, como algo profano sendo arrastado para fora de mim.

— Pare com isso, — disse ele.

— Felizmente. Agora assine os papéis e eu ficarei fora da sua vida para sempre.

— Não faça isso, — ele implorou. — E não diga isso. Qualquer palavra. Leve-as de volta. E não me agradeça. —

[23] Expressão que significa: arrumada à perfeição, no mais alto grau ou vestida com classe.

Ele estava implorando no final, sua voz pouco mais que um sussurro. — Não me deixe.

Olhei para ele. — É sobre o dinheiro? É isso? Pasco vai puxar o tapete da sua empresa quando nos divorciamos? — Era mesquinho, mas eu queria saber.

Ele olhou. — Meu pai já retirou seu capital inicial. Ele fez isso assim que você pediu o divórcio. Isso não importa. Eu já encontrei outros apoiadores. *Foda-se* o dinheiro do meu pai. Isso não tem nada a ver. Isto é sobre *nós*. Eu não quero um divórcio.

Foi alguma coisa. Não conseguia nem mentir para mim mesma sobre isso, mas ainda estava resoluta. Em questão de meses, ele partiu meu coração em muitos lugares para eu arriscar novamente. Imagine o dano se eu ficasse mais tempo. — Isso é tudo para o melhor. — Eu tinha certeza disso naquele momento. Eu me virei para sair.

— E se não for? — ele perguntou, na minha retirada. — E se for para o pior? Você vai voltar?

Girei para trás, surpreendendo-o. — *Por que eu faria?* Dê-me *uma* boa razão.

Meus lábios não conseguiram moldar as palavras, e seu coração não as possuía.

— *Eu te amo.*

Isso pode ter tido algum peso, mas ele nunca mentiu para mim. Por que começar agora?

Seu silêncio era apenas a equipe de demolição que eu precisava para limpar o resto do meu coração.

Virei para sair. Minha mão estava na maçaneta da porta quando ele falou novamente.

— Eu nunca menti para você. — Ele parecia arrancar as palavras do meu cérebro, jogando-as para mim como se elas significassem alguma coisa. Como se elas devessem importar.

— E daí? — Eu cuspi de volta. — Você acha que a traição direta é menos prejudicial do que mentiras? Por que diabos importa que você não mentiu? Mentir teria sido uma piedade.

— Isso importa porque significa que quando eu fizer promessas para você, eu as cumprirei.

— Não pedirei promessas suas, Calder. Você está fora do gancho. É exatamente o que você queria desde o início.

— Não é o que eu quero agora.

Eu não podia suportar o jeito que seu rosto angustiado me fez querer acreditar em suas palavras tentadoras. Isso fez com que eu me sentisse cruel. — Como está Fatima, a propósito? Você é o pai?

Ele se encolheu, dando um passo para trás. — Ainda não sei. Ela está arrastando o máximo possível. Eu gostaria que ela tivesse me tirado da minha miséria.

Engoli em seco. — Você está fazendo a mesma coisa com este divórcio, sabe. Agora me tire da minha miséria.



Trinta e Seis

Banks não me tirara completamente da minha miséria, não como eu esperava, mas ele assinou os papéis.

Nossos encontros semanais com café eram mais do que estranhos.

Além de estranho como em civilizado. Quase amigável, mas *cobrado*.

Nosso primeiro ocorreu em uma cafeteria lotada no centro de Manhattan. Eu a escolhi pessoalmente por sua falta de intimidade. Provavelmente, nem conseguiríamos uma mesa para nós mesmos.

Mas ou eu tive azar ou Banks teve sorte, porque ele estava lá esperando por mim, com uma mesa relativamente privada no canto para nós. Chester apontou para ele logo depois que entramos, mas meus olhos já o encontraram como se eles não pudessem se conter.

Ele ficou de pé quando me viu. Estava dolorosamente sério de terno e gravata, cabelos escuros e rebeldes penteados para trás com uma vingança.

Ele engoliu um nó grande na garganta que eu assisti o progresso do outro lado da sala lotada.

Ele estava torcendo as mãos. Parecia nervoso e ansioso.

Parecia como desgosto, dor e múltiplos orgasmos.

Eu não queria nada mais do que dizer foda-se, pegar seu braço e ir para o colchão mais próximo. Queria que ele fizesse absolutamente tudo o que quisesse comigo. Meu corpo. Meu coração.

Eu era uma criatura patética. Todos os nossos contratos foram anulados, mas isso não importava. Era como se ele ainda fosse meu dono.

Sacudi o desejo com uma vontade de ferro. Nada havia mudado. Não importa o quanto seus olhos derreteram com sinceridade, ele ainda era o homem com a amante grávida do lado, o homem que quebrou meu coração com o mínimo esforço em poucos meses.

Foi inteligente sair enquanto ainda restava alguma coisa, disse a mim mesma com firmeza e pela *milionésima* vez.

Meus pés estavam automaticamente me movendo em sua direção durante todo esse processo de pensamento masoquista e, antes que eu percebesse, eu estava ao alcance dos seus braços. Ele me agarrou pelos ombros, me puxando para perto o suficiente para beijar. Pensei que ele fosse fazer isso, o bastardo corajoso e lindo, mas ele apenas me deu dois beijos firmes no rosto antes de se afastar para me encarar solenemente.

Respirei fundo quando ele me teve perto, sentindo seu cheiro. *Deus, isso seria* difícil.

Eu estava cinco minutos atrasada, então, quando nos sentamos um em frente ao outro, perguntei: — Há quanto tempo você está me esperando?

Seus olhos estavam firmes nos meus, brilhando com alguma coisa agridoce que eu era incapaz ou talvez não quis nomear. — Mil anos.

— Não, — eu o avisei, a voz firme, o coração menos. — Não tente me encantar. Só estou aqui porque você não me deu outra opção.

Ele levantou as mãos como se estivesse se rendendo, o rosto sem sorrir. — Considere que todo o charme se foi para sempre. Como você está? Eu sinto sua falta.

E assim foi. Ajustei um cronômetro e saí em uma hora em ponto.

Uma semana depois, nos encontramos em um restaurante. Decidi que o café era um erro. Pelo menos, se nós comêssemos, eu teria algo a fazer com minhas mãos, além de apertá-las com força debaixo da mesa, reprimindo o desejo de alcançá-lo.

Mais uma vez, eu escolhi o lugar. Uma lanchonete barulhenta com uma linha ao redor do quarteirão. Um erro novamente. Ficar ao lado dele, mesmo que estivesse entre uma multidão, era pior do que ficar sentada à sua frente.

Nossos braços continuavam se encostando. Ele pegou minha mão uma vez. Eu a puxei, corando.

Ele estava corando também. — Desculpe, — disse ele, sua voz absolutamente sem desculpas. — Hábito.

— Não estávamos juntos tempo suficiente para desenvolver *hábitos,* — lembrei-o.

— Fale por si mesma, — ele retornou com uma voz que *doía.*

Eu esperava que não tivéssemos nossa comida até que nossa hora terminasse, mas mais uma vez toda a sorte estava do lado dele. Comemos sanduíches em menos de quinze minutos. Andamos alguns quarteirões até o Bryant Park e encontramos uma mesa. Mesmo com Chester nos seguindo, era absolutamente romântico.

Banks assentiu com a minha comida enquanto eu a desembrulhei. De alguma forma, ele me convenceu de uma salada sem molho para um sanduíche de peru. — Pelo menos, posso garantir que você recebeu uma refeição sólida esta semana.

Revirei os olhos e comi cada mordida.

Logo antes de nos separarmos, ele me abraçou. Os homens modernos nunca fazem coisas assim. Era algo que você veria em um filme antigo. — Eu quero você, — ele respirou em meu ouvido. — Venha para casa comigo.

Que bastardo, eu disse a mim mesma. Mesmo assim, eu me deixei sentir tudo por cinco batidas agonizantes antes de me afastar.

A internet previsivelmente teve um dia de campo conosco. O divórcio, a amante grávida, as revelações públicas, os rumores sempre persistentes do Catálogo de Noivas, tudo era perfeitamente bagunçado demais para não se fofocar. Até eu entendi o porquê. Demos boas notícias. Nossas bagunças eram a forragem mais suculenta para as massas.

Ainda estávamos aparecendo regularmente, e se alguém conseguisse tirar uma foto nossa juntos após o divórcio, sem dúvida recebia um bom dinheiro por isso, e seria inquestionavelmente viral. Nós nos tornamos um segmento regular no TMZ.

Aquela foto nossa doía mais que as outras. Ele me aproximando. A saudade dura em seu rosto. A angústia no meu. Voltei a ela de novo e de novo. Eu devo ter passado horas a estudando.

Parecíamos tão bem juntos. Era difícil olhar para a imagem e lembrar porque éramos tão errados juntos.

— Não é meu, — explodiu dele no segundo em que nos sentamos em nossa quinta reunião semanal obrigatória de uma hora. Ele estava sorrindo para mim.

— O que?

— Fatima finalmente fez um teste de paternidade. O bebê não é meu. — Sua expressão estava pedindo uma reação que eu não queria dar.

Eu estava aliviada? Sim. Deus, sim. Consertou mesmo uma única coisa quebrada dentro de mim? Dificilmente.

— O que você teria feito se fosse seu? — Perguntei a ele, querendo atacar o alívio que senti dentro de mim. — Vocês ficariam juntos pelo bebê?

Isso obteve a reação que eu queria. Seus olhos se arregalaram de horror. — *Ficariam* juntos? — Ele parecia ofendido. Parecia chateado. — Nós *não* estamos juntos. Isso nunca esteve em cima da mesa. E eu não sei. Eu realmente nunca acreditei que havia uma chance de que fosse meu. Suponho que teria sido o pai tanto quanto ela me deixaria, mas eu e *ela* voltando a ficar juntos, sei que era isso que ela estava buscando, mas não estava nem no campo das possibilidades.

Eu o estudei, me perguntando se eu acreditava nisso. Seu apego tóxico um ao outro havia sobrevivido a muitos obstáculos. — Então, o marido dela é o pai?

— Não tenho ideia. Francamente, não é da minha conta e estou feliz com isso. Ela e eu terminamos para sempre, Noura. Quero dizer. Ela tentando te machucar... Colocou o prego no caixão de toda boa lembrança que já tive dela. Fatima era um hábito para mim. Uma aflição. Você é uma cura.

— Eu não quero ser sua cura. Não coloque isso em mim.

— Eu não quis dizer isso. É apenas... Eu não tenho vivido direito por um tempo agora. Muito ressentimento pelas razões erradas. Se alguns relacionamentos trazem o pior das pessoas, o oposto deve ser verdadeiro. E *você é* o oposto. Não vou desistir de nós, Noura.



— Deus, eu sinto sua falta, — ele me disse no nosso oitavo encontro semanal. Foi um tiro fácil direto para o meu interior. Nem as próprias palavras, mas a maneira como ele as disse. Como se ele não pudesse mantê-las. Como se elas tivessem se tornado a soma total dele.

Eu imaginei que ele apenas sentia falta do sexo. Ele foi meu primeiro e único até agora, mas até eu sabia que tínhamos algo raro entre nós lá. Se o sexo fosse sempre assim, haveria menos brigas no mundo e mais casos de

pessoas se fodendo até a morte. — Vai passar, — eu assegurei a ele.

— Quero ver você com mais frequência. Isso não é suficiente. — Ele disse isso com tanta segurança, com um ar tão habilidoso, que me vi arrepiada de indignação.

— Isso não é para você decidir. Você não valoriza o que não ganha. E seu pai pode ter pago por mim, mas você nunca teve que me ganhar.

— Então me dê uma chance de ganhar você.

— Como você propõe fazer isso? — Eu não podia acreditar que tinha dito as palavras. Eu não ia me divertir nessa loucura.

— Deixe-me mostrar que posso tratá-la melhor. Que eu posso ser melhor. Eu estou celibatário, você sabe. Vou esperar por você o tempo que for necessário.

Minha respiração estremeceu dentro e fora. Ele era demais. Que idiota eu fui ao pensar que ele lutaria justo. — Eu não posso pedir para você fazer isso, — mordi.

— Você não perguntou. Você não deveria ter que perguntar. Eu não fiz promessas antes, e mesmo que você não as ouça, eu as faço agora. Você é a única que eu quero. Não vou me contentar com menos.

Naquela hora, saí antes do nosso horário acabar.

Na próxima vez, ele apareceu com uma braçada de peônias cor de rosa, minha favorita, sorrindo como se eu não o tivesse amaldiçoado e fugido do nosso último encontro.

Ele estava me cortejando, o bastardo subversivo.

E assim foi. Eu tive que perder alguns encontros porque estava viajando a trabalho.

Uma vez ele apareceu em Hong Kong apenas para ter certeza de que não perderia o nosso horário.

Eu tentei me convencer de que não era romântico da parte dele.

Certa vez, tivemos uma grande discussão em público quando ele descobriu meu editorial nu na Vogue Itália.

— Primeiro de tudo, não é da sua conta, — eu disse a ele depois que o deixei reclamar por um tempo. Ele estava sendo alto e sem restrições o suficiente para que eu soubesse que íamos dominar o ciclo de notícias por pelo menos vinte e quatro horas. — Segundo, tudo está coberto.

— Você sempre diz isso, não sei ao certo o que isso significa.

Eu ri.

Ele olhou. — Vamos negociar. O que posso lhe dar para impedi-la de mostrar tanta pele?

— Quando você conseguirá atravessar seu crânio de menino rico e mimado? Eu terminei de fazer acordos. Este não é mais o seu jogo. Eu controlo *todas* as fotos da minha vida agora.

Naquela semana, foi ele quem xingou e disparou antes que nossa hora terminasse.



Trinta e Sete

Na semana dezesseis após o divórcio, recebi um telefonema estranho de um número estranho com um homem estranho do outro lado.

O marido de Fátima, Antoine Beauchamp, queria me conhecer. Eu disse que sim, principalmente por curiosidade, mas estaria mentindo se dissesse que não havia muita coisa a considerar em algum momento da decisão.

Nós nos encontramos para jantar em um restaurante chique da cidade. Para todos os efeitos, era um encontro. Certamente parecia um. Os flashes das câmeras marcaram meu relógio desde o momento em que Chester me conduziu para fora do carro até que eu entrei no estabelecimento. Alguém os avisara. Obviamente Antoine. Eu não era a única aqui operando por despeito. Ambos os nossos ex provavelmente saberiam sobre nossos planos de jantar antes mesmo de tocarmos em um menu.

Ouvi um trecho em algum lugar que Antoine era um nobre francês, um conde ou algo assim, e no momento em que o vi, pude imaginá-lo. Ele era alto, esbelto e elegante até a ponta dos dedos dos pés. Seu cabelo escuro estava penteado para trás de forma atraente, destacando seus

grandes olhos negros. Ele era muito bonito e cheirava a dinheiro antigo.

Alguém poderia pensar que Fatima estava louca, a menos que tivesse visto exatamente com o que esse homem estava competindo.

Ele me cumprimentou com um beijo nas duas bochechas. Os flashes da câmera me disseram que nossos paparazzi não estavam limitados à calçada do lado de fora. Eu nem comentei. Ele havia exagerado um pouco, mas eu podia apreciar mais do que ninguém o extremo grau de vingança de Antoine.

Sentamos um em frente ao outro e ele me lançou um sorriso atraente e torto. — Noura. Prazer em finalmente conhecê-la. Você é ainda mais bonita pessoalmente. Eu deveria ter chamado antes. Como tenho certeza de que você notou, temos algumas coisas interessantes em comum.

Eu ri. — Ouvi dizer que você era um conde. Não ouvi dizer que também era diplomata.

Seus olhos sorriram calorosamente para mim. — Nossos ex são idiotas, não são? — ele meditou.

Gostei dele instantaneamente. — Eles são.

— Eu tenho uma lista de todas as vezes que pude perceber que eles estavam juntos enquanto ela estava casada comigo, — disse ele, como se estivesse apenas começando a entender tudo. — É bastante impressionante. Tudo está

datado, então você pode ter uma ideia de quantas vezes ele esteve com ela quando se casou com você. Você gostaria de vê-lo?

Fiquei angustiosamente tentada, mas o refreei, com esforço. — Eu não acho que preciso ver isso neste momento. Só estou tentando seguir em frente.

Ele estava no telefone enquanto eu falava, seus dedos se movendo como um flash. — Bem, eu enviei para você, caso você seja como eu e às vezes precise de lembretes para se segurar.

Ele olhou para mim, guardando o telefone de volta no bolso. — No começo eu queria matá-lo. Uma parte de mim ainda quer. Mas eram os dois. E, francamente, foi ela quem fez os votos para mim. É ela quem merece o peso do meu desprezo por essa traição.

Algo amargo deve ter passado pela minha expressão, porque em seguida ele comentou: — Você provavelmente a odeia. Eu não culpo você. Mas lembre-se de que foi ele quem te traiu. Não cometa o erro de vilipendiá-la e dar-lhe um passe.

— Oh, confie em mim, não vou.

— Mas você ainda está vendo ele.

Não questionei porquê ele achava que era problema dele. Eu realmente não me importava. Apenas respondi: — Sim, mas não porque eu vou voltar para ele.

— Eu pensei que talvez você tenha sido influenciada pela notícia de que não era o bebê dele.

— Não importa. Terminei. E você? O que você fará se for seu?

— Você não ouviu? Ela se livrou disso assim que descobriu que Banks não era o pai, — disse ele com amargura inconfundível. — Para ser sincero, não tenho certeza se ela não fingiu a coisa toda. Mas isso não importa. Nada poderia ter nos mantido juntos. Vocês dois ainda eram recém-casados, e eu não posso dizer como era seu casamento, mas ela está mentindo para mim há *anos*, anos em que confiava cegamente nela. Tudo o que eu pensei que tínhamos sido foi envenenado por suas traições. Tudo sobre nós era uma mentira. Terminei.

Eu realmente não sabia o que dizer para ele. Éramos estranhos virtuais com uma coisa dolorosa em comum. Gostava dele, mas não queria compartilhar mais dos meus sentimentos com ele.

— De qualquer forma, — ele continuou, acenando com a mão no ar. — Eu tenho influência sobre Fatima. Banks também. Entre nós dois, podemos garantir que ela não tentará machucá-la novamente. Usaremos o orgulho dela para controlá-la. Eu só queria que você soubesse.

— Obrigada, — eu disse simplesmente. Para alguém que não me devia nada, com certeza tinha muito a oferecer. Foi surpreendente e estranhamente cativante.

— Mais uma coisa sobre esse arquivo que acabei de lhe enviar. Eu sei, eu sei— ele disse apressadamente quando eu comecei a balançar a cabeça. — Você não quer olhar para ele, mas só para você saber, eles ainda estavam saindo por quase um mês, mesmo *depois do* seu casamento.

Suas palavras tiveram o efeito oposto que ele pretendia. Eu já sabia disso. Banks admitiu isso e, embora ele dissesse que nunca mentiu para mim, uma parte de mim se perguntou se aquilo teria durado mais do que isso. Naquele primeiro mês, tivemos apenas uma noite estranha e obrigatória entre nós.... Naquele primeiro mês, éramos estranhos.... Foi quase perdoável.

Quase.

Tudo isso acabou antes mesmo de pedirmos. A refeição passou agradavelmente. Limpar o ar entre nós tão rapidamente pareceu definir o clima, que era confortável e fácil.

Foi só quando estávamos nos despedindo que nos deparamos com um problema.

— Eu gostaria de vê-la novamente, — disse ele atentamente depois que beijou minhas duas bochechas. Seus olhos estavam queimando nos meus, nossos rostos presos juntos.

Eu pisquei para ele. — Por quê? — Perguntei.

Ele riu, se afastando e quebrando o momento embaraçoso. — Você pode duvidar que eu esteja atraído por você? Você é linda, doce e tem o benefício adicional de vingança sem esforço. Mais do que fácil, *agradável*. Eu seria um tolo por não perguntar pelo menos.

— Eu gostaria de vê-lo novamente, mas não estou no mercado agora, — eu disse a ele com sinceridade. — Eu poderia, no entanto, ter um amigo.

Ele não se deixou levar. — Acho que temos um acordo, minha querida.



— Você foi a um encontro, — a voz de Banks foi uma tentativa miserável de brandura que aterrissou em uma flecha em forma de alvo direto na acusação.

Estávamos sentados para um chá no nosso encontro semanal. Ele disse isso imediatamente, antes mesmo de passarmos pelas brincadeiras habituais.

— Não é da sua conta, — eu disse calmamente. — Mesmo que fosse, você não tem espaço para conversar. Você estava *namorando* quando era casado comigo.

É claro que ele sabia que eu estava absolutamente certa e ele estava completamente errado, mas ele não conseguia se fazer reagir adequadamente.

— Aqueles não eram encontros, e você e eu éramos estranhos, — ressaltou irritantemente. — Eu não sabia que era um casamento de verdade, que *queria* que fosse um casamento de verdade até que eu estraguei tudo demais para consertá-lo. Você sabe que me arrependo.

Eu não disse nada a isso. O que seu arrependimento importava? Isso era real? Questionável. Significou alguma coisa, mesmo que fosse? Também questionável.

Deixei o silêncio se estender. Foi mais fácil para mim do que o habitual. Meu encontro falso de alguma forma me deu uma vantagem, embora me fez perceber que eu estava gostando demais dessa vantagem, o que era um problema em si. Qualquer prazer que obtivesse do nosso relacionamento era contraproducente contra o meu objetivo, que deveria ser seguir em frente.

— Por favor, — ele disse de repente. Ele estava tão selvagem quanto eu estava calma. — Por favor, apenas me diga. Não tenho o direito, mas *preciso* saber. Você transou com ele?

Isso surpreendeu uma risada fora de mim. — Eu não tenho que responder a isso. — Eu parei. — É um insulto.

Estranhamente, isso pareceu acalmá-lo. — Então você não fez.

Eu olhei. — Claro que não. Eu não sou *você*.

— Entendi, ok? O pensamento de outro homem colocar um mindinho em você, me deixa doente. Eu não desejaria esse sentimento para ninguém. Não posso retomar o que fiz, mas gostaria de poder. Por que você saiu com ele?

— Ele convidou.

— Só para mexer comigo, então.

— Talvez tenha sido um bônus a mais.

— Sobre o que vocês dois conversaram?

— Não é da sua conta. Deixe isso, ok?

Ele calou depois disso. Entrou no modo pirralho de mau humor até a hora de partir. E então ficou um pouco louco de novo. — Você o verá novamente?

Dei de ombros. — É possível.

Ele engoliu em seco, os olhos arregalados e ferozes. — Não foda ele.

Olhei-o. — Você não tem direito-

— *Eu tenho todo o direito,* — disse ele, a voz baixa e falando com sinceridade. — Eu posso ser paciente. Vou esperar por você o tempo que for necessário. Eu *mereço*

esperar. Mas não se engane: assinar alguns papéis não significa que ainda não sou seu e você ainda não é *minha*.



Banks

Os encontros semanais eram sempre uma doce tortura.

Eu os chamo de encontros, ela os chama de reuniões.

Eu memorizei todos eles. Uma hora, uma vez por semana. *Memorizados*.

Esculpidos em letras sangrentas no meu coração.

Primeiro, para olhá-la, vê-la, meus olhos tomando-a, *em pessoa* -sem lentes de fotos entre nós. Isso fez meus dentes apertarem tanto que doíam.

Tantas regras - não toque, não beije, não a arraste para algum lugar privado. Não espere e nem se recuse a deixá-la ir depois que minha hora acabar.

Tanto desejo. Tanta privação.

Eu peguei tudo. Mereci tudo.

Sua beleza é de classe e renome mundial, mas a coisa mais devastadora sobre ela é seu sorriso, e doeu mais do que um pouco que ela o usasse com mais frequência agora do que quando esteve comigo.

Eu me odiava por declarar meu caso para ela novamente. Não tinha o direito de foder, mas vê-la com outra pessoa me deixou desesperado demais para tentar reter um pingo de meu orgulho, e muito menos respeitar algo tão intangível quanto a porra da *justiça* .

Não, eu não tinha o direito, mas eu estava indo para lá de qualquer maneira.

Eu me controlei. Tipo. Mal. Temporariamente.

Quando chegou a hora de me despedir, perdi completamente a cabeça. Agarrei-a, puxando-a para mim até nossos rostos estarem próximos.

Oh Deus, cheirá-la, *senti*-la.

— Eu *preciso de* você, — murmurei em seu ouvido.

Ela desviou o olhar, uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto. — Você é tão cruel, Banks. Por que você está fazendo isso?

Eu beijei sua bochecha, lambendo a lágrima. — Eu não estive com mais ninguém, — sussurrei. — Nem olhei para outra mulher. Eu ainda estou esperando por você. Vou esperar para sempre. Eu não desisti e não *vou*.

Nós dois estávamos ofegantes.

Chester ficou entre nós.

Peguei a camisa dele. Eu queria bater nele, mas estava tentando não fazer nada. — Que porra você pensa que está fazendo? — Rosnei.

Ele me deu um olhar difícil de decifrar, mas pude ver que seus olhos eram mais simpáticos do que qualquer outra coisa.

Isso me deixou sóbrio.

— Eu estou fazendo o meu trabalho, e seu golpe lá vai acabar como uma manchete. Que tal desistirmos agora antes que você a envergonhe ainda mais?

Olhei para Noura. — Vamos a algum lugar para conversar. Em algum lugar, em qualquer lugar com *privacidade*. Por favor, Noura.

Ela não estava olhando para mim, parecia completamente retraída, então fiquei chocado quando ela respondeu com: — Só para falar?

— O que você quiser, — disse a ela, porque não conseguia entender o que sua pergunta significava.

Chester virou a cabeça para olhar para ela. — Duquesa? — A palavra estava cheia de descrença.

Ela também não olhou para ele, e sua voz estava fina como papel quando ela nos disse: — Vamos pegar meu carro.

Fomos ao apartamento dela. Ela não falou comigo no caminho. Ficou colada ao seu lado do carro, o rosto virado para o outro lado.

Abri a boca para falar várias vezes, mas fiquei em silêncio. Isso foi o máximo que eu obtive dela desde o divórcio, e eu estava tentando não estragar tudo. Além disso, eu preferia não ter uma audiência, mesmo se fossemos só conversar.

Eu estava completamente errado. Ela não estava interessada em conversar.

Nós não chegamos à cama dela; nós não conseguimos ir além da entrada dela. No momento em que a porta se fechou, ela me agarrou, suas mãos enterradas nos meus cabelos, lábios esmagados nos meus.

Eu a pressionei contra a porta, levando-a em todos os lugares. Não podia tocá-la o suficiente, não podia prová-la o suficiente. Eu fui privado de sexo em geral, pior, fui privado *dela*. A dor estava tão completa e familiar agora que tinha seu próprio pulso e seu próprio lugar na minha alma. Mordi seu lábio inferior. Ela chupou minha língua.

Empurrei sua saia para fora do caminho, rasguei sua calcinha e a levantei. Ela colocou as pernas em volta de mim. Eu não me despi, apenas a segurei com um braço e puxei

meu pau. Agarrei sua bunda com as duas mãos e empurrei forte e profundamente com um impulso desesperado e angustiante.

Quando eu estava sentado com as bolas no fundo, parei, mas apenas tempo suficiente para puxá-la pelos ombros, descobrindo os seios. Eu gemi com a visão. Queria enterrar meu rosto lá enquanto a fodia, mas era impossível. Eu estava muito longe, precisava transar com ela com muita força. Eu a levei, uma foda em pé, torturada pelo inferno, alimentada por desejo não correspondido e abstinência sem precedentes.

Eu costumava afastá-la, para evitar a intimidade do contato visual quando a levava. Era o contrário agora. Eu a fiz olhar para mim. Toda vez que ela tentava desviar o olhar, eu forcei rosto para trás, saltando-a no meu pau com precisão implacável, enquanto nossos olhares bebiam as almas um do outro com adulação desesperada. — Sinto sua falta, — ofeguei.

Ela se encolheu, arrastando minha boca para a dela.

Então isso não foi perdão. Eu aceitaria mesmo assim. Bebi cada gota de atenção que ela se dignou a atirar em meu caminho.

Apesar dos meus esforços, ela me expulsou do apartamento exatamente trinta segundos depois que eu puxei meu pau para fora dela.

Sempre fui teimoso, então ainda o via como progresso.

Trinta e Oito

Noura

Trabalhei em mim mesma. Tirei alguns dias de folga por semana, minha tentativa de ter uma vida fora da modelagem. Fui procurada o suficiente para poder ser mais seletiva. Eu fiz alguns cursos universitários online. Pensei que teria sido boa na escola se não estivesse tão ocupada tentando conquistar o mundo.

Até fui de férias de fim de semana no México com Jovie, que não tinha nada a ver com trabalho.

Comecei a comer refeições sólidas, colocando minha saúde e nutrição antes da sessão de fotos dos próximos dias.

Ganhei cinco quilos e isso foi difícil, mas gradualmente me permiti aceitar que era um bom peso. A maior parte foi para meus seios e quadris, que fotografaram melhor do que eu esperava. Os designers que reclamaram ou me degradaram foram solidamente na minha lista negra para o futuro.

E houve mais falhas. Claro que havia. Eu sou só humana.

Recolhi minhas roupas às pressas. Eu precisava sair de lá. Era a semana vinte e um após o divórcio, e eu deixei impulsivamente Banks me levar para casa depois de uma bebida no The Plaza.

— Isso não pode acontecer novamente, — eu disse sem olhar para ele.

— Por que não, Duquesa? Pare de fazer isso. Largue suas roupas e volte para a cama. Falaremos sobre isso de manhã.

Eu olhei para ele. — Não. Nós não estamos conversando sobre. *Isso* foi um erro. Não posso te esquecer assim.

— *Bom,* — disse ele, levantando-se. — Eu não quero que você me esqueça.

— Então o que você quer exatamente?

— Você sabe. Quero que você nos dê outra chance.

Fiquei completamente imóvel. Eu pensei que estava acima da amargura de sua traição, mas lá estava, subindo em mim novamente. — Você acha que merece outra chance? Se os papéis fossem revertidos, você me daria uma?

— Sim.

— Fácil de dizer quando você nunca estará na minha posição.

Ele sorriu. — Nunca?

Revirei os olhos. — Eu não quis dizer isso assim.

— Espero que sim. Espero que você nunca fique com mais ninguém além de mim pelo resto da sua vida. E você nunca estará nessa posição novamente. Isso é uma promessa.

Eu me vesti às pressas e saí do inferno. Estava no elevador antes de começar a chorar.



Na semana 29 após o divórcio, deixei que ele me visse no meu apartamento. Uma Jovie silenciosa nos observava com os olhos arregalados enquanto passávamos. Fiz uma careta para ela, o que significava que eu explicaria pela manhã na língua de melhor amiga.

Ela me deu dois polegares sorridentes, a garota incorrigível.

Cerca de dois minutos depois, ele estava sem camisa, de joelhos me comendo no meu quarto quando senti algo estranho em seu ombro. Como gaze. Eu me preocupei com os dedos por um minuto antes de (com relutância) empurrá-lo para longe de suas atividades extremamente perturbadoras.

— O que aconteceu com seu ombro? — Eu perguntei.

Seus olhos estavam um pouco vidrados, as mãos voando para desfazer o cinto. Ele lambeu os lábios. — Hmm?

— Seu ombro. Isso é um curativo?

Ele olhou para trás como se não tivesse noção do que estava em seu próprio corpo. — Oh, isso. — Suas mãos caíram do cinto e ele sorriu. — Tire. Veja por si mesma.

Relutantemente eu levantei, andando ao redor dele. Timidamente, toquei-o. Era definitivamente um curativo. — O que você fez? — Questionei.

— Olhe, — disse ele.

Com mais do que um pouco de hesitação, abri o curativo. A carne rosa irritada encontrou meus olhos. — Você removeu, — eu disse, me sentindo um pouco tonta.

— Decidi que não sou mais fã de tatuagens, principalmente *essa*. Já estava na hora, maldição.

— Você terá essa cicatriz para sempre.

— É melhor que a outra alternativa.

Na semana trinta e oito após o divórcio, fiquei a noite inteira na casa dele. Nós fodemos como se fosse o fim do

mundo. De novo e de novo em todos os sentidos imagináveis. Eu era a massa dele e cada impulso me refazia em seu padrão. Nós éramos uma tapeçaria e, em algum lugar ao longo do caminho, fomos tecidos juntos.

Eu me senti mais sensível e vulnerável do que nunca na manhã seguinte, quando ele atacou.

— Você sabe que eu estou apaixonado por você, certo? — Disse enquanto eu estava me vestindo. Ele falou isso com extrema crueza, como se o machucasse, mas ele quisesse a dor.

Eu me virei e o encarei de frente. Ele se aproximou de mim, segurando meu rosto com as duas mãos. — Eu te amo, — repetiu.

O amor dele era real? Eu não sabia. Eu precisava testar, provar, tocar, ver.

Deitei meu rosto em seu pescoço para respirá-lo. Amor? Ainda não tenho certeza.

Coloquei minha orelha no seu peito, ouvindo seu coração bater. Amor?

— Prometi a mim mesmo que nunca me deixaria me apaixonar novamente. — Sua voz era baixa, áspera e crua. — Mas eu não sabia o que isso significava. No amor não há livre arbítrio. É assim que eu sei que é real. Não pude parar e não posso negar. É isso para mim.

Eu não conseguia dizer uma palavra. Meu coração é um órgão de excesso. É excessivo e irrestrito.

Não dá só um pouco. É um exagero. Quando dá, dá absolutamente tudo. Em algum lugar ao longo do caminho, eu tinha dado a ele, e não importa como eu resistisse, não iria recuperá-lo.

Reconheci pela primeira vez que não seguiria em frente. Pelo menos, não como eu pensava, porque sabia em meus ossos que o arrependimento seria pior se eu não pudesse perdoá-lo.

— Eu não posso me acalmar de novo, — disse a ele, lábios trêmulos, coração aberto. — Não posso me contentar com menos do que *tudo* de você. De nós dois.

— Bom. — Sua voz era áspera. Suas mãos estavam firmes no meu rosto. Seus olhos eram uma tempestade selvagem e eles estavam me prometendo o mundo. — Eu não quero que você se contente com menos. Eu quero te dar tudo. Estou pronto agora. E é melhor você me devolver tudo também.

Epílogo

A organização do pai de Fátima decaiu dois anos depois. Ele foi assassinado pelo seu número dois, sua casa invadida em um golpe sangrento no meio da noite. Depois que isso tudo aconteceu as pessoas começaram a conversar, e Fatima, agora visivelmente sem proteção, era um alvo mais fácil.

Eles nunca puderam ligar a tentativa contra minha vida em Fatima, mas ela tinha conseguido alguns olhares durante o processo. Aqueles olhos começaram a observá-la, graças a alguma influência de Castelo, e dois anos depois que ela tentou me afogar, foi presa e acusada de conspiração por cometer fraude e uma série de outras acusações.

Os tabloides capturaram uma foto muito procurada dela no pátio da prisão, parecendo mal-humorada.

Laranja não era a cor dela.

Eu não fiz de Banks um homem honesto novamente por um bom tempo, apesar de ter pena dele e deixá-lo se livrar de seu próprio apartamento estéril e ir morar comigo. Eu queria experimentar a coisa de namorado/namorada por um tempo.

Sem contratos e sem burocracia.

Nós nos casamos no meu vigésimo quinto aniversário. Possivelmente mais felizes do que nós éramos, seus pais e

seus irmãos, que estavam nos pressionando a nos casar novamente desde o dia em que descobriram que ele se mudou comigo.

A cerimônia não poderia ter sido mais oposta que a primeira vez. Fomos a Bora Bora com um pequeno grupo de familiares e amigos. Dissemos nossos votos de óculos escuros e descalços na praia. Ele usava calça de linho branco e uma camisa combinando que estava aberta no pescoço. Sem jaqueta, sem gravata.

Eu mal-usava um vestido da cor das pálidas ondas azul-marinho que caíam aos nossos pés.

Alugamos todo o resort e a ilha por duas semanas, o que não foi tão drástico quanto parecia já que todo o local possuía apenas quatorze bangalôs pequenos. Pelos padrões dos Castelos, era absolutamente humilde.

Desta vez, não houve pré-acordo, nenhum pagamento, nenhum contrato, apenas uma licença de casamento e um coração cheio.

Meus lábios não tremeram. Minhas mãos estavam firmes nas dele. Prometemos nosso amor e compromisso pelas razões certas para a segunda rodada.

Desta vez eu disse que sim com minha cabeça e meu coração.

Ele enterrou as duas mãos nos meus cabelos e bateu sua testa suavemente contra a minha. Seus olhos foram arregalados com intensidade. — Já era hora.

A recepção foi linda, informal e durou dias. Dançamos, brindamos, discutimos alegremente com seus pais sobre em quanto tempo começaríamos a fazer bebês. Há muito que eu estabeleci que 27 anos era a idade certa, mas seu pai teria preferido cinco anos atrás, pelo menos. Banks afirmou que era minha decisão e ele estava preparado para fazer sua parte sempre que eu quisesse. Diana queixou-se de bom humor que não podia acreditar que nenhum de seus filhos não a fizera avó ainda. Tudo em bom tempo.

Banks e seu pai estavam se dando bem nos dias de hoje, embora às vezes houvesse uma tensão crescente entre eles, como se sua natureza ditasse que eles atacassem de cabeça. Eles sempre seriam parecidos demais, pensei, mas estava muito melhor agora.

Alimentamos um ao outro, Jovie pegou o buquê, dancei com todos os Castelos pelo menos três vezes e com Banks no resto do tempo. Eu não estava entorpecida para as celebrações desta vez. Arquivei todos os pequenos detalhes e os valorizei adequadamente.

Dessa vez foi real. Desta vez era certo.

Fim